



O LIVRO QUE INSPIROU O FILME

NETFLIX

FIRST THEY KILLED MY FATHER

DIRIGIDO POR ANGELINA JOLIE

**PRIMEIRO
MATARAM MEU PAI**

LOUNG UNG

 Harper
Collins

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

LOUNG UNG

**PRIMEIRO
MATARAM MEU PAI**

Tradução
Victor Heringer

 Harper
Collins
Rio de Janeiro, 2017



Copyright © Loung Ung, 2000

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela Casa dos Livros Editora LTDA. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação, etc., sem a permissão do detentor do copyright.

Contato:

Rua da Quitanda, 86, sala 218 – Centro – 20091-005

Rio de Janeiro – RJ – Brasil

Telefone: (21) 3175-1030

www.harpercollins.com.br

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

U46f

Ung, Loung

Primeiro mataram meu pai / Loung Ung ; tradução Victor Heringer. - 1. ed. - Rio de Janeiro : HarperCollins, 2017.

il.

Tradução de: First they killed my father

ISBN: 9788595081741

eISBN: 9788595081994

1. Ung, Loung, 1970 - Narrativas pessoais. 2. Camboja - História - Guerra civil, 1975-1979. I. Heringer, Victor. II. Título.

17-43548

CDD: 959.604

CDU: 94(596)

**Em homenagem aos 2 milhões de pessoas que
pereceram sob o jugo do Khmer Vermelho.**

Este livro é dedicado a meu pai, Ung, Seng Im, que sempre acreditou em mim; minha mãe, Ung, Ay Choung, que sempre me amou.

A minhas irmãs, Keav, Chou e Geak, porque irmãs são para sempre; a meu irmão Kim, que me ensinou a coragem; a meu irmão Khouy, que contribuiu com mais de cem páginas sobre a história de nossa família e detalhes de nossas vidas sob o Khmer Vermelho, muitos dos quais incorporei a este livro; a meu irmão Meng e minha cunhada Eang Muy Tan, que me criaram (muito bem) nos Estados Unidos.

NOTA DA AUTORA

De 1975 a 1979, o Khmer Vermelho matou cerca de 2 milhões de cambojanos, quase um quarto da população do país, por meio de execuções, fome, doenças e trabalhos forçados.

Esta é uma história de sobrevivência: a minha e a de minha família. Embora estes acontecimentos façam parte da minha experiência de vida, minha história está refletida na vida de milhões de cambojanos. Se você tivesse vivido no Camboja durante aquele período, esta seria também a sua história.

Sumário

Capa

Folha de rosto

Ficha catalográfica

Nota da autora

Mapa

Árvore genealógica da família UNG, 1975

Phnom Penh

A família UNG

A tomada de poder

Evacuação

A caminhada de sete dias

Krang Truop

Estação de espera

Anlungthmor

Ro Leap

Campos de trabalho

Ano-novo

Keav

Papai

O macaquinho da mamãe

Saindo de casa

Crianças-soldados

Ouro por frango

A última reunião

As paredes caem

A invasão dos Youn

A primeira família adotiva

As balas voam

O ataque do Khmer vermelho

A execução

De volta a Bat Deng

Do Camboja ao Vietnã

O campo de refugiados de Lam Sing

Epílogo

Agradecimentos

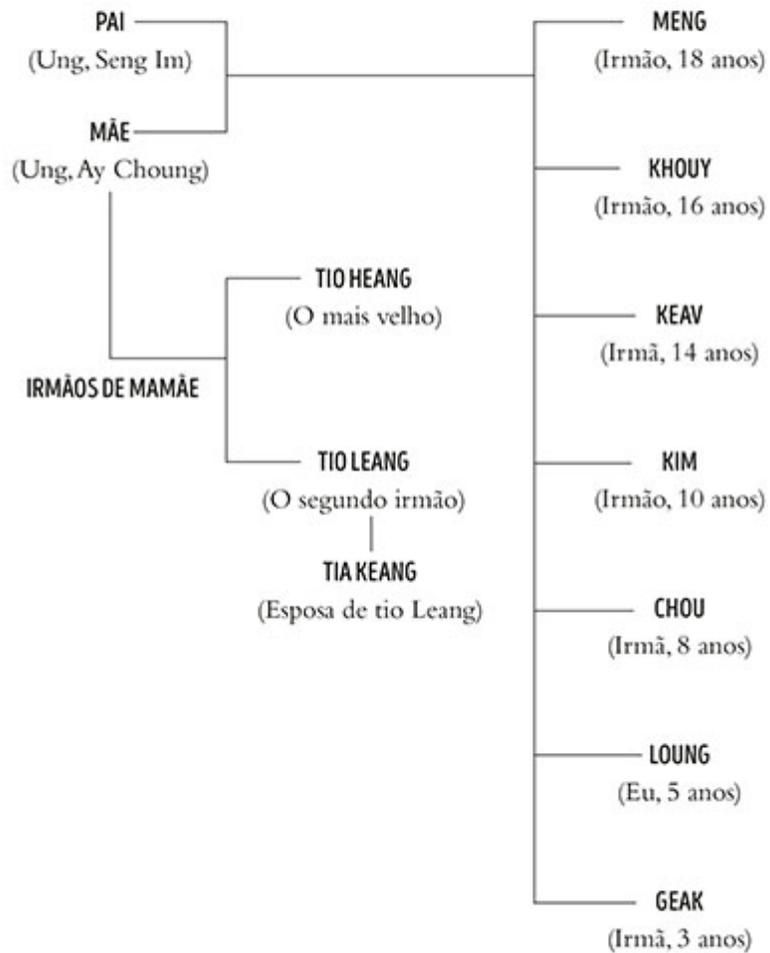
Para saber mais

Sobre a autora

Créditos



ÁRVORE GENEALÓGICA DA FAMÍLIA UNG, 1975



PHNOM PENH

Abril, 1975

A cidade de Phnom Penh acorda cedo para aproveitar a brisa fresca da manhã, antes de o sol dissipar a cerração e invadir o país com seu calor sufocante. Às seis da manhã, a população já está nas ruazinhas estreitas e empoeiradas da cidade, acotovelando-se com pressa. Garçons e garçonetes vestidos de branco e preto abrem as portas dos restaurantes e o aroma de sopa de macarrão dá as boas-vindas aos clientes. Vendedores ambulantes empurram seus carrinhos cheios de bolinhos ao vapor, espetinhos de carne defumada com *teriyaki* e amendoim torrado pelas calçadas, preparando-se para um novo dia de trabalho. Crianças descalças e com camisetas coloridas e shorts jogam bola nas calçadas, sem ligar para os resmungos e gritos dos vendedores ambulantes. As largas avenidas são uma sinfonia: o guinchar das bicicletas se mistura ao ruído das motos e, para aqueles que se podem dar ao luxo, de carros pequenos. Ao meio-dia, a temperatura ultrapassa os 38 °C, e as ruas se calam novamente. As pessoas correm para casa, a fim de escapar do calor; almoçam; tomam duchas frias e tiram um cochilo antes de voltar ao trabalho, às duas.

Minha família mora no terceiro andar de um prédio no centro de Phnom Penh, então estou acostumada com o barulho e o movimento. Não existem semáforos em nossas ruas; os policiais ficam em pé em caixas de metal, no meio dos cruzamentos, direcionando o trânsito. Mesmo assim, a cidade mais parece um grande engarrafamento. Meu jeito favorito de circular pela cidade com mamãe é o ciclorryxiá, que nós chamamos de "ciclo", porque é mais fácil manobrar no trânsito pesado. Um ciclo lembra uma cadeira de rodas montada na frente de uma bicicleta. Você simplesmente toma assento e paga o motorista para levá-lo aonde quiser. Embora nós tenhamos dois carros e um caminhão, mamãe e eu costumamos ir ao mercado de ciclo, porque assim chegamos mais rápido. Vou sentada em seu colo, pulando e me divertindo, enquanto o motorista pedala pelas ruas congestionadas da cidade.

Esta manhã, estou presa em um restaurante de sopa de macarrão a um quarteirão de casa, sentada nesta cadeira enorme. Seria muito mais divertido jogar amarelinha com meus amigos. Sempre me dá vontade de pular em cima de cadeiras grandes. Odeio ficar com os pés balançando no ar. Hoje mamãe já me avisou duas vezes para não ficar em pé na cadeira. Eu me contento em ficar sentada, com as pernas balançando para frente e para trás embaixo da mesa.

Mamãe e papai gostam de nos levar a um desses restaurantes pela manhã, antes de papai ir para o trabalho. Como sempre, o lugar está cheio de gente tomando café da manhã. O tilintar das colheres no fundo das tigelas, o barulho das bocas ao sorver chá e sopa, o cheiro de alho, coentro, gengibre e caldo de carne fazem meu estômago roncar de fome. À nossa frente, um homem come macarrão usando pauzinhos. Ao lado dele, uma garota mergulha um pedaço de frango num potinho com molho de hoisin, enquanto sua mãe limpa os dentes com um palito. A sopa de macarrão é um prato típico no café da manhã de cambojanos e chineses. Em geral, comemos isso, mas em ocasiões especiais tomamos café gelado e comemos pão francês.

— Fique quieta — diz mamãe, estendendo o braço para tentar me fazer parar de balançar as pernas; mas eu acabo dando um chute em sua mão. Ela me olha brava e me dá um tapinha rápido na perna. — Por que você nunca fica quietinha? Você já tem cinco anos de idade e me dá muito trabalho. Por que não pode ser mais como suas irmãs? Você precisa crescer e se tornar uma jovem elegante — mamãe suspira. Claro, eu já ouvi tudo isso antes.

Deve ser difícil para ela ter uma filha que não se comporta como mocinha; ser tão bonita e ter uma filha como eu. Entre suas amigas, mamãe é admirada porque é alta, esbelta e tem a pele branca como porcelana. Já as ouvi elogiando minha mãe muitas vezes, quando pensam que ela não consegue ouvir. Como sou criança, elas se sentem à vontade para falar qualquer coisa na minha frente, porque acham que eu não entendo. Então, enquanto me ignoram, falam dos arcos perfeitos de suas sobrancelhas, dos olhos em forma de amêndoas, do belo nariz ocidental e de seu rosto ovalado. Mamãe tem 1,70 metro de altura: é uma amazona perto das cambojanas. Ela diz que é alta porque é chinesa e que, um dia, meu lado chinês também vai aflorar e eu serei alta. Espero que sim, porque agora eu sou baixinha, bato na cintura da mamãe.

— Olhe a princesa Monineath, do Camboja. Ela sim é famosa por ser elegante e respeitável — continua mamãe. — Dizem que ela caminha tão suavemente que ninguém ouve quando ela se aproxima. Ela sorri sem jamais mostrar os dentes e se dirige aos homens sem olhá-los nos olhos. Que moça refinada ela é! — Mamãe olha para mim e balança a cabeça.

— *Hmm...* — eu respondo, dando um gole barulhento na garrafa de Coca-Cola.

Mamãe diz que eu ando como uma vaca morrendo de sede. Ela tentou me ensinar várias vezes o jeito certo de uma mocinha caminhar. Primeiro você pisa com os calcanhares e depois rola a sola do pé no chão, com os dedos torcidos dolorosamente para cima. Por fim, você deixa que os dedos a empurrem suavemente adiante. Tudo

isso deve ser feito graciosamente, com naturalidade e em silêncio. Parece complicado e doloroso demais para mim. Além do mais, sou feliz com meus pés pesadões.

— Ela está sempre se metendo em confusão. Outro dia ela... — mamãe se vira para contar a papai, mas é interrompida pela garçonete, que chega com as nossas sopas.

— Sopa de macarrão com frango especial à la Phnom Penh, para a senhora, e água quente — diz a garçonete, enquanto põe a tigela de macarrão translúcido, feito de batata, e caldo transparente na frente de mamãe. — Duas sopas apimentadas à moda Xangai, com tripas e tendões de boi.

Antes de se retirar, a garçonete põe na mesa um prato com brotos de feijão, rodela de limão, cebolinha picada, pimentas inteiras e folhas de menta.

Enquanto jogo cebolinha, brotos e folhas de menta na minha sopa, mamãe mergulha minha colher e os pauzinhos na água quente, seca-os com o guardanapo e os devolve para mim.

— Estes restaurantes não são muito limpos, mas a água quente mata os germes.

Ela faz o mesmo com os talheres de papai. Enquanto ela prova o caldo de sua sopa de macarrão com frango, eu jogo duas pimentas inteiras na minha sopa. Papai lança um olhar de aprovação. Com a colher, amasso as pimentas na parede da tigela. Agora sim a sopa está pronta, do jeito que eu gosto. Tomo o caldo devagar e, instantaneamente, minha língua começa a arder e meu nariz a escorrer.

Há muito tempo, papai me disse que as pessoas que moram em países quentes devem comer comida apimentada porque faz com que elas bebam mais água. Quanto mais água a gente bebe, mais a gente sua, e suar limpa nosso corpo de impurezas. Não entendo isso, mas gosto do sorriso que ele me dá. Então tento alcançar de novo algumas pimentas no prato, mas meu braço esbarra no saleiro, que rola como um tronco pela mesa e cai no chão.

— Pare já com isso — sussurra mamãe, com raiva.

— Foi um acidente — diz papai, e sorri para mim.

Mamãe fecha a cara e diz a ele:

— Não dê corda para ela. Já se esqueceu do episódio da briga de galos? Ela também disse que foi um acidente e agora olhe a cara dela.

Não acredito que mamãe ainda esteja brava por causa disso. Foi há tanto tempo. Nós estávamos visitando a fazenda do tio e da tia no interior, e eu fui brincar com a filha do vizinho. Nós duas pegamos um galo e saímos pela vizinhança procurando outras crianças e colocando o nosso galo para brigar com os delas. Mamãe nunca descobriria, não fosse o arranhão que virou uma cicatriz em meu rosto.

— Ela se mete nessas enrascadas, mas ela mesma se livra delas. Isso me dá esperança, é sinal de que ela é esperta.

Papai sempre me defende — para todo o mundo. Ele costuma dizer que as pessoas simplesmente não entendem como a cabeça de uma criança funciona e que todos esses problemas que eu arrumo são na verdade sinais de força e inteligência. Não sei se papai está certo, mas eu acredito nele. Acredito em tudo que papai me diz.

Se mamãe é conhecida por sua beleza, papai é amado por seu coração generoso. Tem 1,68 metro de altura e pesa uns 70 quilos, é parrudo e tem ombros largos, em contraste com mamãe, que é esbelta. Papai me lembra um urso de pelúcia: grande, macio e fácil de abraçar. Papai é metade cambojano, metade chinês e tem os cabelos pretos e encaracolados, um nariz largo, lábios carnudos e um rosto redondo. Seus olhos são mornos e castanhos como a terra e têm o formato da lua cheia. O que eu mais amo no papai é o jeito como ele sorri, não só com a boca, mas com os olhos também.

Adoro ouvir as histórias de como meus pais se conheceram e se casaram. Papai era monge, e um dia encontrou minha mãe num riacho, aonde ela tinha ido buscar água com seu jarro. Papai olhou para ela e foi amor à primeira vista. Mamãe percebeu logo que ele

era gentil, forte e bonito, e logo também se apaixonou. Papai deixou o monastério e a pediu em casamento. Ela aceitou, mas a família se opôs, porque papai era pobre e tinha a pele escura. Eles se amavam muito, então fugiram.

Tudo ia bem financeiramente até que papai se viciou no jogo. No início, ele se deu bem, ganhou muitas vezes. Porém um dia apostou tudo o que tinha num jogo — sua casa e todo o dinheiro. Ele perdeu o jogo e quase perdeu a família, porque mamãe ameaçou abandoná-lo se ele não parasse de jogar. Depois disso, papai nunca mais tocou num baralho de cartas. Hoje em dia, nós somos proibidos de jogar cartas ou até mesmo de trazer baralhos para casa. Até eu seria castigada, e muito, se fosse pega com essas cartas. Tirando esse problema, ele é tudo o que você esperaria de um bom pai: gentil, delicado e amoroso. Ele trabalha duro, é capitão da polícia militar, então eu não o vejo tanto quanto gostaria. Mamãe diz que ele chegou aonde chegou sem pisar em ninguém no caminho. Papai nunca se esqueceu de como era ser pobre, e por isso ajuda sempre que pode aqueles que necessitam. As pessoas o respeitam e gostam dele de verdade.

— Loung é esperta e inteligente demais para as pessoas compreenderem — diz papai, com uma piscadela de olho para mim. Eu lhe devolvo um sorriso enorme. Não sei se sou esperta como ele diz, mas sei que sou muito curiosa, quero entender muitas coisas sobre o mundo — desde as minhocas até as brigas de galo e os sutiãs que mamãe pendura no seu quarto.

— Lá vem você de novo, encorajando este tipo de comportamento — mamãe olha para mim, mas eu não olho de volta, continuo sorvendo minha sopa. — Outro dia, ela virou para um vendedor de pernas de rã na rua e começou a perguntar: “O senhor pegou esses sapos no lago ou o senhor cria eles? Como o senhor tira a pele do sapo? Eles têm minhocas no estômago? Se o senhor vende só as pernas deles, o que faz com o resto do corpo?” Loung fez tantas

perguntas que o vendedor teve que sair de perto. Não é elegante uma garota falar tanto assim.

Mamãe fala para mim que ficar se balançando na cadeira também não é comportamento de mocinha.

— Estou cheia, posso ir? — pergunto, mexendo as pernas com ainda mais força.

— Tá bem, vá brincar — diz mamãe, com um suspiro. Eu pulo da cadeira e vou até à casa de uma amiga.

Meu estômago está cheio, mas eu ainda quero comer um petisco salgado. Com o dinheiro que papai me deu guardado no bolso, vou até um carrinho que vende gafanhotos assados. Há carrinhos desses em todas as esquinas, e vendem de tudo, de mangas a cana-de-açúcar, bolos ocidentais e até crepes franceses. A comida de rua é prática, fácil de encontrar e bem barata. Esses carrinhos são muito populares no Camboja. Em Phnom Penh, é comum ver fileiras de pessoas sentadas em banquinhos, comendo. Os cambojanos estão sempre comendo, e todos os sabores estão à sua disposição, se você tiver dinheiro, e nesta manhã eu tenho.

Os gafanhotos vêm envoltos numa folha verde de lótus, são marrons e brilhantes, como se cobertos de açúcar caramelizado, e têm cheiro de madeira queimada e mel. O gosto é como o de castanhas torradas e salgadas. Caminhando pela calçada, vejo os homens se amontoarem nos carrinhos atendidos por jovencinhas bonitas. Eu entendo que, para as mulheres, a beleza é importante, que nunca fez mal aos negócios contratar uma garota atraente para vender os produtos. Jovens bonitas transformam homens inteligentes em garotos bobões. Já vi meus próprios irmãos comprarem de garotas bonitas petiscos que quase nunca comem, e evitarem comprar coisas deliciosas de moças pouco belas.

Aos cinco anos, sei também que sou uma criança bonita, pois já ouvi muitas vezes adultos dizendo à mamãe o quanto eu sou feia. “Ela não é feinha?”, os amigos dela lhe dizem. Que cabelo preto mais sedoso, olhe a pele marrom e macia dela! Com esta carinha em

forma de coração, dá vontade de beliscar estas bochechas rosadas. Olhe esta boquinha carnuda e este sorriso! Feia!

— Não diz que eu sou feia! — eu gritava, e eles riam.

Isso foi antes de mamãe me explicar que no Camboja as pessoas não elogiam diretamente as crianças. Não querem chamar atenção para elas. Acreditam que os espíritos malévolos ficam com ciúme quando ouvem uma criança ser elogiada, e que podem raptá-la e levá-la para o outro mundo.

A FAMÍLIA UNG

Abril, 1975

Nós somos uma família grande, ao todo nove: papai, mamãe, três meninos e quatro meninas. Por sorte, temos um apartamento grande, no qual cabem todos confortavelmente. Nosso apartamento foi construído como um trem: estreito na frente, com cômodos até o fundo. Temos muito mais cômodos do que qualquer outra casa que eu tenha visitado. O mais importante é a sala de estar, onde costumamos ver TV juntos. É bem espaçosa e o pé-direito é extraordinariamente alto, o que dá espaço para o sótão, que meus irmãos dividem; é o quarto deles. Um corredor pequeno que leva até a cozinha separa o quarto de mamãe e papai do quarto que divido com minhas três irmãs. O cheiro de alho frito e arroz cozido invade nossa cozinha quando a família se senta em suas cadeiras de teca e espaldar alto. Todos têm seu lugar marcado ao redor da mesa de mogno. No teto da cozinha, um ventilador elétrico gira continuamente, espalhando esses aromas familiares casa adentro — até no banheiro. Somos muito modernos — nosso banheiro é equipado com luxos como uma privada com descarga, uma banheira de ferro e água corrente.

Sei que sou da classe média, por causa do nosso apartamento e das coisas que possuímos. Muitos amigos meus vivem em casas cheias de gente, nas quais uma família de dez ocupa só dois ou três cômodos. As famílias mais ricas vivem em apartamentos ou sobrados. Em Phnom Penh, parece que quanto mais dinheiro você tem, mais escadas é preciso subir para chegar em casa. Mamãe diz que o térreo não é desejável, porque a casa fica cheia de poeira e as pessoas estão sempre bisbilhotando, então é claro que quem mora no térreo são os pobres. Os miseráveis vivem em barracos improvisados em bairros que ninguém nunca me deixou visitar.

Às vezes, a caminho do mercado, vejo alguns relances dessas áreas pobres. Observo fascinada as crianças de cabelos pretos oleosos, maltrapilhas, correndo descalças na direção do nosso ciclo. Muitas parecem ser do meu tamanho, e vêm correndo com seus irmãozinhos nas costas. Mesmo de longe, consigo ver que seus rostos estão sujos de terra vermelha, a qual também deixa marcas nas dobras do pescoço e debaixo das unhas das mãos. Em uma das mãos, carregam gravuras de madeira com a imagem do Buda, de bois e carroças, ou flautas de bambu em miniatura. Elas equilibram cestos de palha na cabeça ou os amarram na cintura e nos imploram para comprarmos sua mercadoria. Algumas não têm nada a vender e se aproximam de nós, murmurando, com as mãos estendidas. Antes que eu consiga entender o que dizem, o sino enferrujado do ciclo sempre toca, para que as crianças saiam da frente.

Há muitos mercados em Phnom Penh: uns grandes, outros pequenos; mas os produtos são sempre parecidos. Há o Mercado Central, o Mercado Russo, o Mercado Olímpico e muitos outros. As pessoas fazem compras nos mercados mais próximos de suas casas. Papai me disse que o Mercado Olímpico era um edifício lindo no passado. Hoje em dia, a fachada desbotada é cinza, por causa da poluição e do mofo, e as paredes racharam por falta de cuidados. O chão era tomado por um verde viçoso, cheio de arbustos e flores; mas hoje está morto, soterrado por barracas de lona e carrinhos de

comida, pisado pelos pés das milhares de pessoas que frequentam o mercado.

Sob as brilhantes tendas de plástico azuis e verdes, vende-se tudo: de tecidos listrados, estampados e floridos até livros em chinês, khmer, inglês e francês. São oferecidos cocos verdes abertos, bananas pequeninas, mangas cor de laranja e pitaias cor-de-rosa; mas também iguarias, como lulas de pele prateada — os olhinhos lustrosos observando os vizinhos — ou camarões-tigres marrons, que nadam em grupo para tentar escapar dos baldes brancos de plástico. Dentro do mercado, a temperatura geralmente é um pouco mais baixa. Garotas bem-arrumadas, vestidas com camisas engomadas e saias plissadas, sentadas em bancos altos atrás de vidraças, oferecem joias de ouro e prata. Seus pescoços, orelhas e dedos se movem sob o peso do ouro 24 quilates de suas joias, e elas o convidam a olhar suas vitrines. A alguns metros das mulheres, atrás de cortinas de frangos depenados, pendendo de ganchos, homens de avental ensanguentado erguem seus cutelos e cortam bifes com a precisão que os anos de prática lhes ensinaram. Um pouco mais longe dos açougueiros, jovens descolados, com costeletas à la Elvis Presley, calças boca de sino e paletós de veludo, ouvem música pop cambojana em seus toca-fitas Stereo 8. As canções e o pregão dos vendedores se entrecrocavam no mercado, competindo pela sua atenção.

Nos últimos tempos, mamãe parou de me levar ao mercado com ela. Mas eu ainda acordo cedo para vê-la se maquiar e fazer os cabelos com bobes quentes. Eu tento convencê-la a me levar, enquanto ela veste sua saia azul de seda e o sarongue castanho. Imploro para que ela compre biscoitos para mim, enquanto ela põe o colar de ouro, os brincos de rubi e os braceletes. Depois de borrifar um pouco de perfume no pescoço, mamãe grita para a empregada cuidar de mim e sai para o mercado.

Mamãe faz compras todo dia de manhã, porque não temos geladeira. Ela gosta, porque assim o que comemos está sempre o

mais fresco possível. A carne de porco, boi e frango que ela traz do mercado é guardada em uma caixa térmica grande e cheia de blocos de gelo comprados de uma loja em nossa rua. Quando ela volta, com calor e cansada do dia de compras, a primeira coisa que faz é tirar as sandálias, seguindo a tradição chinesa, e deixá-las ao lado da porta. Então, descalça no piso de cerâmica, ela dá um suspiro de alívio enquanto sente o frio da cerâmica na sola dos pés.

À noite, eu gosto de sentar na varanda com papai e ficar olhando o mundo lá embaixo. Lá de cima, vemos os prédios de Phnom Penh: a maioria tem dois ou três andares; uns poucos edifícios mais altos têm oito. São estreitos, construídos próximos uns dos outros, pois a cidade não é larga, mas seu perímetro se estende por 3 quilômetros seguindo o rio Tonle Sap. O aspecto ultramoderno da cidade se deve à mistura de prédios coloniais franceses com casas térreas cobertas de fuligem.

No escuro, o mundo é silencioso e calmo. As luzes dos postes piscam. Restaurantes fecham as portas. Já não há carrinhos de comida nas calçadas, todos desapareceram pelas ruazinhas laterais. Alguns motoristas de ciclos dormem em seus veículos; outros continuam a pedalar em busca de clientes. Às vezes, quando tenho coragem, vou até o parapeito e olho as luzes lá embaixo. Quando me sinto muito corajosa, subo e me agarro ao balaústre. Com todo o corpo apoiado no parapeito e os pés para fora da sacada, eu me desafio a olhar meus próprios dedos pendurados no limite do mundo. Quando olho para os carros e bicicletas lá embaixo, sinto meus pés formigarem, como se milhares de pequenos alfinetes os estivessem espetando suavemente. Às vezes, ainda sentada, solto o balaústre e levanto os braços bem alto. Finjo que sou um dragão voando nas nuvens acima da cidade, com meus braços balançando soltos no ar. A varanda é um lugar especial, porque lá papai e eu costumamos conversar sobre coisas importantes.

Quando eu era pequena, muito mais nova do que eu sou hoje, papai me disse que, num certo dialeto da China, meu nome, Loung,

quer dizer “dragão”. Ele disse que dragões são os animais dos deuses, se não os próprios deuses. Dragões são muito poderosos e sábios, e alguns conseguem prever o futuro. Ele também explicou que, como nos filmes, às vezes um ou dois dragões malvados podem descer à terra para espalharem terror entre as pessoas, mas a maioria deles é benévola e nos protege.

— Quando Kim nasceu, eu tinha saído para caminhar — papai disse há uns dias. — Então, de repente, olhei para o alto e vi nuvens brancas e fofas vindo em minha direção. Parecia que estavam me seguindo. Daí as nuvens tomaram a forma de um dragão enorme, que parecia muito feroz. Ele devia ter uns 6 ou 9 metros de comprimento, quatro patas pequenas e asas que, abertas, tinham a metade do comprimento dele. E dois chifres em forma de caracol, cada um despontando de um lado da cabeça. Seu bigode tinha quase 2 metros de comprimento e se movia graciosamente para frente e para trás, como na dança das fitas. Subitamente ele pousou perto de mim e me olhou com aqueles olhos tão grandes como pneus. “Você terá um filho, um filho forte e saudável, que crescerá e fará coisas maravilhosas”, ele me disse. Foi assim que recebi a notícia do nascimento de Kim.

Papai disse que o dragão o visitou muitas vezes, sempre para lhe revelar o nascimento dos filhos. Então aqui estou: os cabelos esvoaçantes como bigode de dragão; as mãos batendo como asas, voando acima do mundo, até que papai me chame para dentro.

Mamãe diz que eu faço perguntas demais. Quando questiono o que papai faz no trabalho, ela diz que ele é policial militar. Ele tem quatro listras no uniforme, o que significa que ele ganha bem. Mamãe disse então que, uma vez, alguém tentou assassiná-lo colocando uma bomba em nossa lata de lixo. Eu tinha um ou dois anos de idade, mas não me lembro de nada disso e quero saber, então pergunto:

— Por que alguém iria querer matar o papai?

— Quando os aviões começaram a soltar bombas no interior do país, muita gente veio morar em Phnom Penh. Como não conseguiram encontrar emprego aqui, culpavam o governo. Essas pessoas não conheciam seu pai, mas achavam que todos os oficiais da polícia eram maus e corruptos. Então os oficiais do alto escalão viraram alvos.

— O que são bombas? Quem está soltando isso?

— Isso é melhor você perguntar a seu pai.

Mais tarde, naquela mesma noite, papai e eu estávamos na varanda e eu perguntei a ele sobre as bombas no interior do país. Ele me disse que o Camboja está enfrentando uma guerra civil, e que a maioria dos cambojanos não vive em cidades, mas no campo, em vilas e pequenas fazendas. E bombas são bolas de metal que os aviões jogam no chão. Quando explodem, as bombas deixam crateras do tamanho de lagunhos na terra. As bombas matam as famílias de fazendeiros, destroem a terra deles e os expulsam de casa. Sem ter o que comer nem onde morar, essas pessoas acabam vindo para a cidade em busca de abrigo e ajuda. Quando não encontram, ficam raivosas e descontam nos funcionários do governo. As palavras de papai me deixaram tonta, meu coração batia muito rápido.

— Por que estão soltando bombas? — perguntei.

— O Camboja está enfrentando uma guerra que eu não entendo e você já perguntou demais — disse, e ficou calado.

A explosão da bomba em nossa lata de lixo derrubou as paredes da cozinha, mas por sorte ninguém se machucou. A polícia nunca descobriu quem plantou a bomba. Meu coração dói quando eu penso que alguém tentou de verdade machucar o papai. Se ao menos esses novos moradores da cidade soubessem que o papai é um bom homem, sempre disposto a ajudar todo o mundo, jamais iriam querer machucá-lo.

Papai nasceu em 1931, numa vila rural chamada Tro Nuon, na província de Kampong Cham. Sua família era próspera para os

padrões do campo, e papai sempre teve tudo o que necessitava. Quando tinha 12 anos, seu pai morreu e sua mãe se casou novamente. O padrasto de papai bebia muito e batia nele com frequência. Aos 18, papai foi embora de casa e entrou para um templo budista, tentando escapar da violência do padrasto. Queria estudar para se tornar monge. Ele me disse que, durante sua vida monástica, precisava andar com uma vassoura e uma pá de lixo, sempre varrendo o chão à sua frente, para não pisar em nenhuma criatura viva. Depois que abandonou o monastério para se casar com mamãe, papai entrou para a polícia. Ele era tão bom que foi promovido para o Serviço Secreto Real do Camboja, sob as ordens do príncipe Norodom Sihanouk. Papai era um agente secreto, trabalhava infiltrado, coletando informações para o governo. Ele não falava muito do trabalho. Um dia, abandonou o Serviço Secreto. Achou que se daria melhor no setor privado e abriu uma empresa com os amigos; mas, quando o príncipe Sihanouk foi deposto, em 1970, o novo governo, de Lol Nol, o convocou novamente e o promoveu a major. Papai disse que não queria aquilo, mas teve que fazê-lo, sob risco de ser considerado traidor e ser perseguido e até mesmo assassinado.

— Por que? É assim em outros lugares? — perguntei.

— Não — ele disse, acariciando meus cabelos. — Você faz muitas perguntas.

Então os cantos de sua boca se voltaram para baixo e ele desviou o olhar de mim. Quando falou novamente, sua voz parecia cansada e distante.

— Em muitos países, as coisas não são assim — ele disse. — Em um país chamado Estados Unidos, não é assim.

— Onde fica esse país?

— Muito, muito longe daqui. Precisamos cruzar vários oceanos para chegar lá.

— Papai, nos Estados Unidos você não seria forçado a se alistar no Exército?

— Não. Lá, dois partidos políticos comandam o país. Um lado é chamado Democrata; o outro, Republicano. Quando competem, se um lado ganhar, os que estão do outro lado precisam procurar outros empregos. Por exemplo, se os democratas vencerem, os republicanos perdem o emprego e têm que procurar outros trabalhos. Não é assim no Camboja atualmente. Se os republicanos perdessem no Camboja, seriam forçados a virar democratas ou acabariam castigados.

Nossa conversa é interrompida quando meu irmão mais velho aparece na varanda. Meng tem 18 anos de idade e adora os irmãos mais novos. Como papai, ele tem a fala mansa, é delicado e generoso. Meng é responsável e confiável, foi o orador de sua turma. Papai acabara de comprar um carro para ele, que parece levar mais livros do que garotas para passear. Meng tem, sim, uma namorada. Vão se casar quando ele voltar da França com seu diploma de faculdade. Sua passagem para a Europa estava marcada para o dia 14 de abril, porque o dia 13 era Ano-Novo e papai o deixou ficar e comemorar conosco.

Meng é o irmão que admiramos, Khouy é o irmão que tememos. Khouy tem 16 anos e se interessa mais por garotas e caratê do que por livros. Sua moto é mais do que um meio de transporte: é um ímã de garotas. Ele se acha descolado e blasé, mas eu sei que ele é maldoso. No Camboja, o pai de família está sempre ocupado trabalhando; e a mãe, com os bebês e as compras. Então, geralmente cabe ao filho mais velho cuidar dos irmãos, castigando-os quando necessário. Em nossa família, como nenhum de nós tem medo de Meng, aquele papel foi assumido por Khouy, que quase nunca cai nas nossas desculpas ou é dissuadido pelo nosso charme. Khouy nunca cumpriu as promessas de bater em nós, mas mesmo assim temos medo dele e fazemos o que ele manda.

Minha irmã mais velha, Keav, já é linda aos 14 anos. Mamãe diz que ela terá muitos pretendentes e que poderá escolher quem ela quiser para se casar. No entanto, mamãe diz também que Keav tem

o azar de gostar de fofocar e discutir, atributos que não são considerados elegantes em uma moça. Enquanto mamãe a prepara para se tornar uma grande dama, papai se preocupa com coisas mais sérias. Ele quer mantê-la em segurança, pois sabe que as pessoas ficaram tão descontentes que passaram a descontar sua raiva nas famílias dos funcionários do governo. Muitas filhas de seus colegas foram apossadas na rua ou até mesmo sequestradas. Papai tem tanto medo de que algo aconteça a Keav que mandou dois policiais militares a seguirem aonde quer que ela vá.

Meu irmão Kim, cujo nome, em chinês, quer dizer "ouro", tem dez anos. Mamãe o apelidou de "macaquinho", porque ele é pequeno, ágil e tem pés ligeiros. Ele vê muitos filmes de artes marciais e nos incomoda o tempo inteiro com sua imitação do kung fu de macaco, que ele aprendeu nos filmes. Eu costumava achar que ele era esquisito, mas, quando conheci os irmãos das minhas amigas, descobri que irmãos mais velhos são todos iguais. Seu único propósito na vida é implicar com a gente e ficar nos provocando o tempo todo.

Chou é três anos mais velha do que eu, e totalmente o meu oposto. Seu nome em chinês quer dizer "gema". Aos oito, ela é quieta, tímida e obediente. Mamãe sempre nos compara e me pergunta por que eu não posso ser comportada como Chou. Diferentemente do restante dos irmãos, Chou puxou ao papai e tem a pele mais escura. Meus irmãos mais velhos brincam dizendo que ela não é uma de nós e a provocam dizendo que ela foi abandonada perto de nossa lata de lixo e papai a adotou por pena.

Eu sou a quinta filha e já estou do tamanho de Chou. A maioria de meus irmãos me considera mimada e acha que eu só arrumo problemas, mas papai diz que na realidade eu sou um diamante bruto. Como ele é budista, acredita em visões, em campos de energia, em enxergar a aura das pessoas e outras coisas que as pessoas podem considerar supersticiosas. A aura é uma cor que seu corpo emite e permite ao observador descobrir que tipo de pessoa é

ocê. Azul quer dizer feliz; rosa significa amável; e preto, que você é mau. Papai diz que a maioria das pessoas não consegue enxergar, mas todas andam por aí cercadas por cores bem definidas. Ele me diz que, quando eu nasci, ele viu uma aura vermelha muito brilhante ao meu redor, o que significa que eu seria uma pessoa passional. Mamãe respondeu a ele que todos os bebês nascem vermelhos.

Geak é minha irmã mais nova, tem três anos de idade. Em chinês, seu nome quer dizer "jade", a gema mais preciosa e amada pelos asiáticos. Ela é linda e tudo que ela faz é adorável, até seu jeito de babar é bonito. Os mais velhos vivem beliscando suas bochechas gordinhas para deixá-las rosadas, o que, dizem, é sinal de saúde. Eu acho que é um sinal de muita dor. Mesmo assim, ela é uma criança feliz. Eu é que era mal-humorada.

Enquanto Meng e papai conversam na varanda, eu me apoio no parapeito e olho o cinema do outro lado de nossa rua. Vou muito ao cinema porque, como papai é uma pessoa importante, o dono nos deixa entrar de graça. Quando papai vai com a gente, ele sempre insiste em pagar. De nossa varanda, dá para enxergar o grande *outdoor* na fachada do cinema anunciando o filme da semana. O cartaz mostra uma mulher jovem e muito bonita, com os cabelos revoltos e bagunçados e lágrimas escorrendo no rosto. Olhando com atenção, percebo que seus cabelos são na verdade pequenas cobras sibilantes. Ao fundo, aldeões atiram pedras, enquanto ela foge e tenta cobrir a cabeça com um *kroma*, um xale khmer tradicional.

Lá embaixo, a rua está calma agora, a não ser pelo som das vassouras de palha varrendo o lixo do dia para pequenas pilhas nas ruas laterais. Momentos depois, um velho e um menino aparecem com uma grande carroça de madeira. O velho recebe algumas notas de riel do dono de uma loja enquanto o menino recolhe o lixo com uma pá e o joga na carroça. Quando terminam, o velho e o menino puxam a carroça até a próxima pilha de lixo.

Dentro de casa, Kim, Chou, Geak e mamãe estão sentados na sala de estar, assistindo a TV, enquanto Khouy e Keav fazem a lição de

casa. Ser uma família de classe média significa que temos muito mais dinheiro e bens do que grande parte das pessoas. Quando meus amigos vêm brincar aqui em casa, ficam encantados com o relógio cuco. E, enquanto a maioria das pessoas de nossa rua não tem telefone, nós temos dois, embora eu não possa usá-los.

Em nossa sala de estar, há uma cristaleira onde mamãe guarda muitos pratos e bibelôs, mas sobretudo deliciosos e lindos docinhos. Quando mamãe está na sala, eu costumo ficar na frente da cristaleira, com as mãos espalmadas no vidro, babando pelos doces. Viro para ela com olhos pedintes, tentando convencê-la. Algumas vezes funciona; mas outras ela me dá um tapinha no bumbum e me escorraça dali, reclamando que eu sujei o vidro com minhas mãos. Ela diz que os doces são para convidados.

Além de dinheiro e bens, famílias de classe média, pelo que eu consigo perceber, têm muito mais tempo livre. Quando papai está no trabalho, e os filhos no colégio, mamãe não tem muito que fazer. Temos uma empregada que vem todo dia, limpa, cozinha e lava as roupas. Diferentemente de outras crianças, eu não tenho tarefas para ajudar na casa, porque a empregada faz tudo por nós. Mas eu trabalho duro, sim, porque papai nos obriga a ir para a escola o tempo todo. Todas as manhãs, Chou, Kim e eu andamos até a escola, vemos muitas crianças não muito mais velhas do que nós pelas ruas, vendendo manga, flores de plástico feitas de canudos coloridos, e bonecas Barbie rosadas e sem roupa. Leal a meus companheiros de idade, só compro coisas das crianças, nunca dos adultos.

Meu dia na escola começa com aula de francês; à tarde, de chinês; e, à noite, de khmer. Faço isso seis dias por semana e, no domingo, tenho que fazer a lição de casa. Papai diz, todos os dias, que nossa prioridade é ir para a escola e aprender a falar muitas línguas. Ele fala francês fluentemente e diz que por isso conseguiu ter sucesso na carreira. Adoro ouvir papai falando francês com seus colegas, e é por isso que gosto de aprender essa língua, mesmo a

professora sendo má. Eu não gosto dela. Todas as manhãs, ela nos faz ficar em fila na frente dela e, um a um, inspeciona nossas mãos para ver se as unhas estão limpas. Se não, ela bate em nossas mãos com a vareta que usa para apontar durante as aulas. Às vezes, ela não me deixa ir ao banheiro até que eu peça permissão em francês: “*Madame, puis-je aller au toilet?*” Outro dia, ela jogou um pedaço de giz em mim porque eu estava pegando no sono. O giz bateu em meu nariz e todo o mundo riu da minha cara. Eu queria que ela ensinasse francês, e só; não que fosse malvada assim.

Eu não gosto de ir para a escola o tempo todo, então ocasionalmente mato aula e fico no parquinho o dia inteiro, mas não conto para o papai. Uma coisa que eu gosto da escola é o uniforme que tenho que usar este ano. É uma camisa branca com mangas curtas e bufantes e uma saia plissada azul curtinha. Acho muito bonito, embora às vezes eu fique preocupada, achando que a saia é curta demais. Uns dias atrás, enquanto eu estava jogando amarelinha com minhas amigas, um menino veio e tentou levantar minha saia. Fiquei com tanta raiva que o empurrei com muita força; nem eu sabia que era tão forte assim. Ele caiu e eu saí correndo, com as pernas bambas. Acho que o menino tem medo de mim agora.

Aos domingos, quando terminamos a lição de casa, papai geralmente nos leva para nadar no clube. Adoro nadar, mas estou proibida de ir na parte funda da piscina. A piscina do clube é muito grande, então mesmo na parte rasa tem bastante lugar para brincar e jogar água na cara de Chou. Depois que mamãe me ajuda a vestir o maiô, um vestido rosa curto com calças costuradas, ela e papai vão para o segundo andar almoçar. Keav toma conta de nós. Papai e mamãe dão tchauzinho lá de cima, de trás da janela de vidro. Esta é a primeira vez que vejo um *barang*.

— Chou, ele é tão grande e branco! — eu paro de jogar água para sussurrar no ouvido dela.

— Ele é um *barang*. Quer dizer que ele é um homem branco — diz Chou, com um sorrisinho orgulhoso, se fazendo de madura.

Eu observo o *barang* andar até o trampolim da piscina. Ele tem uns 30 centímetros a mais do que papai, com braços e pernas muito longos. Seu rosto é alongado também, e anguloso, como um nariz de falcão. Sua pele branca é cheia de pontos pretos, marrons e até vermelhos. Ele está só de sunga e com uma toca marrom-clara na cabeça, que faz com que pareça careca. Ele pula do trampolim, mergulha sem esforço e quase não espirra água.

Enquanto observamos o *barang* boiando de costas na água, Keav repreende Chou por ter me dado uma informação errada. Mergulhando algumas vezes os dedos dos pés na água, com as unhas recém-pintadas de vermelho, ela nos explica que *barang* quer dizer que ele é francês. Como os franceses estão no Camboja há muito tempo, todos os brancos acabaram sendo chamado de *barang* também; mas eles podem ser de muitos outros países, até dos Estados Unidos.

A TOMADA DE PODER

17 de abril, 1975

Estou jogando amarelinha à tarde com meus amigos, na rua em frente ao nosso prédio. É quinta-feira, então deveríamos estar na escola, mas papai, por algum motivo, nos manteve em casa o dia todo. Paro de brincar quando ouço o rugido de motores ao longe. De repente, todo o mundo para o que está fazendo para observar os caminhões entrando na cidade. Minutos mais tarde, os caminhões velhos, cobertos de lama e com pneus carecas, passam devagar em nossa rua. São verdes, cinza, pretos, caminhões de carga que balançam, tossindo fumaça e poeira por onde passam. Nas carrocerias, homens vestindo calças pretas desbotadas e camisas pretas de manga comprida, com faixas vermelhas amarradas nas cinturas e lenços vermelhos nas cabeças, erguem os punhos e gritam vitória. A maioria parece jovem e todos são magros e têm a pele escura, como os camponeses que trabalham na fazenda de nosso tio, com cabelos oleosos e longos, caindo-lhes pelos ombros. Ter o cabelo longo e oleoso é inaceitável para meninas cambojanas, porque é sinal de que você não se importa com sua aparência. Homens de cabelos longos são desprezados e tratados com

desconfiança. Dizem que homens de cabelos longos têm algo a esconder.

Apesar de sua aparência, a multidão celebra a chegada desses homens, aplaudem e gritam vivas. Embora todos os homens estejam imundos, a expressão em seus rostos é de profundo júbilo. Com rifles longos nas mãos ou nas costas, eles sorriem, riem e acenam de volta para a população tal qual o rei faz quando passa.

— O que está acontecendo? Quem são essas pessoas? — minha amiga me pergunta.

— Não sei. Vou procurar meu pai. Ele vai saber.

Corro para casa e encontro papai sentado na varanda, observando a agitação na rua. Subindo em seu colo, eu lhe pergunto:

— Papai, quem são aqueles homens e por que estão todos aplaudindo?

— Eles são soldados e as pessoas estão celebrando porque a guerra acabou — responde ele muito calmamente.

— O que eles querem?

— Querem a nós — diz ele.

— Para quê?

— Eles não são boas pessoas. Olhe os pés deles: eles calçam sandálias feitas de pneus de carro.

Aos cinco anos de idade, ignoro completamente os acontecimentos da guerra, mas sei que papai é inteligente, portanto ele deve estar certo. O fato de conseguir dizer como são esses soldados só de olhar para suas sandálias me dá mais uma prova de seu conhecimento infinito.

— Papai, por que as sandálias? Por que eles são ruins?

— Elas demonstram que essas pessoas destroem coisas.

Eu não entendo direito o que papai quer dizer. Só espero, um dia, ter a metade da inteligência dele.

— Não entendo.

— Tudo bem. Por que você não vai brincar? Não vá muito longe e não atrapalhe as pessoas na rua.

Sentindo-me mais segura depois de falar com papai, salto de seu colo e desço as escadas de volta para a rua. Eu sempre obedeco ao papai, mas desta vez a curiosidade foi maior. Vi muito mais gente reunida na rua. Por toda parte, as pessoas celebravam a chegada daqueles homens estranhos. Os barbeiros pararam de cortar cabelos e estão à porta de suas lojas, com as tesouras em mão. Donos e clientes de restaurantes saíram para observar e aplaudir. Nas ruas laterais, grupos de meninos e meninas, alguns a pé, outros de moto, gritam e buzina enquanto outros correm até os caminhões para cumprimentar e tocar nas mãos dos soldados. Em nosso quarteirão, crianças pulam e jogam os braços ao ar para dar as boas-vindas a esses homens esquisitos. Animada, eu grito viva e aceno para os soldados, sem saber o porquê.

Só volto para casa depois que os caminhões passaram e as pessoas se acalmaram. Quando chego, fico confusa ao ver toda a minha família fazendo as malas.

— O que está acontecendo? Aonde vai todo o mundo?

— Onde você estava? Nós temos que sair logo desta casa, então se apresse, vá almoçar! — diz mamãe.

Ela está correndo pela casa, empacotando coisas. Ela sai do quarto, vai para a sala, retira as fotos de família e o Buda das paredes, e empilha-os nos braços.

— Não estou com fome.

— Não discuta comigo. Vá e coma algo. Vai ser uma viagem longa.

Sinto que a paciência de mamãe está por um fio, então decido não insistir. Entro sorrateira na cozinha, preparada para não comer nada. Sempre consigo esconder a comida em algum lugar, e só muito depois um dos empregados a descobre. Só tenho medo mesmo de meu irmão Khouy. Às vezes, ele fica na cozinha me olhando para ver se eu estou mesmo comendo — e se eu não comer.. A caminho da cozinha, espio meu quarto e vejo Keav jogando roupas em um saco plástico marrom. Geak está sentada na cama, quietinha, brincando

com um espelho de mão enquanto Chou atira nossos pentes, escovas e grampos de cabelo na mochila da escola.

Entro na ponta do pé na cozinha, o mais quieta possível, e, é claro, lá está ele. Está comendo com a mão direita e, com a esquerda, toca suavemente numa vareta de bambu em cima da mesa. Ao lado da vareta, uma tigela de arroz e alguns ovos curados. Os mais novos da casa se reúnem na cozinha quase todas as noites para estudar chinês, e o tutor usa a vareta de bambu para apontar os caracteres no quadro negro. Na mão de meu irmão, a vareta ensinava uma lição completamente diferente. Eu fui ensinada a temer o que meu irmão faria caso eu não fizesse o que me mandaram.

Dou o meu sorriso mais charmoso para Khouy, mas desta vez não funciona. Ele grita comigo para eu me lavar e comer. Em momentos assim, imagino quanto eu o odeio. Mal posso esperar para ser tão grande e forte como Khouy. Aí ele vai ver, eu vou me vingar e ensinar umas boas lições a ele. Mas, por ora, como eu sou a menor, preciso obedecer. Eu reclamo e suspiro a cada garfada. Toda vez que ele vira o rosto, eu mostro a língua e faço caretas para ele.

Depois de uns minutos, mamãe entra apressada na cozinha e começa a jogar tigelas de alumínio, pratos, colheres, garfos e facas numa panela grande. Os utensílios tilintam ruidosamente, o que me faz tremer toda. Mamãe pega um saco de tecido e joga sacos de açúcar, sal, peixe seco, arroz e latas de comida dentro. No banheiro, Kim joga sabonetes, xampus, toalhas e outras coisas numa fronha.

— Ainda não terminou de comer? — ela me pergunta sem fôlego.

— Não.

— Bom, mesmo assim, vá lavar as mãos e entre na caminhonete.

Feliz por escapar de Khouy, que fica olhando para mim, eu pulo apressada da cadeira e vou ao banheiro.

— Mãe, aonde a gente vai com tanta pressa? — grito do banheiro enquanto Kim sai com sua bolsa.

— Troque logo sua camiseta. Essa que você está usando está suja. Depois desça e entre na caminhonete — diz mamãe, sem me responder, e se vira.

Acho que é por causa da minha idade que ninguém nunca presta atenção em mim. É muito frustrante não receber respostas para suas perguntas o tempo inteiro. Temendo mais ameaças de Khouy, entro no meu quarto.

Parece que uma monção passou por ali: roupas, tiaras, sapatos, meias, cintos e lenços jogados por todo lado — na cama que divido com Chou e na de Keav. Troco rapidamente minha blusa marrom por uma camiseta amarela de manga curta e visto os shorts azuis que achei no chão. Depois desço as escadas até o carro. Nosso Mazda é preto, lustroso e muito mais confortável do que a caminhonete. Andar no Mazda nos distingue do restante da população. Assim como outras coisas que possuímos, nosso Mazda diz a todos que somos de classe média. Apesar do que mamãe me disse, decido ir em direção ao Mazda. Quando faço que vou entrar, Kim me avisa:

— Não entre aí, não. Papai disse que vamos deixar o Mazda para trás.

— Por quê? Eu gosto mais dele que da caminhonete.

De novo, Kim se vai antes de me responder. Papai comprou a caminhonete para fazer entregas da empresa de importações e exportações que ele tentou abrir com amigos. O negócio nunca foi para frente, então a caminhonete ficou parada no quintal. Está lá há meses. A picape velha range e guincha quando Khouy joga um saco de tecido dentro. Na frente, papai amarra um tecido branco grande na antena enquanto Meng amarra outro pedaço nos retrovisores. Sem dizer nada, Khouy me pega no colo e me coloca atrás da caminhonete, entre sacos de roupa, e panelas, e frigideiras, e comida. Meus irmãos todos sobem a bordo e nós partimos.

As ruas de Phnom Penh estão mais barulhentas do que nunca. Meng, Keav, Kim, Chou e eu estamos sentados na traseira da caminhonete, enquanto papai dirige com mamãe e Geak na cabine.

Khouy nos segue lentamente em sua moto. Da caminhonete, ouvimos os rugidos dos carros, caminhões e motos, os sinos desafinados dos ciclos, as panelas batendo umas nas outras e os gritos das pessoas ao redor. Não somos a única família a deixar a cidade. As pessoas saem aos montes de suas casas, tomam as ruas, deixando muito lentamente Phnom Penh. Como nós, alguns têm a sorte de possuir algum tipo de veículo. Porém muitos vão a pé, suas sandálias batendo contra as solas dos pés a cada passo.

Nossa caminhonete avança centímetro a centímetro e nos permite observar a cena com segurança. Por todos os lados, pessoas gritam suas despedidas àqueles que resolveram ficar; lágrimas correm dos olhos. Crianças pequenas choram pelas mães, o catarro escorrendo do nariz para dentro de suas bocas abertas. Fazendeiros chicoteiam seus bois e suas vacas, para que puxem as carroças mais depressa. Mulheres e homens carregam seus pertences em sacos de tecido nas costas e nas cabeças. Caminham a passos curtos e rápidos, gritando para seus filhos ficarem juntos, para darem as mãos uns aos outros, para não ficarem para trás. Eu me aconchego mais perto de Keav enquanto o mundo se muda às pressas da cidade.

Os soldados estão por toda parte. Há tantos deles agora. Gritam nos alto-falantes e já não estão sorrindo como os vi fazer antes. Agora eles gritam palavras irritadas para nós, com os rifles nos braços. Mandam as pessoas fecharem as portas das lojas, recolherem todas as armas e entregarem a eles. Gritam com famílias, para que elas andem mais depressa, para saírem da frente, e que obedecem e não respondam! Escondo meu rosto no peito de Keav, abraço sua cintura e tento conter o choro. Chou está sentada do outro lado de Keav, de olhos fechados. Ao nosso lado, Kim e Meng estão sentados com caras petrificadas, observando a comoção.

— Keav, por que os soldados são tão maus com a gente? — pergunto, apertando ainda mais o abraço.

— *Shhh*. Eles são chamados Khmer Vermelho. São os comunistas.

— O que é um comunista?

— Bom, quer dizer que... É difícil explicar. Pergunte ao papai depois — ela sussurra.

Keav me diz que os soldados dizem amar muito o Camboja e seu povo. Eu me pergunto por que, então, eles são tão maldosos se nos amam tanto assim. Eu acenei e dei vivas para eles mais cedo, mas agora me dão medo.

— Levem o mínimo que puderem! Vocês não precisarão de seus pertences da cidade. Vocês poderão voltar em três dias! Os Estados Unidos vão bombardear a cidade! Saiam e vão para o interior por uns dias! Saiam agora! — os soldados gritavam essas mensagens repetidamente. Cubro as orelhas com as mãos e escondo o rosto no peito de Keav, sinto os braços dela me segurarem com mais força. Os soldados exibem suas armas e atiram para o alto, para termos certeza de que as ameaças são reais. Depois de cada disparo, as pessoas se empurram num frenesi, tentam evacuar a cidade a qualquer custo. Estou confusa, apavorada, mas tenho sorte, pois minha família tem uma caminhonete para que possamos andar em segurança, longe da multidão em pânico.

EVACUAÇÃO

Abril, 1975

Muitas horas depois, finalmente saímos da cidade e pegamos a estrada, embora o tráfego ainda estivesse muito lento.

— Aonde nós vamos? — pergunto a Kim repetidas vezes, pois parece que estamos viajando para sempre.

— Não sei, acabamos de passar pelo aeroporto Pochentong, o que significa que estamos na autoestrada Quatro. Pare de me perguntar o tempo todo.

Eu me entoco embaixo do meu lenço, para me esconder do sol, e me resigno ao mau humor.

Meu corpo passa a amolecer e começo a me sentir cansada. Minhas pálpebras lutam para ficar abertas na luz ofuscante do sol e na poeira da estrada. O vento bagunça meus cabelos, que fazem cócegas em meu rosto, mas eu não rio. Estremeço ao sentir o ar seco e quente nas narinas. Keav amarra a ponta do meu lenço sobre minha boca e meu nariz, para evitar a poeira. Ela me diz para não olhar para o lado do caminhão.

No Camboja, temos só duas estações: a estação seca e a estação das chuvas. O clima tropical do país é ditado pelas monções, que trazem temporais de maio a outubro. Keav diz que, durante a

estação chuvosa, o país se torna um paraíso verde. Ela diz que há tanta água que as árvores ficam altíssimas e as folhas incham com a umidade. Revestem-se de um verde metálico e parecem que vão explodir como um balão cheio de água. Antes de as monções começarem, em maio, temos que suportar abril, nosso mês mais quente, com temperaturas que podem chegar a 43°C — tão quente que até as crianças ficam dentro de casa para evitar o sol. Está quente assim agora.

À medida que nos afastamos da cidade, os prédios altos vão desaparecendo, dando lugar a cabanas com tetos de palha. Os edifícios da cidade são altos e muito próximos uns dos outros. Aqui as cabanas são baixas e ficam espalhadas a grande distância umas das outras, por entre os campos de arroz. Nossa caminhonete se move lentamente no meio da multidão e a avenida asfaltada vai dando lugar a estradas de terra cheias de curvas, que não passam de caminhos de carroça. O alto capim-elefante e os arbustos pontiagudos substituíram as flores e árvores altas de Phnom Penh. Um desconforto esquisito me invade enquanto vejo as vilas passando na estrada. Até onde posso ver, há gente em marcha na estrada, enquanto as cabanas estão vazias e os campos de arroz, abandonados.

Durmo e sonho que ainda estou em casa, ainda brincando de amarelinha com meus amigos. Quando acordo, estamos estacionados perto de uma cabana vazia, para dormirmos. Estamos em um mundo completamente diferente de Phnom Penh, e só viajamos por aproximadamente 15 quilômetros. O sol se põe, aliviando-nos dos seus raios abrasantes. Ao nosso redor, os campos se acendem com pequenas fogueiras, que iluminam o rosto das mulheres agachadas ao pé do fogo, cozinhando. Posso distinguir milhares de pessoas perambulando perdidas ou caminhando na direção de destinos desconhecidos. Outras, como nós, decidiram passar a noite à beira da estrada, para descansar.

Minha família improvisa um acampamento no campo, perto da cabana abandonada. Meus irmãos buscam lenha para a fogueira, enquanto mamãe e Keav preparam o jantar. Chou penteia os cabelos de Geak com muito cuidado, para não puxá-los. Quando tudo está preparado, nos reunimos em volta do fogo e comemos arroz e carne de porco, que mamãe havia cozido mais cedo. Nós, crianças, ficamos agachadas; meus pais se sentam em esteiras de palha que mamãe se lembrou de trazer.

— Preciso ir ao banheiro — digo à mamãe cheia de urgência, depois do jantar.

— Você tem que ir à floresta.

— Mas onde?

— No lugar que você achar melhor. Espere, vou buscar papel higiênico.

Mamãe vai e volta com vários pedaços de papel na mão. Arregalo os olhos, sem acreditar no que estou vendo.

— Mãe! Mas é dinheiro. Não posso me limpar com dinheiro!

— Pode usar, já não nos serve de nada — diz ela, botando as folhas ásperas na minha mão. Não entendo isso, mas sei que devemos estar bem encrocados. Sei que não é hora de discutir, por isso pego o dinheiro e vou para o mato.

Depois que termino, Chou e eu decidimos explorar a área. Enquanto andamos, ouvimos um farfalhar nos arbustos próximos. Ficamos tensas, agarramos a mão uma da outra, prendemos a respiração, mas uma silhueta de um felino pequeno sai preguiçosamente dos arbustos, procurando comida. Os donos devem ter se esquecido dele na correria.

— Chou, o que será que aconteceu com nossos gatos?

— Não se preocupe com eles.

Nós tínhamos cinco gatos em Phnom Penh, ou pelo menos dizíamos que eram *nossos*. Na realidade, não éramos seus donos. Nem demos nomes a eles. Vinham à nossa casa quando ficavam com fome e iam embora quando ficavam entediados.

— Bom, provavelmente alguém está jantando eles agorinha mesmo — provocou Kim quando lhe perguntamos. Nós todos rimos e ralhamos com ele por dizer uma coisa daquelas. Os cambojanos não costumam comer gatos e cachorros. Há algumas lojas especializadas que vendem carne de cachorro, mas é muito cara. É uma iguaria. Os mais velhos dizem que comer carne de cachorro aumenta a temperatura corporal, elevando também a energia, mas você não pode comer demais, ou seu corpo entrará em combustão.

Esta noite, mamãe me aconchega na traseira da caminhonete. Enquanto Chou, Geak e eu dormimos com ela na caminhonete, os mais velhos dormem no chão com papai. A noite está quente, e sopra uma brisa; não precisamos de cobertores. Adoro dormir ao ar livre, com as estrelas. Minha imaginação é capturada pela luz brilhante, mas eu não entendo a vastidão do céu. Sempre que tento compreender o conceito de universo, minha cabeça gira num turbilhão de informações que jamais serei capaz de entender.

— Chou, o céu é tão grande!

— *Shhh*. Estou tentando dormir.

— Olhe para as estrelas. Elas são lindas e estão piscando para nós. Eu queria estar lá em cima com elas e os anjos.

— Que bonito, agora vá dormir.

— Você sabe que as estrelas são velas no céu. Toda noite, os anjos saem para acendê-las para nós, para que, mesmo perdidos, ainda possamos enxergar.

Papai me disse no passado que eu sou abençoada com uma imaginação fértil e ele gosta das histórias que eu conto.

De manhã, ao acordar, descubro que meus irmãos já estão em pé. Foram despertados por tiros disparados no céu distante pelo Khmer Vermelho, mas eu estava tão cansada que nem ouvi. Todos os meus irmãos têm bolsas cinza embaixo dos olhos; seus cabelos estão embaraçados e despenteados. Eu me sento e espreguiço lentamente, para relaxar as costas e os ombros, que doem. Dormir na caminhonete não é tão legal quanto eu imaginava. Em pouco

tempo, um grupo de soldados do Khmer Vermelho aparece e grita para que sigamos caminho.

Depois de um café da manhã de arroz e ovos curados, subimos novamente na caminhonete e partimos. Dirigimos por muitas horas, e por toda parte há pessoas caminhando em todas as direções. O sol está alto e queima nossas costas e o meu pescoço, por entre meus cabelos pretos, enquanto pequenas gotas de suor brotam em minha cabeça e acima do lábio. Depois de um tempo, todos começamos a dar nos nervos uns dos outros e as brigas se iniciam.

— Não está muito longe, crianças. Estamos quase lá — diz papai quando paramos para almoçar. — Em breve, estaremos num lugar seguro.

Enquanto mamãe e Keav preparam a comida, papai e Meng vão buscar lenha. Quando voltam, papai diz a Khouy que foi bom termos saído da cidade o quanto antes. Ele diz que falou com umas pessoas que lhe disseram que os soldados mandaram todos embora da cidade. Esvaziaram escolas, restaurantes e hospitais. Os soldados forçaram até os doentes a deixar Phnom Penh. Estes últimos não puderam encontrar primeiro suas famílias, então há muita gente separada.

— Muitos velhos e doentes não sobreviveram hoje — diz Khouy rispidamente. — Eu os vi na beira da estrada ainda com os robes ensanguentados do hospital. Alguns estavam andando; outros eram empurrados em carrinhos ou camas de hospital pelos parentes.

Agora entendo por que Keav ficava enrolando meu rosto com o lenço e me dizia para não olhar para os lados, para manter a cabeça abaixada.

— Os soldados foram pela vizinhança batendo em todas as portas e mandando as pessoas irem embora. Quem se recusou foi executado na hora, bem na porta de casa — papai balança a cabeça.

— Por que eles estão fazendo isso, pai? — pergunta Kim.

— Porque eles destroem coisas. São destruidores.

Chou e Kim se entreolham e eu fico sentada ali, sentindo-me perdida e com medo.

— Não entendo. O que quer dizer tudo isto? — eu lhes pergunto. Eles me olham mas não dizem nada. Ontem eu estava jogando amarelinha com meus amigos; hoje estamos fugindo de soldados armados.

Depois de um almoço rápido de arroz e peixe seco, subimos na caminhonete e voltamos à estrada. Vejo uma torrente de gente que parece seguir nosso rastro. Tentando conter o torpor causado pelo calor sufocante, meus pensamentos voam de um assunto a outro. Eu me pergunto por que tivemos que partir, para onde vamos e quando poderemos retornar para casa. Não entendo o que está acontecendo e quero voltar para casa. De repente, a caminhonete começa a estalar e engasgar e me traz de volta à realidade. Ela trava algumas vezes, chia e finalmente para. Eu desço na esperança de que volte a se mover.

— A caminhonete está sem gasolina e não há posto por perto — diz papai. — Parece que vamos que fazer o restante do caminho a pé. Todo o mundo pegue algumas roupas e toda a comida que possa carregar. Ainda temos um longo caminho pela frente — papai então nos ordena o que levar e o que deixar para trás.

— Vocês! — alguém grita. Nós todos paramos o que estamos fazendo e ficamos paralisados.

— Vocês! — um soldado do Khmer Vermelho se aproxima. — Os seus relógios, me deem eles!

— Certamente — com os ombros curvados para demonstrar submissão, papai tira os relógios dos pulsos de Meng e Khouy. Papai não olha o soldado nos olhos ao lhe entregar os relógios.

— OK, agora podem ir. Vão! — ordena o soldado, que se retira. Quando ele se afasta o suficiente, papai diz que agora nós temos que entregar tudo que eles quiserem ou vão atirar em nós.

Caminhamos do nascer do sol até escurecer. Quando cai a noite, descansamos à beira da estrada, perto de um templo. Tiramos o

peixe seco e o arroz da bolsa e comemos em silêncio. Foi-se o ar de mistério e a empolgação. Agora eu estou simplesmente com medo.

A CAMINHADA DE SETE DIAS

Abril, 1975

A primeira coisa que vejo ao abrir os olhos na manhã seguinte é a cara abatida de Chou recortada contra o céu nublado enquanto ela puxa meu cabelo.

— Acorde, temos que andar de novo — diz.

Eu me sento lentamente e esfrego os olhos sonolentos. Ao redor, um mar de gente acorda: bebês choram; velhos resmungam; panelas tilintam na lateral das carroças, cujas rodas trituram a terra abaixo delas. Há muito mais gente do que os números que eu conheço para contar. Meus olhos seguem Khouy e Meng quando eles entram no templo com grandes panelas de prata para buscar água. Keav diz que sempre há um poço perto de um templo. Instantes depois, Khouy e Meng voltam, visivelmente perturbados, sem água.

— Entramos no templo, mas não há monges lá; apenas soldados do Khmer Vermelho — dizem a papai. — Eles gritaram para ficarmos longe do poço do templo. Nós paramos e demos meia-volta, mas outras pessoas entraram mesmo assim — as palavras de Khouy são interrompidas pelo estampido dos tiros disparados dentro do templo. Colocamos nossas coisas de volta nas bolsas e saímos de lá o quanto antes. Depois soubemos que os soldados do Khmer

Vermelho mataram duas pessoas dentro do templo e muitas mais ficaram feridas.

Hoje, em nosso terceiro dia na estrada, eu estou mais animada. Em Phnom Penh, os soldados disseram que poderíamos voltar depois de três dias. Os soldados disseram que precisávamos sair porque os Estados Unidos iriam bombardear a nossa cidade. Mas eu não vi nenhum avião no céu e não ouvi o barulho de nenhuma bomba. É estranho para mim que eles tenham feito a gente sair só para, três dias depois, voltarmos para casa. Eu rio ao pensar na imagem boba de nós todos caminhando como formiguinhas e, ao final do dia, parando e dando meia-volta e tomando o rumo de casa. Não entendo, mas imagino que três dias é o que demora para limparem a cidade.

— Papai, nós vamos logo para casa? Os soldados disseram que poderíamos voltar em três dias — dou uns puxões na calça de papai para chamar sua atenção. É tarde e nós nem diminuimos a marcha ainda.

— Talvez, mas por enquanto temos que andar.

— Mas, papai, *hoje* é o terceiro dia. Nós vamos dar a volta e andar até a casa agora?

— Não, temos que continuar andando — disse papai, com tristeza. Reluto, mas obedeco a ele e sigo caminhando.

Todo o mundo tem que carregar alguma coisa, então eu escolhi o menor item da pilha: a panela de arroz. À medida que caminho, a panela se torna mais e mais pesada em minhas mãos e o sol sobe cada vez mais no céu. As alças de metal cavam e queimam as palmas de minhas mãos. Às vezes, eu a carrego com as duas mãos na frente; às vezes, mudo-a do braço esquerdo para o direito; mas não importa como eu a leve, a panela sempre bate dolorosamente em algum lugar da minha perna. A tarde vai caindo agora e já estou perdendo as esperanças de que vamos hoje para casa. Cansada e com fome, arrasto meus pés, dando passos cada vez menores, até que uma hora estou muito para trás.

— Papai, estou com muita fome e meus pés estão doendo — grito para ele.

— Você não pode comer agora. Temos pouquíssima comida e precisamos economizar, porque temos um longo caminho pela frente.

— Não sei por que temos que guardar comida! — eu paro na estrada, soltando a panela de arroz para limpar a poeira e as lágrimas das bochechas. — Nossos três dias já vão acabar. Nós podemos voltar para casa. Vamos para casa. Eu quero ir para casa.

As palavras saem em meio a soluços profundos. Meu corpo de 18 quilos se recusa a caminhar mais. A poeira vermelha da estrada e o suor no corpo se misturaram e estou coberta por uma camada de lama seca, que coça. Papai anda até Keav e pega uma bola de arroz grudado na panela que ela está carregando. Ele vem até mim e me dá a comida. Olho para o chão, envergonhada, mas pego a comida mesmo assim. Sem dizer nada, ele faz carinho nos meus cabelos enquanto eu como o arroz entre soluços que quase me fazem engasgar. Papai se curva até mim, me olha nos olhos e diz com delicadeza:

— Eles mentem. Soldados mentem. Não podemos ir para casa esta noite.

As palavras dele me fazem soluçar ainda mais forte.

— Mas eles disseram três dias.

— Eu sei. Sinto muito que você tenha acreditado neles, mas eles mentiram.

— Não entendo por que eles mentiram — minha voz estremece quando digo isso.

— Não sei também, mas eles mentiram para nós.

Com minhas esperanças estilhaçadas, limpo o nariz com o antebraço, espalhando catarro por toda a minha bochecha. Papai limpa suavemente meu rosto com a mão, depois pega a panela de arroz que eu estava levando e diz que eu só precisaria carregar a mim mesma pelo resto da viagem.

Com Geak no colo, mamãe vem até mim e envolve minha cabeça com o meu lenço, para me proteger do sol. Eu queria ser uma bebezinha como Geak. Ela não precisa andar. Mamãe a carrega no colo o tempo inteiro. Estou muito triste, mas pelo menos tenho sapatos. Algumas pessoas caminham descalças no calor escaldante, carregando tudo o que têm nas costas ou nas cabeças. Sinto pena delas por saber que estão numa situação pior do que a minha. E não importa até onde andamos, há sempre mais gente no caminho. Quando cai a noite, de novo fazemos da estrada nossa casa e dormimos, junto com milhares de outras famílias que fugiram de Phnom Penh.

Nosso quarto dia de viagem começa do mesmo jeito que os demais. Pergunto o tempo todo para Kim se falta muito para chegarmos. Quando não recebo atenção, começo a fungar e choro.

— Ninguém se importa comigo! — resmungo e continuo a caminhar.

Por volta do meio-dia, chegamos a um posto de controle do Khmer Vermelho na cidade de Kom Baul. O posto não passa de algumas tendas improvisadas e uns caminhões estacionados ao lado. Há muitos soldados nesta base, e é fácil reconhecê-los, porque usam calças e camisas pretas iguais, folgadas como pijamas, e carregam armas idênticas nas costas. Eles andam rápido de um lugar para outro com os dedos no gatilho, encarando a multidão, gritando instruções nos alto-falantes.

— Esta é a base de Kom Baul! Você não será autorizado a passar até que nós o tenhamos liberado! Mantenha-se com sua família na fila! Nossos camaradas soldados virão e farão algumas perguntas simples! Você deve responder a verdade e não deve mentir ao Angkar! Se você mentir para o Angkar, nós descobriremos! O Angkar sabe tudo e tem olhos e ouvidos por toda parte!

Essa foi a primeira vez que ouvi a palavra "Angkar", que quer dizer "a organização". Papai diz que o Angkar é o novo governo do Camboja. Ele nos diz que, no passado, o príncipe Sihanouk

governava o país como monarca. Então, em 1970, descontente com o governo do príncipe, o general Lon Nol o depôs num golpe militar. O governo democrático de Lon Nol estava travando uma guerra civil contra os comunistas do Khmer Vermelho desde então. Agora que o Khmer Vermelho venceu a guerra, o seu governo se chama "Angkar".

— À sua direita, você verá uma mesa onde seus camaradas irmãos estão sentados esperando para ajudá-lo. Qualquer um que tenha trabalhado para o governo deposto, ex-soldados ou políticos, apresente-se à mesa para se registrar para o trabalho. O Angkar precisa de você imediatamente.

Meu corpo é tomado pela ansiedade ao ver os soldados do Khmer Vermelho. Sinto vontade de vomitar.

Papai rapidamente reúne nossa família e entramos na fila com outras famílias de camponeses. Ele nos dá instruções:

— Lembrem-se: somos uma família de camponeses. Deem o que eles quiserem e não discutam. Não digam nada. Deixem que eu fale. Não saiam de perto e não se movam a não ser que eu mande.

Na fila, apertada entre muita gente, minhas narinas são assaltadas pelo cheiro rançoso de corpos que não tomam banho há muitos dias. Para filtrar o cheiro, puxo o meu lenço para cobrir a boca e o nariz. À nossa frente, a linha se divide em duas, pois um grande número de ex-soldados, funcionários do governo e antigos políticos se dirigem à mesa para se registrar para o trabalho. Meu coração bate forte contra minhas costelas, mas eu não digo nada e me apoio na perna de papai. Ele põe a mão no topo de minha cabeça e a deixa ali, como se me protegesse do sol e dos soldados. Depois de uns minutos, sinto que minha cabeça refrescou e os batimentos do coração se acalmaram.

À nossa frente na fila, soldados do Khmer Vermelho gritam algo para a multidão, mas não consigo ouvir o que dizem. Então um soldado arranca a bolsa do ombro de um homem e despeja o seu conteúdo no chão. Outro soldado revira a pilha e encontra um velho uniforme do Exército de Lon Nol. O soldado olha com desprezo para

o homem e o empurra para outro soldado, que estava ao lado; logo procede a entrevistar a próxima família. Cabeça baixa, ombros caídos, braços soltos, o homem com o uniforme de Lon Nol na mochila não reage enquanto outro soldado do Khmer Vermelho o empurra para fora com a coronha do rifle.

Depois de muitas horas, finalmente é a nossa vez de sermos interrogados. Sei que ficamos aqui por muito tempo, porque o sol agora aquece minhas costas e não mais o topo de minha cabeça. Um soldado do Khmer Vermelho se aproxima e meu estômago se revira em nós apertadíssimos. Eu me inclino para papai e busco a sua mão. A mão dele é muito grande para a minha, então eu só consigo agarrar seu dedo indicador.

— Você trabalha com o quê? — o soldado pergunta a meu pai, de maneira cortante.

— Sou estivador no porto.

— Você trabalha com o quê? — o soldado aponta para mamãe. Ela olha fixamente para o chão e muda Geak de posição na cintura.

— Vendo roupas usadas no mercado — diz ela, com uma voz que quase não se ouve.

O soldado vasculha as malas, uma por uma, então se curva e abre a tampa da panela de arroz perto dos pés de papai. Aperto ainda mais o indicador dele, meu coração dispara enquanto o soldado inspeciona a panela. A cara dele está perto da minha; eu me concentro nos dedos sujos do meu pé. Não ousa olhar nos olhos dele, pois me contaram que, se você olhá-los nos olhos, consegue ver o próprio diabo.

— Tudo certo, estão liberados. Podem ir.

— Obrigado, camarada — diz papai, humildemente, fazendo que sim com a cabeça para o soldado. Este já está olhando para o próximo da fila e só faz um sinal com a mão para que nos apressemos. Passado o posto de controle sem nenhum problema, andamos mais algumas horas até o sol ir dormir atrás das montanhas e o mundo se tornar um lugar de sombras e formas

estranhas novamente. Na massa de gente, papai encontra um lugar não ocupado na grama perto da estrada. Mamãe põe Geak deitada perto de mim e pede para eu cuidar dela. Sentada ao seu lado, eu me impressiono em ver como ela está pálida. Respirando calmamente, ela tenta manter as pálpebras abertas, mas enfim perde a luta e adormece. Seu estômago ronca, e o meu ronrona em resposta. Sabendo que não terei nada para comer por um tempo, deito numa pequena pilha de roupas perto dela e apoio a cabeça em outra. Rapidamente eu também adormeço.

Quando acordo, estou sentada na esteira de palha e Keav está empurrando comida na minha boca.

— Coma isto — diz ela. — Bolas de arroz com cogumelos silvestres. Khouy e Meng colheram os cogumelos na floresta.

Com meus olhos ainda fechados, deixo o arroz descer devagar pela minha garganta seca e acalmar minha fome. Depois que termino minha pequena porção, deito de novo e deixo o mundo do Khmer Vermelho para trás.

No meio da noite, sonho que estou num desfile de Ano-Novo. O Ano-Novo Lunar no Camboja este ano cai no dia 13 de abril. Tradicionalmente celebramos o Ano-Novo com desfiles, comida e música durante três dias e três noites. No meu sonho, fogos de artifício crepitam e estouram ruidosamente, felizes na celebração de Ano-Novo. Há muitos tipos de comida na mesa: biscoitos vermelhos, doces vermelhos, porco assado vermelho e macarrão vermelho. Tudo é vermelho, inclusive eu estou usando um vestido novo, vermelho, que mamãe costurou para essa ocasião especial. Na cultura chinesa, não é apropriado meninas usarem essa cor, pois chama muita atenção. Só garotas que querem atenção vestem vermelho, e geralmente são vistas como "más" ou "deselegantes", muito provavelmente vindas de uma família ruim. Mas a passagem do ano é uma ocasião especial e, durante a celebração, todo o mundo pode usar vermelho. Chou está ao meu lado aplaudindo alguma coisa. Geak está rindo e tenta me alcançar enquanto eu

corro e dou giros e mais giros. Todos estamos com o mesmo vestido. Parecemos tão bonitas com fitas vermelhas nos rabos de cavalo, *rouge* vermelho nas bochechas e batom vermelho nos lábios. Minhas irmãs e eu nos damos as mãos, rindo enquanto os fogos de artifício estouram ao fundo.

Acordo na manhã seguinte com as vozes de meus irmãos e pais sussurrando sobre o que aconteceu durante a noite.

— Pai — diz Meng, com a voz assustada —, um homem me disse que o barulho de ontem foram os soldados do Khmer Vermelho abrindo fogo em todas as pessoas que se registraram para trabalhar. Mataram todos eles.

As palavras deles pressionam minha testa, fazendo minha cabeça palpitar de medo.

— Não diga nada. Se os soldados nos ouvirem, estaremos em perigo.

Ouvir essas coisas me deixou apavorada, por isso caminho até papai.

— Nós estamos andando e andando há cinco dias. Quando poderemos ir para casa?

— Não fale mais — ele sussurra e me direciona para Keav, que toma minha mão e me leva até o bosque para eu ir ao banheiro. Tínhamos dado poucos passos quando Khouy nos impediu.

— Parem já e voltem! Não andem mais! — grita ele.

— Ela tem que ir ao banheiro.

— Há um cadáver no mato a poucos metros de onde vocês estão. Por isso esse lugar não foi ocupado ontem.

Eu aperto a mão de Keav e de repente me dou conta do cheiro que estou sentindo. Não é cheiro de capim podre nem o meu próprio odor, mas um cheiro tão pútrido que meu estômago se contorce. Um cheiro parecido com miúdos podres de uma galinha deixados ao sol por muitos dias. Tudo ao meu redor se torna um borrão e eu não ouço Keav me pedir para mexer minhas pernas. Só ouço o zunir das moscas se banqueteadando com o cadáver humano. Sinto que Keav

puxa a minha mão, e meus pés automaticamente vão em sua direção. Alcançamos o restante da família e começamos nosso sexto dia de marcha.

Em nossa caminhada, vemos soldados por todas as partes nos mandando prosseguir. Eles apontam e dão instruções com suas armas e alto-falantes. No calor escorchante de abril, muitos velhos adoecem de insolação e desidratação, mas não ousam descansar. Quando alguém da família adocece, jogam fora todos os seus pertences e colocam o doente numa carroça, se tiverem a sorte de ter carroça, ou o carregam nas costas. E seguem adiante. Nós andamos durante toda a manhã e tarde, parando somente para comer e descansar só quando o sol se põe.

Ao nosso redor, outras famílias também pararam para dormir. Algumas perambulam pelo campo em busca de lenha para cozinhar. Outras comem o que cozinham mais cedo e dormem assim que se deitam. Nós procuramos entre os corpos encolhidos um lugar para nós. Exaustas, mamãe e Keav lutam para armar nosso acampamento e acender a fogueira. De uma das bolsas de plástico em que carregamos nossos pertences que sobraram, Keav retira um lençol e cobre o chão. Mamãe abre a esteira de palha e o coloca ao lado do lençol. Sento com Geak em pequenas trouxas, massageando meus tornozelos doloridos e queimados. Chou e Kim colocam nossas outras bolsas em cima do lençol. Seguro a mão de Geak e tento levá-la para o lençol, mas ela puxa a mão e engatinha na direção de papai. Ele a toma nos braços e a segura no colo. Seu rosto, marrom e cheio de bolhas por causa do sol, descansa no pescoço do papai, que move o corpo para a esquerda e para a direita. Em pouco tempo, ela está dormindo.

Nosso estoque de comida consiste em somente alguns quilos de arroz, então Meng, Khouy e Kim têm que procurar mais comida para complementar o arroz. Eles andam por cerca de 1 quilômetro até a cidade de Ang Snur e voltam uma hora mais tarde. Eles vêm andando devagar até nós. Kim traz lenha nos braços; e Meng, dois

peixes espetados num galho pequeno e alguns vegetais silvestres. Khouy vem até nós com uma panela pequena e um sorriso extático no rosto.

— Olhe, mãe! — ele a chama, mal conseguindo conter a alegria.

— Açúcar!

— Açúcar mascavo! — exclama ela, tomando a panela de suas mãos. Embora cansada, essas duas palavras me fazem correr na direção da panela.

— Açúcar mascavo! — repito para mim mesma. Nunca imaginei quanta felicidade sentiria ao ouvir essas duas palavrinhas. — Mamãe, deixe eu provar um pouco! Tem quase um quarto da panela!

— *Shhh!* Não fale tão alto — alerta Keav — ou as pessoas virão implorar por ele.

Noto alguns vizinhos olhando para nós.

— Venham todos, comam. Temos que guardar um pouco — diz mamãe, enquanto nós a rodeamos. Meus irmãos afundam os dedos no açúcar e lambem o que conseguiram tirar.

— Eu... eu... eu... — imploro a mamãe, enquanto ela abaixa a panela até minha altura. Sei que é a minha única chance de pegar todo o açúcar que puder, então espero alguns segundos até formar cuspe o suficiente na boca. Então coloco o dedo na boca e mexo o cuspe até umedecer cada milímetro do dedo. Quando decido que o dedo está úmido o bastante, tiro-o da boca e o giro lentamente sobre o açúcar. O movimento é tão lento que consigo sentir os grãos de açúcar se colando ao meu dedo. Quando o tiro da panela, fico feliz em ver o que consegui. Tenho mais açúcar no dedo que qualquer outra pessoa! Com cuidado, coloco a outra mão embaixo do meu tesouro, para me assegurar de que nem um grãozinho seja perdido. Lentamente levo o meu dedo de volta ao meu lugar na esteira e começo a comer cada grão de açúcar.

Depois do jantar, mamãe leva as meninas para um lago próximo, que já está lotado de gente lavando suas roupas, além de crianças

nuas, submergindo as cabeças com cuidado na água barrenta. As crianças parecem cansadas demais para pular, rir ou jogar água umas nas outras. Mamãe nos diz para tirarmos as roupas. Tiro minha camiseta marrom, que era amarela quando eu me vesti apressadamente, há seis dias. Nuas, Chou, Geak e eu esperamos enquanto mamãe tira a própria roupa debaixo do sarongue e entrega para Keav, que vai até a margem do rio e esfrega as roupas nas rochas, para limpá-las.

Com Geak apoiada na cintura, mamãe pega a minha mão e nos leva até o lago para o nosso primeiro banho em seis dias. De mãos dadas, paramos quando a água atinge minha cintura. A água está gelada e parece macia em minha pele, aos poucos descascando as camadas de sujeira acumuladas. As escorregadias plantas aquáticas se movem para frente e para trás ao sabor dos nossos movimentos, suavemente se esfregam contra minhas pernas. Algumas folhas se agarram a meus tornozelos, o que faz um calafrio percorrer a espinha. Eu pulo e caio na água, puxando Chou comigo, que ainda está segurando firmemente a mão de mamãe. Quando volto à superfície, as duas estão rindo de mim. Estou feliz porque estamos rindo juntas novamente.

De manhã, mamãe acorda todo o mundo, e nós nos preparamos para o sétimo dia de caminhada. A estrada à frente brilha e tremula com o calor e o vento carregando a poeira para todos os lados, incomodando os olhos. À distância, meus olhos se fixam num ciclista solitário. Não consigo perceber o quanto ele é alto, só que é muito magro. É estranho que ele esteja viajando no contrafluxo. De repente, eu me assusto com o grito de mamãe. Entre soluços profundos, ela consegue dizer:

— É seu tio Leang!

Pulamos e jogamos as mãos para o alto, acenando animadamente para ele. Tio Leang acena de volta com uma das mãos e acelera em nossa direção. Para a poucos centímetros de nós, que vamos ao seu encontro, todos de uma só vez. Piscando os olhos, ele abraça

mamãe, enquanto papai mantém-se calado ao lado dos dois. Todas as preocupações e medos dos dias que passamos agora se acabaram, porque enfim ele encontrou sua irmã. Tio Leang entrega um pacote tirado do cesto fronteiro de sua bicicleta e, enquanto ela abre as latas de atum e outras comidas, ele diz a papai que esta manhã outras pessoas de Phnom Penh chegaram à sua vila. Os recém-chegados contaram a ele sobre a evacuação e sobre como o Khmer Vermelho forçou todos a deixar as cidades, não só Phnom Penh, como também Battambang e Siem Reap, entre outras. Ao ouvir isso, pulou na sua bicicleta e veio nos procurar a manhã inteira. Então ele compartilha a excelente notícia de que seu irmão mais velho, Heang, está vindo buscá-los com uma carroça. Um sorriso de júbilo atravessa meu rosto ao saber que não precisarei mais caminhar e que, em alguns dias, poderemos ir para casa de carroça.

Perto de tio Leang, tenho que dobrar o pescoço para trás o máximo que posso para ver seu rosto, porque ele é muito alto. Mesmo assim, tudo o que consigo ver é a forma de seus lábios finos e amplos, as narinas pretas, que incham a cada intervalo de poucos segundos quando ele está conversando com mamãe. Com pouco mais de 1,80 metro, o segundo tio, Kim Leang, é o mais alto de todos nós. Seus braços longos e magros, assim como suas pernas, fazem-no parecer um dos bonecos-palito que eu desenhava nos livros da escola. Tio Leang vive numa vila chamada Krang Truop. Tanto tio Leang como tio Heang sempre viveram no campo, mesmo antes da revolução. Nunca moraram numa cidade grande. O Khmer Vermelho os considera cidadãos-modelo da nova sociedade, pois não foram corrompidos. Papai diz que nós vamos viver com eles em sua vila.

A carroça, puxada muito lentamente por duas vacas amarelas e magras, chega na mesma noite. Enquanto papai e mamãe conversam com meu tio, eu me acomodo rapidamente na carroça, com Chou e Geak. Nossa trilha nos leva em uma estrada de cascalho

pela Rota 26, na direção oeste, até chegar à vila de Bat Deng, ocupada pelo Khmer Vermelho. Não importa aonde vamos ou em qual direção, há sempre pessoas marchando à frente e atrás de nós. No meio da multidão, nossa carroça passa pela vila do Khmer Vermelho sem parar. Vamos na direção oeste, deixando nossos companheiros de estrada bem para trás. Em algum ponto entre Bat Deng e Krang Truop, eu pego no sono.

KRANG TRUOP

Abril, 1975

Na manhã de 25 de abril, oito dias depois de deixarmos nossa maravilhosa casa em Phnom Penh, chegamos ao nosso destino. Krang Truop é uma vila pequena e empoeirada, cercada por campos de arroz que se estendem até onde consigo ver. Ao redor dos arrozais, estradas de terra vermelha serpenteiam o lugar como cobras na água das plantações. Nos campos, búfalos cinzentos e vacas marrons pastam preguiçosamente. Muitos têm sinos pendurados no pescoço, que soam quando os animais mexem lentamente a cabeça. Quando correm, eles lembram a mim o barulho do carrinho de sorvete em Phnom Penh. Aqui, em vez de prédios de concreto e casas, as pessoas moram em cabanas feitas de palha, suspensas por quatro pernas acima do capim-elefante que cresce nos arrozais.

— As crianças são mais bagunceiras do que eu! — exclamo, enquanto uma passa correndo por nós, sem notar minha aparência desgrenhada. — Mamãe sempre reclama de mim, mas olhem para elas — as crianças estão vermelhas e sujas de terra escarlate nas roupas, na pele e nos cabelos.

Chou faz cara feia para mim e balança a cabeça. Embora seja somente três anos mais velha, ela se comporta como se soubesse muito mais coisas do que eu. Eu sou maior e consigo bater nela sem dificuldade, mas raramente o faço. Ela é tímida, quieta, não fala muito, e obediente, então os outros irmãos supõem que ela só diz algo quando é importante, e o comum é que eles tomem o lado dela nas nossas brigas. Como eu falo muito e bem alto, minhas palavras são consideradas bobas e banais. Chou olha para mim, suas sobrancelhas estão enrugadas, uma pertinho da outra, como se ela estivesse tentando ler meus pensamentos. Dou a língua para ela. Não estou nem aí. Eu me sinto feliz por estar aqui, e animada porque em alguns dias poderemos voltar para casa.

Depois de um reencontro alegre com minhas tias e muitos primos, papai desaparece com tio Leang para encontrar o chefe da vila e pedir permissão para vivermos aqui. Tio Leang e tio Heang dizem que, desde que o Khmer Vermelho venceu a guerra, os soldados depuseram o antigo chefe da vila e o substituíram por um aliado do novo regime. Agora os moradores têm que pedir permissão até para as coisas mais banais, os desejos mais simples do ser humano, como sair da vila para visitar outros lugares ou deixar que membros de sua família venham viver com eles.

Eles voltam rapidamente e contam que nosso pedido foi aceito. Meu interesse pela vila morre rápido, quando papai diz que todos vamos viver com tio Leang e sua família, na casa deles. Tio Leang tem uma esposa e seis filhos; nós somos nove. Ao todo, então, seremos 17 sob aquele teto de palha. E a casa deles não seria chamada de "casa" na cidade grande. Parece mais uma dessas cabanas simples onde mora a gente pobre. O teto e as paredes são feitos de palha e o chão é de terra batida. Não há banheiros ou quartos, somente um grande cômodo. Não há cozinha dentro da casa, a comida é preparada numa barraca, também de palha, do lado de fora. Mais tarde, à noite, Kim me chamou e brigou comigo porque fui esnobe ao ver nossa nova casa. Ele é um menino de

apenas dez anos, mas já entendeu o quanto nosso tio foi corajoso ao pedir permissão ao novo chefe da vila, do Khmer Vermelho, para ficarmos aqui.

— A vila é tão pobre — digo a papai enquanto a família se reúne no chão da cabana de tio Leang. Sentados em esteiras de palha ou bancos de madeira, ouvimos suas instruções.

— Nós também — a severidade na voz dele me faz corar de vergonha. — De agora em diante, nós somos pobres como estas pessoas. Teremos que viver longe da cidade, onde as pessoas podem me reconhecer e saber quem eu sou. Se alguém fora da família perguntar de onde somos, digam que somos gente do campo, igual aos tios de vocês.

— Por que não queremos que eles saibam quem somos, papai? Por que não podemos ir para nossa própria casa? Os soldados prometeram que a gente poderia voltar em três dias.

— O Khmer Vermelho mentiu. Eles venceram a guerra, e nós não podemos voltar. Você precisa tirar essa ideia da cabeça. Esqueça Phnom Penh — papai nunca falou tão diretamente assim comigo, e pouco a pouco vou me dando conta da realidade. Meu corpo treme de medo, não consigo acreditar. Nunca mais voltarei para casa. Nunca mais verei Phnom Penh, nem passearei de carro, nem irei de ciclo com mamãe para o mercado, nem comprarei comida dos carrinhos. Tudo acabou. Ele vem até mim e me abraça, enquanto meus olhos se enchem de lágrimas e meus lábios tremem.

Enquanto papai continua a falar, saio de seus braços e vou abraçar Keav. Ele tenta explicar um pouco da história política do Camboja para meus irmãos. O país foi uma colônia francesa, mas o príncipe Sihanouk comandou a luta pela independência e, em 1953, o Camboja se tornou uma nação soberana. Durante os anos 1950 e 1960, o país prosperou e era autossuficiente. Porém muita gente estava descontente com o governo do príncipe Sihanouk; muitos o consideravam corrupto, um governo que colocava seus próprios interesses antes dos da população. Os pobres ficaram mais pobres;

e os ricos, mais ricos. Muitas facções nacionalistas foram formadas e exigiram reformas. Um desses grupos era uma facção comunista secreta, o Khmer Vermelho, que declarou guerra ao governo cambojano.

A Guerra do Vietnã se alastrou para o Camboja quando os Estados Unidos bombardearam as fronteiras com o Vietnã para tentarem destruir as bases norte-vietnamitas. Os bombardeios mataram muitos cambojanos e destruíram muitas vilas, e o Khmer Vermelho ganhou apoio dos camponeses e fazendeiros. Em 1970, o príncipe Sihanouk foi traído pelo seu general mais importante, Lon Nol, que assumiu o governo. Os Estados Unidos apoiavam o governo corrupto e fraco de Lon Nol, mas ele foi facilmente derrotado pelo Khmer Vermelho.

Papai diz muito mais coisas a meus irmãos, mas eu não me importo muito com política. Tudo o que sei é que tenho de me fazer de boba e nunca falar sobre a nossa vida na cidade. Nunca poderei dizer a outra pessoa que sinto saudades de casa, que quero voltar, que desejo que as coisas voltem a ser como eram antes. Descanso a cabeça no ombro de Keav e fecho meus olhos, enquanto ranjo os dentes. Ela faz carinho em meus cabelos e minhas bochechas.

— Não se preocupe, sua irmã mais velha vai cuidar de você — ela sussurra para mim. Ao lado dela, mamãe está sentada na esteira, segurando Geak, que dorme em seu colo. Chou está ao lado dela, prestando atenção em seu *kroma* vermelho e branco, que ela dobra e desdobra com dedicação.

Mais tarde, à noite, não deixo Chou dormir, pois fico virando na cama, que na verdade não passa de tábuas de madeira.

— Odeio isto. É muito desconfortável! — reclamo para Chou, que está dormindo ao meu lado. Na cidade, nós três, as meninas mais novas, dormíamos num colchão, na mesma cama. Na fazenda, os meninos dormem em redes e as meninas dormem alinhadas numa plataforma de bambu, como sardinhas. Eu preferia muito mais dormir na rede.

- Fique quietinha e vá dormir.
- Chou, quero ir ao banheiro.
- Vá, então.
- Estou com medo. Venha comigo?

Chou responde virando as costas para mim. Toda vez que tenho que ir ao banheiro, preciso andar até a floresta para a casinha. Usamos todas as notas de dinheiro, agora não temos nada para fazer de papel higiênico. Chou me ensinou a usar folhas de árvore, mas à noite tenho medo de haver bichos nelas.

Entrar na floresta à noite é assustador, especialmente para alguém com a imaginação fértil. No escuro, vejo espíritos balançando as árvores, deixando claro que estão esperando por mim. Sussurram cânticos e feitiços que o vento carrega pelas folhas até meus ouvidos. Os espíritos me chamam, para que eu me aproxime e então eles possam possuir meu corpo. Tenho tanto medo de ir ao banheiro à noite sozinha que me forço a segurar a vontade e esperar até o nascer do sol, aí saio correndo feito maluca até a floresta.

Logo me dou conta de que todo o mundo acorda bem cedo e de que já estão ocupadíssimos com a fazenda muito antes de o sol nascer e eu acordar. A vida na fazenda é chata e entediante, mas pelo menos há o que comer. Diferentemente da minha vida em Phnom Penh, não tenho amigos, além da família. É difícil fazer amigos, porque tenho medo de falar e, sem querer, contar algum segredo sobre nossa família. Papai diz que o Angkar aboliu os mercados, as escolas e as universidades e baniou dinheiro, relógios, toca-fitas e televisões.

Como nós somos uma família de camponeses, eu tenho que aprender a identificar a hora somente pela posição do sol e da lua no céu. Se eu encontrar outras crianças, tenho que tomar cuidado com o que falo e como falo. Não posso mencionar a comida que gostaria de comer, os filmes que já vi ou o ciclo em que andávamos. Se eu falar disso com elas, as crianças saberão que somos da cidade. Estou acostumada com outras crianças que se aproximam de

mim para fazer amizade na cidade. Aqui elas olham com suspeita e desviam quando chego perto. Não importa, eu tenho muitos primos com quem brincar. Nos dias em que não fico olhando as outras pessoas olharem para nós, ajudo meus primos a levarem suas vacas para o pasto. Pouco a pouco, eu me acostumo com a vida na fazenda e desisto do meu sonho de voltar para casa.

Na primeira vez que minha prima Lee Cheun me põe em cima de uma vaca, fico com medo de cair. As vacas são muito mais altas do que eu. Lee Cheun tem 17 anos e é mais alta que as vacas. Ela me coloca sem esforço no lombo de uma delas. Sentada ali, minhas pernas chegam só à metade de sua barriga. Seguro com força a corda, que está amarrada ao anel em seu focinho, e aperto as pernas para não cair. Toda vez que a vaca se mexe, suas costelas se mexem debaixo de minhas pernas, e meus pés passam por seus ossos como dedos sobre as teclas de um piano.

— Relaxe o corpo — Lee Cheun ri. — As vacas são preguiçosas e se mexem devagar. Você vai cair se ficar sentada toda dura assim.

Sigo seu conselho, paro de apertar com tanta força e deixo meu corpo se mover ao sabor dos movimentos do animal. Depois de uns minutos, perco o medo.

— Falta quanto para chegar? Está quente e meu bumbum está doendo — reclamo.

— Vamos depois daquela colina, onde o pasto é mais verde. Você quis vir, então pare de resmungar — Lee Cheun aponta para um grupo de meninas andando longe no campo. — Olhe, pelo menos você não tem que fazer o trabalho delas.

Elas são garotas camponesas não muito mais velhas do que eu andando pelo campo. Carregam bolsas presas em diagonal nas costas e olham o tempo todo para o chão. Ocasionalmente uma delas se abaixa e pega um montinho verde-escuro do chão e põe na bolsa.

— O que elas estão fazendo?

— Estão colhendo estrume de vaca.

— Que nojo!

— Geralmente os camponeses vêm com suas carroças e pegam o excremento fresco com pás, para usar como adubo. Mas essas meninas estão pegando o estrume seco porque acreditam que tem propriedades medicinais. Elas fervem na água e bebem como chá.

— Que nojo! — exclamo de novo.

Até a nova experiência de andar no lombo da vaca se torna entediante quando se repete todo dia. Ainda assim, embora seja uma vida monótona, quanto mais tempo passamos em Krang Truop, mais ansiosa e medrosa eu fico. Não importa aonde eu vá, não consigo deixar de imaginar que alguém está me observando e me seguindo. Não tenho nada para fazer, mas, toda manhã, eu me visto com pressa para ver papai saindo para trabalhar. Na maior parte dos dias, quando acordo, papai e meus irmãos já saíram e mamãe está costurando roupas para a família ou cuidando do jardim.

Depois de me vestir, faço o que posso para cuidar da higiene. Papai nos diz que é importante, então tento deixá-lo feliz. Como já não temos escovas de dente nem creme dental, pego um pouco de feno e esfrego nos dentes, como se fosse uma escova. Para os dentes de trás, boto o dedo e tiro a casca grossa e amarela com a unha.

Para me lavar, vou a uma tenda parecida com uma casinha. Dentro há um balde grande, que mais parece um vaso de flores de cerâmica, com um metro de altura, o qual Kim e os primos enchem de água toda noite. Eu me dispo e penduro minhas roupas numa lasca de madeira na porta. Então pego uma tigela, mergulho no balde de água e me banho. Não há sabonete nem xampu, por isso meus cabelos ficam muito embaraçados e pegajosos, e dói quando eu penteio.

Papai volta tarde da noite, está sempre sujo e cansado. Às vezes, depois de uma refeição rápida, papai senta calado e sozinho lá fora e fica olhando para o céu. Quando volta para a cabana, cai logo no sono. Quase não fico mais sentada em seu colo. Sinto falta dos seus

abraços e de como ríamos quando ele contava antigas histórias chinesas. Papai costumava contar histórias sobre os deuses budistas e seus dragões, que desciam à Terra para lutar contra o mal e proteger as pessoas. Eu me pergunto se os deuses e dragões virão nos ajudar agora.

ESTAÇÃO DE ESPERA

Julho, 1975

— O que está acontecendo? — pergunto a mamãe, enquanto esfrego os olhos. — Por que você me acordou?

Abro os olhos e vejo que o céu ainda está escuro, mas tio Leang, sua esposa, tia Keang, e todos os primos estão acordados. Ao meu lado, Chou está enrolando seu lençol branco, dobrando suas roupas e colocando tudo dentro de uma fronha. Lá fora, Lee Cheun pega conchas cheias de arroz e coloca em folhas de bananeira. Keav atíça o fogo para cozinhar o peixe seco enquanto Kim enche a garrafa de combustível com água.

— Quieta. Temos que partir — mamãe tapa minha boca com a mão.

— Não quero ir, não quero andar de novo — eu quero dormir. Embora estejamos vivendo em Krang Truop há dois meses e as bolhas em meus pés já tenham sarado, só de pensar em andar mais faz meus tornozelos palpitem de dor.

— Quieta — papai me repreende. — Não podemos deixar que ninguém ouça você chorar. Aqui não é mais seguro para nós. Temos que partir, vamos de caminhão.

— Por que temos que partir, papai?

— Aqui não é mais seguro para nós.

— Vamos andar muito?

— Não, seus tios falaram com o chefe da vila, e ele nos arrumou uma carona num caminhão do Khmer Vermelho, que nos levará até Battambang. É lá que sua avó mora.

— Mas eu não quero mais me mudar, papai — ele não tem palavras para me consolar. Segurando as lágrimas, calço os chinelos e caminho até Keav, que me estende a mão. Mamãe e papai se viram para tio Leang e agradecem-lhe por nos acolher. Tio Leang olha para ela com uma cara triste, olhos piscando muito rápido, e a abençoa, desejando uma boa viagem. Os primos estão fora da cabana para se despedir de nós. Seus braços nem se movem enquanto nos veem partir, levados por papai.

Quando chegamos ao ponto de encontro à beira da estrada, encontramos mais cerca de trinta pessoas. Estão agachadas ou sentadas na estrada de cascalho, em grupos de quatro famílias. Muitas têm olhos em formato de amêndoa, narizes finos e pele clara, o que sugere que também são de ascendência chinesa. Khmer puros têm cabelos pretos encaracolados, narizes largos, lábios carnudos e pele escura como chocolate. Nossos companheiros de viagem não acenam para nós, mas ficam olhando passivamente para a estrada. Assim como nós, eles carregam trouxas com algumas poucas roupas e pequenos potes de comida. Sentamos na estrada de cascalho perto deles, mas não conversamos. Na escura noite, esperamos o caminhão. O mundo ao nosso redor permanece tranquilo em seu sono, só ouvimos o trilar dos grilos. Os instantes parecem levar uma eternidade. Então os faróis brilhantes do caminhão militar aparecem e o veículo para diante de nós. Papai me transfere de seus braços mornos para a cama fria do caminhão. Não quero que ele me solte, não quero deixar nunca a segurança de seus braços.

A viagem é cheia de saltos e o caminhão, ruidoso, mas o ar fresco da aurora nos mantém razoavelmente confortáveis. Mamãe olha a paisagem distante enquanto Geak dorme em seus braços. Meus

outros irmãos estão sonolentos, quase dormindo. Busco a segurança do colo de papai novamente. Todos estão muito quietos na viagem. Durante a manhã, o caminhão vai em direção ao noroeste enquanto o sol sobe no céu e o vento sopra as nuvens, a única sombra que tínhamos. O motorista do caminhão não dirige tão bem quanto papai, nem se importa conosco aqui atrás, saltando e esbarrando uns nos outros. O caminhão segue o dia inteiro e só para à noite para jantarmos.

Assim que ele para, todos desembarcam para espreguiçar os corpos cansados. Papai me tira do caminhão e me coloca ao lado de Chou no chão. Ao nosso redor, as pessoas estão balançando as pernas, como se insetos tivessem subido em suas canelas. Khouy anda em círculos, mexendo os braços rapidamente de um lado para outro. Ele é lutador de artes marciais, faixa preta em caratê. Tem 1,73 metro, é magro, atlético. Em Phnom Penh, eu adorava sentar e ficar observando Khouy praticar caratê. Eu achava incrível como ele conseguia dar um chute bem alto, acima da cabeça, e manter a posição por muito tempo. Ele conseguia pular muito alto, dar chutes rápidos e aterrissar em segurança, tudo isso em poucos segundos, enquanto gritava coisas engraçadas e contorcia o rosto. Sempre me fazia rir. Agora ele anda cada vez mais rápido e seus braços se movem como uma hélice, prestes a fazê-lo levantar voo, como um helicóptero. Ele está fazendo os mesmos movimentos que já o vi fazer em muitas ocasiões, mas desta vez sua cara não está engraçada e eu não estou rindo.

Depois de uma refeição rápida e um pouco de descanso, voltamos para o caminhão e seguimos viagem a noite inteira. Acordo no colo de papai pela manhã e descubro que estamos em uma parada de caminhões, lotada de gente. Alguns preparam o café da manhã, outros estão acordando, muitos ainda dormem na grama ou na beira da estrada. Sentados na traseira do caminhão, não ousamos nos mover até que os soldados nos autorizem.

— Vocês estão na província de Pursat. Vocês devem aguardar aqui até que o pessoal de base venha levar vocês para morar em sua vila — diz um soldado, que logo se vai.

— Por que tivemos que deixar a vila ontem? — pergunto a papai.

— Alguns dos recém-chegados a Krang Truop eram de Phnom Penh. Embora sejam amigos, não podemos nos arriscar a ficar, porque eles sabem quem eu sou.

— Mas, papai, eles são nossos amigos. Nunca nos denunciariam e nos colocariam em perigo!

— Amizade não importa; eles podem não ter escolha — responde papai muito solenemente. Não entendo o que ele quer dizer, mas prefiro não seguir perguntando a respeito.

— Este caminhão vai levar a gente até Battambang — pergunto quase sussurrando.

— Não, esta não é a estrada para Battambang. Os soldados nos trouxeram para um lugar diferente.

— Não podemos dizer a eles que precisamos chegar a Battambang? Que eles nos trouxeram para o lugar errado?

— Não, não podemos discutir com eles. Nós vamos aonde eles quiserem nos levar — diz papai. Ele parece cansado e me coloca no chão. Pede a Kim que cuide de mim enquanto ele tenta descobrir quando vamos sair. Ele anda na direção da multidão e eu o vejo desaparecer entre as pessoas.

Kim me diz que, a partir de agora, eu tenho que aprender a cuidar de mim mesma. Não posso confiar em ninguém, muito menos contar sobre nossa vida na cidade. O melhor, na realidade, é que eu pare de falar para não revelar nenhuma informação sobre nossa família sem querer. Falar é colocar a família em perigo. Aos cinco, estou começando a compreender como é se sentir solitária, quieta, sozinha e suspeitando de todos, porque qualquer um pode me machucar.

— Vou dar uma volta e ver como é — digo a Kim, entediada.

— Não vá muito longe nem converse com ninguém. Talvez tenhamos que partir em breve e eu não quero ter que sair para procurar você.

Quero obedecer a meu irmão e não ir longe, mas estou curiosa. Quando minha família olha para outro lado, eu me esgueiro e saio para explorar a “estação de espera”. Quanto mais caminho, mais vejo as centenas de pessoas que estão no acampamento. Elas conversam entre si, sentam e dormem onde podem. Muitas barracas têm varais de roupa secando, pilhas de lenha perto da fogueira e bancos de madeira feitos de improviso. Elas parecem estar esperando ali há muito tempo; algumas ficam imóveis, tão quietas que eu me pergunto se estão mortas. paro a fim de observar uma velhinha. Vestida com uma camisa marrom e sarongue castanho, ela está deitada, com os braços ao lado do corpo e a cabeça sobre uma trouxa de roupa. Seus olhos estão semicerrados, os cabelos brancos escorridos em todas as direções, a pele amarela enrugada. Uma jovem ao seu lado lhe dá de comer mingau de arroz com uma colher.

— Ela parece morta para mim — digo à jovem. — O que ela tem?

— A vó está quase morta, não dá para ver? — responde ela, irritada.

Quanto mais olho para ela, mais suo. Nunca vi ninguém quase morto na vida. A jovem me ignora e continua a alimentar a avó. Um lado da boca sorve o mingau enquanto o outro deixa escorrer uma baba misturada com a comida. Nunca achei que isso fosse possível, estar semimorto. Para mim, ou você estava vivo ou morto, completamente. Sinto pena da velhinha, mas fico fascinada com a ideia de ficar presa entre os dois mundos. Minha fascinação é maior do que o medo que sinto dela.

— Não há médicos que podem ajudar sua avó?

— Não há médicos em lugar nenhum. Saia daqui! Seus pais não estão procurando por você, não, menina?

Ela está certa, claro. Ouço mamãe chamar meu nome, mandando eu voltar. Por sorte, a família está muito ocupada embarcando em outro caminhão para ficar irritada comigo. Enquanto papai me coloca no caminhão, percebo dois homens de meia-idade vestidos com calças e camisas pretas folgadas perto de nós. Um deles anota algo num bloco de papel marrom; o outro aponta para nossas cabeças e conta quantos somos enquanto embarcamos no caminhão. Fiquei num assento do qual consigo ver a paisagem do campo. Rapidamente quatro outras famílias entram e ocupam o espaço vazio no centro. Quando todas as famílias estão a bordo, os dois homens tomam nota e contam novamente, sem sorrir ou nos cumprimentar. Depois que terminam, os dois vão para a cabine com o motorista, e o caminhão dá a partida.

O caminhão deixa a área de espera e entra em uma estrada estreita e esburacada que atravessa as montanhas. As famílias estão quietas e soturnas, os únicos barulhos são os galhos arranhando as laterais do caminhão e a lama sob os pneus. Depois do que parece uma eternidade, fico entediada com a paisagem e vou para o colo de papai.

— Papai — pergunto baixinho, para que ninguém nos ouça —, aquelas pessoas no lugar onde estávamos, por que elas estavam lá?

— Estavam esperando o pessoal de base chegar para levá-las.

— Levar como levaram a gente?

— Sim. Os homens de roupa preta são representantes de vilas rurais. Na área de espera, eles recebem uma lista de nomes e pessoas que devem levar de volta para suas vilas — diz papai, quase sussurrando.

— Aqueles dois homens eram os representantes da nossa vila?

— Sim.

— Quem é o pessoal de base?

— *Shhh...* Eu explico para você depois.

— Por que nós saímos de lá tão rápido e os outros ficam lá muito tempo?

— Eu subornei uma pessoa com um dos colares de ouro de sua mãe, para que colocassem nossos nomes em uma lista para sairmos logo de lá — papai suspira e se cala. Descanso a cabeça em seu peito e penso como tenho sorte de ter um pai assim. Eu sei que papai também me ama. Em Phnom Penh, no cinema, eu queria sempre sentar ao lado de papai. Quando o filme me dava medo, eu agarrava o braço dele, sinalizando que eu queria colo. Ele então me levantava da cadeira e me punha no colo. O corpo dele virava minha poltrona; e seus braços, os braços da poltrona. Parece que foi há tanto tempo. Ele está tão sério e triste. Eu imagino se um dia verei o papai divertido novamente.

ANLUNGTHMOR

Julho, 1975

Quando acordo, vejo que paramos e que as famílias estão descendo do caminhão. Os representantes da vila conversam rapidamente com o motorista antes de ele partir, nos deixando no meio do nada. Ao redor, montanhas verdes se alçam no céu cinzento. Julho é o auge da estação de chuvas; o ar, embora fresco, está pesado e úmido. Árvores altas, de troncos grossos e folhas verdes, nos cercam, assim como o gordo capim-elefante. Sento ao lado de Chou e Geak em nossas pequenas trouxas de roupa, ouvindo os sons agudos dos passarinhos enquanto os outros se espreguiçam. A alguns metros, papai e os pais das quatro outras famílias que vieram conosco ouvem as instruções dos representantes da vila.

— Temos que andar daqui até a montanha — diz papai, carregando Geak nas costas. Khouy, Meng, Keav e Kim juntam nossas trouxas de roupa e seguem os representantes até a entrada de uma pequena trilha escondida no mato, que sobe a montanha. Chou e eu vamos de mãos dadas com mamãe, atrás das outras famílias. Tento correr para ficar perto de papai, porque pode haver cobras ou animais ferozes que comem crianças nas montanhas; mas o caminho pedregoso é muito difícil, as pedras entram nos meus

chinelos. Subimos a trilha em silêncio e, ao cair da noite, chegamos a nosso destino. O chefe da vila leva as cinco famílias para sua casa e nos dá arroz e peixe para jantarmos antes de os adultos saírem para receber mais instruções. Depois ele nos leva a uma cabana nos fundos de sua casa: é aqui que moraremos. A cabana está suspensa, em suas quatro patas de madeira, a um metro de altura. O teto e as paredes estão cobertos com folhas de bambu e palha.

— Esta vila se chama Anlungthmor. Nós viveremos aqui por enquanto — informa-nos papai à noite. — Dependendo de quando o caminhão com suprimentos chegar, o chefe vai distribuir sal, arroz e grãos às famílias toda semana ou a cada duas semanas. Como complemento, temos que cultivar uma horta no quintal atrás da cabana. Lembrem-se: não falem de Phnom Penh. Os soldados do Khmer Vermelho patrulham a vila e relatam nossas atividades ao Angkar. De agora em diante, somos camponeses como todo o mundo aqui.

Nossa família inteira dorme lado a lado dentro da casa, sob um mosquiteiro. Ficamos bem juntos para nos aquecer. Na segunda noite, fico doente e tenho uma febre terrível. Meu corpo dói todo e vomito muito. Sinto calor e frio. Não consigo dormir nem comer. Mamãe me envolve com vários cobertores, mas mesmo assim eu sinto frio. Quando me sinto muito quente, vejo fantasmas e monstros, que vêm para me matar. Meu coração dispara, causando dores horrorosas a minha espinha; meus membros queimam. Estou com medo dos monstros e corro, corro muito para escapar, mas não importa que eu corra rápido, não consigo escapar deles. Quando eu volto à realidade, mamãe me diz que Kim e Chou também estão doentes e têm os mesmos pesadelos que eu, com monstros que nos perseguem e nos matam.

— São as montanhas, o clima daqui faz isso — diz papai. — Mas logo nós vamos nos acostumar. Temos que prestar atenção ao que comemos. Não há médicos nem remédios aqui, só tratamentos caseiros. — Papai devia falar era com os mosquitos, eles que

precisam prestar atenção ao que comem, porque nos picam e nos deixam doentes.

Não somos os únicos recém-chegados. Khouy nos diz que, das oitocentas pessoas em Anlungthmor, cerca de trezentas chegaram há pouco. Mas a população da vila muda todo dia, porque o Angkar leva e traz pessoas constantemente. Por isso, nossa cabana estava vazia. Todo dia, papai, Khouy e Meng acordam ao nascer do sol e vão trabalhar; só voltam quando cai a noite. Eles trabalham duro: alguns dias na plantação de arroz e na horta, cortando lenha; e em outros, construindo represas e cavando trincheiras. Não importa o quanto trabalhem, depois do primeiro mês a comida começa a escassear. Sobrevivemos comendo os peixes que meus irmãos pescam todo dia. Já não podemos comer arroz puro, temos que misturá-lo com cogumelos, caule de banana e outras folhas. Depois de algumas semanas, até as folhas fica difícil encontrar. Mamãe diz para pegarmos somente as folhas velhas, verde-escuras, não as verde-claras no jardim. Ela diz que as plantas precisam das folhas novas para crescerem e nos darem mais comida. Quando caçamos, comemos o animal inteiro — pés, língua, pele e miúdos.

Um dia, Kim volta com um sorriso de orelha a orelha, porque conseguiu caçar um pequeno pássaro silvestre. Mamãe sorri e faz um carinho na cabeça dele antes de pegar o pássaro. Kim amarrou as patinhas dele, e ele tenta bicar a mão de mamãe.

— Vá buscar uma tigela e uma faca rápido — diz ansiosa para Chou. — O sangue é bom. Chou traz a tigela e a põe debaixo da ferida, para recolher todo o sangue. A tigela é colocada na sombra, para o sangue coagular mais rápido. — Podemos fazer sopa de arroz com ele. Hoje o jantar será bom — anuncia mamãe, sorrindo e finalmente deixando o pássaro no chão. Mesmo morto e sem sangue, seu corpo treme violentamente na terra.

— Pobrezinho — resmungo, aproximando a mão para fazer carinho em suas penas. Seu sangue mancha meus dedos, mas eu continuo a afagar seu corpo trêmulo até que ele para de se mexer.

Enfim a comida se torna tão escassa que o chefe da vila manda Meng, Khouy e os outros jovens para o topo da montanha, para procurarem batatas-silvestres, brotos de bambu e raízes para alimentar a vila. Eles partem toda segunda-feira e voltam exaustos na quarta ou quinta. Numa boa semana, eles voltam com muitas sacolas de comida, e o chefe a distribui entre todos os aldeões. Quando voltam com bem pouca comida, cada pessoa recebe somente uma batata por dia.

É o nosso segundo mês em Anlungthmor e as tempestades são mais terríveis do que nunca. A chuva começa de manhã e continua pelo dia; só para por uns momentos tarde da noite. Chove tanto que meus irmãos não conseguem subir a montanha para procurar batatas e bambu. O que plantamos no jardim foi levado pela água. Para sobrevivermos, meus irmãos mais velhos balançam as árvores à noite, na esperança de encontrar besouros. Os mais novos, que são mais baixinhos, caçam sapos e gafanhotos para comer. A chuva deixa o solo macio e enlameado. Chou, Kim e eu rolamos na lama mesmo quando não estamos procurando sapos. O barro cobre nossos rostos, cabelos e roupas; nós rimos e chafurdamos na lama como porcos. Em poucos minutos, a chuva torrencial lava toda a sujeira. Arrancamos as asas e cabeças dos insetos que pegamos e os assamos com sal e pimenta.

As semanas passam e a chuva não para. A vila é tomada pela água, que chega à altura da cintura de papai. Muitos animais se afogam. Papai nos diz que a enchente é o motivo pelo qual as casas são construídas sobre estacas, longe do chão. Com frio e fome, a única comida que temos são os peixes e coelhos que passam boiando. Papai amarra uma rede de pesca na ponta de uma vara longa para capturá-los quando eles passam na água que corre perto de nossa cabana.

- Papai! Pai! Lá vem algo! — grito animada certo dia.
- Esse é bom. Parece um coelho
- Olhe, papai, lá vem outro — diz Chou.

Papai estende a rede para tentar pegá-los. Ele afunda a rede e puxa dois coelhos pelas cabeças. Têm o tamanho de ratazanas e estão dependurados, mortos, nas mãos de papai. Seus pelos molhados colam-se aos corpos. Papai põe os coelhos sobre uma tábua de madeira. Seus pescoços fazem um ruído de trituração quando ele corta as cabeças com uma faca pequena. Kim então joga uma tigela de água nos cadáveres para lavar o sangue. Papai corta pele do pescoço deles até à barriga. Então segura a pele do pescoço e puxa, para arrancá-la dos corpos. Depois separa a carne dos ossos e a corta em fatias bem finas e as mergulha em suco de limão, preparado por mamãe. Como tudo está molhado e há 30 centímetros de água sob nossos pés, não podemos fazer uma fogueira. Papai dá pedacinhos de carne para as crianças pequenas. Embora o suco de limão disfarce o gosto do coelho, eu ainda assim não gosto da textura. A carne é borrachuda, tenho que mastigar muito e é difícil. Meu estômago embrulha, quer vomitar a carne. Chupando uma rodela de limão, forço a carne a ficar onde está, porque sei que não há mais comida para comer. Não posso perdê-la.

Um dia, a chuva para e a enchente acaba, deixando para trás um chão de lama. A vila inteira está em pânico, porque não há comida em lugar nenhum.

— Temos que partir — diz papai, uma noite. — O povo está descontente. Eles têm fome. Os nativos daqui estão suspeitando de todos e fazendo perguntas demais. Somos diferentes: sua mãe fala khmer com sotaque chinês; vocês, crianças, têm a pele clara; e, além de mim, a família não sabe quase nada da vida no campo, então os aldeões vão nos usar como bode expiatório primeiro — papai diz que a fome e o medo fazem as pessoas brigarem umas com as outras, então temos que fugir mais uma vez. Papai pede encarecidamente ao chefe para nos realocar em outra vila antes que o povo se volte contra nós. Pela manhã, nós vamos embora só com roupas na mala, desceremos a montanha e esperamos um caminhão do Khmer Vermelho nos buscar.

— Os assassinatos começaram — papai diz a meus irmãos mais velhos enquanto descemos a montanha até o ponto de encontro. — O Khmer Vermelho está executando pessoas que eles consideram uma ameaça ao Angkar. Este novo país não tem lei nem ordem. As pessoas na cidade estão sendo mortas sem motivo. Qualquer um pode acabar sendo visto como ameaça ao Angkar: antigos funcionários públicos, monges, médicos, enfermeiras, artistas, professores, estudantes e até gente que usa óculos, porque os soldados acham que é sinal de inteligência. Qualquer um que o Khmer Vermelho acha que pode liderar uma rebelião será aniquilado. Temos que tomar muito cuidado, mas, se nos mudarmos de uma vila para outra, acho que ficaremos seguros.

Tornou-se rotina para mim agora. Quando mamãe me acorda cedo de manhã, já não faço perguntas. É sempre a mesma coisa. Depois de muitas horas de caminhada, chegamos ao mesmo lugar onde fomos deixados meses atrás. Lá esperamos a tarde inteira, e a noite, até que chegue o caminhão que o chefe da vila arrumou para nós. Ele vai levar-nos para longe, ninguém sabe para onde. Quando o caminhão chega, no meio da noite, embarcamos na traseira em silêncio. Não cumprimentamos as famílias que já estão ali; entramos quietos e procuramos um lugar para sentar.

O caminhão nos leva para o outro lado da montanha, a uma vila chamada Leak, onde ficamos esperando novas ordens dos soldados. Eu me pergunto por que o Angkar fica tirando as pessoas de onde estão e as levando para outros lugares, pastoreando-as como gado, de um lugar a outro. Para nossa família, mudar-se é uma escolha. Papai diz que, enquanto continuarmos em movimento, estaremos seguros. Muitos outros não têm escolha alguma. Parece que nenhuma vila nos quer por perto e os soldados parecem não saber o que fazer com a gente. Finalmente aparece outro caminhão para nos levar a nossa nova casa, a vila de Ro Leap. Eu subo e me sento num canto enquanto o restante da família se amontoa em outro. Meng disse que, quando chegamos a Anlungthmor, há cinco meses, havia

cerca de trezentas novas pessoas lá; agora mais de duzentas delas morreram de fome, intoxicação alimentar e malária. Eu vejo mamãe apertando Geak firmemente contra o peito, como se nunca quisesse deixá-la partir.

— Mamãe, estou com fome! — Geak reclama.

— *Shhh...* Tudo vai ficar bem já, já.

— Fome, barriga dói — Geak continua.

— Eu amo muito você e vou cuidar de tudo. Quando voltarmos para casa, vamos ao parque e eu vou comprar sua comida favorita. Vamos comer uns bolinhos de porco chineses. Não vai ser divertido? Vamos fazer um piquenique e vamos nadar muito, então vamos ao parque...

Geak está tão magra que os ossos da face estão saltados. Suas bochechas estão vazias, a pele se cola aos ossos e seus olhos estão baços de fome.

RO LEAP

Novembro, 1975

Sete meses depois que o Khmer Vermelho nos expulsou de casa em Phnom Penh, chegamos à vila de Ro Leap. Cai a tarde. As nuvens se repartem no céu e o sol ilumina com raios brancos nossa nova casa. Ro Leap é parecida com todas as outras vilas que conhecemos no caminho. Cercada pela selva, é verde e frondosa durante a estação das chuvas; e empoeirada e sujeita a incêndios durante a estiagem. Olho para o céu e agradeço aos deuses por termos chegado em segurança. É a nossa terceira mudança em sete meses. Espero que fiquemos aqui por um tempo.

A praça da cidade fica a 12 metros da estrada e não passa de um pedaço de terra batida, com poucas árvores. Na praça, o povo se reúne para ouvir pronunciamentos, instruções, para distribuir tarefas ou, em nosso caso, para esperar o chefe da vila. Atrás da praça, a população vive nas mesmas cabanas com teto de palha, erguidas por estacas acima do chão. Estão alinhadas organizadamente, cerca de 15 metros umas das outras, na beira da floresta.

O motorista do caminhão ordena que esperemos as instruções do chefe da vila depois que desembarcarmos. Minha família pula do caminhão e me deixa para trás. Na beirada da carroceria, tenho que

conter o impulso de sair correndo e me esconder no outro canto. Ao redor do caminhão, os aldeões nos olham com curiosidade. Todos vestem o conhecido uniforme: calças e camisas pretas folgadas, com lenços quadriculados de branco e vermelho ao redor do pescoço ou na cabeça. Parecem a versão antiga dos soldados do Khmer Vermelho, aqueles que eu vi entrar em nossa cidade, mas estes não estão armados.

— Capitalistas têm que morrer a tiros! — alguém grita na multidão, olhando para nós. Outro se aproxima e cospe aos pés de papai. Os ombros de papai caem enquanto ele junta as palmas da mão em um gesto de cumprimento. Eu me encolho na beira do caminhão, meu coração disparado, tenho medo de descer. Não quero que cusпам em mim, então desvio o olhar. Eles parecem maus, como tigres famintos, prontos a pular sobre nós. Seus olhos pretos me observam cheios de desprezo. Não entendo por que estão olhando para mim como se eu fosse um bicho esquisito, quando, na realidade, somos bem parecidos.

— Vamos, você tem que descer — diz papai delicadamente. Meus pés caminham tímidos até os braços abertos dele. Quando desço em seu colo, sussurro em seu ouvido:

— Papai, o que são capitalistas e por que eles têm que morrer? — papai não responde e me põe no chão.

Há quinhentos habitantes em Lo Reap, são o pessoal de base. Eles são chamados assim porque viviam na vila desde antes da revolução. A maioria é analfabeta, camponeses e fazendeiros que apoiaram a revolução. O Angkar diz que são cidadãos-modelo porque muitos nunca saíram de suas vilas e não foram corrompidos pelo Ocidente. Nós somos os novatos, aqueles que migraram da cidade. Camponeses que vivem no interior desde antes da revolução são recompensados com a possibilidade de ficar em suas vilas de origem. Todos os outros são forçados a juntar suas coisas e partir para onde os soldados mandarem. O pessoal de base vai nos ensinar a sermos bons trabalhadores e a termos orgulho do nosso país. Só

então teremos o direito de sermos chamados de khmers. Não entendo por que eles me odeiam ou por que capitalistas devem morrer, mas isso vai ter que esperar. Eu vou até Chou e tomo sua mão; nós duas seguimos mamãe até a praça principal, onde estão todos reunidos.

Quando pergunto a Kim o que é um capitalista, ele me responde que é alguém da cidade. Ele diz que o Khmer Vermelho considera a ciência, a tecnologia e qualquer coisa mecânica como malévola, e que, portanto, deve ser destruída. O Angkar diz que ter carros e eletrônicos, como relógios e televisores, criou uma divisão profunda entre as classes, entre ricos e pobres. Isso fez com que as famílias ricas da cidade esbanjassem riqueza, enquanto os pobres que vivem no campo tinham que lutar para alimentar e dar roupas a suas famílias. Aqueles aparatos foram importados de países estrangeiros e, portanto, estão contaminados. Importações são vistas como um mal, porque permitiram que países estrangeiros invadissem o Camboja, e não só material, mas também culturalmente. Então esses produtos foram proibidos. Só os caminhões podem rodar, para realocar as pessoas e levar armas para silenciar qualquer voz que se alce contra o Angkar.

A explicação de Kim me fez tremer. Fui até Chou e me aconcheguei no seu ombro. Enquanto esperamos o chefe, outros caminhões cheios de migrantes continuam a chegar. No fim do dia, cerca de sessenta famílias, umas quinhentas novas pessoas, lotam a praça da cidade. Quando o sol já está se pondo atrás das árvores, o chefe da vila finalmente aparece diante da multidão de novatos. Ele era tão alto quanto papai, com um corpo anguloso e cabelos brancos e grisalhos, que parecem um arbusto denso de selva em sua cabeça. Seus olhos são dois pedaços de carvão separados por um nariz fino e pontudo, os lábios finos cospem saliva. O chefe anda devagar, casualmente, braços e pernas se movem com atitude e precisão. Suas calças pretas são mais folgadas que as dos dois soldados que o

acompanham. Não há nada especial nele, a não ser o fato de que ele comanda dois homens com rifles nas costas.

— Nesta vila nós vivemos de acordo com regras estritas, estabelecidas pelo Angkar. Nós esperamos que vocês as sigam à risca. Uma das regras se refere à vestimenta. Como vocês podem ver, nós usamos as mesmas roupas. Os cortes de cabelo são todos parecidos. Ao vestirmos igual, nós nos livramos da vaidade, que é uma criação do corrupto Ocidente — diz ele, com o forte sotaque do povo da selva, que para mim é muito difícil de entender.

Com um gesto da mão, o chefe ordena que um soldado se aproxime de uma das famílias. Ele toma a bolsa de uma mulher, que abaixa a cabeça enquanto a bolsa escorrega de seu ombro. O soldado vasculha a bolsa, olha com desprezo para as roupas coloridas lá dentro e despeja todas no chão, no centro do círculo de pessoas. Um por um, isso se repete. Bolsas e mais bolsas de roupa são jogadas numa pilha. Todas as famílias perdem seus pertences. No topo da pilha estão uma camisa de seda rosa, uma jaqueta jeans azul e calças marrons de veludo — restos de uma vida passada a serem destruídos.

Antes mesmo de o soldado se aproximar, mamãe já reuniu todas as nossas bolsas e as colocou numa pilha à nossa frente. O soldado pega as bolsas e começa a atirar nossas roupas na grande pilha. Quando ele mexe numa bolsa e retira algo vermelho, minha respiração acelera. É um vestido de criança. Ele franze a testa, como se só de olhar para uma coisa daquelas lhe revirasse o estômago, enrola o vestido e o atira no monte. Sigo o vestido com os olhos, focando nele toda a minha energia, quero desesperadamente recuperá-lo. Meu primeiro vestidinho vermelho, que mamãe costurou para mim, para eu usar na festa de Ano-Novo. Lembro de mamãe tomando minhas medidas, colocando o tecido de *chiffon* macio contra meu corpo. Ela perguntou se eu tinha gostado.

— Esta cor fica linda em você — disse ela. — E o *chiffon* não vai deixar você sentir calor.

Mamãe fez vestidos idênticos para mim, Chou e Geak. Todos tinham mangas bufantes e saias que se alargavam logo acima dos joelhos.

Não sei quando os soldados terminam de amontoar todas as roupas na pilha. Não consigo tirar os olhos do meu vestido. Fico parada ali, com mamãe e papai, cada um de um lado. Sinto nós na barriga, um grito vem subindo, se agarrando às paredes de minha garganta, mas eu o empurro de volta. “Não! Meu vestido não! O que eu fiz para merecer isto? Não fiz nada para vocês!”, grito em pensamento, as lágrimas encharcando meus olhos. “Por favor, me ajudem! Não sei se aguento mais! Não entendo por que vocês me odeiam tanto!” Eu cerro meus dentes com tanta força que a dor na garganta vai para a testa. Minhas mãos se fecham em punhos; continuo a olhar para o meu vestido. Não vejo o soldado que tira uma caixa de fósforos do bolso. Não ouço o ruído da fagulha que acende o palito. Quando vejo, o monte de roupas começa a pegar fogo e meu vestido vermelho derrete como plástico.

— Vestir roupas coloridas é proibido. Vocês vão tirar as roupas do corpo e queimá-las também. Cores vivas só servem para corromper suas mentes. Vocês não são diferentes de ninguém aqui e, de agora em diante, vestirão somente calças e camisas pretas. A cada mês, vocês receberão novas roupas — para demonstrar que está falando sério, o chefe da vila anda de um lado para o outro olhando fixamente para as pessoas, com o indicador apontado para elas. — No Kampuchea Democrático — continua o chefe —, somos todos iguais e não temos que nos curvar a ninguém. Quando os estrangeiros tomaram Kampuchea, trouxeram consigo hábitos danosos e títulos extravagantes. O Angkar expulsou todos os estrangeiros, então não precisamos mais nos referir a ninguém usando títulos extravagantes. De agora em diante, vocês vão se dirigir a todos por “Met”. Por exemplo, ele é Met Rune, ela é Met Srei. Nunca mais senhor, senhora, Lorde ou Sua Excelência.

— Sim, camarada — respondemos em uníssono.

— As crianças também devem mudar sua linguagem. Pai agora é “Poh” e não papai, papá, papaizinho, ou qualquer outro. Mãe é “Meh”.

Eu aperto os dedos de papai com ainda mais força enquanto o chefe declama rudemente outros novos nomes. O novo Khmer tem palavras melhores para “comer”, “dormir”, “trabalhar”, “estrangeiros” — todas elas têm por objetivo nos tornar iguais.

— Nesta vila, assim como na sociedade, nossa nova e pura sociedade, todos vivemos em um sistema comunal e compartilhamos tudo. Não existe propriedade privada de animais, terra, jardins ou até casas. Tudo pertence ao Angkar. Se o Angkar suspeitar de que você é um traidor, nós entraremos em sua casa e vasculharemos tudo o que quisermos. O Angkar lhes dará todo o necessário. Vocês, novatos, farão as refeições juntos. A comida será servida do meio-dia às duas, e das seis às sete da noite. Se alguém chegar atrasado, não vai comer. Depois do jantar, nós lhes avisaremos se haverá reuniões. O pessoal de base e os soldados vão patrulhar seus locais de trabalho. Se eles notarem que vocês não estão trabalhando corretamente e relatarem que vocês são preguiçosos, retiraremos sua comida.

Sigo o chefe com os olhos enquanto ele anda em meio às pessoas. Rezo para me lembrar de tudo o que ele está dizendo.

— Vocês devem seguir as regras estabelecidas para vocês pelo Angkar. Assim, jamais teremos que lidar com os crimes e a corrupção do povo da cidade.

— Sim, camarada — os novatos gritam em uníssono.

— Cada família receberá uma casa na vila. Aqueles que não receberem uma casa hoje terão uma casa construída por nós amanhã. Sua primeira tarefa é construir casas uns para os outros.

— Sim, camarada.

— As crianças da nossa sociedade não irão para a escola somente para que lhes encham a cabeça com informação inútil. Elas terão inteligência e corpos ágeis se as colocarmos para trabalhar duro. O

Angkar não tolerará preguiça. Trabalho duro é bom para todos. Qualquer tipo de educação levada a cabo sem o consentimento do governo é estritamente proibida.

— Sim, camarada.

— Tudo bem, vocês podem se sentar e esperar um pouco enquanto organizamos sua moradia.

O chefe cospe no chão de terra à nossa frente e vai embora. Assim que ele sai, a multidão dispersa em busca de sombra. Eu deito ao lado de Chou, numa esteira que mamãe estendeu no chão, e durmo. Acordo muitas horas depois com o som de murmúrios próximos. Quando meus olhos se acostumam ao ambiente, vejo que um grande grupo se reuniu perto de nós. Papai vai até lá e, depois de um tempo, volta dizendo que uma família — um médico de Phnom Penh, sua mulher e três filhos — cometeu suicídio ao tomarem veneno.

Embora todos sejamos supostamente iguais, há três tipos de cidadão na vila. Os cidadãos de primeira classe são o chefe, que tem autoridade sobre toda a vila, seus ajudantes e os soldados. São todos pessoal de base ou fazem parte do Khmer Vermelho. Eles têm o poder de ensinar, policiar, julgar e executar. Tomam todas as decisões: detalhes do trabalho, racionamento de comida por família, grau de severidade dos castigos. São os olhos e ouvidos do Angkar a nível local. Relatam suas atividades ao Angkar e têm plenos poderes para fazer valer sua lei.

Logo abaixo está o pessoal de base. Se os cidadãos de primeira classe são os todo-poderosos e brutais “professores”, o pessoal de base são os valentões que trabalham com eles de perto. Embora não sejam onipotentes como os de primeira classe, conseguem viver quase de forma autônoma, longe da bisbilhotice dos soldados. Moram em suas próprias casas do outro lado da vila, longe de nós. No entanto, são vistos muitas vezes do nosso lado da cidade, patrulhando a área e nos dando ordens. Muitos são parentes dos

cidadãos de primeira classe e informam o chefe de nossas atividades cotidianas.

Os novatos estão no nível mais baixo da estrutura social da vila. Não têm liberdade de expressão e devem obedecer às outras classes. Os novatos são aqueles que foram expulsos das cidades e forçados a viver nas vilas. Não podem trabalhar nas fazendas como o povo do campo. São suspeitos de não serem leais ao Angkar e devem ser observados. É preciso estar atento a cada sinal de rebelião, pois eles levavam vidas corruptas e ainda precisam ser treinados para se tornarem trabalhadores produtivos. Para instigar lealdade ao Angkar e dissipar o que o Khmer Vermelho considera uma ética de trabalho urbana e inadequada, os novatos precisam trabalhar nas tarefas mais duras e por mais tempo.

Até mesmo entre os novatos há classes diferentes. Aqueles que formam estudantes formalmente ou tinham profissões no funcionalismo público, na medicina, nas artes ou no magistério são considerados moralmente corrompidos. Os que têm sangue vietnamita, chinês ou de outras minorias são considerados racialmente corrompidos. Quando lhes perguntam que tipo de trabalho faziam antes da revolução, os novatos mentem, dizendo que eram camponeses pobres, como fez papai, ou que tinham pequenas lojas. Na sociedade agrária do Khmer Vermelho, só bons trabalhadores são valiosos, o restante é dispensável. Logo os novatos devem trabalhar muito para provar que valem mais vivos do que mortos. Papai diz que, por sermos diferentes, pois somos descendentes de chinês, nós vamos ter que trabalhar mais do que os outros.

Depois de o chefe distribuir tigelas e colheres e nos mostrar onde fica nossa cabana, temos só alguns minutos até que o sinal das seis da tarde toque, chamando-nos para comer. Com minha tigela e colher de madeira, corro com minha família para a cozinha comunitária, que não passa de uma mesa longa, sem cadeiras ou bancos, sob um teto de palha, sem paredes. No meio do salão

aberto, há alguns fornos de tijolos. Sobre a mesa, há duas panelas: uma com arroz, outra com peixe grelhado. Seis ou sete mulheres de base mexem nas panelas com a colher e distribuem a comida. Uma longa fila de novatos já se formou ao redor da mesa. Como nós, todos tiveram que vestir calças e camisas pretas, a única roupa que vestiremos daqui em diante.

Meu coração se desespera quando vejo a longa fila à minha frente. Vejo as várias panelas pretas no chão, cheias de comida quentinha, digo a meu coração para se acalmar. A fila anda devagar e em silêncio. Em voz baixa, conto as cabeças antes de mim, eliminando-as uma a uma, esperando ansiosamente pela minha vez. Finalmente é a vez de mamãe. Ela põe Geak no chão e estende duas tigelas. Ela se curva a ponto de ficar mais baixa que a cozinheira e diz baixinho:

— Por favor, camarada, uma para mim e outra para minha filha de três anos.

A mulher olha sem expressão para Geak, que mal bate na altura das coxas de mamãe, e põe duas colheradas de arroz e dois peixes na tigela de mamãe e uma de cada na de Geak. Mamãe abaixa a cabeça, agradece à mulher e vai embora com a comida, seguida por Geak.

Meu estômago ronca alto quando me aproximo da mesa. Não consigo enxergar dentro da panela e minha boca saliva com o aroma de peixe e arroz. Ergo a tigela na altura dos olhos, para facilitar o trabalho da cozinheira. Não ousa olhar para ela, com medo de que ela se irrite comigo por encarar e não me dê comida. Com os olhos fixos na tigela, vejo-a despejar um pouco de arroz e um peixe inteiro no topo. Não sei como, mas consigo sussurrar:

— Obrigado, camarada.

E me vou rezando para não tropeçar e derrubar minha comida.

Sentada à sombra de uma árvore, nossa família come reunida. Embora seja mais comida do que comemos em um longo tempo, antes do anoitecer já estamos famintos de novo. Papai se dá conta de que precisaremos de mais comida e consegue que Kim trabalhe

na casa do chefe da vila como garoto de recados. Na noite seguinte, Kim volta com o que restou da comida de lá.

— O chefe falou que não tem tarefas para me dar, então me disse para ir trabalhar para os seus garotos — explica Kim. Quando perguntamos como foi o dia, Kim tenta sorrir: — eles me tratam como empregado e eu tenho que fazer um monte de coisas para eles, mas olhem o que me deram! Disseram que, de agora em diante, posso trazer a comida que sobrou para casa — nós olhamos sem acreditar no arroz e na carne que Kim põe na mesa.

— Você fez um bom trabalho, macaquinho — diz mamãe.

— Os restos deles são um banquete! Arroz branco e frango! Olhe, papai, o frango ainda tem bastante carne! — eu grito, animada, olhando para os pedaços suculentos de carne ainda presos aos ossos.

— Calada. Não queremos que os outros nos ouçam — adverte mamãe.

Famintos, meus irmãos se reúnem ao redor de papai, com as tigelas nas mãos. Um por um, papai nos dá colheradas de arroz e um osso. Quando chega a minha vez, ele me dá o pedaço de osso com mais carne, do peito. Eu vou para um canto da cabana e arranco a carne até que não sobre nada. Então roo os ossos, para sentir o gostinho e sugar o tutano. Esta noite, vou dormir de estômago cheio.

As semanas passam e logo Kim faz amizade com os filhos do chefe. Ele traz os restos de comida todas as noites. Pelas marcas vermelhas no rosto, nas bochechas e nas pernas, vê-se que Kim sofre na mão dos novos “amigos”, que cospem e batem nele. Mas, aos dez anos de idade, Kim sabe que tem que suportar a crueldade deles para alimentar sua família. A cada manhã, enquanto ele caminha na direção da casa do chefe, mamãe murmura:

— Meu pobre macaquinho, meu pobre macaquinho.

E ele está cada vez mais parecido com um macaco. Emagrecido pela desnutrição e com os cabelos pretos raspados, a testa grande

se sobressai. A pele marrom repuxada no rosto esquelético faz com que seus olhos saltem e pareçam grandes demais para a cabeça de menino. Eu baixo a cabeça enquanto ele, todo vestido de preto, desaparece, mas sou muito grata pela comida que ele traz.

Meu estômago se retorce toda vez que vejo a cara de papai quando Kim traz comida. Papai está tão magro que seu rosto já não tem o formato de lua cheia. Seu corpo macio está emaciado, e ele faz uma careta quando Geak tenta subir em seu colo. A barriga redonda que eu adorava abraçar agora é um côncavo, dá para ver as costelas. Ainda assim, ele sempre pega a menor porção dos restos de comida. Ele come com esforço, como se cada pedaço fosse difícil de engolir e manter no estômago. Quer cuspir a comida trazida pelo filho e, às vezes, olha detidamente para os hematomas recentes no rosto de Kim. Nessas horas, engole com ainda mais dificuldade. A dor visível em seu rosto me dá tanta vergonha, mas estou feliz pelo sacrifício de meu irmão. Toda noite, no meu canto escuro, cheia de vergonha e chorando baixinho, roo e chupo os ossos até que não sobre nada.

Em nosso novo lar, não temos tempo para conhecer os vizinhos, visitar os outros moradores, caminhar ou conversar com ninguém, a não ser entre nós. O contato social entre os novatos é quase nulo. Cada qual fica na sua, com medo de que, se compartilhar seus pensamentos ou sentimentos, alguém o denunciaria ao Angkar. Isso é mais frequente agora, pois denunciar delitos ao chefe é premiado com mais comida. Em alguns casos, é questão de vida ou morte.

Dada a comida trazida por Kim toda noite, nos primeiros meses nossa vida é melhor do que antes aqui. Meus pais, irmãos mais velhos e irmã trabalham nos campos de arroz enquanto os mais novos trabalham no jardim comunitário. Sinto saudades de minha família e só os vejo pouco, à noite, quando voltam exaustos dos campos depois de terem trabalhado por 12 ou 14 horas seguidas.

Três ou quatro vezes por semana, depois do jantar, os novatos frequentam reuniões de uma hora ou mais. A vila é fechada ao mundo exterior e até mesmo a outros vilarejos. Correio, telefone, rádio, jornais e televisão são banidos, então nossa única fonte de notícias é o chefe.

— Sobre o que foi a reunião de hoje, papai? — acordo e pergunto quando ele volta tarde da noite.

Ele beija minha testa e diz que foi igual a todas as outras vezes. O chefe explica aos adultos a filosofia do Angkar e os novatos escutam sentados. O chefe apregoa e louva os feitos do Angkar, a filosofia do governo para criar uma perfeita sociedade agrária, em que não haja crimes, mentiras, enganação — e nenhuma influência do Ocidente. O Angkar diz que nossa sociedade produzirá um grande excedente de arroz em dois anos. Então comeremos todo o arroz que quisermos. E só dependeremos de nós mesmos, somente assim o país se tornará dono de seu próprio destino. O chefe diz que o país passará por tempos difíceis, com escassez de comida, mas finalmente deixará de precisar da caridade de países estrangeiros. O chefe diz que, se todos trabalharmos duro para plantar arroz, logo seremos capazes de alimentar todo o país.

À noite, com medo de que nos ouçam, trocamos poucas palavras em voz baixa antes de dormir. Os soldados patrulham a área mesmo no escuro, escutam o que se fala nas casas e olham. Se ouvem ou até suspeitam de que as pessoas estejam discutindo política, especialmente o capitalismo, a família inteira desaparece. Os soldados nos dizem que a família foi para um campo de reeducação, mas todos sabemos que eles desapareceram para nunca mais.

Trabalhamos dia após dia, sete dias por semana. Em alguns meses, se o trabalho foi produtivo, eles nos dão meio dia de descanso. Nessas horas, nós, as garotas, e mamãe, vamos lavar nossas roupas num riacho próximo; mas, sem sabão, elas nunca ficam limpas de verdade.guardo esses momentos, porque considero que são especiais; é quando podemos passar tempo

juntas. Das mais ou menos quinhentas novas pessoas no vilarejo, há somente dois ou três bebês. Não entendo muito bem o que ela diz, mas entreouvi mamãe dizendo que as mulheres estão tão exaustas pelo trabalho e comem tão pouco, além de viverem apavoradas, que já não são capazes de engravidar. Quando engravidam, em geral perdem o bebê. Muitos dos recém-nascidos morrem em menos de dois dias. Papai diz que o país perderá uma geração inteira. Balançando a cabeça, ele olha para Geak.

— Os primeiros a sofrer são sempre as crianças.

Papai diz que Geak não será a próxima vítima do Khmer Vermelho porque o chefe gosta dele. O chefe deixa Kim trazer comida extra para casa e sabe que a nossa vida é mais fácil por causa disso. Papai trabalha duro e por mais tempo que todos na vila. Como tem origens humildes, conhece muitas coisas e pode atender aos pedidos do chefe. Ele é um bom carpinteiro, pedreiro e sabe trabalhar nos campos de arroz. Está sempre calado e parece até mesmo entusiasmado com o trabalho — qualidades que fazem o chefe considerá-lo um homem íntegro, que não foi corrompido. Ele escolhe papai para ser o líder dos novatos, uma posição que lhe garante um aumento na comida que recebemos.

Embora o Angkar diga que somos todos iguais no Kampuchea Democrático, não somos. Vivemos e somos tratados como escravos. O Angkar nos dá sementes e podemos plantar o que quisermos no jardim, mas tudo que plantamos não pertence a nós, e sim à comunidade. O pessoal de base come frutas e vegetais do nosso jardim, mas nós somos castigados se fizermos o mesmo. A colheita é entregue ao chefe da vila e ele a distribui entre as cinquenta famílias. Como sempre, não importa a quantidade que colhemos, todo o tempo falta comida para os novatos. Roubar comida é considerado crime hediondo e, se pego, o criminoso tem os dedos cortados em praça pública ou é forçado a cultivar uma horta perto dos campos minados. Os soldados do Khmer Vermelho plantaram essas minas e não mapearam onde estavam, então muita gente se

machuca ou morre ao atravessar essas áreas. Pessoas que trabalham nos campos minados não voltam para o vilarejo. Se perdem um braço ou uma perna, já não valem nada para o Angkar. Os soldados atiram na pessoa para terminar o trabalho. Na nova e pura sociedade agrária, não há lugar para deficientes.

O Khmer Vermelho também proibiu a religião. Kim diz que o Angkar não quer que as pessoas idolatrem nenhum deus ou deusa, porque devem idolatrar o Angkar. Os soldados destruíram os templos budistas e os locais de fé do país, para aplicar a nova lei. A área conhecida como Angkor Wat também sofreu ataques. Trata-se de um sítio religioso muito importante na história de Kampuchea.

O complexo de templos de Angkor Wat se espalha por uma área de mais de 40 quilômetros. Os templos foram construídos pelos poderosos reis khmers para se autoglorificarem. Começaram a ser levantados no século IX e só foram terminados trezentos anos mais tarde. Angkor Wat foi abandonado depois da invasão do Império do Sião, no século XV, e tomado pela selva. Ficou esquecido até que exploradores franceses o redescobriram, no século XIX. Desde então, os templos, cheios de cicatrizes de batalhas, com suas lindas estátuas, esculturas de pedra e sua multidão de torres, são considerados uma das sete maravilhas feitas pelo homem.

Eu me lembro de apertar firmemente o dedo de papai enquanto caminhávamos pelos amplos corredores em ruína. As paredes do templo são decoradas com relevos magníficos que mostram pessoas, vacas, carroças, cenas do cotidiano e de antigas batalhas. Imensos leões, tigres, serpentes de oito cabeças e elefantes de granito guardam as entradas. Ao seu lado, deuses de arenito, com oito braços, sentados de pernas cruzadas, observam os lagos dos templos. As paredes cobertas de cipó escondem belas apsarás, deusas de seios redondos vestindo saias minúsculas, que sorriem para os visitantes. Eu estendi o braço e toquei no seio de uma delas, senti como era gelada a pedra áspera e retirei a mão para cobrir a boca, que soltava risinhos.

Papai me levou a uma área do templo onde as árvores eram tão altas que pareciam atingir os céus. As raízes curvas, cheias de nós, e os cipós abraçavam as ruínas como cobras enormes, quebrando e engolindo as pedras soltas. Ele me levantou acima dos degraus para que eu visse a escura boca da caverna do templo.

— É aqui que os deuses vivem — disse ele, baixinho. — E, se você chamar, eles respondem.

Ansiosa, umedei os lábios e gritei dizendo “olá, deuses!”:

— *Chump leap sursdei, dthai pda!*

E me agarrei às pernas de papai quando eles responderam:

— *Dthai pda! dthai pda! dthai pda!*

Khouy disse que os soldados mutilaram os animais de guarda dos templos próximos e derrubaram ou atiraram nas cabeças de pedra dos deuses, enchendo seus corpos sagrados de balas. Depois que destruíram os templos, vasculharam os campos em busca de monges e os forçaram a se converter ao Angkar. Os que se recusaram foram assassinados ou mandados para os campos minados. Para escapar do extermínio, muitos monges deixaram os cabelos crescerem e se esconderam na selva. Outros cometeram suicídio em massa. Embora os monges tomassem conta dos templos, agora foram forçados a voltar para a selva. Eu me pergunto aonde foram os deuses agora que suas casas foram destruídas.

CAMPOS DE TRABALHO

Janeiro, 1976

No nosso terceiro mês em Ro Leap, as coisas começam a piorar. Os moradores da vila trabalham por horas e horas, e a comida é mais escassa. Os soldados percorrem a vila todos os dias procurando por homens jovens para recrutarem ao Exército. Se você for chamado, não tem escolha senão ir. Quem se recusa é considerado traidor e pode ser morto. Por essa razão, meus pais forçam Khouy a se casar com Laine, uma jovem de um vilarejo vizinho. Khouy, que tem somente 16 anos de idade, não quer se casar, mas papai diz que é preciso para não ser chamado para o exército do Khmer Vermelho. É menos provável que o recrutem caso saibam que ele tem uma esposa, que pode dar filhos ao Angkar. Laine também não quer se casar com meu irmão, mas seus pais também a forçam. Eles têm medo de que ela seja estuprada se ficar sozinha, como aconteceu com Davi, outra jovem da nossa vila.

Davi é a filha adolescente de um dos nossos vizinhos. Ela tem uns 16 anos de idade e é muito bonita. Apesar da guerra e da fome, seu corpo continua a se desenvolver e ela, a cada dia, se parece mais com uma mulher. Como todas nós, seus cabelos foram cortados curtos, mas, diferentemente de nós, ela tem cabelos pretos e

encaracolados. O corte lhe cai bem, emoldurando seu rosto oval. As pessoas sempre falam bem de sua pele marrom e macia, dos lábios carnudos e principalmente de seus olhos grandes e castanhos, com cílios longos.

Os pais de Davi não a deixam ir a lugar nenhum sozinha. Sua mãe a acompanha quando ela vai buscar lenha e a protege quando ela precisa ir ao banheiro. Os pais são muito protetores, puxam-na pelo braço e a levam embora quando alguém tenta falar com ela. Davi quase nunca é vista sem um lenço cobrindo a cabeça ou sem lama no rosto, para esconder sua beleza. Mas, não importa o que façam, seus pais não conseguem protegê-la dos olhares dos soldados que patrulham a vila.

Uma noite, os soldados foram até a sua casa e disseram a seus pais que precisavam de que Davi e outra amiga viessem com eles. Precisavam delas para colher milho para uma ocasião especial. A mãe de Davi começou a chorar e abraçar a filha:

— Levem a mim — implorou ela. — Davi é uma menina preguiçosa. Eu consigo trabalhar mais e muito mais rápido do que ela.

— Não! Precisamos *dela!* — responderam eles, severos. Davi chorou muito ao ouvir estas palavras e se agarrou ainda mais à mãe.

— Levem-me, por favor! — implorou o pai, de joelhos. — Eu consigo trabalhar mais do que as duas.

— Não! Não discutam conosco. Precisamos dela e ela deve cumprir seu dever para o Angkar! Ela voltará pela manhã.

Então os soldados seguraram os braços de Davi e a arrancaram do abraço trêmulo da mãe. Davi soluçava alto, implorando para que a deixassem junto da mãe, mas os soldados não lhe deram ouvidos. A mãe caiu de joelhos, as palmas das mãos juntas, e implorou que não levassem sua única filha. O pai, já de joelhos, se curvou e bateu a testa na terra, implorando também. Os soldados a levaram, enquanto Davi virava a cabeça para trás, em busca dos pais, que

estavam ajoelhados, rezando. Ela continuou assim até os perder de vista.

Os gritos e soluços angustiados dos pais de Davi ecoaram pela noite. Por que estavam fazendo aquilo com ela? Na nossa cabana, os rostos de minha família estavam sombrios, pareciam não ter esperança. Khoy e papai se puseram ao lado de Keav, que se contorcia de medo, estava pálida, imaginando o que faria se os soldados a levassem. Keav, que tem 14 anos, quase da mesma idade de Davi, estava sentada, muito ofegante. Abraçava os joelhos e olhava para o nada, com os olhos marejados. Ao ouvir seus soluços, mamãe deixou Geak com Chou, veio até Keav e a abraçou com força. Sem dizer nada, todos voltamos aos nossos lugares e tentamos dormir. Tremendo, fui até Chou, tomei sua mão molhada, deitei e fiquei olhando para o teto. Nessa noite escura, nós tentamos dormir, mas não conseguimos, pois a mãe de Davi uivava como uma mãe loba que perdeu seu filhote.

Os soldados cumpriram sua palavra e trouxeram Davi de volta pela manhã. Mas a menina que havia saído na noite passada não era a mesma que retornou na manhã seguinte. Parada na frente da cabana, Davi tinha os cabelos desgrenhados, o rosto inchado, ombros caídos, as mãos ao lado do corpo como pesos mortos. Não conseguia olhar para os pais. Sem dizer nada, ela entrou na cabana. Os pais abriram caminho para ela e também entraram. A cabana deles, desde então, caiu em silêncio.

Dias depois de a levarem, os hematomas em seu rosto ficaram muito roxos e aos poucos foram desaparecendo. Mas, para Davi, eles estariam para sempre lá. Às vezes, eu a vejo na fila da comida, mas ela já não fala com ninguém. Seu corpo caminha como se não tivesse vida, a cabeça sempre baixa. Ninguém fala sobre o que aconteceu naquela noite e nunca ninguém lhe perguntou o que aconteceu — nem os pais, nem ninguém da vila. Sempre que a vejo, saio de seu caminho. Se há um grupo de pessoas, todas se calam quando ela passa perto.

À medida que passam os dias, mais e mais gente passa a tratar Davi como se ela fosse invisível. Às vezes, vejo em seus olhos que ela está observando os moradores da vila, quando ela fica na praça depois que a multidão já se foi. Outras vezes, ela anda com firmeza e se imiscui num grupo de pessoas, como se as desafiasse a dizer algo, mas não o fazem. Olham para os pés, fingem tossir, desviam o olhar e vão embora. Em geral, Keav tenta se aproximar de Davi, mas fecha as mãos em punho e volta para nós.

Os soldados não fizeram isso só com Davi. Eles vêm em muitas noites e pegam muitas outras garotas. Algumas voltam na manhã seguinte, mas muitas não retornam. Às vezes, os soldados voltam com a menina e dizem aos pais que os dois se casaram. É o dever dela, dizem eles, casar-se com soldados e dar filhos ao Angkar. Muitas das garotas forçadas a virarem esposas dos soldados nunca mais são vistas. Dizem que sofrem demais nas mãos dos "maridos". É comum ouvir os soldados dizerem que as mulheres têm um dever a cumprir com o Angkar, ou seja, seu dever é fazer o que nasceram para fazer: ter filhos para o Angkar. Se não cumprirem seu dever, são inúteis e, portanto, dispensáveis. Melhor, então, que morram, assim sobrarão mais comida para aqueles que realmente contribuem para a reconstrução do país. Não há nada que os pais possam fazer para que os sequestros de meninas cessem, porque os soldados são todo-poderosos. Eles têm o poder de juiz, júri, polícia e exército. Eles têm rifles. Muitas meninas decidem escapar de seus agressores e se matam.

Para impedir que Khouy fosse convocado para o Exército e evitar Laine ser estuprada pelos soldados, os dois se casam rapidamente em uma cerimônia secreta, com a bênção dos pais de ambos. Depois de casados, Laine e Khouy vão morar no campo de trabalho ao qual foram designados. Papai não tem medo de que os soldados do Khmer Vermelho convoquem Meng, porque este é fisicamente fraco, então papai deixa que ele permaneça solteiro. No entanto, os soldados dizem que Meng já é muito velho para morar com os pais,

tem 18 anos de idade, então o mandam também para o campo, junto com Khouy e Laine.

Os campos de trabalho são diferentes do nosso vilarejo. Lá vivem somente homens com suas esposas ou jovens solteiros. Trabalham desembarcando e embarcando carga em caminhões. Khouy nos conta que os caminhões levam arroz e trazem armas e munição. Como o trabalho é muito duro, eles recebem comida mais do que o suficiente. Meus irmãos salgam o que resta e trazem para nós quando vêm visitar. No começo, Meng e Khouy podiam nos visitar de duas em duas semanas, mas os soldados começam a forçá-los a trabalhar mais, e agora eles só retornam a Lo Reap a cada três meses.

Quando meus irmãos vêm nos visitar, a nova esposa de Khouy, Laine, fica no campo, pois não tem família em nossa vila. Por isso, não conheço muito bem minha cunhada. Só a vi uma vez, na cerimônia de casamento, e achei que ela é muito bonita, embora estivesse chorando. Durante suas visitas, Khouy não fala muito sobre a esposa, somente que está viva e bem. Está claro até para mim que é um casamento de conveniência, não por amor.

Às vezes, eu olho para meu irmão, sentado do outro lado da sala, e tento encontrar aquele lutador de artes marciais que ficava pulando em casa e me fazia rir. Mas aquele menino se foi. Em Phnom Penh, ele não andava de um lugar para outro, simplesmente, ele deslizava, parando no caminho para falar com amigos e meninas bonitas. Aonde ele fosse havia sempre uma multidão ao seu redor.

Khouy e papai estão sentados em nossa cabana, e meu irmão fala incessantemente. Está sentado com as costas viradas para a parede, como se tivesse medo de se recostar. Com as pernas cruzadas e as mãos espalmadas no chão, está preparado para se levantar de um pulo, a qualquer momento. Ainda é forte, mas a energia e a autoconfiança que atraíam as garotas se foram. Aos 16, ele já é velho, duro e solitário. Mesmo em nossa companhia, nunca retira a máscara de coragem que pôs no rosto.

Enquanto Khouy disfarça e se faz de corajoso, o rosto de Meng nunca nos escondeu nada. A voz de Meng treme e falha quando fala com papai e mamãe e tenta assegurar a eles que tudo vai bem no campo. Diferentemente de Khouy, cujo corpo ganhou músculos com o trabalho, Meng está magro e fraco. Ele se senta escorado nas paredes de bambu e cada palavra que diz parece lhe custar muito, pois está sempre sem fôlego. Quando olha para nós, seus olhos se demoram em nossos rostos, como se quisesse guardar cada detalhe, para não esquecer. Sob seu olhar, eu me sinto desconfortável, mudo de posição e escapo, confusa ao receber tanto amor de meu irmão enquanto tudo ao redor é ódio.

Alguns meses depois que Khouy e Meng partiram, há rumores de que os *youn*, ou seja, os vietnamitas, tentaram invadir o Camboja e que o Khmer Vermelho estava recrutando muitos adolescentes, meninos e meninas. Um dia, três soldados vieram à vila e disseram aos novatos reunidos na praça que o Angkar precisa de cada adolescente do vilarejo. Tanto garotos quanto garotas devem partir amanhã mesmo para Kong Chalat, um campo de trabalho para adolescentes. Ao ouvir a notícia, os olhos de Keav se enchem de lágrimas e ela corre para mamãe.

— Todos devem reverenciar e se sacrificar pelo Angkar! — gritam os soldados. — Qualquer um que se recusar a acatar a ordem é um inimigo e será destruído! Qualquer um que questionar o Angkar será enviado para um campo de reeducação!

Mamãe e Keav olham uma para outra e se abraçam. Papai vira a cabeça em silêncio e toma Geak dos braços de Chou.

Pela manhã, mamãe arrumou o uniforme preto de Keav numa trouxa com o lenço vermelho. Keav está sentada ao lado de mamãe, as duas de mãos dadas. Sem dizer nada, caminhamos até a praça da cidade, onde os outros adolescentes e suas famílias já estão reunidos. Os adolescentes têm lágrimas nos olhos, assim como seus

pais. Keav e mamãe se abraçam tão forte e por tanto tempo que os nós de seus dedos ficam brancos. Em alguns minutos, os soldados aparecem e levam as crianças embora enquanto olhamos em desespero, mas calados.

Parece que um animal arrancou meu coração com suas garras. Tento sorrir para minha irmã, para ela levar consigo uma imagem boa, de esperança. Ela é a primeira filha de papai e agora, aos 14, terá que aprender a sobreviver sozinha.

— Não se preocupe, papai, vai ficar tudo bem. Vou sobreviver — diz ela e vai embora, acenando. Com sua camisa preta, que desce até as coxas, e calças esfarrapadas, ela parece muito menor que os demais.

Eu me lembro dela em Phnom Penh, Keav era a garota mais bonita do quarteirão, mamãe dizia que ela poderia escolher quem quisesse para se casar. Todo mês, Keav ia com mamãe a um salão de beleza para pintar as unhas e fazer o cabelo. Eu costumava vê-la preocupada com o uniforme da escola, passando e repassando a saia azul plissada, para que ficasse perfeita, assim como as camisas brancas, que jamais estavam amarrotadas, pareciam sempre novinhas em folha. Agora a alegria da beleza já não faz parte de sua vida. Seus cabelos começaram a rarear, e umas poucas mechas oleosas são visíveis sob o lenço branco e vermelho. Ela parece ter uns dez anos de idade, não 14. Segue os soldados, com outros vinte meninos e meninas, sem nunca se virar para olhar para nós. Chou e eu a observamos cada vez mais distante até desaparecer e me pergunto se um dia a veremos de novo.

Do outro lado do vilarejo, crianças de base correm para casa. Não há portões, mas existe uma linha invisível que separa a vila em duas metades. Os novatos sabem que não devem cruzar essa fronteira. Ocasionalmente os homens de base vêm até o nosso lado para espiar os novatos e inspecionar seu trabalho. Algumas crianças de base que ainda não foram para casa nos observam com o cenho franzido. Raramente as vemos ou as reconhecemos como indivíduos.

Não sei nem quantas crianças de base vivem na vila. Seus uniformes pretos são novos e seus corpos são fortes, as caras são redondas e gordinhas. Eu semicerro meus olhos com inveja e ódio.

— É bom para a família estar separados — diz papai baixinho e se vai para o trabalho. Mamãe não diz nada, segue olhando na direção de Keav, que já se foi.

— Por que ela teve que ir embora? Por que papai não pediu ao chefe para ela ficar? — pergunto a Kim, quando nossos pais não estão.

— O pai tem medo de que descubram quem ele é realmente. Os soldados do Khmer Vermelho machucariam a família inteira se descobrissem que ele trabalhou para o governo de Lon Nol. Se estivermos separados e eles descobrirem, não vão conseguir pegar todos nós.

Nunca consigo entender como papai sabe das coisas, mas ele *sempre* sabe e nos mantém informados, para que nós não nos descuidemos.

— Papai, eles vão nos matar? — pergunto a ele à noite. — Ouvi os outros novatos na praça dizendo que os soldados do Khmer Vermelho estão matando não só quem trabalhou para o governo de Lon Nol, mas também qualquer um que tenha formação escolar. E nós temos, eles vão nos matar também? — meu coração dispara quando faço essa pergunta. Papai assente com a cabeça, desolado. Por isso ele nos pediu para agir como se não soubéssemos nada e nunca falar sobre nossa vida na cidade.

Papai acha que a guerra vai durar muito, e isso o faz se sentir triste pelo mero fato de estar vivo. Todo dia, ouvimos histórias de famílias que não veem fim para o terror e cometem suicídio. Vivemos com medo de sermos descobertos a qualquer momento. Meu estômago se revira de náusea ao pensar na morte. Mas não sei como continuar vivendo triste assim.

Uma lembrança dolorosa que tenho é a de quando mamãe me bateu porque eu quebrei seus pratos de porcelana chinesa. Eu sentia

tanta raiva quando ela gritava comigo porque eu pulava nos móveis, ou porque brigava com Chou, ou quando eu tentava roubar doces da cristaleira. Naquele tempo, eu era uma criança de cinco anos acostumada a ter todas as coisas do mundo, era mimada. Saía correndo pelo apartamento, dando chilique. Aí me jogava na cama e chorava, pensava que era melhor estar morta. Queria que ela sofresse pelo que tinha feito comigo. Queria que ela sentisse culpa pela minha morte, que a dor de ter forçado uma filha ao suicídio a remoesse. Lá do céu, eu olharia satisfeita para o desespero de mamãe. Seria minha vingança. Acima das nuvens, eu olharia para seu rosto inchado e amargurado e, só quando eu tivesse certeza de que ela se arrependera, voltaria para perdoá-la. Agora eu sei que, quando você morre, não volta quando quiser à vida. A morte é permanente.

Para lutarem contra a morte, os novatos trabalham duro plantando arroz e vegetais. Mas parece que, quanto mais plantamos, menos comida recebemos no racionamento. Quanto mais trabalhamos, mais magros e famintos ficamos. Ainda assim, continuamos plantando e colhendo enquanto os caminhões vêm e vão embora com nossa colheita, para alimentar a guerra. Ao passo que papai e mamãe ajudam no esforço de guerra, Kim volta para casa todas as noites de seu trabalho na casa do chefe cheio de hematomas e machucados de sua guerra particular. Entrega as sobras de comida a papai enquanto fala alto sobre seu dia e mamãe toca seus hematomas, sussurrando suavemente:

— Obrigada, meu macaquinho.

Sem dizer nada, papai pega a comida e distribui entre nós.

Uma noite, quando estava sentada com Chou na frente de casa, vejo a figura de Kim andando lentamente em nossa direção. Acima dele, nuvens raivosas cobrem o céu, então não há estrelas para guiá-lo no caminho de casa. Ele traz na mão os restos de comida enrolados em seu *kromar*, e meu estômago palpita feliz de antecipação. Quando se aproxima um pouco mais, vejo que seus

ombros estão caídos e ele se arrasta como se estivesse andando na lama.

— O que foi, Kim? Algo errado? — pergunta Chou. Kim não responde. Ele entra sem dizer nada na cabana enquanto nós o seguimos.

No escuro, Kim vai até papai, ajoelha à sua frente e baixa a cabeça. Diz com a voz trêmula:

— Pai, o chefe me disse para não voltar mais à casa dele.

Papai está quieto e respira calmamente.

— Desculpe, pai — diz Kim. — Desculpe-me, papai — repete, suas palavras flutuam no ar. Ouvindo seu desespero, mamãe põe Geak no chão e engatinha até Kim. Abraça-o e põe sua cabeça em seu busto.

— Obrigada, macaquinho — ela sussurra em seus cabelos, acariciando suas costas.

Lá fora, o vento sopra forte agora, tentando dissipar sem sucesso as nuvens. As estrelas ainda se escondem de nós. Chou e eu buscamos a mão uma da outra e nos abraçamos para afugentar o frio. Desde o dia em que chegamos a Ro Leap, cinco meses atrás, o suprimento constante de comida extra vinda da casa do chefe evitou que morrêssemos de fome. Agora vamos voltar a dormir com fome. Depois do que parece um longo silêncio, papai diz que vamos superar isso de alguma forma.

No dia seguinte, entre as fileiras de pimentas vermelhas, tomates, abóboras e pepinos maduros, pensei em Keav. É março, faz um mês desde que ela se foi. Keav adora sementes de abóbora e as comia fazendo muito barulho no cinema. Pensar nela faz com que eu sinta o sol queimando mais forte na pele e meus poros secretam ainda mais suor, empapando minhas roupas.

Ao meu lado, Kim seca a própria testa e continua trabalhando em silêncio. Nosso trabalho é encher os cestos e entregá-los aos cozinheiros na cozinha comunitária. Meus dedos vão colhendo os feijões verdes e minha boca saliva. Sinto os pelinhos de feijão entre

o polegar e os outros dedos, tenho vontade de botá-lo na boca sem que ninguém perceba, mas, em vez disso, o atiro no cesto.

— Estou com fome — digo a meu irmão.

— Não coma os vegetais. Se o chefe descobrir, vai bater em você.

Obedeço à ordem e continuo a trabalhar, parando às vezes para espiar meu irmão. Em Phnom Penh, quando papai levava as filhas à piscina aos domingos, Kim costumava ir ao cinema da nossa rua. Quando voltávamos, éramos recebidos na porta por Bruce Lee, o Deus Chinês, o Rei Macaco ou outros mestres do kung fu, como o Discípulo Bêbado, o Garra de Dragão ou o Monge Shaolin. Kim passava o dia inteiro no personagem, pulando, girando, socando e chutando o ar em minha direção ou na de Chou, quando estávamos por perto.

Com a lembrança do macaquinho de Phnom Penh na cabeça, desvio o rosto. Gostaria que Kim voltasse a trabalhar na casa do chefe para trazer os restos de comida de novo, mas o chefe não quer mais que ele trabalhe lá. Não deram explicação a ele nem a papai, ninguém sabe por que ele foi expulso. Papai suspeita, porém, que tenha algo a ver com um sujeito chamado Pol Pot. Ultimamente o pessoal de base tem sussurrado bastante esse nome, como se fossem palavras mágicas. Ninguém sabe de onde ele vem, quem ou como ele é. Alguns dizem que ele é o líder do Angkar; outros dizem que o Angkar é liderado por um grande grupo de homens. Se foi Pol Pot que deu a ordem de mandar mais soldados para as vilas, a mudança causou um desequilíbrio na balança de poder. No início, o chefe da vila concentrava todo o poder e governava o vilarejo com a ajuda de seus soldados. Agora que os soldados se multiplicaram, eles têm muito mais poder. O chefe se tornou uma espécie de gerente.

— Kim, por que os soldados levam toda a comida? — pergunto.

— Quando o Angkar formou exércitos, não havia dinheiro suficiente para comprar armas e suprimentos para os soldados. Então o Angkar teve que pedir dinheiro emprestado à China para

comprá-los. Agora tem que pagar a dívida — explica ele, sem parar de colher os vegetais.

— Mas, se a China está ajudando o Angkar com dinheiro, por que os soldados odeiam tanto os chineses como nós? As outras crianças me odeiam por causa de minha pele mais clara. Elas dizem que eu tenho sangue chinês — sussurro para ele. Kim se levanta e vê que as crianças não conseguem nos ouvir.

— Não sei. Não devemos falar sobre isso. O Angkar odeia todos os estrangeiros, especialmente os *youn*. Talvez os camponeses nem saibam a diferença entre *youn* e chineses, pois todos temos pele clara. Para quem nunca saiu da vila, todos os asiáticos de pele clara são parecidos.

À noite, papai diz a Kim que o Angkar quer expulsar todos os estrangeiros. Quer que o Kampuchea Democrático retome sua antiga glória. Quer voltar ao tempo em que o Kampuchea era um império enorme, com territórios que se estendiam por parte da Tailândia, de Laos e do que hoje é o Vietnã do Sul. O Angkar diz que só conseguiremos alcançar esse objetivo se não formos dominados por ninguém.

Não me importa por que nem como o Angkar quer reformar o Camboja. Tudo o que sei é que meu estômago dói de fome.

ANO-NOVO

Abril, 1976

É abril novamente e logo virá o ano novo. Daí, em breve, terei seis anos de idade, mas ainda sou baixinha, chego só até a cintura de papai. Mamãe está preocupada com meu crescimento, tem medo de eu ficar desta altura para sempre. Meus pais temem que a desnutrição cause problemas de crescimento e que eu nunca fique grande como eles. Não me olho no espelho desde que saímos da cidade. Às vezes, tento ver meu reflexo na água de um lago, mas a água está sempre suja. A imagem distorcida de uma criança que me olha de volta parece oca e indistinta, nada como a garotinha de Phnom Penh a quem os vizinhos chamavam “feinha”.

No Kampuchea do Khmer Vermelho não há celebrações de Ano-Novo nem outro feriado. São proibidos. Ainda assim, eu lembro e relembro a festa de Ano-Novo que fizemos em Phnom Penh. O Ano-Novo é o maior e mais importante feriado do Camboja. Durante três dias, lojas, empresas, escolas e restaurantes ficam fechados. Não há nada a fazer, a não ser aproveitar a comida e as celebrações. Todo dia há festas nas casas dos amigos. Nessas reuniões, há sempre muita comida: porco assado, pato, carne de boi, bolinhos doces e docinhos maravilhosos. Minha parte favorita é a hora em que os pais

levam seus filhos de mesa em mesa, ou de amigo em amigo, para receber dinheiro. As crianças não recebem presentes no Ano-Novo, mas sim dinheiro, notas novinhas em pacotinhos vermelhos muito bonitos. Claro, nada disso importa agora; eu só penso em comer.

Sonhar com comida faz meu estômago roncar dolorosamente. Daria qualquer coisa para comer agora mesmo um bolo ou uma coxa de pato assado. Minha boca se enche de saliva só de pensar, e uma onda de tristeza me invade. Sei que não importa o quanto eu sonhe, estou só desejando o impossível. Espero que mamãe e papai não saibam o que nós, crianças, pensamos. Eles querem que esqueçamos o passado para sobrevivermos no presente. Não adianta pensar em comida sabendo que não vamos comer. Mas é difícil pensar em qualquer outra coisa. A fome está roendo minha sanidade.

Muitos no vilarejo arriscam a vida roubando milho dos campos vizinhos. Vejo que eles comem escondidos, pois se viram ou ocultam a comida quando eu passo perto. Queria perguntar se eles me dariam um pouco, mas sei que é inútil, porque assim eles teriam que confessar seus crimes. Por mais que eu queira roubar também, não tenho coragem. Parece que foi há muito, muito tempo que eu vivia em Phnom Penh e era uma garotinha mimada. As crianças roubavam de mim e eu não me importava. Eu podia ser roubada, porque não passaria fome, mas mesmo assim eu as julgava como criminosas. Achava que ladrões eram uma praga inútil, preguiçosos demais para trabalhar e comprar o que quisessem. Agora sei que roubavam para sobreviver.

Na noite de Ano-Novo, tenho o meu maior sonho e meu pior pesadelo. Estou sozinha, sentada a uma mesa longa. A mesa está coberta com minhas comidas favoritas em todo o mundo. Comida até não poder mais! Porco assado, vermelhinho e crocante; patos com a pele tostadinha; bolinhos quentes; gordos camarões fritos e todo tipo de bolo doce! Tudo parece tão real, sinto até o gosto, não parece um sonho. Coloco tudo na boca de uma só vez, lambo os

dedos, mas, quanto mais eu como, mais sinto fome. Como ansiosamente, com um senso de urgência, com medo de que os soldados do Khmer Vermelho apareçam e me roubem tudo. Não quero dividir a comida com ninguém, nem com minha família. De manhã, acordo deprimida e me sentindo culpada. Acordo com vontade de gritar, brigar com Geak e bater em Chou, porque não sei o que fazer com meu desespero. As dores da fome nunca me abandonam, nunca vão embora. Sinto muita dor no estômago. E sinto culpa, porque no sonho eu como toda a comida e a escondo até de Geak.

Não há minuto que passe sem meu estômago roncar como se estivesse devorando a si próprio. O racionamento de comida foi reduzido a tal ponto que agora os cozinheiros recebem somente uma lata de 300 gramas para dez pessoas. Meus irmãos recebem tão pouca comida que quase não trazem sobras para nós. Eles tentam nos visitar com mais frequência, mas não têm tempo, porque os soldados os forçam a trabalhar muito.

Os cozinheiros ainda fazem sopa de arroz em panelas grandes e a distribuem aos moradores. Na hora das refeições, minha família se junta às demais na fila, todos com suas tigelas nas mãos, para receber sua parte. Quando é a minha vez, observo ansiosa a colher que mexe a sopa na panela. Torço para que a cozinheira sinta pena de mim e busque lá no fundo da panela a comida mais sólida. Eu solto um suspiro de desesperança ao vê-la com a concha na mão. Com as duas mãos firmes na minha tigela, aceito minhas duas colheradas de sopa e vou buscar uma sombra de árvore, longe de todos.

Nunca como minha sopa de uma vez só e não quero que minha própria família a tire de mim. Fico sentada à sombra, saboreando cada colherada. Primeiro bebo o caldo, e o que resta no fundo da tigela são três colheradas de arroz. Ou seja, tenho que aproveitar ao máximo. Como o arroz muito lentamente. Se eu deixar cair um grão que seja, eu o pego do chão e ponho na boca. Só amanhã terei

outra refeição dessas. Ao final, eu me sinto triste: olho para o fundo da tigela com os oito grãos que sobraram e meu coração chora. Oito grãos! Tudo o que tenho! Coloco um por um na boca, mastigo, tentando sentir profundamente seu sabor. Não quero engolir. As lágrimas se misturam à comida na boca. Quando o arroz acaba e vejo que as outras pessoas ainda estão comendo, parece que meu coração despenca e vai parar no estômago.

A população da vila está diminuindo a cada dia. Muitos morreram, a maioria de fome, alguns por comer coisas venenosas, outros assassinados pelos soldados. Minha família está lentamente morrendo de fome, e mesmo assim, a cada dia, o governo diminui um pouco mais a quantidade de comida que recebemos. Fome, a fome nos acompanha constantemente. Comemos tudo que era comestível: de folhas podres a raízes que nós mesmos desenterramos. Os ratos, tartarugas e cobras que pegamos com nossas armadilhas são cozidos e nada se perde: comemos o cérebro, a cauda, o couro e bebemos o sangue. Quando não conseguimos pegar nenhum animal maior, vamos até o campo em busca de gafanhotos, grilos e besouros.

Em Phnom Penh, eu vomitaria se alguém me dissesse que eu teria que comer essas coisas. Agora é isso ou morrer de fome. Brigo com qualquer pessoa por um animal morto na estrada. Sobreviver por mais um dia se tornou a coisa mais importante para mim. Acho que a única coisa que não comi foi carne humana. Ouvi muitas histórias de gente que comeu carne humana em outros vilarejos. Ouvi dizer que uma mulher numa vila vizinha virou canibal. Dizem que era uma mulher boa, não o monstro que os soldados dizem que ela é. Ela estava tão faminta que, quando seu marido morreu depois de ingerir algo venenoso, ela comeu sua carne e alimentou seus filhos com isso. O que ela não sabia era que o veneno no sangue do marido também mataria a ela, assim como a seus filhos.

Certa vez, um homem de nossa vila encontrou um cão vadio na estrada. O cão era magro, pobrezinho, mas o homem o matou e o

comeu do mesmo jeito. No dia seguinte, os soldados apareceram em sua porta. Ele chorou e implorou por misericórdia, mas eles não lhe deram ouvidos. Tentou se defender com os braços dos socos e coronhadas, mas de nada adiantou. Nunca mais o vimos depois que os soldados o levaram embora. Seu crime: não compartilhou a carne do cachorro com a comunidade.

Sinto pena desse homem, pois eu teria feito o mesmo, até com o meu cachorro. Em Phnom Penh, tínhamos um filhotinho muito amável, que tinha o nariz sempre úmido. Era pequenino, com o pelo longo, e se arrastava pelo chão. O cachorro adorava se esconder debaixo das pilhas de roupa ou sob os tapetes orientais que tínhamos em casa. Nossa empregada era bem gorda e não sabia que o cachorro gostava de se esconder. Foi terrível quando ela pisou nele sem querer e o matou. Papai levou o corpo embora antes que nós meninas o víssemos. Eu me sinto culpada, mas hoje sei que o comeria se estivesse vivo.

Pensar em comida faz meu estômago roncar de fome. Papai me diz que hoje é Ano-Novo. Embora meus pés doam, decido dar uma volta pelos campos. O chefe permitiu que eu ficasse em casa, porque estou doente. Depois de algumas horas deitada na cabana, meu estômago exige que eu saia em busca de comida. Vasculho o chão procurando algo de comer. Faz muito calor e o sol queima meus cabelos e chega até o couro cabeludo, que está sempre oleoso. Passo as mãos nos cabelos procurando os piolhos que produzem uma coceira terrível. Sem xampu ou sabonete, é uma batalha me manter limpa. Meus cabelos ficam muito embaraçados e oleosos, um terreno fértil para os piolhos, que não consigo matar. Paro à sombra de uma árvore para descansar.

Em Phnom Penh, eu corria muito pela casa, entre os móveis, sem nunca me machucar em suas quinas. Mesmo durante a semana, eu só ia dormir tarde. Agora estou sempre cansada. A fome destruiu meu corpo, que, depois de um mês sem ter o suficiente para comer, emagreceu muito, tirando os pés e a barriga. Dá para enxergar

claramente minhas costelas, mas a barriga está enorme como um balão entre a cintura e o peito. Meus pés estão tão inchados que brilham, como se fossem estourar. Por curiosidade, empurro a pele do pé com o polegar, criando um buraco. Conto em voz baixa quantos segundos leva para a pele voltar ao normal. Depois de um tempo, começo a apertar a pele dos braços, das pernas e do rosto. Meu corpo parece um balão. Os buracos que faço com os dedos inflam aos poucos. Até andar é difícil, porque minhas articulações doem muito quando me mexo. Quando me movo, enxergar aonde estou indo é um desafio, porque meus olhos estão tão inchados que quase não consigo abri-los. Quando posso enxergar bem o suficiente para andar, meus pulmões tentam puxar o ar e não conseguem. Sem fôlego, mal consigo me equilibrar em pé. Na maioria dos dias, não tenho energia nem vontade de me levantar da cama, mas preciso caminhar em busca de comida.

Devagar caminho até a floresta escura atrás da vila. Os soldados ateam fogo à floresta algumas vezes por ano, para abrir mais espaço para plantar. Não sei por que fazem isso se nós não temos forças nem para trabalhar na terra que já está arada. Esta parte da floresta acabou de ser queimada e o chão ainda está quente e soltando fumaça. Procuo animais no chão, talvez passarinhos que tenham morrido no incêndio, comida já cozida. No mês passado, em outro terreno queimado pelo Khmer Vermelho para abrir espaço para novas fazendas, encontrei um tatu-bola com a carapaça queimada e crocante. Foi um trabalho desenrolar o bicho para chegar até a carne assada saborosa. Hoje não tenho essa sorte.

Muito tempo atrás, papai me disse que abril é um mês que traz sorte. Na cultura do Camboja, o Ano-Novo sempre cai em abril, o que significa que todas as crianças nascidas antes do novo ano se tornam um ano mais velhas. No calendário cambojano, Kim agora tem 11 anos de idade, Chou tem nove, eu tenho seis e Geak, quatro. No Camboja, ninguém comemora os aniversários no dia em que nasceu até fazer 15 anos de idade. Então as famílias e os amigos se

reúnem para um banquete suntuoso para celebrar a longevidade da pessoa. Papai me disse que, em outros países, as pessoas só ficam um ano mais velhas no exato dia em que nasceram. Nesse dia, os amigos e familiares fazem festas e dão presentes.

— Até para as crianças? — pergunto, incrédula.

— Especialmente para as crianças. As crianças ganham um bolo enorme só para elas.

Meu estômago ronca ao pensar em ter um bolo inteiro só para mim. Pego um pedaço de carvão do chão, hesito, mas o levo até a boca e mastigo. Não tem gosto de nada, só é meio arenoso e salgado. Fiz seis anos e, em vez de celebrar com bolo, estou mastigando um pedaço de carvão. Pego mais alguns pedaços e os guardo no bolso, para comer depois. Vou para casa.

Andando pela vila, sinto o fedor de carne podre e dejetos humanos no ar. Muitos moradores estão adoecendo. A fome é generalizada e o ambiente, insalubre. Eles ficam deitados nas cabanas, famílias inteiras, sem conseguir se mover. Faces côncavas lembram caveiras, os rostos que terão após a carne apodrecer. Outros rostos estão inchados, com aspecto de cera, parecendo um Buda gordo, mas a diferença é que eles não sorriem. Seus braços e pernas não passam de ossos com dedos descarnados nas pontas. Esses indivíduos ficam jogados ali, como se já não pertencessem a este mundo, sem energia sequer para espantar as moscas que pousam em seus rostos. Às vezes, seus membros tremem involuntariamente e nos damos conta de que estão vivos. Porém não há nada que possamos fazer por eles, só deixá-los em paz até que morram.

Minha família não está muito diferente deles. Imagino como papai e mamãe me veem, deve ser de partir o coração. Talvez seja por isso que os olhos do papai ficam embaçados quando ele olha para nós. À medida que me aproximo de casa, o fedor e o calor me assaltam, causando uma dor de cabeça terrível. A dor nos pés sobe ao estômago. O sol não tem misericórdia, queima o óleo sobre

minha pele, mesmo através do uniforme preto. Viro o rosto para o sol, forçando-me a olhar diretamente para ele. Seus raios machucam meu olho, fico cega por uns momentos.

Abril vira maio, maio vira junho, as folhas secam, as árvores ficam marrons e os riachos desaparecem. Sob o forte sol de verão, o fedor da morte é tanto que cubro a boca e o nariz com a mão, respirando só o ar filtrado por meus dedos. Há tantos mortos na vila. Os vizinhos estão fracos demais para enterrar os corpos. Os cadáveres às vezes ficam jogados ao sol até que o cheiro comece a contaminar o ar, fazendo com que todos passem tapando o nariz. As moscas tomam conta dos cadáveres e põem milhões de ovos na carne em decomposição. Quando finalmente os enterram, não há nada além de um grande ninho de vermes.

Por falta do que fazer, quando estou doente demais para trabalhar no jardim, fico observando os moradores se desfazendo dos cadáveres. Vejo as covas sendo cavadas abaixo da cabana onde o morto vivia e as caretas que fazem ao empurrar o corpo para dentro do buraco. Quando uma família inteira morre, todos os seus membros são enterrados em uma só cova. Houve um tempo em que essas cenas me horrorizavam, mas vi esse mesmo ritual tantas vezes que hoje não sinto nada. As pessoas que morrem aqui não têm uma família que chore por elas. Tenho certeza de que meus tios também não sabem onde estamos.

Uma das nossas vizinhas aqui é uma viúva, Chong, com três filhos: Peu e Srei são duas meninas, de cinco e seis anos de idade, e ela tinha um menino de cerca de dois anos. Seu marido foi morto pelos soldados. O bebê foi a última vítima da fome na vila. Eu o vi antes de morrer: o corpo todo inchado, como o meu, e a pele pálida parecendo borracha. Chong o levava nos braços a toda parte. Às vezes, levava-o nas costas, num pano amarrado diagonalmente, que deixava suas perninhas sem vida pendendo no ar. Uma vez, na nossa casa, ela tentou dar o peito a ele, mas nada saía. Seus seios estavam secos, eram sacos vazios pendurados no corpo, mas,

mesmo assim, cheia de amor, ela aproximava os mamilos da boca do filho, que nunca reagia. Ele ficava jogado nos braços da mãe, como se estivesse em coma. De tempos em tempos, ele movia os dedinhos ou sacudia um pouco a cabeça para nos dizer que ainda estava vivo, mas todo o mundo sabia que não ia sobreviver por muito tempo. Não havia nada que poderíamos fazer por ele. O bebê precisava de comida, mas nós não tínhamos o que dar. Na nossa casa, Chong segurava seu filho e falava com ele como se não estivesse morrendo, só dormindo. Ele morreu no sono, calado, alguns dias depois dessa visita. A mãe continuou a carregá-lo pela vila, como se ainda estivesse vivo, até que o chefe o arrancou de seus braços e mandou enterrá-lo.

Chong e suas duas filhas pioraram depois da morte do menino. Poucos dias depois do falecimento, as duas meninas decidiram ir até a floresta procurar comida. Estavam tão famintas que comeram cogumelos que, como se descobriu depois, eram venenosos. As duas morreram e, após sua morte, Chong veio correndo até nossa cabana:

— Elas estavam tremendo! Pediam ajuda o tempo todo, mas eu não podia fazer nada! Choravam, choravam muito! Nem sabem o que lhes aconteceu!

Mamãe abraçou Chong, que caiu de joelhos.

— Elas estão descansando agora. Não se preocupe, elas foram dormir — diz mamãe, com a amiga nos braços.

— Elas ficaram pálidas, os pelos do corpo se eriçaram todos e sangue começou a brotar dos poros de minhas filhinhas! Minhas filhinhas tremiam e choravam, me pediam ajuda, pediam para eu fazer a dor parar. Eu não pude fazer nada. Elas rolavam no chão gritando de dor, pedindo para eu fazer aquilo parar. Eu tentei abraçá-las, mas não tive forças. Eu vi minhas filhas morrerem! Eu as vi morrer! Elas morreram gritando por mim, mas eu não pude ajudar — Chong soluça incontrolavelmente, deita-se no chão e põe a cabeça no colo de mamãe.

— Não há nada que possamos fazer agora. Elas estão descansando — diz mamãe, acariciando o braço de Chong, tentando aplacar sua dor. Mas ninguém conseguiria acalmá-la; a dor a faz uivar, ela põe a mão no peito, por dentro da camisa, como se quisesse massagear o coração e exorcizar a dor que o dilacera.

Mamãe e eu assistimos ao enterro das duas meninas perto de sua casa. Não consigo enxergar os cadáveres, porém mais cedo dois moradores carregaram duas trouxas de pano preto para fora da cabana. As trouxas eram tão pequenas que me custa acreditar que um dia foram as duas meninas que eu conheci. Eu me pergunto se o Angkar se importa com a morte delas. Lembro que, quando chegamos a Ro Leap, o chefe da vila nos disse que o Angkar tomaria conta de nós e nos daria tudo o que fosse necessário. Pelo visto, o Angkar não compreende que comer é uma necessidade humana.

Olho para Geak, que está sentada à sombra de uma árvore com Chou, longe do enterro. Ela é tão pequena e fraca. A falta de comida a fez perder grande parte dos belos cabelos, que agora cobrem algumas áreas da cabeça, somente. Como se sentindo meu olhar, ela se vira para mim e acena. “Minha pobre irmãzinha”, penso, “quando será a sua vez de ser envolta numa trouxa como elas?” Geak acena de novo para mim e até tenta sorrir, mostrando os dentes. Um peso enorme cai sobre mim. Ao sorrir, ela estica ainda mais a pele sobre os ossos do crânio. É assim que ela vai ficar quando morrer e a pele secar.

Chong soluça alto enquanto os aldeões põem as meninas na pequena cova. Quando os vê cobrindo os corpos com terra, ela corre para a cova e tenta entrar. Lágrimas, catarro e baba de seus olhos, nariz e boca caem em sua camisa.

— Não! — grita ela. — Estou sozinha! Completamente sozinha!

Dois aldeões a puxam de volta, para fora da cova, e a seguram até que a última pá de terra seja despejada sobre Peu e Srei. Quando o trabalho está encerrado, os homens saem para cavar a próxima cova, em outra cabana.

— Esta vai ser mais fácil — diz um homem, balançando a cabeça.
— Ninguém da família sobreviveu.

Depois que os filhos morreram, Chong enlouqueceu. Às vezes, eu a vejo andando pela vila e conversando com seus filhos, como se eles estivessem ali com ela. Quando a mente clareia e ela se dá conta de que os filhos morreram, grita, batendo os punhos contra o peito. Dias depois, ela aparece em nossa casa com boas notícias para mamãe.

— Encontrei a comida perfeita — diz, animada. Então seus olhos embaçam, as mãos se movem agitadamente no ar e ela sussurra: — eu poderia ter salvado meus filhos.

— O que é? O que é? — pergunta mamãe, ansiosa.

— Minhocas! São gordas e suculentas. Você tira a terra, corta, lava e as cozinha. Não é ruim, cozinhe como se fosse macarrão. Eu testei! Aqui; trouxe uma tigela — e entrega uma tigela de minhocas para mamãe.

— Obrigado — é o que mamãe consegue dizer.

— Tenho que ir, tenho que achar meus filhos — Chong sorri e se vai.

Só de pensar em comer as minhocas me dá ânsia de vômito. Minhocas comem coisas mortas na terra. Para mim, comê-las seria como comer gente morta. Tento imaginar uma bela tigela de minhocas limpas, mas a cena logo muda para minhocas em cima da carne podre dos mortos que enterramos, milhares delas se retorcendo e contraindo, se metendo dentro da carne.

— Não se preocupe. Ainda tenho umas joias que podemos trocar por comida. Não precisaremos fazer isto — diz mamãe, para me acalmar.

Nós somos uma das poucas pessoas na vila que têm a sorte de possuir algumas coisas que podem ser trocadas por comida com o pessoal de base. Nossa situação não é tão ruim quanto a dos demais, porque ainda temos ouro, diamantes e pedras preciosas. Quando estávamos na casa de tio Leang, mamãe conseguiu

esconder dos soldados as joias; costurou todas nas correias de nossas malas, que ficaram conosco mesmo quando incendiaram nossas roupas. As joias são lindas, mas, por causa da guerra, hoje quase não têm valor. Duzentos gramas de ouro valem poucos quilos de arroz, isso se tivermos sorte. Em geral, trocamos por menos. Entre os muitos crimes existentes na sociedade do Khmer Vermelho, comerciar comida é considerado um ato de traição. Se pego, o criminoso é chicoteado até confessar todos os nomes dos envolvidos. O Khmer Vermelho acredita que um indivíduo não deve possuir o que o resto do país não possui. Quando alguém compra comida em segredo e passa a ter mais do que os outros, há uma desigualdade de distribuição na comunidade. Como todos somos supostamente iguais, se uma pessoa morre de fome, todos temos que morrer de fome.

Algumas semanas atrás, Kim me disse que talvez o Angkar não seja o culpado. Ele diz que o nome "Pol Pot" está na boca de todos nos campos de arroz e na vila. Muitos estão dizendo que Pol Pot é o líder do Angkar, mas ainda ninguém sabe quem ele é. Eles sussurram que é um soldado, que é brilhante, que é o pai do país. Dizem também que ele é gordo.

Dizem que ele se mantém em segredo para se defender contra atentados e tentativas de assassinato. Dizem que ele nos libertou da dominação estrangeira e nos deu a independência. Dizem que Pol Pot nos faz trabalhar duro porque quer purificar nosso espírito e nos ajudar a atingir nosso potencial como fazendeiros. Dizem que ele tem uma cara redonda, lábios carnudos e olhos gentis. Eu me pergunto se seus olhos gentis conseguem enxergar que estamos morrendo de fome.

Depois que enterraram suas filhas, quase não vemos mais Chong. Ela passou a ser conhecida na vila como "a louca". Enfim, ela comeu alguns cogumelos venenosos e morreu, do mesmo modo que as filhas. Seu corpo foi encontrado por um morador local no dia

seguinte, todo contorcido e ensanguentado. Eles a enterraram ao lado de suas filhas.

Nós conseguimos sobreviver a este período porque papai tem uma relação amistosa com o chefe da vila. O pessoal de base não come em cozinhas comunitárias, todos cozinham para si. Entre eles, a família do chefe é a mais gorda e só usa roupas pretas novinhas, não os trapos desbotados, cinzentos, que nós usamos. Papai consegue arroz extra por causa dos presentes que leva ao chefe. Ele mente, diz que era dono de uma pequena loja em Phnom Penh e que encontrou as joias nas casas vazias, durante a evacuação. Papai lhe dá os braceletes de mamãe, os anéis de diamante e muito mais em troca de uns poucos quilos de arroz cru. Papai põe o arroz numa bolsa, dentro de uma caixa, e o esconde sob uma pilha de roupas, para que os vizinhos não o encontrem. Em algumas noites, quando a fome é muita, ele deixa mamãe cozinhar um pouco de arroz e disfarça o cheiro queimando folhas apodrecidas no fogo. Esse arroz é a única defesa de minha família contra a fome.

Certa manhã, Chou acorda a todos com seus gritos:

— Papai, alguém mexeu na caixa ontem à noite!

Todos os olhos se voltam para a caixa de arroz com a tampa entreaberta.

— Talvez ratos tenham entrado para roubar um pouco. Não se preocupe. Hoje vou fechá-la com cuidado — responde papai. — Este arroz pertence a todos nós.

Nas palavras de papai, percebo que ele suspeita de que alguém da família tenha roubado o arroz. A história do rato é mentira e todos sabemos. Estou convencida de que ele descobriu que fui eu, então desvio o rosto. A vergonha queima minhas mãos como ferro quente, marcando minha pele para que todos vejam: a favorita de papai roubou da família. Geak acorda e começa a chorar de fome, como se para me salvar. “Fui eu, papai!”, grito por dentro. “Eu roubei a

comida da família. Perdão!” Mas não digo nada, não confesso meu crime. A culpa pesa sobre mim. Eu acordei no meio da noite e roubei o arroz. Queria ter feito isso num ato de sonambulismo, entre o mundo dos que dormem e o dos que estão acordados, mas não foi assim. Eu sabia exatamente o que estava fazendo quando roubei um punhado de arroz de minha família. Minha fome era tanta que eu não pensei nas consequências das minhas ações. Saltei com cuidado sobre os corpos de cada um para chegar até a caixa. Com o coração na boca, levantei devagar a tampa. Pus a mão lá dentro e tirei um punhado de arroz cru. Pus na boca imediatamente, antes que alguém acordasse e me mandasse devolver. Temendo que o ruído do arroz cru sendo mastigado chamasse a atenção dos demais, deixei a saliva amolecer os grãos. Quando estavam moles o bastante, triturei o arroz com os dentes, e um sabor adocicado invadiu minha boca, e a comida desceu facilmente pela garganta. Queria mais, queria comer até estar satisfeita e apavorada pelo castigo que se seguiria.

“Má! Você é má!”, minha mente me repreende. “Papai sabe”.

Há muito tempo, papai me disse que a gente tem que ser bondosa não porque tem medo do castigo, mas porque o carma ruim nos seguirá até a outra vida. Até se redimirem, as pessoas ruins voltarão como cobras, vermes ou caracóis. Aos seis anos de idade, sei que sou má e mereço reencarnar nessas formas de vida. Quem, senão uma pessoa má, deixaria a própria família morrer de fome para satisfazer seu próprio estômago egoísta?

Desse dia em diante, eu fico cada vez mais quieta. Não vou mais até papai e lhe faço perguntas, nem para simplesmente lhe fazer companhia. Paro de olhar para Geak, minha irmãzinha de quatro anos, pouco a pouco morrendo desnutrida. Meus únicos companheiros constantes são os roncos de meu estômago. Brigo o tempo todo com Chou, mais velha e tímida do que eu, porque estou mal-humorada e inquieta. Ela só reage com palavras. Eu a empurro, tento puxar briga. Quero ser castigada por conta do roubo do arroz. Quero que alguém me machuque. Nossas brigas, porém, vão direto

para a cabeça de mamãe, que tem enxaquecas. Papai é o único que ainda tem algum autocontrole e as nossas brigas não o desesperam.

Durante uma das brigas, consigo finalmente irritar Chou, e ela me empurra de volta. Era tudo o que eu precisava para avançar sobre ela. Sabendo que não é páreo para mim, ela grita por mamãe, que, irritada, joga uma casca de coco em mim. Quando o coco bate em minha cabeça, um clarão branco de dor explode no crânio. Tonta, eu me escoro na parede para me equilibrar, respirando lentamente. Então algo começa a escorrer em minha testa e desce para as bochechas. Passo a mão no rosto para limpar o sangue, que começa a pingar na camisa. Olho para mamãe, desafiadora, sento no chão e grito:

— Vou morrer por sua causa!

Seu rosto escurece de preocupação quando se dá conta do que fez. Rapidamente ela vem até mim e começa a cuidar da ferida.

— Olhe o que você me fez fazer — diz ela, com a voz trêmula. — Vocês não param e é você, Loung, que sempre começa as brigas. Você me dá nos nervos.

Meus lábios tremem de vergonha por ser tão má. Mamãe está chorando por minha causa, porque sou uma pessoa ruim e não faço nada direito. Mais tarde, papai vem até mim e diz que eu não vou morrer, é só um corte feio. Acredito em papai, confio nele. Ele sai e vai falar com mamãe.

Ela evita olhar para ele quando se aproxima. Meus pais quase nunca brigam. Papai está sempre no controle, nunca o vi perder as estribeiras. Desta vez, ele fala alto com mamãe, está com raiva. Ela está sentada num canto, mexendo e remexendo nas roupas pretas e nas tigelas. Em pé, papai a encara:

— Por que você fez isso? Podia ter acertado o olho dela ou pior. E aí o que faríamos? Como uma criança cega sobreviveria aqui? Você tem que pensar nesse tipo de coisa!

Sem dizer uma palavra, mamãe limpa os olhos com seu lenço vermelho. Papai diz muitas outras coisas a ela, mas eu paro de ouvir.

Quando papai vai para o trabalho, mamãe, com Geak no colo, se aproxima de mim:

— Eu não quis machucá-la. Vocês brigam demais e eu perdi a cabeça. Por que você está sempre brigando com todo o mundo?

No Camboja, isso é o máximo que uma criança vai ouvir como pedido de desculpas. Olho para ela, cerro os dentes e viro a cara. Quando não quero ouvir ninguém, consigo ir a um lugar dentro de mim que ninguém alcança. Mamãe fala, mas eu a ignoro. Ela percebe que não estou ouvindo, suspira e finalmente se vai. Quando ela e Geak saem da cabana, um tornado de raiva cresce em mim, acelerando minha respiração. Minha raiva de mamãe é negra e forte; ela me causou esta dor. Olho fixo para minha tigela vazia, fingindo não me importar com o que ela me disse. Por um breve momento, desejo até a sua morte. Quero que morra porque me mostrou que sou ruim. Por dentro, eu me odeio por não ser boa, por sempre causar problemas na família.

Momentos depois, Kim chama Chou para o jardim comunitário, temos que trabalhar. Ele me encara e não diz nada, vai andando à nossa frente. Chou corre até mim e me dá a mão. Eu baixo a cabeça. Sei que a briga foi minha culpa, e mesmo assim ela não está com raiva de mim. Para ela, a briga acabou; ela já me perdoou. Eu me pergunto se ela sabe que escolhi brigar com ela porque sei que ela vai me amar e perdoar sempre. Com os dedos entrelaçados, andamos juntas até o jardim.

Naquela noite, deitada de lado, entre Chou e Geak, observo mamãe dormindo ao lado de papai. Minha raiva diminui e o fundo de meu estômago se abre, fazendo-me afundar cada vez mais num poço de desespero. Eu me lembro dela em Phnom Penh, como ria enquanto eu sacolejava em seu colo quando andávamos de ciclo. Ela era tão linda. Ninguém do nosso passado a reconheceria agora. Seus lábios, antes vermelhos, estão roxos e secos. As bochechas estão magras e chupadas. Há olheiras enormes sob seus olhos, e sua pele

de porcelana agora está bronzeada e enrugada pelo sol. Sinto falta da risada de mamãe em nossa casa. Tenho saudades de minha mãe.

Diferentemente de papai, mamãe não estava acostumada a trabalho pesado. Nasceu na China e se mudou para o Camboja quando era pequena. Depois que se casaram, papai tomou conta de mamãe em todos os aspectos. Agora ele a encoraja a trabalhar mais do que as outras mulheres da comunidade. Mamãe também tem que tomar muito cuidado porque fala khmer com sotaque chinês. Papai teme que isso faça dela um alvo para os soldados que querem livrar o Camboja do veneno étnico estrangeiro. Mamãe tem orgulho de sua ascendência, mas deve escondê-la para não colocar a todos nós em perigo. Papai diz que o Angkar tem obsessão por limpeza étnica. Odeia a todos que não são puros khmers e quer eliminar todas as outras raças do Kampuchea Democrático, consideradas fonte de corrupção, veneno e maldade. Assim o povo que é verdadeiramente herdeiro do Khmer pode conquistar o poder novamente. Não sei o que "limpeza étnica" quer dizer. Só sei que, para me proteger, tenho que esfregar carvão e terra no rosto, para que minha pele se pareça com a do pessoal de base.

KEAV

Agosto, 1976

Seis meses depois de Keav sair de casa e 16 meses depois da tomada de poder pelo Khmer Vermelho, uma jovem veio à nossa vila de manhã, procurando por mamãe e papai.

— Tenho uma mensagem de Keav — ela diz. — Vocês têm que ir ao hospital. Ela está muito doente e quer ver os senhores.

— Por quê? O que há de errado com ela? — pergunta mamãe, mudando Geak de posição na cintura.

— A enfermeira acha que é algo que ela comeu. Ela está com uma diarreia terrível. Vocês precisam ir, ela esteve doente a manhã inteira e chamou todos vocês.

Ninguém sabe o quanto ela está doente. Papai não pode faltar ao trabalho para visitar Keav, mas consegue a permissão do chefe para que mamãe acompanhe a garota até o hospital.

Keav ainda vive em Kong Cha Lat, um campo de trabalho para adolescentes com aproximadamente 160 moradores. Os adolescentes estão divididos em duas casas, uma para os meninos e outra para as meninas. Trabalham do nascer ao pôr do sol nos campos de arroz. As meninas recebem menos comida que os

meninos, mas espera-se que trabalhem tanto quanto eles. A comida que todos recebem consiste em sopa de arroz e peixe salgado.

Depois que papai e Kim vão para o trabalho, Chou, Geak e eu ficamos esperando mamãe voltar. Como não temos instrumentos que nos digam a hora, e somos ruins em descobri-la pelo sol, a espera parece uma eternidade. Chou espanta as moscas que atormentam Geak, que dorme. Eu caminho de um lado para outro, na frente da cabana. A cada passo, o chão parece se mover sob meus pés, me desequilibra. O ar que respiro parece descer muito rápido pela garganta, fazendo-me engasgar. Penso em Keav no campo.

Keav acordou um dia e notou que seu estômago estava inchado e roncava constantemente, parecia que havia algo líquido se movendo lá dentro. Ela não deu atenção, imaginando que fosse só a fome. Ela respirou fundo, as lágrimas vieram aos olhos. O tempo inteiro sente fome e o estômago dói. Às vezes, a dor é tanta que se espalha por todo o corpo. Não come há muito tempo. Passa a mão na barriga e diz ao estômago para se acalmar.

Ela enrola a esteira de palha em que dormiu e a deixa encostada na parede. Essas são as regras. O chão de terra batida está cheio de formigas e outros insetos. À noite, ela sempre fecha bem a boca e se cobre inteira com o lençol, para que não entre nenhum bicho. Ela observa o campo, focando em algumas das faces que reconhece entre as oitenta meninas que vivem com ela. Sorri para elas, mas elas não respondem. Cerra os dentes, vira-se e respira fundo. Ela sabe que não pode demonstrar emoção, ou o supervisor vai pensar que ela é fraca e que não vale a pena mantê-la viva. Diferentemente da nossa cabana em Ro Leap, ali ela não tem um espaço só dela para deixar as emoções fluírem. No campo, se ela chorar, será julgada por 160 pares de olhos, que a considerarão fraca. E ela sente tanta saudade de nós. Desta vez, as lágrimas vêm e ela as seca rapidamente na manga da camisa, antes que qualquer um as veja.

Penso em Keav respirando fundo e tentando preencher o vazio em seu coração. Seus pulmões se enchem de ar enquanto ela tenta não pensar em sua família. Esta solidão. Como ela vai sobreviver a esta solidão? Viver em um lugar onde ninguém se importa com ela e todos querem vê-la pelas costas. Ela está completamente desprotegida ali. Está completamente, absolutamente sozinha. Ela tem saudade de papai, tanta saudade de seu protetor, de como ele estava sempre preocupado com ela. Ela sente falta do abraço de mamãe, do jeito que ela acariciava seus cabelos.

Ela vai até o tanque de água e mergulha uma tigela, precisa lavar o rosto. Tenta limpar os dentes com um pedaço da manga de sua camisa. Papai sempre dizia para ela se cuidar. Esfrega os dentes no tecido algumas vezes, mas suas gengivas doem demais para continuar. Olha para seu reflexo na água e se espanta. Está feia. Será que alguém acreditaria que ela já foi uma linda menina? Ela tem 15 anos de idade e parece ter no máximo 12. Toca os ossos salientes do rosto. Em Phnom Penh, ela costumava usar hidratantes e cremes de limpeza. Agora a pele está castigada pelo sol, cheia de espinhas e cicatrizes. Seus cabelos oleosos estão tão ralos que é possível ver o couro cabeludo. Eles foram cortados curtinho, no mesmo estilo de todas as meninas, e ela parece um menino. Ela observa o próprio corpo, com certo horror. Seus braços e pernas são palitos, mas a barriga está inchada e protuberante como se ela estivesse grávida.

As lágrimas escorrem em profusão, mas não tem problema. Ela pode disfarçá-las jogando água no rosto, fingindo que lava os olhos. Ela tem 15 anos e nunca segurou a mão de um menino, nunca foi beijada nem sentiu o abraço morno de um amor. Há muitos nuncas em sua vida, mas agora não importa mais. Ela só anseia por essas coisas porque um dia sonhou em ter uma experiência parecida com o amor que mamãe e papai sentem um pelo outro.

Ela amarra o lenço vermelho na cabeça e vai até os campos de arroz. Ela trabalha nos campos todos os dias, plantando e colhendo

arroz. Todo dia, é um trabalho penoso. Ainda são cinco da manhã, mas dá para notar que hoje o céu está sem nuvens. O uniforme preto absorve os raios solares e a faz suar em bicas. Com o sol na cabeça, o calor e a umidade dificultam a respiração.

Uma hora se passa e seu estômago continua a roncar alto, parece estar com raiva. Ela tenta ignorar, na esperança de que passe logo. Falar ou cantar é proibido durante o trabalho. Plantar arroz se tornou uma ação automática, dispensa concentração. Então ela passa muito tempo pensando, tempo demais até. A mente se distrai e ela pensa em muitas coisas — nos deveres da escola, no menino bonito que conheceu em Phnom Penh, nos filmes que viu —, mas sempre volta a pensar em nossa família. Tem muita saudade.

Outra hora se passa e agora a dor é tanta que ela se contorce. Leva as mãos ao estômago e corre para os arbustos, tira as calças e deixa o veneno sair dela. Volta ao trabalho, mas logo tem que correr de volta para os arbustos. Depois de muitas visitas aos arbustos, finalmente vai até o supervisor:

— Por favor, estou muito doente. É meu estômago. Posso tirar o resto do dia para ir à enfermaria? — pede ao supervisor, que a olha com desprezo e nojo.

— Não. Não acredito que você esteja doente. O estômago de todos nós dói por causa da fome. Você é só uma garotinha preguiçosa da cidade, que não vale nada. Volte ao trabalho.

Keav sofre com essa humilhação.

Outra hora se passa, mas seu estômago se recusa a se acalmar. Nessa hora, passou somente dez minutos no campo e o restante nos arbustos. Está tão doente e fraca que tem que se arrastar até o supervisor.

— Por favor, estou muito doente, não consigo nem me levantar.

Seu rosto queima de vergonha ao ver o olhar do supervisor em suas calças. Ela se sujou na última corrida ao banheiro.

— Você está fedendo. Tudo bem, você tem permissão para ir ao hospital.

Finalmente, com o papel da permissão em mão, Keav caminha cambaleante até o campo e desmaia.

Uma hora depois de ter saído da plantação, Keav finalmente chega ao hospital improvisado. Há muitos pacientes esperando atendimento. O hospital é um edifício decrépito com muitos catres enfileirados no chão. Quando Keav diz o que está sentindo a uma das enfermeiras, é levada até um dos leitos. Sem sequer tomar seu pulso ou tocá-la, a enfermeira faz algumas perguntas sobre os sintomas e vai embora, dizendo que voltará para ver como ela está e trazer alguns remédios. Keav sabe que é mentira. Não existem remédios nem médicos de verdade, só gente comum fingindo ser especialista. Os médicos e enfermeiros verdadeiros foram mortos pelo Angkar há muito tempo. Mesmo assim, Keav está aliviada por ter saído do sol.

Em Ro Leap, quando o sol está bem acima de minha cabeça, o sino toca para o almoço, é uma hora da tarde. Saímos apressados da cabana, Chou, Geak e eu, para encontrarmos com Kim e papai na cozinha comunitária para comer. Sentados à sombra, tomamos a sopa de arroz com peixe salgado sem dizer nada. Chou alimenta Geak com a comida de sua própria tigela, tomando cuidado para que ela não deixe cair nada. A barriga redonda, a cabecinha pequena e os membros magros formam uma figura desproporcional. Ao nosso redor, grupos de cinco a dez pessoas consomem a comida que mal nos faz sobreviver por mais um dia.

Mamãe volta com o rosto inchado e vermelho de tanto chorar. Percebemos que algo está muito errado, mas não estamos preparados para a notícia.

— Ela não vai sobreviver, não vai — sussurra mamãe, chorando. — Ela não vai sobreviver, está muito doente, com disenteria. Não vai resistir nem mais uma noite. Dizem que ela comeu algo venenoso. Um dia de diarreia a deixou muito magra e doente — mamãe tira as mãos dos olhos e as leva às bochechas ao descrever Keav para nós. Os olhos de minha irmã estão afundados no rosto e ela mal

consegue abri-los. Quando viu mamãe, não a reconheceu. Estava ofegante e lutava para respirar, mal conseguia falar. Mamãe explode num choro convulsivo.

Quando Keav finalmente falou, perguntou por papai muitas vezes.

— “Mamãe, cadê o papai? Mãe, vá buscar o papai. Sei que vou morrer e quero vê-lo pela última vez. Quero que ele me leve para perto da família” — repete mamãe. — Esse é seu último desejo, ver a família e ficar perto de nós mesmo depois que se for. Ela disse que está cansada e quer dormir, mas vai esperar por papai. Ela está tão fraca que não consegue espantar as moscas de seu rosto. Está tão suja. Eles nem limpam a bagunça antes de eu chegar. Deixaram-na deitada lá, doente, em lençóis sujos. Ninguém está cuidado de minha filha.

Mamãe e papai recebem permissão do chefe para buscar Keav e apressadamente se vão. Fico sentada na escada da nossa cabana com Kim, Chou e Geak, observando meus pais irem em busca de minha irmã mais velha. Kim e Chou estão calados, perdidos em pensamentos. Geak engatinha até mim e pergunta aonde foi mamãe. Sem resposta, ela desce os degraus e se senta no chão. Com um graveto, desenha círculos, quadrados e uma representação tosca da nossa cabana. Esperamos, os minutos viram horas, as horas viram eternidades e o sol se recusa a descer no horizonte para fazer o tempo correr mais depressa.

Sigo mamãe e papai com a mente. Imagino-os viajando até o hospital em busca de Keav. Imagino-a lá, esperando por eles.

Keav se lembra do toque macio da mão de mamãe em sua testa. É a melhor coisa do mundo ter alguém que ama você. Embora ela não sinta muita coisa, é bom ver a mão de mamãe em seu corpo, limpando e alisando seus cabelos. Sente tanta saudade! A lembrança lhe coloca um sorrisinho nos lábios. Ela sorri de novo pensando em mamãe, mas logo o sorriso vira um choro. As lágrimas correm em silêncio enquanto ela finalmente deixa as emoções fluírem. Ela queria que mamãe não a visse neste estado, sua aparência deve tê-

la chocado nesta última visita. Mamãe ficou tão triste ao ver sua filha assim. Mamãe chora muito e diz muitas vezes que a ama, que todos a amam. Mamãe toma delicadamente sua mão e beija sua testa. Ela queria sentar-se para abraçar mamãe, mas seu corpo está tão cansado que qualquer movimento é doloroso. Ela queria dizer tantas coisas a mamãe, mas falar é muito difícil.

Sente-se frustrada por estar presa a um corpo que se recusa a se mover. Quando mamãe se vai, Keav só consegue virar a cabeça em sua direção para vê-la partir.

— Volte logo, mamãe — sussurra.

Ela sabe que mamãe não quer deixá-la sozinha, mas Keav quer ver papai pela última vez. Ela sente muita falta dele e do restante da família. Uma onda de tristeza invade cada canto do corpo, ela mal consegue respirar. Uma tristeza tão enorme e acachapante que ela não sabe o que fazer. Uma mosca preta vem zunindo e pousa em sua mão. Ela está muito fraca para espantá-la. Um frio esquisito lhe sobe pela espinha. Ela sabe que é puro medo. Seu coração está tão pesado e sua respiração, cada vez mais difícil.

— Papai, estou com tanto medo — grita no ar rarefeito. — Por favor, venha logo.

Quando finalmente vejo suas silhuetas distantes retornando, corro com meus irmãos ao seu encontro. Seus rostos estão tristes. Corro para saber como está minha irmã, mas no fundo sei que ela já está morta. Mamãe, tendo perdido a filha mais velha, corre até a mais nova, Geak, de quatro anos, e a toma nos braços.

— Keav já estava morta quando chegamos — diz papai, desolado. — Morreu um pouco antes de chegarmos. A enfermeira disse que ela perguntava o tempo todo se já tínhamos chegado, dizia que queria estar em casa, e só. Chegamos tarde demais. Perguntei à enfermeira se poderíamos trazer o corpo, mas ela não sabia para onde a tinham levado. Tiraram o corpo para dar lugar a outro paciente. Procuramos por ela entre os cadáveres no chão, mas não a encontramos.

A enfermeira também disse a papai que mais de uma dúzia de meninas morreram de intoxicação alimentar. Por sorte, conseguiram notificá-los. Na maioria das vezes, não sabem onde os pais estão. As pessoas que morrem sem que seja possível contatar a família são enterradas rapidamente. O corpo de Keav deve ter sido confundido com os dessas pessoas.

— Eles agiram como se nós tivéssemos que agradecer por ter sido avisados. Agora ela está morta e não conseguimos encontrá-la — papai tenta controlar a raiva, mas seu rosto está todo contorcido. Seus ombros estão tremendo e ele tenta esconder as lágrimas de nós cobrindo o rosto com as mãos.

— Perguntamos se podíamos levar os pertences dela — sussurra mamãe, roucamente. — A enfermeira foi procurá-los mas voltou sem nada. Quando a vi, Keav ainda tinha o relógio de ouro que demos de presente a ela, mantinha-o escondido. Quando percebeu que ia morrer, passou a usá-lo abertamente. A enfermeira disse que não se lembra de nenhum relógio e não sabe onde está.

Provavelmente alguém roubou o relógio dela. Não consigo ouvir mais. Corro, corro e me vejo no caminho para a floresta. Lá, embaixo de uma árvore grande, perto de um arbusto denso, eu me escondo do resto do mundo. Abraço os joelhos com força, descanso o rosto no antebraço. Cubro a boca com a mão e grito de dor após a morte cruel de minha irmã. O som queima minha garganta, querendo ser libertado, mas eu o abafo enquanto as lágrimas escorrem.

As pessoas sempre disseram que Keav e eu éramos parecidas em muitos aspectos. Éramos fisicamente parecidas e nossas personalidades eram similares. Ambas éramos cabeças-duras e estávamos sempre prontas para a briga. O último desejo de Keav não se realizou: ela não conseguiu ver papai antes de morrer. Agarro minha barriga e me contorço de dor, despenco no chão. Deitada no

mato, as lágrimas que dedico a minha irmã pingam no chão e são bebidas pela terra.

Naquela noite, deitada de costas com as mãos cruzadas sobre o peito, pergunto a Chou o que acontece com a gente depois da morte.

— Ninguém sabe com certeza, mas dizem que primeiro dormimos em paz, sem saber que morremos. Dormimos durante três dias e, no terceiro, acordamos e tentamos voltar para casa. É então que descobrimos que estamos mortos. Ficamos tristes, mas temos que aceitar. Então caminhamos até um rio, limpamos a terra do corpo e começamos nossa jornada para o céu, para esperar a próxima encarnação.

— E quando é a próxima encarnação?

— Não sei — responde Chou.

— Espero que ela não reencarne aqui — digo baixinho. Chou toma minha mão delicadamente enquanto limpa suas lágrimas com a manga da camisa. Penso no que Chou acaba de me dizer. Imagino Keav dormindo tranquila em algum lugar. Na terceira noite, ela acorda e percebe que está morta. Fico triste ao pensar em sua tristeza quando se der conta de que não poderá voltar para casa. Imagino Keav no céu, olhando por nós, finalmente feliz de novo. Consigo vê-la como era antes da guerra, vestida de branco e tomando banho no rio. Imagino-a como ela era em Phnom Penh, não do jeito que mamãe a descreveu.

A morte de Keav é tão triste que fujo da realidade, crio um mundo de fantasia para habitar. Na minha imaginação, seu último desejo é realizado. Papai chega em tempo e ouve Keav dizer como o ama e ele transmite a ela nossas mensagens amorosas. Ela o toma nos braços e morre em paz, sentindo amor, não medo. Papai então traz o corpo de Keav para enterrarmos, para que ela esteja sempre conosco, em vez de estar perdida.

Acordo na manhã seguinte me sentindo culpada porque não sonhei com Keav. Papai já está no trabalho, o rosto de mamãe está

vermelho e inchado e, como sempre, Geak está em seu colo. Mamãe e Keav nunca se deram muito bem. Keav tinha o temperamento forte e era intempestiva. Mamãe queria que ela mudasse, que fosse mais mocinha, mais submissa. Eu me pergunto se mamãe se arrepende de ter brigado com a filha em Phnom Penh, criticando a música que ouvia e as roupas que usava.

Mamãe se vira para olhar para mim, com os olhos embaçados. Por um breve momento, quero confortá-la, mas não consigo desviar meus olhos dos dela, que me encaram. Nossas vidas nunca mais serão as mesmas depois da morte de Keav. A fome e a morte anestesiaram nossas almas. Parece que perdemos toda a energia de viver.

— Todos nós temos que superar sua morte e seguir em frente — diz papai, para nos encorajar. — Temos que agir como se nada tivesse acontecido. O chefe não pode achar que já não podemos contribuir para a comunidade. Temos que ser fortes e seguir adiante. Keav gostaria que seguíssemos em frente; é a única maneira de sobreviver.

PAPAI

Dezembro, 1976

O tempo passa devagar. Estamos no meio do verão porque o ar está mais quente e seco agora. Passaram-se quatro meses, creio, desde que Keav morreu. Embora a família não fale sobre ela, meu coração chora sempre que lembro que ela já não está entre nós.

O governo continua a diminuir a quantidade de comida que recebemos. Estou sempre com fome e só penso em como encontrar alimento. Toda noite, meu estômago ronca e dói enquanto tento dormir. Nossa família ainda depende de Khouy e Meng trazerem comida sempre que puderem roubar algo do campo em que trabalham. No entanto, o Angkar os mantém tão ocupados que eles não conseguem nos visitar como antes.

Vivemos com o medo constante de sermos descobertos como apoiadores do antigo governo. Sempre que vejo os soldados na nossa vila, meu coração salta de pavor, penso que eles estão vindo buscar papai. Eles não sabem que papai não era um camponês pobre; mas quanto tempo levará até descobrirem que estamos vivendo uma mentira? Aonde quer que eu vá, sinto que as pessoas estão me encarando, me olhando com suspeita. Estou obcecada, sei que estão esperando que eu cometa um erro e revele o segredo da

família. Será que percebem isso pelo jeito como eu falo ou ando, ou por minha aparência?

— Eles sabem — entreouço papai sussurrar a mamãe, tarde da noite. Estou deitada ao lado de Chou e Kim, finjo que estou dormindo. — Os soldados levaram muitos de nossos vizinhos. Ninguém fala sobre os desaparecimentos. Temos que nos preparar para o pior. Temos que mandar nossos filhos embora, para viverem em outro lugar. Eles têm que mudar seus nomes. Temos que mandá-los para um campo de órfãos. Eles têm que mentir, dizer que seus pais morreram, que não sabem quem são. Assim, talvez, ficarão em segurança, não serão expostos. Os soldados não os levarão.

— Não, eles são jovens demais — diz mamãe. Incapaz de disfarçar o movimento de meus olhos, viro de lado. Mamãe e papai se calam, esperando que eu volte a dormir. Observo as costas de Kim e me forço a respirar calmamente.

— Quero que estejam seguros, que vivam, mas não posso mandá-los embora. Eles são novos demais para se defender. Agora não, mas em breve — sua voz diminui.

Ao lado de Chou, Geak chuta e geme no sono, quase como se sentisse o que está para acontecer. Mamãe a toma no colo e a deita entre ela e papai. Viro-me novamente e agora vejo as costas de Chou. Espio mamãe e papai dormindo, virados um para o outro, com Geak no meio, suas mãos juntas acima da cabeça do bebê.

Na tarde seguinte, sentada com Kim nos degraus fora da nossa cabana, penso em como o mundo tem a sua beleza, mesmo que eu não sinta alegria em estar viva. Está escurecendo e o pôr do sol colore o horizonte de vermelho, dourado e roxo, o céu parece mágico. Talvez existam mesmo deuses vivendo lá em cima. Quando descerão para trazer paz à nossa terra? Quando volto os olhos para o chão, vejo dois homens de preto caminhando em nossa direção, com os rifles pendurados tranquilamente nas costas.

— Seu pai está aqui? — pergunta um deles.

— Sim — responde Kim. Papai os ouve e sai da cabana, seu corpo está tenso e a família vem ver o que está acontecendo.

— O que posso fazer pelos senhores? — pergunta papai.

— Precisamos de sua ajuda. Nosso carro de boi está atolado na lama a alguns quilômetros daqui. Precisamos de sua ajuda para desatolá-lo.

— Os senhores podem esperar um momento enquanto eu falo com minha família?

Os soldados assentem. Papai e mamãe entram em casa e, momentos depois, papai sai sozinho. Consigo ouvir mamãe chorando baixo lá dentro. Na frente dos soldados, papai ergue os ombros e, pela primeira vez desde que o Khmer Vermelho tomou o poder, vejo-o de cabeça erguida. Ele diz aos soldados que está pronto. Observo seu peito se encher de ar e expirar longamente, vejo na mandíbula que seus dentes estão cerrados. Alcanço sua perna e puxo gentilmente sua calça. Quero confortá-lo, quero que ele não se sinta mal por nos deixar. Papai põe a mão em minha cabeça e brinca com meus cabelos. De surpresa, ele me toma nos braços. Com um abraço firme, ele beija minha cabeça. Há muito tempo ele não me abraçava assim. Com meus pés pendendo no ar, fecho os olhos com força e abraço seu pescoço, não quero que ele se vá.

— Minha menina bonita — diz ele, e seus lábios formam um pequeno sorriso. — Tenho que ir com esses homens, mas não vou demorar.

— Quando você volta?

— Ele voltará amanhã de manhã — responde um dos soldados. — Vai voltar antes do que você imagina.

— Posso ir com você, papai? Não é longe, eu posso ajudar — imploro para que ele me leve consigo.

— Não, você não pode ir comigo. Tenho que ir. Vocês fiquem bem, crianças. Cuidem-se — ele me põe no chão e caminha lentamente até Chou, tomando Geak de seus braços. Olhando para ela, papai a balança delicadamente antes de se abaixar e aninhar Chou em seus

braços também. Com a cabeça erguida e o peito inflado, como um homem pequeno, Kim se aproxima de papai e fica parado perto dele, sem dizer nada. Papai solta Chou e Geak e desce os degraus e põe as mãos nos ombros de Kim. O rosto de meu irmão treme e se desfaz, enquanto papai olha firme e calmo para ele.

— Tome conta de sua mãe, de suas irmãs e de si mesmo — diz.

Papai se vai, com os soldados acompanhando-o, um de cada lado. Aceno para ele. Vejo-o desaparecer pouco a pouco no horizonte vermelho e dourado, mas continuo acenando, na esperança de que ele vire para acenar de volta, mas não o faz. Quando o perco de vista, vou para casa, onde mamãe está chorando, sentada em um canto. Vi papai indo embora muitas vezes em Phnom Penh, mas nunca a vi tão desolada. No fundo do coração, sei o que está acontecendo de verdade, mas não quero aceitar a realidade e pensar no que tudo isso significa.

— Mamãe, não chore. Os soldados disseram que papai vai voltar amanhã de manhã — ponho minha mão sobre a dela. Seu corpo treme com o toque. Saio da cabana e encontro meus irmãos sentados nos degraus. Sento-me ao lado de Chou, que está com Geak no colo. Juntos, esperamos por papai, olhando para o caminho por onde ele se foi. Rezamos para que ele volte pela mesma estrada amanhã.

À medida que o céu escurece, as nuvens se juntam para cobrir as estrelas. Nos degraus, Chou, Kim, Geak e eu esperamos por papai até que mamãe vem nos mandar dormir. Dentro da cabana, fico deitada de costas, com os braços cruzados no peito. Chou e Kim respiram pesadamente, quase sem ruído, mas não sei se estão dormindo. Mamãe está deitada de lado, virada para Chou. Com um braço, ela envolve Geak; o outro descansa na cabeça da bebê. Lá fora, o vento agita os galhos, as árvores farfalham e as folhas cantam umas para as outras. O céu se abre, a lua e as estrelas dão vida à noite. De manhã, o sol virá e as criaturas do dia acordarão. Mas para nós o tempo não passa nesta noite.

Acordo na manhã seguinte e encontro mamãe sentada nos degraus à frente da cabana. Seu rosto está inchado, ela parece não ter pregado o olho durante a noite. Está chorando baixinho, perdida em si mesma.

— Mamãe, papai já está de volta? — ela não responde, aguça os olhos e observa o caminho pelo qual ele se foi ontem à noite. — Os soldados disseram que papai voltaria hoje de manhã. Acho que está atrasado. Está atrasado, só isso. Sei que ele vai voltar para nós.

Enquanto falo, meus pulmões se contraem e eu busco ar. Luto para respirar, meus pensamentos voam rápido e eu pergunto o que tudo isso quer dizer. É de manhã, e papai não voltou. Onde ele está? Sento junto a meus irmãos, olhando para a estrada, procurando por papai. Imagino diversas razões pelas quais ele possa ter se atrasado. A carroça quebrou na lama, os bois não querem andar, os soldados precisavam dele para consertar o carro. Tento acreditar nas minhas próprias desculpas e fazer com que pareçam razoáveis, mas meu coração está cheio de medo.

Dizemos ao chefe que estamos todos doentes, então recebemos permissão para ficar em casa. Esperamos por papai o dia inteiro. Quando a noite cai, os deuses nos provocam de novo com um pôr do sol radiante.

— Nada tem o direito de ser tão bonito — digo baixo a Chou. — Os deuses estão brincando com a gente. Como podem ser tão cruéis e ainda assim fazer o céu ser tão lindo? — minhas palavras alfinetam meu coração. Os deuses são injustos ao nos mostrar beleza quando sinto tanta dor e angústia.

— Quero destruir todas as coisas belas.

— Não diga essas coisas, senão os espíritos vão escutar você — Chou avisa. Não me importo com o que ela diz. Foi isso o que a guerra fez comigo. Quero destruir por causa dela. Há tanta raiva e ódio dentro de mim agora. O Angkar me ensinou a odiar tão profundamente que agora tenho o poder de destruir e matar.

Logo a escuridão cobre a terra e papai ainda não voltou. Nós ficamos sentados nos degraus, esperando por ele em silêncio. Não trocamos uma palavra sequer enquanto observamos os campos à sua espera. Todos sabemos que papai não vai voltar, mas ninguém ousa dizer em voz alta, pois perderíamos a ilusão da esperança. Com a chegada da noite, as moscas desaparecem e dão lugar aos mosquitos, famintos pelo nosso sangue. Mamãe está com Geak no colo. De tempos em tempos, ela abana o corpo da filhinha para espantar os mosquitos. Como se percebesse a dor que ela sente, Geak beija sua bochecha e faz carinho em seus cabelos.

— Mamãe, cadê o papai? — pergunta Geak, mas mamãe não responde.

— Vão para dentro, crianças, todas vocês — diz mamãe, com a voz cansada.

— Você pode vir com a gente. Podemos esperar lá dentro — Chou diz a ela.

— Não, prefiro esperar aqui fora para recebê-lo quando chegar.

Chou toma Geak e entra. Kim e eu a seguimos, deixando mamãe sozinha nos degraus, esperando por papai.

Ouçó a respiração calma de Geak e Chou; meus olhos estão bem abertos. Depois de nos escondermos dos soldados por vinte meses, eles finalmente o encontraram. Papai sempre soube que não podia se esconder para sempre. Eu nunca acreditei que ele não conseguiria. Não consigo dormir, estou preocupada com papai e com o nosso destino. O que vai acontecer com nossa família? Nós achamos que íamos sobreviver, tínhamos certeza. Como vamos sobreviver sem papai? Minha mente se agita com imagens de mortes, assassinatos e execuções. Ouvi muitas histórias sobre prisioneiros mortos pelos soldados. Eles jogam seus cadáveres em covas enormes. Eles torturam os presos, os decapitam ou abrem seus crânios a machadadas para não gastar sua preciosa munição. Não consigo deixar de pensar em papai, pensar se ele morreu dignamente. Espero que não o tenham torturado. Alguns prisioneiros

ainda não estão mortos quando são enterrados. Não aguento imaginar papai sendo machucado dessa forma, mas o imagino com as mãos na garganta, lutando para respirar, enquanto soldados jogam terra sobre ele. As visões não me abandonam. Preciso acreditar que eles não o fizeram sofrer. Ó papai, não tenha medo, por favor! As imagens se repetem o tempo todo em minha mente. Minha respiração acelera quando penso nos últimos momentos de papai nesta terra. "Pare de pensar, pare ou você vai morrer", digo a mim mesma, rispidamente. Mas não consigo parar.

Papai me disse uma vez que os monges muito velhos conseguem sair de seus corpos e viajar o mundo como espíritos. Imagino meu espírito deixando o corpo e saindo pelo mundo à procura de papai.

Vejo um grupo grande de pessoas ajoelhadas ao redor de um buraco imenso. Já há muitos cadáveres no buraco, jogados descuidadamente uns sobre os outros. Suas camisas e calças pretas estão encharcadas de sangue, urina, fezes e uma substância branca. Os soldados estão parados atrás dos prisioneiros, ajoelhados, fumando cigarros tranquilamente, com marretas nas mãos. Há chumaços de cabelo presos à cabeça das marretas.

Um soldado leva outro homem até a beira da cova — meu coração uiva de agonia. "É o papai! Não!" O soldado empurra os ombros de papai para que ele se ajoelhe como os demais. Lágrimas escorrem por minhas bochechas enquanto agradeço aos deuses por terem feito os soldados cobrirem os olhos de papai com um pano. Pouparam-no de assistir à execução dos muitos outros prisioneiros. "Não chore, papai. Sei que você está com medo", quero dizer a ele. Sinto seu corpo tenso, ouço seu coração acelerado, vejo as lágrimas escorrerem debaixo do pano. Papai abafa um grito ao ouvir a marreta arrebentar o crânio do homem ao seu lado. O corpo cai sobre os outros na cova com um ruído surdo. Os outros pais ao lado do meu gritam por misericórdia, mas é inútil. Um por um, cada homem é silenciado pela marreta. Papai reza baixinho aos deuses para que eles nos protejam. Ele pensa em cada um de nós

demoradamente, vê nossos rostos. Quer que as faces de seus filhos sejam a última coisa em sua mente antes de deixar a vida.

"Ó papai, eu amo você. Vou sempre sentir saudade de você", minha alma grita e flutua para perto dele. Abraço-o com meus braços de espírito, o que o faz explodir em choro. "Papai, eu vou amar você para sempre. Nunca vou abandoná-lo." O soldado se aproxima de papai, mas eu não o abandono. O soldado não consegue me ouvir ou me ver. Ele não percebe meus olhos queimando em sua alma. "Deixe meu pai em paz!" Não ousa nem piscar enquanto o soldado ergue a marreta. "Papai", eu sussurro. "Tenho que soltá-lo agora. Não posso estar aqui e viver." Lágrimas lavam meu corpo enquanto voou para longe, deixando papai sozinho.

De volta à cabana, eu me aproximo de Chou. Ela abre os braços e me aconchega. Nossos corpos se aninham, nós choramos. O ar frio gela as gotas de suor na minha pele e meus dentes batem de frio. Ao nosso lado, Kim abraça Geak com força.

"Papai, não acredito que você teve que lutar para respirar quando estava sobre os corpos na cova. Tenho que acreditar que o soldado teve misericórdia e usou uma de suas balas em você. Não consigo respirar, papai. Desculpe por ter tido que partir", penso, cheia de dor e raiva. A dor cresce dentro de mim. Os espasmos de dor parecem corroer as paredes do estômago. Viro de lado e aperto minha barriga violentamente para tentar amenizar a dor. Então a tristeza me cerca. Negra, escura, a tristeza me acoisa, puxando-me cada vez mais para dentro de si. E então acontece de novo. Parece que estou em outro lugar e consigo apagar a parte de mim que sente qualquer emoção. É como se eu estivesse viva e morta ao mesmo tempo. Ainda consigo ouvir o choro abafado de mamãe lá fora, mas não sinto sua dor. Não sinto absolutamente nada.

Mamãe acorda antes de todo o mundo na manhã seguinte. Seu rosto está inchado, assim como seus olhos, que mal conseguem ficar abertos e estão bastante vermelhos. Chou dá a mamãe o pouco de comida que sobrou, mas ela não quer comer. Eu me junto a eles nos

degraus, pensando na nossa vida em Phnom Penh, quando eu era feliz. Não me permito chorar, porque, se começar a chorar, estarei perdida para sempre. Preciso ser forte.

No terceiro dia, temos certeza de que aquilo que mais temíamos aconteceu. Keav e agora papai, um por um, o Khmer Vermelho está matando minha família. Meu estômago dói tanto que quero cortar a barriga e deixar o veneno sair. Meu corpo treme como se tomado pelo mal. Quero gritar, bater os punhos contra o peito e arrancar os cabelos. Quero fechar os olhos e me ausentar do mundo de novo, mas não consigo fazer de propósito. Quero meu papai comigo quando eu acordar! Nesta noite, rezo aos deuses: "Queridos deuses, papai é um budista muito devoto. Por favor, ajudem-no a voltar para casa. Ele não é mau e não gosta de machucar outras pessoas. Ajudem-no a voltar e eu farei o que vocês quiserem. Devotarei minha vida a vocês. Acreditarei sempre em vocês. Se vocês não conseguirem trazer papai de volta, por favor façam com que eles não o machuquem ou por favor deem a papai uma morte rápida."

— Chou — sussurro a minha irmã. — Vou matar Pol Pot. Eu o odeio e quero que ele tenha uma morte lenta e dolorosa.

— Não diga essas coisas ou você vai se machucar.

— Vou matá-lo!

Não sei como ele é, mas, se Pol Pot é o líder do Angkar, ele é responsável por todo o nosso sofrimento. Eu o odeio por ter destruído minha família. Meu ódio é tão grande e forte que parece estar vivo. Rasteja no poço de meu estômago, cresce a cada momento que passa. Eu odeio os deuses por não trazerem meu pai de volta para nós. Sou uma criança, não tenho nem sete anos de idade, mas de algum modo sei que vou matar Pol Pot. Não o conheço, mas tenho certeza de que ele é a serpente mais gorda e nojenta do mundo. Tenho certeza de que existe um monstro que vive dentro de seu corpo. Ele vai morrer sofrendo muito, agonizará profundamente, e eu espero ter alguma participação nessa morte. Desprezo Pol Pot por ter me feito odiar dessa maneira. Meu ódio me

faz sentir poderosa e me dá medo, pois com ódio no coração não há espaço para a tristeza. A tristeza me faz querer morrer por dentro. A tristeza me dá vontade de me matar para escapar da minha vida sem esperanças. A raiva me faz querer sobreviver para poder matá-lo. Alimento minha ira com imagens de Pol Pot morto, seu cadáver ensanguentado sendo arrastado pela terra.

— Como não temos certeza de que seu pai morreu, sempre terei a esperança de que ele está vivo em algum lugar — declara mamãe, na manhã seguinte. Meu coração endurece ao ouvir essas palavras, porque não posso me dar o luxo de ter esperança. Ela faria com que pedaços de mim morressem. Ter esperança seria sofrer com a ausência dele e aceitar o vazio que deixou em minha alma.

Agora que aceitei a verdade, eu me preocupo com o que acontecerá com mamãe. Ela dependia muito de papai. Ele tornava a vida dela mais fácil. Papai cresceu no campo e estava acostumado às dificuldades. Em Phnom Penh, tínhamos empregados que dormiam na nossa casa e faziam praticamente tudo para nós. Papai era a nossa força e todos precisávamos dele para sobreviver, especialmente mamãe. Ele tinha maneiras de garantir nossa sobrevivência e sempre sabia o que era melhor para nós.

Espero que papai apareça para mim de novo esta noite. Tomara que ele me visite durante o sono e me encontre no mundo dos sonhos. Ontem à noite eu o vi. Ele estava vestido com seu uniforme marrom do tempo de Lon Nol. Seu rosto voltara a ser redondo como a lua e seu corpo era macio. Ele parecia tão real ao meu lado, grande e forte como era antes da guerra.

“Papai!”, eu corro até ele, que me pega no colo. “Papai, como você está? Eles machucaram você?”

“Não se preocupe”, ele me diz, para me acalmar.

“Papai, por que você nos deixou? Sinto tanto a sua falta que meu estômago dói. Por que você não veio me procurar? Papai, quando

“você vai voltar para nós? Se eu for para o campo de órfãos, você vai conseguir me encontrar?”, eu descanso a cabeça em seu ombro.

“Sim, vou sim.”

Ele é meu papai e, se diz que vai conseguir me achar, eu sei que ele vai.

“Papai, por que dói tanto estar com você? Não quero sofrer, não quero sentir.”

“Sinto muito que você esteja sofrendo. Tenho que ir.” Ao ouvir isso, aperto o abraço, não quero deixá-lo.

“Papai, eu sinto saudade de você. Sinto tanta saudade de sentar em seu colo, como fazia em Phnom Penh.”

“Tenho que ir, mas vou olhar por você sempre”, papai diz carinhosamente, colocando-me de volta no chão. Seguro seu dedo e imploro para ele ficar.

“Não! Não! Fique. Papai, fique com a gente. Por favor, não vá embora. Eu sinto sua falta e tenho muito medo. O que vai acontecer com a gente? Para onde você vai? Me leve com você!”

Papai olha para mim com seus meigos olhos castanhos. Tento alcançá-lo com os braços, mas quanto mais tento, mais ele se afasta, até desaparecer completamente.

Meu corpo luta para dormir quando o sol se esgueira pela nossa porta, avisando que já é manhã. Quero dormir para sempre só para estar com ele. No mundo real, não sei quando o verei de novo. Aos poucos, abro os olhos, com a visão do rosto de papai ainda presente. Não é a face do homem velho e cansado que os soldados levaram embora, mas a do homem que um dia eu achei que fosse um deus.

Foi durante nosso passeio em Angkor Wat que eu tive a suspeita de que papai fosse um deus. Eu tinha três ou quatro anos na época. De mãos dadas, papai e eu entramos em Angkor Thorn, uma das muitas áreas cheias de templos. As torres cinza se alçavam como montanhas de pedra. Em cada torre, rostos gigantes belamente

coroados observavam os mais variados cantos de nossa terra. Olhando para aqueles rostos de pedra, exclamei:

— Papai, eles parecem com você! Os deuses se parecem com você!

Papai riu e me levou para dentro do templo. Não conseguia tirar os olhos daqueles rostos redondos enormes, com olhos em forma de amêndoa, narizes largos e lábios carnudos — todos os traços de papai!

Tento me agarrar a essas imagens de papai ao acordar, mesmo que tenhamos que seguir a vida sem ele. Mamãe volta aos campos, trabalha de 12 a 14 horas por dia, deixando Geak aos cuidados de Chou. Com Geak caminhando desajeitada atrás de nós, vamos trabalhar no jardim ou cumprir pequenas tarefas na vila. Faz mais de um mês desde que papai foi levado. Mamãe parece ter se recuperado e tenta seguir adiante, mas sei que nunca a verei sorrir de verdade novamente. Às vezes, acordo no meio da noite com seus soluços. Ela vai se sentar nos degraus à espera de papai. Ela ainda espera, com o corpo curvado de uma velha, recostada no batente da porta, abraçando a si mesma. Ela olha para o caminho por onde papai se foi, chorando. Anseia por ele.

Sentimos muita saudade e Geak, por ser tão novinha, é a única que o declara em voz alta. Pergunta o tempo inteiro por papai. Temo por Geak, que tem só quatro anos e parou de crescer por causa da desnutrição. Quero me matar quando lembro que fui eu que roubei comida de sua boca aquela noite.

— Seu pai vai trazer muita comida para nós quando voltar — responde mamãe, quando Geak pergunta onde ele está.

Os soldados vêm cada vez mais à nossa vila. A cada visita, levam mais e mais pais de família. Sempre vêm em duplas, mas nunca a mesma dupla, com seus rifles e suas desculpas mundanas. Quando eles chegam, alguns moradores tentam esconder seus pais mandando-os para a floresta ou para qualquer outro lugar. Mas os soldados esperam perto da casa do chefe, fumando lentamente seus

cigarros como se tivessem todo o tempo do mundo. Depois que todos os cigarros acabam, vão até as cabanas de suas vítimas e logo ouvem-se os gritos e súplicas vindos lá de dentro. Então o silêncio. Todos sabemos que mentem para nós, dizem que os pais de família voltarão na manhã seguinte. Ainda assim, não podemos fazer nada para detê-los. Ninguém questiona os desaparecimentos: nem o chefe, nem os moradores da vila, nem mamãe. Odeio os soldados agora tanto quanto odeio o Angkar e seu líder, Pol Pot. Guardo seus rostos na memória e planejo o dia quando poderei voltar para matá-los.

Há rumores na vila que dizem que papai não foi executado pelo Khmer Vermelho. Dizem que ele foi levado a uma prisão nas montanhas e que o torturam todos os dias. Mas ele sobreviveu e escapou. Os soldados procuram por ele nas montanhas, mas não o encontraram. Pessoas que vêm à vila dizem ter visto alguém com os traços de papai. Contam histórias sobre um exército formado por ele, que está recrutando mais gente para lutar contra o Khmer Vermelho. Ao ouvir esses boatos, o rosto de mamãe se ilumina e seus olhos brilham novamente de esperança. Durante alguns dias, ela caminha mais animada para o trabalho, e mesmo 12 horas de trabalho não são o suficiente para tirar o tênue sorriso de seu rosto. À noite, ela reclama constantemente de nossa aparência, limpa a terra de nossos rostos e desembaraça nossos cabelos. Ela acredita realmente nos rumores.

— Se ele escapou, não vai demorar até vir ao nosso encontro. Até termos certeza do seu destino, não podemos perder a esperança.

Ela volta a se sentar nos degraus, à espera de papai. Passam-se semanas desde que ouvimos os rumores sobre papai, e ele ainda não voltou. Sei que mamãe sente saudade e acredita que ele esteja vivo em algum lugar. Finalmente ela desiste de esperar e tenta novamente retornar à vida cotidiana. O tempo passa lentamente sem papai em nossas vidas. Mesmo com a comida que nos dão, nossa sobrevivência depende da comida que nossos irmãos trazem

toda semana. Quando Khouy adocece e começa a tossir sangue, temos que nos virar sozinhos. Khouy é um homem forte, mas trabalha duro demais. Seu trabalho consiste em carregar e descarregar sacos de cem quilos de arroz em caminhões destinados à China. Meng também não pode vir porque os soldados o mantêm ocupado no trabalho. Todos nos preocupamos muito com eles.

A vida é dura sem papai. As pessoas na vila desprezam mamãe porque ela não trabalha bem o suficiente no campo. É perigoso demais fazer amizade, então ela não conversa com ninguém. Também desprezam sua pele clara e com frequência fazem comentários pejorativos sobre "brancos preguiçosos". Para minha surpresa, mamãe está aguentando firme no trabalho e conseguindo se virar sem papai. Quando a mandam para os lagos próximos para pescar camarões, vou com ela, deixando Chou e Geak em casa. Meu trabalho com eles inclui pegar água para os que procuram os camarões, ajudar a desembaraçar as redes e separar os camarões das algas. Embora tenhamos fome, somos proibidos de comer os camarões que encontramos, pois pertencem à vila e devem ser compartilhados com todos. Se alguém é pego roubando, o chefe pode humilhá-lo em praça pública, confiscar suas coisas e espancá-lo. Os castigos para esses atos são pesados, mas nossa fome não nos impede de, uma vez ou outra, roubar.

— Loung — mamãe me chama. — Preciso de um pouco de água, venha cá.

Ela se levanta e seca a testa com a manga da camisa, deixando uma mancha de lama no rosto. Com um coco cortado pela metade, pego um pouco de água do balde e levo até ela.

— Aqui — ela sussurra —, me dê a mão rápido, enquanto ninguém está vendo.

Mamãe olha rapidamente para os demais para se certificar de que ninguém nos está observando. Ela põe um punhado de pequenos camarões em minha mão ao pegar a água.

— Rápido, coma logo antes que alguém nos veja.

Sem hesitar, ponho todos os camarões na boca, com casca e tudo. Têm sabor de lama e algas podres.

— Mastigue rápido e engula — diz mamãe. — Agora fique de olho enquanto eu como alguns também. Se alguém olhar, me avise.

Agora vejo mamãe com outros olhos e tenho mais orgulho dela, de sua força. De algum modo, sempre encontramos maneiras de sobreviver.

O MACAQUINHO DA MAMÃE

Abril, 1977

Faz dois anos do dia em que os caminhões do Khmer Vermelho invadiram Phnom Penh; quatro meses desde que os soldados levaram papai embora, fazendo com que Kim se tornasse o chefe da família. Há quase um ano não temos notícias de Meng e Khouy. O Ano-Novo passou e todos nós ficamos um ano mais velhos. Geak agora tem cinco anos de idade, eu tenho sete, Chou tem dez e Kim, 12. Como é o novo chefe da família, Kim leva a sério a tarefa que papai lhe deu: cuidar de nós. Todo dia ao nascer do sol, ele se levanta e vai à praça da cidade para saber das tarefas do dia. Na cabana, mamãe acorda as meninas e passa alguns minutos com a gente. Antes que ela termine de pentear os cabelos de Geak e lavar seu rosto, Kim está de volta com as ordens do dia. Acordo lentamente, ainda sonolenta, e Kim já está dizendo aonde mamãe deve ir. Depois que ela sai a caminho dos campos, vamos até o jardim comunitário. Geak vai junto, pendurada às costas de Kim. Embora ele esteja mais do que nunca parecido com um macaco, mamãe nunca mais usou o apelido, desde que levaram papai. Agora nós só o chamamos de "Kim".

A alguns quilômetros da nossa vila há um milharal. Tivemos uma boa estação chuvosa este ano e o milho está maduro, pronto para a colheita. Por maior que seja o nosso medo de roubar e sermos castigados, o desespero fala mais alto.

— Por que não, mamãe? — argumenta Kim. — Nós trabalhamos dia e noite nessas plantações e agora que estão maduras nos dizem que não podemos comer. Estamos morrendo de fome.

— É perigoso demais, Kim. Você sabe muito bem o que os soldados farão com você se descobrirem.

— Mãe, nós estamos morrendo de fome. Muita gente já morreu de inanição na vila. E, ainda assim, o governo troca nossa colheita por armas para matar mais gente.

— *Shhh...* Fale mais baixo. É crime falar mal do Angkar. Se os soldados ouvirem, vão levar você embora e matá-lo.

— Mãe, eu vou hoje à noite buscar milho para nós.

Kim parece determinado. Tomou uma decisão.

— Tenha cuidado — diz mamãe, e se vira.

Chou e eu não tentamos impedi-lo, embora saibamos que é perigoso. Pol Pot pôs muitos soldados armados com rifles e pistolas para vigiar os milharais à noite. Os soldados têm o poder de castigar como quiserem os ladrões, até com a morte, se quiserem. São tão onipotentes que ninguém ousa questioná-los. Tenho medo, mas também tenho muita fome e vontade de ir eu mesma; porém não tenho nem força, nem coragem para isso. Ouço histórias de que os soldados estupram as meninas que encontram nos milharais, não importa o quanto elas sejam pequenas.

Assim que escurece, Kim pega duas bolsas, estufa o peito de menino de 12 anos e se vai. Parte de mim está feliz em vê-lo fazer isso, e minha boca se enche de água só de pensar na comida que ele vai trazer. Quase consigo sentir o gosto! Mal posso esperar pela sua volta. Meu estômago geme por milho docinho e suculento. Mas também sinto medo, estou preocupada com sua segurança; já

perdemos papai e Keav. Não quero enterrar outro membro de nossa família.

Está ficando tarde e Kim ainda não voltou. Por que está demorando tanto? Olho para mamãe, que está com Geak no colo, em busca de conforto. Chou está sentada sozinha num canto, perdida em seu próprio mundo.

“Deuses, isto não pode acontecer comigo de novo! Se vocês deixarem meu irmão morrer, eu *nunca* vou lhes perdoar. Vocês podem ir para o inferno — porque agora sei que não existem deuses!”, grito aos espíritos em pensamento. Como se ouvindo meus apelos, Kim pula para dentro de nossa cabana, sorridente e com duas bolsas cheias de milho nas mãos. Corro para ajudá-lo a trazer as bolsas para dentro de casa. Ao ver o filho, mamãe põe Geak no chão e vai ao seu encontro.

— O que aconteceu? Você demorou tanto, nós estávamos preocupadíssimas — diz mamãe, trazendo-o para dentro com um abraço.

— Mãe, é tão fácil! Nunca pensei que fosse tão fácil roubar! Há tanto milho e ninguém consegue patrulhar todos os campos ao mesmo tempo. Devo ter comido umas cinco espigas cruas!

Enquanto Kim conta o que aconteceu à mamãe, eu me aproximo das bolsas de milho. Sinto o perfume e observo as espigas amarelas. Mal posso esperar para fincar os dentes nelas.

— Posso ir com ele da próxima vez? — pergunto. A ideia de trazer ainda mais milho do que Kim é capaz de carregar me faz sentir mais e mais ganância.

— Você não vai com ele, isso está fora de questão! — diz mamãe, terminantemente. Ela sai da cabana para cozinhar o milho na fogueira que acendemos mais cedo. Ela cava um buraco para pôr o milho e espalha o fogo sobre o forno improvisado. Como papai se foi, assim como muitos dos pais de família da vila, os soldados quase não patrulham mais nossas casas, então é relativamente seguro. Kim continua a roubar milho nas semanas seguintes, sempre que o

nosso estoque acaba. Toda vez, ele sai e nós esperamos por ele cheias de medo e culpa. A cada noite, parece que ele demora mais.

Kim põe duas bolsas vazias sobre os ombros e desce os degraus da cabana. Seus joelhos cedem quando chega ao final da escada, mas ele logo se levanta, para que ninguém perceba. Ele sabe que mamãe e as meninas estão contando com ele, então deve ser forte por elas. Não há necessidade de deixar ninguém mais preocupado do que já está, por isso não quer revelar que está sentindo medo. Ele tenta fingir que não tem medo de nada, mas sempre que vai ao milharal tem pavor de perder as estribeiras. Quer correr para dentro da cabana e nunca mais passar por esse perigo. Mas ele tem que ir, tem que cuidar de sua família. Ele olha para o céu e não vê estrelas. As nuvens se movem rápidas e furiosas, impedindo que os raios da lua toquem a terra.

— Tudo bem — sussurra a si próprio. — É hora de ser valente.

Ao dizer isso, força os pés a andarem na direção do breu. Sabe que mamãe e as próprias irmãs estão olhando para ele, pesando em suas costas, mas ele não pode se virar para olhar, ou perderá a coragem.

Ele dá passadas curtas e rápidas. Sabe que, para não ser visto, tem que correr de arbusto em arbusto. “Como as raposas que se escondem dos caçadores.” O pensamento quase o faz sorrir. O céu escureceu ainda mais e a umidade do ar se adensa numa névoa espessa. Está com sorte. Papai deve estar olhando por ele. Pensar em papai quase o faz perder a adrenalina. Todas as crianças acham que são os favoritos de papai, mas Kim sabe que *e/le* era. Afinal papai contava a história do seu nascimento e do dragão para todo o mundo.

Pensar em papai o faz respirar com dificuldade. Há tanta dor em seu coração e o fardo é pesado demais para carregar. Ele não pode fugir. A saudade que tem de papai é insuportável, mas ele agora é o homem da casa, não pode falar abertamente sobre seu sofrimento. Uma gota salgada entra em sua boca e ele se concentra novamente

na missão. Ele percebe que essas são suas lágrimas e as seca rapidamente com a camisa. Sente muita falta de papai, mas agora não é hora de pensar nisso. Ele deve cuidar da família.

Tem 12 anos de idade e bate no ombro de mamãe, mas sabe que é forte. Tem que ser forte, não há outra saída. A imagem do rosto de Geak surge em sua mente e ele teme por seu destino. Vê os olhos fundos da irmã, a barriga cada vez mais saliente à medida que ela vai perdendo as forças. Ouve seu choro, pedindo comida a mamãe. Vê mamãe dizer o tempo inteiro a ela que não há comida. Não sabe quanto tempo a irmãzinha vai sobreviver se ele não fizer o que está fazendo. O pouco de comida que ele consegue roubar lhe dá um pouco mais de tempo, e Geak pode ficar conosco. Pensar nela lhe dá forças e o impulsiona, raivoso, na direção do milharal.

As nuvens se incham e escurecem no céu. Segundos depois, ele sente gotas de chuva no braço. De repente, parece que o céu se abre e derrama as lágrimas de todos os cambojanos na terra, ensopando até sua pele. De certa maneira, a chuva é uma bênção porque diminui a umidade do ar. Ele se lembra de ter lido sobre a chuva em outros países, onde as pessoas ficam doentes porque a água que cai do céu é gelada. Ninguém sai de casa. Não é assim no Camboja. Aqui a chuva é morna e, em Phnom Penh, significava que podíamos sair para brincar fora de casa. A chuva era, e ainda é, nossa amiga, mesmo sob o Khmer Vermelho.

Então ele vê a plantação à frente, densa, cheia de pés de milho com o dobro do seu tamanho, cada um com três ou quatro espigas. Seus olhos vasculham ao redor. Seu coração acelera, desta vez de raiva. Por que estes assassinos nos deixam passar fome com tanta comida ao redor? Pulsa de adrenalina e, forçando coragem, corre do arbusto onde estava escondido até o milharal. As gotas de chuva batem nas folhas, espirram em seus olhos, mas ele não se importa. Colhe uma espiga e a descasca rapidamente. Afunda os dentes nos grãos. *Hmm*, o suco doce e nutritivo vaza pelos cantos da boca e

suja sua camisa. Depois que enche o próprio estômago, começa a encher as bolsas que trouxe.

Está tão concentrado que não ouve os passos correndo em sua direção. Seu coração para ao sentir as duas mãos que o agarram e jogam no chão. A chuva deixou o chão enlameado e ele tropeça ao tentar se levantar. Por entre os cílios molhados, vê dois soldados do Khmer Vermelho com os rifles pendurados nas costas. Um deles agarra seu braço e o levanta do chão, mas seus joelhos cedem. Está tonto. Treme de frio e de pavor, e o terror aumenta. Sente um golpe forte no rosto e um zumbido no ouvido. Foi estapeado. A dor é aguda, mas ele trava com força a mandíbula para se conter. "Papai, por favor!", ele grita para si. "Por favor me ajude! Não deixe que eles me matem."

— Maldito! Inútil! — gritam os soldados. — Como ousa roubar do Angkar?! Seu merda!

Os soldados gritam outros xingamentos, mas ele não consegue ouvir. Está apavorado. Eles o jogam no chão e o empurram.

— Levante! — gritam.

Kim está de quatro, tenta se levantar quando sente um chute potente no estômago, que o faz perder o fôlego. Volta ao chão e luta para respirar. Um soldado pisa em suas costas e ele sente uma bota em sua nuca, empurrando seu rosto na lama. Abre a boca em busca de ar e engasga com a terra molhada. Está em pânico, não sabe o que fazer. Uma mão o puxa pelos cabelos e o põe em pé, o soldado o encara.

— Você nunca mais vai voltar aqui e roubar do Angkar?

— Nunca mais, camarada — sussurra Kim, com a boca ensanguentada.

Mas não é o suficiente para eles. Mais chutes e socos. A mesma pergunta é feita diversas vezes, e Kim responde sempre a mesma coisa.

Então um soldado puxa o rifle das costas e aponta para ele. Kim começa a chorar, as lágrimas brotam mais rápido que a chuva é

capaz de lavar.

— Por favor, camarada, poupe a minha vida, não me mate — implora, tremendo todo.

Um dos soldados ri dele. Ele já não é um menino tentando ser o chefe da família, tentando ser corajoso. Agora ele é só um garotinho de 12 anos de frente para o cano de um rifle.

— Por favor, camarada, não me mate. Sei que fiz coisa errada, nunca mais farei isso.

O soldado permanece com o rifle firmemente apontado para ele. Logo vira a arma ao contrário e desfere uma coronhada na cabeça de Kim. Uma dor branca se espalha pelo corpo e ele cai, mas não ousa chorar.

— Por favor, camarada, não...

— Vá! — interrompe o soldado. — Pegue suas bolsas e vá embora. Não volte nunca mais, porque na próxima vez vou estourar seus miolos.

Kim se levanta cambaleante e volta para casa mancando.

Em casa, Chou, mamãe, Geak e eu esperamos por Kim, sentadas e em silêncio.

— Chou, Kim está demorando demais hoje. Estou preocupada — digo.

— Está difícil enxergar qualquer coisa lá fora. Ele provavelmente se perdeu. Está chovendo muito.

Como se me escutasse, a noite escurece ainda mais de maldade, o vento uiva e uma tempestade chicoteia seus raios acima de nós. Mamãe fala baixinho com Geak, tentando acalmá-la de seu medo da tempestade. Olho para elas e vejo mamãe com a mão na boca, para abafar um grito. Viro na direção de seu olhar e vejo Kim recortado pela escuridão, seu corpo de menino apoiado no batente da porta. Em suas mãos, duas bolsas vazias e ensopadas pela chuva. Está todo molhado, mas consigo ver a cor inconfundível do sangue em suas roupas e os hematomas sob a lama do rosto. Os olhos estão entreabertos, ele treme, mas não chora. Mamãe corre até ele e toca

delicadamente as feridas em sua face. Ela chora ao ver os lábios inchados, cheios de cortes, e treme ao tocar o sangue que escorre da cabeça.

— Meu pobre macaquinho, meu pobre macaquinho. Olhe o que fizeram com você. Eles machucaram você, meu pobre macaquinho.

Kim está calado e não reage quando mamãe tira sua camisa molhada. Mordo meu lábio ao ver meu irmão machucado desse jeito. Marcas vermelhas, feridas abertas e hematomas cobrem seu torso e suas costas. Quero correr até ele e curar sua dor, mas em vez disso fico anestesiada, sentada num canto. Vejo a dor em seu rosto e sinto o peso em seu coração por não ter conseguido trazer comida para nós. Fico em meu canto com mais vontade do que nunca de matar esses soldados para vingar o sangue que escorre na testa de meu irmão. Um dia, matarei todos. Meu ódio por eles não tem limites.

— Estava chovendo demais, e eu não ouvi eles se aproximando.

— Meu pobre macaquinho, eles machucaram você.

— Bateram em minha cabeça com a coronha dos rifles — Kim termina de contar o que aconteceu e ainda assim não chora. Faz uma careta quando mamãe põe um pano molhado sobre sua cabeça ensanguentada e cheia de feridas. — Sinto muito por não ter conseguido trazer comida hoje — diz a todas nós, deita-se, fecha os olhos e cai no sono.

Com medo de que Kim morra sem que eu perceba, vou até ele com frequência e aproximo o ouvido de seu nariz, para ter certeza de que está respirando.

— Papai — sussurro. — Papai, não deixe Kim morrer. Papai, eu me sinto tão culpada, tudo isso aconteceu por causa do milho que ele traz para nós. Papai, eu sou má, também estou triste porque não temos mais milho.

Ajoelhada ao lado de Kim, aperto a barriga para afastar a dor no estômago.

— Papai, vou matar todos eles. Vou fazer com que eles sofram.

Minha cabeça dói e eu pressiono os indicadores nas têmporas para tentar aplacar a explosão. Quanto mais raiva eu tenho, mais sinto tristeza e desespero.

— Não posso morrer, papai. Não temos escolha a não ser seguir em frente. Mas um dia eles vão sofrer como nós estamos sofrendo agora.

Depois daquela noite, Kim nunca mais roubou. Agora ele anda mais calado e soturno. Papai se foi e meus irmãos estão em outro campo. Kim é o homem da casa. Mas na verdade é só um menino, um garotinho que não tem esperança e não consegue proteger a própria família.

SAINDO DE CASA

Maio, 1977

Faz um mês desde que Kim foi pego roubando milho. O Angkar aumentou a quantidade de comida no racionamento, por isso cada vez menos pessoas estão morrendo de desnutrição. Aquelas que sobreviveram à fome aos poucos estão ficando mais fortes. Para nós, parece que a cada três meses o Khmer Vermelho aumenta ou diminui nossa comida sem aviso ou explicação. Por dois ou três meses, temos comida suficiente para nos mantermos vivos, e de repente nada para comer durante outros meses. Depois um pouco mais. Kim imagina que isso tenha algo a ver com os boatos sobre os *youn* — os vietnamitas —, que atacaram as fronteiras. Sempre que o Angkar acha que os *youn* vão invadir o Camboja, os soldados estocam comida e suprimentos e mandam mais arroz para a China em troca de armamento. Quando se dão conta de que os *youn* não vão atacar, param de comprar armas, e nossas rações aumentam.

Mesmo sem ter que procurar comida para nós, Kim está diferente. Não é mais a mesma pessoa que era em Phnom Penh. Está mais calado, raramente diz mais do que umas poucas palavras. Todos nós mudamos: Chou e eu paramos de brigar e Geak, que também ficou mais introvertida, parou de perguntar por papai. Mamãe, no entanto,

ainda passa muitas noites sentada em frente à cabana, esperando por ele.

Embora eu esteja triste e passe alguns dias querendo morrer, meu coração ainda palpita de vida. Meus olhos se enchem de lágrimas ao pensar em papai.

— Sinto tanto a sua falta, papai — sussurro para ele. — É tão difícil viver sem você. Estou tão cansada de sentir saudade.

Não adianta, porém, porque nem todas as lágrimas do mundo vão trazê-lo de volta. Sei que papai não ia querer que eu desistisse e, por mais difícil que seja a nossa vida cotidiana, não tenho escolha a não ser seguir em frente.

Coisas estranhas estão acontecendo na vila. Famílias inteiras desaparecem da noite para o dia. Kim diz que o terror do Khmer Vermelho atingiu um novo patamar. Os soldados estão assassinando as famílias daqueles que já executaram, inclusive as crianças pequenas. O Angkar teme que os filhos daqueles que foram assassinados um dia queiram vingança e se levantem contra o regime. Para eliminar essa ameaça, matam todos. Acho que foi isso o que aconteceu com a família Sarrin, nossos vizinhos.

Os Sarrin viviam em uma cabana próxima à nossa. Os soldados levaram o pai, assim como aconteceu conosco, deixando para trás a mãe e os três filhos pequenos. Os filhos têm a nossa idade, entre cinco e dez anos. Há algumas noites, ouvimos gritos vindos da direção de sua casa. Os gritos duraram muitos minutos e, de repente, tudo ficou em silêncio novamente. Pela manhã, passei na frente de sua cabana e vi que não estavam mais lá. Os seus pertences ainda estavam na casa: a pequena pilha de roupas pretas num canto da sala, os lenços vermelhos quadriculados e as tigelas de madeira. Isso aconteceu há cerca de três dias e a cabana segue vazia. Parece que a família desapareceu magicamente e ninguém ousa perguntar seu paradeiro. Todos fingimos que nada aconteceu.

Um dia, ao voltar do trabalho, mamãe reúne todos os filhos e diz que tem algo a nos contar. Sentamos em círculo e esperamos

mamãe voltar. Foi lá fora para ter certeza de que ninguém nos ouviria. Quando volta, seus olhos estão marejados.

— Se ficarmos juntos, morreremos todos juntos — ela diz, baixinho, com a voz trêmula. — Mas, se não conseguirem nos encontrar, não morreremos. Vocês três têm que ir embora, para bem longe. Geak tem só quatro anos, é nova demais. Ficará comigo — sua voz me perfura como mil adagas. — Vocês três partirão em direções diferentes. Kim, você vai para o sul; Chou vai para o norte e Loung, para o leste. Caminhem até encontrar um campo de trabalho e digam que são órfãos. Eles vão acolhê-los. Mudem seus nomes, não digam nem um ao outro seus novos nomes. Não deixem que descubram quem vocês são — a voz de mamãe se torna cada vez mais determinada. — Assim, se pegarem um de vocês, não chegarão aos outros, porque vocês não terão informações a dar. Vocês vão sair amanhã antes que todos acordem.

Sua boca diz muito mais, porém eu já não consigo ouvir. Sinto pânico e meu corpo inteiro começa a tremer. Quero ser forte e corajosa, mostrar à mamãe que ela não precisa se preocupar comigo.

— Não quero ir embora — digo, quase sem pensar.

— Você não tem escolha — responde mamãe.

Na manhã seguinte, mamãe vem me acordar, mas eu já estou desperta. Chou e Kim estão vestidos e prontos para partir. Mamãe coloca uma muda de roupa e minha tigela de madeira em um lenço, que amarra diagonalmente às minhas costas. Desço lentamente os degraus da cabana, ao encontro de Kim e Chou.

— Lembrem — diz mamãe. — Não vão juntos e não voltem.

Meu coração pesa ao perceber que mamãe nos está mandando embora.

— Mamãe, eu não vou — piso firme, recusando-me a partir.

— Você vai, sim! — responde ela, com firmeza. — Seu pai não está mais aqui e eu simplesmente não consigo cuidar de vocês. Não

quero vocês aqui! Vocês dão trabalho demais! Quero que vocês vão embora!

O olhar de mamãe não tem expressão.

— Mamãe! — estendo os braços, implorando que ela me abrace e diga que posso ficar. Mas ela me dá um tapa nas mãos.

— Vão! — ela me toma pelo ombro e me vira na direção do caminho, dando-me um tapa forte na bunda para que eu me mova.

Kim já está caminhando, com as costas eretas e o olhar fixo na frente. Chou vai atrás lentamente, secando as lágrimas com as mangas da camisa. Relutantemente deixo a companhia de mamãe e vou na direção deles. Depois de dar alguns passos, eu me viro, mas mamãe já voltou para dentro da cabana. Geak está sentada na porta, olhando para nós. Ela me dá tchau sem dizer nada. Todos aprendemos a expressar nossas emoções silenciosamente.

À medida que me afasto da vila, minha raiva cresce e se sobrepõe à tristeza. Em vez de sentir saudade de mamãe, meu sangue ferve de ressentimento. Mamãe não me quer mais por perto. Papai tomava conta de nós e mantinha-nos unidos. Mamãe não consegue fazer isso porque é fraca, como o Angkar diz. O Angkar diz que mulheres são fracas e dispensáveis. Eu era a favorita de papai. Ele me deixaria ficar em casa. Mamãe tem Geak, ela sempre teve Geak, ela ama Geak. É verdade que ela é nova demais para ir embora, mas eu não tenho nem oito anos ainda. Não tenho ninguém. Estou completamente sozinha.

O sol nasce às nossas costas, queimando nossas nuças. As pedrinhas do caminho estão quentes e machucam as solas de meus pés, perfurando os calos. Saio das pedras e passo a caminhar no mato. Junho é o começo da estação das chuvas, então as plantas ainda estão verdes e folhosas. Em novembro, a grama vai secar e espetar como agulhas. As solas de meus pés estão tão grossas e cheias de calos que nem o mato seco consegue cortá-las. Mas, se estiver alto como está agora, as folhas podem cortar minha pele como papel. Faz muito tempo que eu não uso sapatos. Não lembro

quando parei de usá-los. Acho que foi quando chegamos a Ro Leap e eles botaram fogo no meu vestido vermelho. Em Phnom Penh, eu tinha sapatos pretos com fivelas, faziam parte do uniforme da escola. Os soldados os queimaram também.

Logo chega a hora de Kim seguir sozinho. Paramos e ele repete as instruções de mamãe, sem demonstrar emoção. Embora ele tenha somente 12 anos de idade, seus olhos parecem os de um velho. Sem dizer adeus ou boa-sorte, ele se vira e se afasta de nós. Quero correr até ele e abraçá-lo, mantê-lo no abraço da memória, como fiz com papai e Keav. Não sei quando vou vê-lo novamente, ou mesmo se um dia voltarei a encontrá-lo. Não quero sentir a tristeza da saudade. Com as mãos fechadas em punho e os braços caídos, observo meu irmão partir, sigo seu corpo com os olhos até não conseguir mais vê-lo.

Mamãe nos mandou seguir em direções diferentes, mas Chou e eu não conseguimos nos separar. Vamos na mesma direção. Sem comida ou água, andamos a manhã inteira em silêncio, sob um sol escaldante. Nossos olhos buscam qualquer sinal de vida humana, mas não encontram. Ao nosso redor, as árvores estão marrons, e as folhas verdes, murchas no calor do céu branco, pendem quietas dos galhos. O único som que ouvimos vem dos nossos passos e das pedrinhas chutadas por nossos pés descalços. Quando o sol se ergue sobre nossas cabeças, nossos estômagos roncam em uníssonos, pedindo comida. É claro que não temos comida. Em silêncio, Chou e eu seguimos o longo e tortuoso caminho de terra vermelha. Estamos cansadas e fracas, queremos sentar e descansar à sombra, mas nos forçamos a continuar; não sabemos quando chegaremos. Já é tarde quando avistamos um campo.

O campo consiste em seis cabanas com teto de palha, muito parecidas com as nossas, mas estas são maiores. Do lado oposto, há duas cabanas menores, sem paredes, utilizadas como cozinha comunitária. Além delas, três cabanas menores, onde vivem os supervisores. O campo é cercado de hortas por todos os lados. Em

uma delas, cerca de cinquenta crianças estão trabalhando agachadas em fileira, arrancando mato e plantando vegetais. Outras cinquenta crianças fazem fila diante do poço para regar as plantações. Baldes de água passam de mão em mão até a última criança, que despeja a água e devolve o balde vazio, o qual retorna ao início da fila.

A supervisora do campo nos saúda no portão de entrada. Ela tem a altura de mamãe, mas é maior e mais intimidante. Seus cabelos pretos vão até um pouco abaixo das orelhas, no corte quadrado que todas temos. Seus olhos pretos, fincados na face redonda, nos perscrutam.

— O que vocês estão fazendo aqui?

— Met Bong, minha irmã e eu estamos em busca de um lugar para morar — digo em khmer, referindo-me à supervisora como “camarada irmã mais velha” da maneira mais potente que consigo.

— Este é um campo de trabalho para crianças. Por que vocês não estão com seus pais?

— Met Bong, nossos pais morreram há muito tempo. Somos órfãs e passamos um tempo com diversas famílias, mas elas não nos querem mais.

Meu coração palpita de culpa ao passo que as mentiras saem de minha boca. Os chineses acreditam que, se você falar da morte de alguém em voz alta, essa pessoa morrerá. Ao dizer que meus pais estão mortos à supervisora, estou cavando a cova de mamãe.

— Eles morreram no campo de reeducação? — pergunta Met Bong. Ouço a respiração ofegante de Chou e lhe dirijo um olhar que diz “não fale nada”.

— Não, Met Bong. Somos camponesas, vivemos no campo. Quando eles morreram, nós éramos novas demais, não me lembro, mas sei que morreram lutando na Guerra Civil.

Fico abismada pela facilidade com que as mentiras jorram de mim. Met Bong parece acreditar no que digo, ou simplesmente não se

importa. Há cem crianças sob seus cuidados e aumentar a força de trabalho não é um problema.

— Quantos anos vocês duas têm?

— Eu tenho sete e minha irmã, dez.

— Tudo bem, entrem.

Este é um campo para meninas, onde trabalham aquelas que não são consideradas fortes o bastante para os campos de arroz. Somos vistas como inúteis porque não contribuimos diretamente para o esforço de guerra. Porém trabalhamos o dia inteiro sob o sol escaldante, cultivando comida para o Exército. Do nascer ao pôr do sol, plantamos vegetais na horta, só paramos para almoçar e jantar. À noite, caímos num sono profundo de exaustão, deitadas numa tábua de bambu, junto com outras cinquenta meninas. As outras cinquenta dormem na cabana ao lado.

Nada é desperdiçado no campo, sobretudo a água. O poço serve unicamente para regar as hortas e para cozinhar; para tomar banho, temos que caminhar até o lago, que fica a pouco mais de 1 quilômetro de distância. Depois de um dia longo cozinhando sob o sol, ninguém gosta de caminhar até o lago, então quase não tomamos banho. Tudo é coletado e reaproveitado: roupas velhas viram lenços, a comida velha é desidratada e guardada — até os dejetos humanos são transformados em adubo.

Após nosso primeiro jantar, Chou e eu somos convocadas à reunião ao redor da fogueira, para a aula noturna. Quando chegamos, vemos todas as outras crianças agachadas, aguardando Met Bong. Também nos agachamos à espera da supervisora, que lê as últimas notícias ou a propaganda do Angkar. Com uma voz cheia de fúria e adulação, ela grita:

— O Angkar é todo-poderoso! O Angkar é o libertador e o salvador do povo khmer!

Então as cem crianças estouram em aplausos, quatro palmas rápidas. Depois erguem os punhos e gritam:

— Angkar! Angkar! Angkar!

Chou e eu seguimos o exemplo, mesmo sem entender a propaganda por trás das palavras de Met Bong.

— Hoje os soldados do Angkar expulsaram nossos inimigos, os odiosos *youn*, do nosso país!

— Angkar! Angkar! Angkar!

— Existem mais *youn* do que soldados khmers, mas os nossos homens são guerreiros mais poderosos e derrotarão os *youn*! Graças ao Angkar!

— Angkar! Angkar! Angkar!

— Vocês são filhas do Angkar! Embora sejam fracas, o Angkar ainda as ama. Muitas pessoas as machucaram, mas de agora em diante o Angkar as protegerá!

Nós nos reunimos todas as noites para ouvir esse tipo de notícia e propaganda. Todas as noites, ouvimos que o Angkar nos ama e vai nos proteger. Eu sento com elas e imito seus gestos enquanto o ódio cresce dentro de mim. Esse Angkar delas pode ter lhes dado proteção, mas não a mim, nunca — matou meu pai e Keav. O Angkar delas não nos protege quando as outras crianças implicam comigo e com Chou.

As crianças me desprezam e me consideram inferior por causa de minha pele mais clara. Quando passo por elas, meus ouvidos doem ao receber seus insultos cruéis e seus cuspes, que atravessam minha pele como se fossem ácido. Jogam lama em mim, dizendo que assim minha horrível pele branca ficará mais escura. Às vezes, botam os pés na minha frente para me fazer tropeçar. Eu caio e ralo os joelhos. Met Bong finge que não vê. De início, não reajo, aceito calada, pois não quero chamar atenção. A cada queda, sonho em quebrar seus ossos. Não sobrevivi até aqui para ser derrotada por essas crianças.

Um dia, enquanto estou me lavando para jantar, uma das valentonas, Rarnie, vem até mim e me belisca.

— Chinesinha-*youn* burra! — murmura com raiva.

Sinto meu rosto e meu sangue fervendo de raiva. Como se tivessem vida própria, meus braços voam até seu pescoço, e minhas mãos a esganam. Seu rosto empalidece, sem entender o que está acontecendo. Ela tosse em busca de ar, sentindo a pressão de meus dedos. Agarra meus braços, arranhando minha pele com suas unhas, mas eu não paro. Sinto uma dor explosiva na canela quando ela me chuta. Tenho tanta raiva que sinto ter 1,80 metro de altura. Com todo o meu corpo, eu a empurro tão forte que ela cai no chão. Sento sobre ela e a olho com ódio. Dou-lhe um tapa e grito:

— Morra! Morra!

Rarnie arregala os olhos com pavor, o sangue que escorre de seu nariz suja minhas mãos, mas eu não paro. Quero vê-la morrer.

— Morra! Eu odeio você! Vou matar você!

Meus dedinhos apertam de novo sua garganta, tentando espremer toda a vida de dentro dela. Eu a odeio. Odeio todas elas.

Duas mãos me pegam pelos braços e os puxam dolorosamente para trás. Outras mãos puxam meus cabelos e me afastam de Rarnie. Luto para me livrar, os pés levantam poeira na cara dela.

— Vou matar você! — grito, logo antes de uma mão enorme estapear meu rosto tão forte que me joga no chão.

— Chega! — grita Met Bong. — Ninguém vai matar ninguém esta noite!

— Ela me atacou primeiro — diz Rarnie, sentando e apontando para mim.

— Não quero saber *quem* começou — aponta para Rarnie. — Vá se lavar.

Então vem na minha direção, se abaixa para ficar diante de meu rosto e, com os olhos fixos nos meus, grita:

— Você é forte o suficiente para brigar? Então vai passar a noite inteira regando a horta. Não vai dormir até terminar. E hoje você não vai comer nada!

Antes de ir embora, Met Bong dá instruções a outra menina para ficar de guarda e se certificar de que estou cumprindo suas ordens.

Enquanto tento me levantar, a multidão ao redor se desfaz lentamente. Chou vem até mim e me oferece a mão, mas eu recuso a ajuda. Pego o balde de água e começo a regar a horta. As meninas jantam, aplaudem a propaganda na aula, preparam-se para dormir, e eu fico trabalhando. Não choro, não grito nem imploro misericórdia. Concentro-me em ideias de vingança e massacre. Faço uma lista mental de tudo de mau que fizeram comigo. Vou revidar com o dobro de força os golpes que me deram. A noite já está avançada quando Met Bong vem até mim e me manda ir para cama. Sem lhe dirigir o olhar, ligo o balde e vou para a cabana. Exausta, caio no sono.

Depois da briga com Rarnie, as garotas não me incomodam mais. Porém continuam a implicar com Chou, porque ela parece fraca e demonstra medo. Faz três semanas que estamos no campo. Caminhamos atrás de um grupo de meninas, com nossa muda extra de roupa preta nas mãos, vamos ao rio tomar banho.

— Chou, não deixe que elas batam em você! Não deixe que elas façam isso e se livrem — digo a ela.

— Mas elas conseguem me bater e não são castigadas. Não consigo derrotá-las.

— E daí? Eu consigo me resolver com qualquer uma delas, mas, se elas se unirem contra mim, eu perco. Mas elas não podem saber disso, eu não deixo. Não me importo em perder, mas sei que vou tirar sangue delas mesmo assim. Vou conseguir me defender um pouco. Chou, sonho com o dia em que teremos poder de novo. Aí eu vou voltar para me vingar. Vou encontrar todas elas e bater até cansar. Não vou esquecer. Nunca.

— Por que você quer se lembrar disso? Eu sonho com o dia em que tudo estará em paz de novo e eu poderei deixar tudo isso no passado.

Chou não entende. Eu preciso de novas memórias que me façam ter raiva, para substituir aquelas que me deixam triste. Meu ódio faz com que eu queira sobreviver só para voltar e me vingar. No lago, as

meninas correm para a água ainda vestidas, alegres, fazendo algazarra e rindo das tentativas de natação umas das outras. Enquanto Chou esfrega suas roupas para limpar a sujeira, fico boiando de barriga para cima na água. Penso em Keav e me deixo afundar, sinto a água envolvendo minhas bochechas, meus olhos, meu nariz. Volto à superfície e sinto a lama acumulada durante a semana escorrer da pele, das unhas, das rugas do pescoço e dos dedos dos pés. A água limpa a sujeira, mas nunca vai apagar o fogo do ódio que tenho do Khmer Vermelho.

CRIANÇAS-SOLDADOS

Agosto, 1977

Passam-se os meses e o governo continua a aumentar nossa porção de comida, o que faz com que eu fique um pouco mais forte. Faz três meses que saímos de Ro Leap, ou seja, desde a última vez que vimos mamãe, Kim e Geak. Penso neles todos os dias e imagino como estão. De noite, quando todas as outras meninas estão dormindo, Chou e eu conversamos em sussurros sobre mamãe e Geak. Espero que Meng, Khouy e Kim consigam visitá-las para ver se estão bem. Meu coração se alegra um pouco ao pensar que pelo menos mamãe tem Geak para aliviar a solidão.

As outras crianças pararam de implicar comigo porque sei brigar. Também ganhei alguma reputação como trabalhadora. Chou, por outro lado, é fraca e foi rebaixada. Saiu da horta para trabalhar na cozinha. Na verdade, ela prefere o novo trabalho, porque assim não precisa lidar com as outras crianças.

No entanto, como sou forte, depois de somente três meses no campo, Met Bong veio até mim e disse que tinha “boas notícias”.

— Você é a menina mais nova aqui, porém trabalha mais duro do que todas as outras. O Angkar precisa de gente como você — diz

ela, sorrindo. E completa: — É realmente uma pena que você não seja um menino.

Quando vê que não estou pulando de alegria ao receber a notícia, ela faz uma careta de desprezo.

— Seu dever principal é servir ao Angkar e mais ninguém. Você deveria estar orgulhosa. Este campo é para os fracotes. O lugar para onde você vai é para crianças maiores e mais fortes. Lá você vai ser treinada como soldada e logo poderá ajudar na guerra. Você vai aprender muito mais do que as crianças daqui — ao terminar de dizer isso, seu rosto se enche de orgulho.

— Sim, Met Bong. Estou feliz — minto. Não entendo a alegria de Met Bong. Não quero me sacrificar pelo país que matou meu pai.

Ao raiar do dia, junto minhas roupas e minha tigela de comida. Chou está ao meu lado, de cabeça baixa. Não quero abandoná-la, mas não posso recusar meu novo posto. De braços dados, vamos até o portão, onde Met Bong nos espera.

— Chou, você é mais velha do que eu, deixe de ser tão fraca — murmuro para ela ao nos abraçarmos com força. — Sempre seremos irmãs, mesmo você tendo sido encontrada na lata de lixo.

Chou chora ainda mais e suas lágrimas molham meus cabelos. Met Bong nos separa e diz que é hora de ir. Chou não larga minha mão. Com todas as minhas forças, puxo meu braço e vou embora correndo. Meu coração dói muito, mas não me permito olhar para trás.

Met Bong me leva a outro campo, que fica a uma hora de caminhada do antigo. Não sei o que esperar do novo campo, mas, quando Met Bong diz que é um campo para crianças-soldados, imagino que será um lugar grande, cheio de armas e soldados vivendo lá. Mas o novo campo é quase idêntico ao outro, supervisionado por outra Met Bong fisicamente parecida com a

anterior e igualmente fervorosa pelo Angkar. Enquanto as duas conversam, contemplo minha nova casa.

O novo campo fica próximo a uma plantação de arroz e é cercado pela floresta. Por entre as cabanas, há palmeiras altas, que dançam levemente ao sabor do vento. No topo de uma delas, vejo um menino cortando os galhos de frutas com um facão prateado. Ele parece ter 12 ou 14 anos, tem o rosto redondo, cabelos pretos ondulados e um corpo pequeno e sinuoso. Fico maravilhada ao notar os dedos dos pés e das mãos agarrados ao tronco, como os de um macaco. Enquanto uma das mãos se agarra às folhas mais fortes, a outra empunha o facão, para derrubar as frutas. Como se sentisse que o estou observando, o menino para o que está fazendo e vira o rosto para mim. Trocamos olhares por uns segundos. Ele sorri e acena, com a mão que segura o facão. Estou tão desacostumada com esse gesto de amizade tão comum que acho ainda mais esquisito vê-lo cortando o ar com a lâmina. Retribuo o sorriso e volto a observar o campo.

Há cerca de oitenta meninas no campo, com idades que vão de dez a 15 anos. Eu nem fiz oito anos ainda. Ao contrário do outro campo, nem todas as garotas são órfãs. Muitas delas têm famílias nos vilarejos próximos. Todas foram escolhidas pelo chefe da vila ou pelos supervisores de trabalho e vieram parar aqui. Existe um campo similar, para meninos, a uma distância curta daqui, do outro lado da plantação de arroz. Lá existem aproximadamente oitenta meninos sob a guarda de seu camarada irmão, ou Met Bong Preuf. Fico sabendo que às vezes os membros dos dois campos se reúnem para ouvir as aulas do Angkar e, depois, celebram as vitórias do Khmer Vermelho com música e dança.

Na minha primeira noite, uma dessas reuniões aconteceu. Os meninos e meninas se reuniram ao redor da fogueira para ouvir a propaganda mais recente. Os dois Met Bong se colocam diante de nós e pregam a mensagem em dois turnos.

— O Angkar é nosso salvador! O Angkar é nosso libertador! Devemos tudo ao Angkar! Somos fortes por causa do Angkar!

Como já ouvi e presenciei várias vezes essa cena, sei a hora de aplaudir e proferir os gritos obrigatórios.

— Hoje nossos soldados khmers mataram quinhentos *youn* que tentavam invadir nosso país! Os *youn* têm mais soldados, porém são burros e covardes! Um único soldado khmer consegue matar dez *youn*!

— Angkar! Angkar! Angkar! — gritamos em resposta.

— Os *youn* têm muito mais armas, porém nossos soldados khmers são mais fortes, mais inteligentes e não sentem medo! Os *youn* são como os demônios, e alguns se recusam a morrer — alçando cada vez mais a voz, os Met Bong nos contam como os soldados khmers matam os *youn*! Nossos soldados khmers furam as barrigas dos *youn* e derramam suas vísceras na terra. Cortam as cabeças dos *youn* como recado para outros que tentarem invadir o Kampuchea. Os Met Bong caminham ao redor do círculo de crianças, como se tomados por espíritos poderosos, agitando violentamente os braços no alto, os lábios se movendo cada vez mais rápido enquanto cospem palavras de glória sobre o Angkar e os nossos invencíveis soldados khmers: palavras de condenação aos *youn* e detalhes sórdidos de seu destino sangrento. O furor das crianças é o mesmo que o dos Met Bong.

— Vocês são filhos do Angkar! O futuro depende de vocês. O Angkar sabe que vocês são puros de coração e que não foram corrompidos por influências maléficas. Ainda podem aprender a verdade do Angkar! Por isso o Angkar ama vocês acima de todas as outras coisas. Por isso o Angkar lhes dá tanto poder. Vocês são nossos salvadores! Vocês têm o poder!

— Angkar! Angkar! Angkar! — rugimos de gratidão.

— Os *youn* odeiam vocês. Eles querem vir e roubar nossos tesouros, inclusive vocês. Eles sabem que vocês *são* o nosso tesouro.

Os Met Bong se agacham para olhar em nossos olhos e dizer que os *youn* já se infiltraram em nossas cidades e vilas para tentar nos capturar. Mas o Angkar nos protegerá se lhe dermos nossa lealdade absoluta. Isso quer dizer que precisamos denunciar qualquer suspeito de infiltração ou traição. Se ouvirmos qualquer um — amigos, vizinhos, primos, até mesmo nossos pais — falando mal do Angkar, temos que denunciá-los aos Met Bong. Meu coração para. Os lábios dos Met Bong seguem se mexendo e soltando palavras, mas eu já não os escuto. Papai era contra o Angkar! Deve ser por isso que o mataram. Mamãe é contra o Angkar e ninguém, nenhum deles, pode ficar sabendo. Com meu punho erguido, grito o obrigatório “Angkar! Angkar! Angkar!”.

Quando terminam os discursos, o círculo se abre e as crianças se juntam de um lado da fogueira. Quatro meninos aparecem com bandolins e tambores improvisados. Eles se juntam perto da multidão e começam a tocar, os pés marcam o ritmo enquanto batem nos tambores e dedilham os bandolins. Os músicos se entreolham, sobranceiras arqueadas, olhos semicerrados e bocas abertas, mostrando os dentes. Mas não parecem raivosos; na verdade, estão alegres! Quando terminam, brincam entre si, um acusando o outro de ter errado esta ou aquela nota. De repente, eles explodem em gargalhadas! Uma risada nasalada, aguda — e genuína. Não ouço ninguém rir genuinamente desde que o Khmer Vermelho tomou o poder. Em Ro Leap, vivíamos com tanto medo que não havia espaço para risadas. Tínhamos medo de rir e atrair os olhares para nossa família.

Depois que os garotos se acalmam, quatro garotas avançam e se põem na frente da multidão. Todas estão vestidas com roupas pretas novas e bonitas, não o preto acinzentado do meu uniforme desbotado. Ao redor das cinturas, lenços vermelhos brilhantes. Usam fitas vermelhas na testa, com flores feitas de palha tingida. Enfileiradas, elas cantam e dançam para nós. Todas as canções são

sobre a devoção ao poderoso líder do Angkar, Pol Pot, sobre a glória da sociedade do Angkar ou a invencibilidade dos soldados khmers.

As danças simulam cenas de fazendeiros trabalhando, a colheita do arroz, enfermeiras cuidando de soldados feridos e soldados vencendo batalhas. Há até mesmo uma canção sobre uma guerreira que esconde sob a saia uma adaga, que afunda no coração de um *youn*. Embora eu não goste das canções, ainda assim é música, uma espécie de respiro da vida que eu levava antes. Nos quase dois anos em que vivi em Ro Leap, não havia música nem dança. O chefe nos disse que o Angkar as tinha banido. Deve ser um privilégio que nós, as crianças-soldados, temos.

Ao observar as garotas cantando e dançando, sou tomada por uma sensação esquisita. As canções falam de sangue e guerra, mas elas sorriem. Suas mãos se movem simultaneamente, com graça, seus corpos rodopiam e meneiam no ritmo da música. Depois elas se dão as mãos e riem, como se tivessem se divertido. Esse pensamento aquece meu coração e um sorriso me sobe aos lábios. O som das risadas se tornou uma lembrança distante e ouço com prazer esse eco de tempos diferentes. Em Phnom Penh, Chou e eu costumávamos tirar as roupas de Keav do armário e brincar com elas. Aos 14, Keav era bonita e elegante, só comprava roupas da última moda. Eram roupas de adulta, lindas, iguais às de mamãe. Vestidos longos e ondeados, saias curtas e brilhantes, além de camisas de gola franzida, enchiam seu guarda-roupa. Chou e eu experimentávamos várias peças e ríamos, chamando uma a outra de *madame* e *mademoiselle*. Depois vasculhávamos a caixa de joias em busca de colares e brincos. Keav sempre chegava em casa e nos pegava com a boca na botija. Gritava conosco e batia em nossos bumbuns, expulsando-nos do quarto.

Depois das apresentações, todos fomos convidados a dançar. As meninas dançam entre si, e os meninos se juntam em grupos fechados. Sempre amei música e dança. Por uns minutos, meus pés batem ao ritmo dos tambores e meus braços se movem de acordo

com a música. Meu coração está leve e cheio de alegria. Ao final, Met Bong vem até mim e diz:

— Para uma menina tão jovem, você é uma boa dançarina.

— Obrigada — respondo gentilmente. — Gosto de dançar.

— Qual é mesmo seu nome?

— Sarene — meus lábios naturalmente falam meu novo nome.

— Sarene, quero que você faça parte do grupo de dançarinos. Estamos organizando apresentações para os soldados. Isso significa que você tirará um tempo do trabalho para ensaiar. Hoje nós dançamos por diversão, mas dançaremos para os soldados se uma tropa vier à vila.

— Obrigada, Met Bong. Eu adoraria.

Assim que ela se vai, levo a mão à boca, contendo um grito. Eu! Uma dançarina! Posso escapar do trabalho para ensaiar e viajar. Roupas novas! Flores artificiais em meus cabelos! Pela primeira vez desde a tomada de poder, eu me sinto leve e jovem. Um sorriso invade meu rosto.

A realidade, porém, é bem mais cansativa e dolorosa do que eu imaginava. Todo dia de manhã, antes dos ensaios, Met Bong enrola nossos dedos com capim. Então dobra nossos punhos para trás e os amarra, criando uma bela curva quando a mão é desamarrada. Esse processo é incrivelmente doloroso e leva muitos anos até que as mãos fiquem permanentemente curvadas. Ela corta as amarras de capim depois de uma hora. Meus dedos ficam enrijecidos, latejando de dor. Entramos em formação e ela nos ensina passos simples todos os dias. Quando não estou ocupada com os ensaios, trabalho nos campos de arroz do raiar do dia até a metade da tarde. O restante do tempo é dedicado a aprender as canções e a ouvir as pregações de Met Bong sobre a filosofia do Angkar.

No meu primeiro dia na plantação, sinto uma coceira nos pés e nos tornozelos logo depois de entrar na água barrenta. Levanto um dos pés para fora da água e solto um grito. Meus tornozelos, os pés e os dedos estão cobertos de sanguessugas. Já vi sanguessugas

antes, mas nunca grandes e gordas assim. Estas são maiores do que meus dedos. Pretas e gosmentas, elas se prendem a minha pele e sugam meu sangue! Seus corpos vibram e se contorcem, causando a coceira. Freneticamente tento me livrar delas arrancando-as com os dedos. Sinto sua pele fria e mole. Elas se recusam a sair, quando as aperto, se alongam e escorregam. Finalmente consigo arrancar uma cabeça, mas o outro lado ainda está preso e continua sugando meu sangue.

Uma colega de trabalho vem até mim, rindo. Por um segundo, o som da risada me assusta.

— Você é tão burra! Este é o único jeito de se livrar delas — diz e arranca uma folha de capim. Com cada mão em uma ponta da folha, ela passa o capim de cima a baixo em minha perna. As sanguessugas caem no chão, meu tornozelo está sangrando.

— Assim as duas cabeças saem na mesma hora. Da próxima vez, abaixe as barras das calças e as amarre no tornozelo, para que nada se meta aí.

Eu tinha levantado as calças para não as molhar e estava de fato me perguntando por que ninguém tinha feito o mesmo.

— E os pés? — pergunto ansiosamente. A menina dá de ombros.

— Não há muito o que fazer. Elas não machucam e não sugam muito sangue. Eu tiro todas ao final do dia. Acostume-se.

Tremo só de pensar nisso e me pergunto se será possível me acostumar. De longe, Met Bong grita para que eu deixe de ser preguiçosa e volte para a água. Meu coração acelera. A preguiça é o crime mais hediondo para o Angkar. Amarro a barra das calças ao redor do tornozelo com capim e volto para a plantação alagada. Dentro da água, a lama se mete entre os dedos dos pés e, depois de uns passos, começo a sentir a mesma coceira. "Acostume-se!", digo a mim mesma. Com os dentes cerrados, determinada, eu me curvo para plantar o arroz. O trabalho é cansativo e entediante, o sol esquenta demais minhas roupas pretas. Passam as horas, e minha mente divaga até Keav. Era isso que ela fazia até o dia em que

morreu. O suor escorre em meu rosto até o queixo, meu estômago se embrulha. Não tenho tempo para fraquezas. No final do dia, esqueci mesmo as sanguessugas em meus pés, mas não me esqueci de minha irmã.

Estamos em setembro, faz dois meses desde que vi Chou pela última vez. Met Bong está ensinando as crianças mais novas a se defenderem. Ela diz que Pol Pot prevê problemas em um futuro breve, portanto precisamos nos preparar. Pol Pot envia soldados para buscar todas as crianças acima de oito anos nas vilas e cidades, até mesmo as crianças de base. A depender do tamanho e da idade, as crianças recebem diferentes treinamentos e tarefas. São levadas aos campos para plantar, produzir ferramentas, trabalhar como ajudantes ou receber treinamento militar em bases como a nossa.

— Você deve se orgulhar — diz ela. — Seu treinamento comigo a coloca adiante das demais crianças.

— Met Bong — indago —, mas não fiz nada além de trabalhar na plantação e observar o treinamento das outras meninas.

— Treinar alguém para usar uma arma é fácil — responde ela. — Treinar a mente é muito mais difícil. Passei todos esses meses treinando a sua mente. Fiz o melhor que pude para incutir as palavras de Pol Pot em seus pensamentos e dizer a verdade sobre os *youn* para você. As crianças devem aprender a seguir ordens sem hesitar, sem questionar, e a atirar para matar até mesmo seus pais, se forem traidores. Esse é o primeiro passo do treinamento.

Ao ouvir suas palavras, começo a ferver de raiva, mas me contenho. Eu não mataria mamãe por eles. Nunca!

O Ano-Novo passa sem nenhuma celebração ou alegria. A brisa de janeiro dá lugar ao calor de abril, e eu me torno um ano mais velha. A vida no campo segue igual enquanto me divido entre o trabalho

no campo e o treinamento. Estou sozinha aqui, como Keav esteve, embora eu faça as refeições e durma com outras oitenta meninas. Além dos debates obrigatórios sobre o poder de Pol Pot e seu exército, vivemos juntas, mas em silêncio. Nós ficamos quietas porque todas escondemos segredos. O meu é a nossa vida em Phnom Penh. O de outra garota pode ser um irmão deficiente, um roubo de comida, um par de calças vermelhas escondido ou o fato de ser míope e ter usado óculos no passado. Até mesmo conhecer o gosto de chocolate. Se descobrirem isso, a menina pode acabar sendo castigada por Met Bong.

Sei o perigo de fazer amizade com as meninas, mas, ainda assim, às vezes penso nisso. Sem Chou, eu me sinto sozinha. Até pouco tempo, ela sempre esteve ao meu lado; nós podíamos brigar, brincar e conversar. Em Phnom Penh, Khouy e Meng já eram adultos; Keav era adolescente; Kim, um pré-adolescente; e Geak, um bebê. Chou e eu éramos mais próximas. Quando eu estava triste ou chateada, era com ela que eu compartilhava meus problemas, sempre. Nunca imaginei o quanto sentiria sua falta agora que estamos longe uma da outra.

No novo campo, o mais parecido com um amigo para mim é o menino da palmeira. Não sei seu nome e nunca falei com ele. Ele vem ao nosso campo com frequência; às vezes sozinho, às vezes na companhia do pai. Met Bong me disse que ele vive com a família num vilarejo vizinho. Ele e o pai trabalham colhendo os frutos e a seiva das palmeiras para o chefe da vila. De vez em quando, dão umas frutas de presente a Met Bong. Se estou por perto, o garoto geralmente joga uma fruta para mim, sorridente, dando tchauzinho com o facão na mão.

A cada noite, nossas aulas ficam mais longas. Parece que Pol Pot agora é a figura de poder, superior ao Angkar. Não sei o porquê nem como aconteceu. Não sei quase nada sobre ele, somente o que Met Bong nos conta na aula. Met Bong diz que foi ele quem levou o Khmer Vermelho ao poder. Ele é quem vai restaurar a antiga glória

do Kampuchea. A voz de Met Bong se alça quando ela diz seu nome, como se falar "Pol Pot" lhe conferisse algo do poder que ele tem. Ouço falar de Pol Pot desde que o Khmer Vermelho avançou sobre Phnom Penh, mas nunca soube exatamente qual posto ele ocupava no Angkar. Agora parece que a organização é que trabalha para ele. A cada dia que passa, os gritos substituem "Angkar" por "Pol Pot". Nas reuniões, agradecemos a Pol Pot por ser nosso salvador e libertador, não ao Angkar. Parece que tudo acontece graças a Pol Pot. Se a safra de arroz foi boa este ano, é porque Pol Pot fez acontecer. Se um soldado é forte e hábil, é porque foi ensinado por Pol Pot. Se o soldado morre, é porque não ouviu os conselhos de Pol Pot. Toda noite, damos vivas a Pol Pot e seus soldados do Khmer Vermelho por derrotar o inimigo.

Ouvimos, em detalhes violentos, histórias sobre a força sobre-humana e os poderes sobrenaturais dos soldados khmers na luta contra os *youn*. Os *youn* são supersticiosos e acreditam que, se as partes do corpo não forem enterradas na mesma cova, as almas dos mortos são condenadas a vagar eternamente pela terra, não descansam nem reencarnam. Sabendo disso, nossos soldados arrancam as cabeças do inimigo e as escondem em arbustos ou as atiram na floresta, para que ninguém as encontre. Recebemos essas informações com detalhes sangrentos, até ficarmos anestesiadas, incapazes de nos chocar com a violência.

No mês seguinte, um por um, os garotos e garotas mais velhos são mandados para ajudar na guerra, com nada além da roupa do corpo. Alguns vão viver em outros campos, onde aprendem a fazer venenos para as lanças; outros seguem os soldados e vão trabalhar como ajudantes, carregando suprimentos, comida, remédios, armamentos e munição. Estes não raro vão para o campo de batalha. Muitas crianças foram deslocadas tantas vezes que seus pais já não sabem onde estão. Depois de saírem, grande parte delas nunca mais dá sinal de vida.

Então o campo dos meninos é fechado. Met Bong diz que Pol Pot precisa que os garotos fiquem mais perto dos soldados, nas montanhas. Lá os soldados podem protegê-los. Ela diz que Pol Pot sabe o que faz, mas mesmo assim parece contrariada com a decisão. Ontem à noite, enquanto as crianças dormiam, levantei para ir ao banheiro. Dos arbustos conseguia ver Met Bong e Met Preuf ao pé da fogueira, sentados no chão, apoiados um no outro. Falavam baixinho, e o crepitar do fogo abafava suas vozes. Met Bong, então, encostou a cabeça no ombro do supervisor, e ele a abraçou. No fim das contas, ela ainda é uma jovem e, em qualquer outra circunstância, a cena não teria nada demais. Eu me pergunto por que ela pode ter companhia e nós não. Os meninos levaram seus instrumentos musicais. Agora Met Bong ainda nos faz ensaiar, na esperança de que os meninos voltem logo e possamos dançar novamente.

Logo a população do nosso campo é reduzida para quarenta meninas, de dez a 13 anos de idade. Agora é a nossa vez, segundo Met Bong, de começar a treinar mais intensamente para cumprir nosso dever com Pol Pot. Ela nos reúne e sentamos em círculo.

— Vocês são as filhas do Angkar. Estão aqui porque são mais velozes e mais inteligentes. Vocês não têm medo de lutar, não têm medo de nada. O Angkar precisa de vocês para o futuro — diz ela, lentamente, tentando nos encher de orgulho. — Um dia, em breve, vocês se juntarão às outras meninas para lutar contra os *youn*, mas por enquanto ainda há muito a aprender.

Met Bong se levanta e se afasta. Momentos depois, volta com várias ferramentas nos braços, as quais deixa cair ruidosamente no chão à nossa frente. Sentada diante de nós, ela diz:

— Vocês já conhecem estas ferramentas. Nós as usamos para colher arroz, plantar vegetais e construir casas. Mas, nas mãos de guerreiros, podem se tornar armas de guerra. A foice curva, a enxada, o ancinho, o martelo, o facão, o pedaço de pau e um rifle —

diz, erguendo uma foice. — A ponta pode furar o crânio de uma pessoa.

Arregalo os olhos ao imaginar a cena. Sinto um formigamento no topo da cabeça. Olho ao redor e vejo as outras crianças, que ouvem sem reagir. Observam Met Bong sem expressão, absorvendo suas palavras, e meu ódio por ela fica cada vez mais forte. Essas são as armas que os homens de Pol Pot usam contra suas vítimas, vítimas como papai. Pisco várias vezes, tentando dissipar a imagem mental.

Met Bong busca um rifle em meio à pilha de ferramentas, o mesmo tipo de arma que vi muitas vezes nos ombros dos soldados do Khmer Vermelho.

— Eu gostaria que tivéssemos mais dessas armas, porém são muito caras. A munição também custa muito, então temos poucos rifles. É fácil disparar um rifle. Qualquer um pode aprender a usá-lo, inclusive uma criança — diz, e, dentre as quarenta meninas, me chama ao centro do círculo. — Este é um dos jeitos de carregá-lo — explica, colocando o rifle em meu ombro, a coronha afunda em meu peito.

A arma tem mais ou menos um quinto do meu peso. Met Bong me instrui a passar o braço por sobre o rifle para balancear o peso. Não é difícil, mas faço isso contra minha vontade. Então ela pega o rifle e cruza a alça nos meus ombros. Agora a arma está pendurada a minhas costas, a alguns centímetros do chão, e a coronha bate suavemente em minha panturrilha.

— Claro que ele é longo demais para que Sarene o carregue assim — diz ela.

Penso na arma, a mesma que fez Kim sangrar, que se chocou contra seu crânio. Minhas mãos tremem um pouco, mas eu agarro a arma até os nós dos dedos ficarem brancos.

— Você segura o rifle e o equilibra com a mão esquerda estendida. A direita faz a mira e puxa o gatilho. Veem como é simples? — a voz de Met Bong parece alegre, cheia de entusiasmo, mas não sinto nem paixão, nem alegria, só ódio dela e de Pol Pot. — Quando as balas

saem do rifle, seguem em linha reta. Muitos soldados dizem que é possível desviar das balas correndo em zigue-zague.

Uma a uma, ela chama as crianças para lhes ensinar a empunhar o rifle. Depois desta primeira aula, Met Bong nos diz que teremos muitas outras.

Durante o dia, ninguém pode me machucar ou magoar, mas à noite, enquanto tento pegar no sono, encolhida entre quarenta meninas, longe de Chou, minha mente começa a vagar e penso em minha família. Não consigo dormir. De manhã, minha cabeça lateja e eu me sinto exausta. Não posso deixar que a fraqueza tome conta de mim e se infiltre em meu espírito. Se isso acontecer, sei que vou morrer porque os fracos não têm vez no Kampuchea.

Nas noites em que não sonho com minha família, tenho pesadelos nos quais alguém, ou alguma coisa, tenta me matar. O sonho sempre começa do mesmo jeito. O céu está escuro, os trovões das tempestades da monção ecoam. Estou agachada perto de um arbusto e o suor escorre de minha testa e cai nos olhos, sinto eles arderem. Tremendo, aproximo os joelhos do peito e prendo a respiração ao ouvir o farfalhar das folhas ao redor e, logo, o som de passos. Meu instinto diz que algo está me perseguindo, que procura por mim nos arbustos, que quer me matar.

Duas mãos enormes afastam as folhas do arbusto e me deixam exposta. Fico paralisada quando vejo o que está diante de mim. É um homem e, ao mesmo tempo, uma fera. Vejo-o acima de mim, com os olhos protuberantes, pretos como carvão, as narinas grandes se movem em sua cara peluda e gorda. O medo me assalta quando vejo o facão prateado em sua mão, brilhando sinistro ao luar. A fera se abaixa para me pegar e eu fujo por entre suas pernas. Ela se vira e tenta me atingir com o facão, quase acerta minha perna. Saio correndo e vou ouvindo o ruído da lâmina cada vez mais perto de mim, cortando os arbustos ao meu redor. Quanto mais rápido eu corro, mais perto ela chega. A fera me persegue até que eu não tenha mais para onde correr.

A selva se ergue como muralhas ao meu redor. Não tenho como fugir. A fera ergue o facão sobre a cabeça e mira em mim. Estou cansada, cansada de ser perseguida e de correr. Meu sangue ferve de raiva e eu atiro meu corpo contra a besta, que perde o equilíbrio e deixa cair o facão. Empurro novamente a fera, e ela cai no chão. Pego o facão. O tempo para, quando eu corto sua mão. O cotoco esguicha sangue em mim, mas eu não me importo. Ergo o facão várias vezes para cortar os pedaços de seu corpo, até que a besta morra. Pela manhã acordo suada, apavorada, mas me sentindo mais forte porque venci no pesadelo.

Os pesadelos são sempre os mesmos, mas o personagem muda. O “inimigo” — um soldado do Khmer Vermelho, um animal feroz, um monstro ou um fantasma — corre atrás de mim com facas, pistolas, machados, facões. Há sempre uma luta, que resulta na queda da arma; eu pego a arma e mato a criatura antes que ela me mate. No final, eu, a caça, me transformo no matador.

Toda noite antes de dormir, Met Bong nos reúne para ouvirmos as últimas notícias propagandísticas. Ela acende uma vela, que fica segurando enquanto fala. Uma aura alaranjada circula seu rosto, enquanto nós ficamos no escuro. Em uma ocasião, eu me encosto contra a parede de palha e pouco a pouco caio no sono, mas um grito me acorda de supetão. Com o coração palpitando, eu me pergunto se fui eu quem gritou. Porém vejo que as meninas correram para perto de Met Bong.

— O que aconteceu? — pergunta Met Bong à menina que gritou.

— Senti... era uma mão enorme. Eu estava encostada na parede. A mão se meteu por entre a palha e agarrou meu braço, tentou me esganar. Estava gelada e molhada. Eu sei que é um *youn* que veio nos pegar — os lábios da menina tremem de medo, seu rosto está amarelo na luz, como o de um fantasma. Met Bong se vira para as mais velhas e ordena que elas vasculhem a área.

— Levem as armas. Certifiquem-se de que estão carregadas. Atirem em qualquer coisa que se mover.

As garotas saem e o grupo se junta no meio da sala, todas viradas para as paredes. Imagino os *youn* atacando e matando todas nós, sinto muito medo. Em Phnom Penh, papai um dia me disse que os *youn* são iguais a nós, só têm a pele mais clara e narizes menores. No entanto, Met Bong os descreve como selvagens que não descansarão até tomarem o nosso país e nossa gente. Não sei em que acreditar. Tudo o que sei sobre o mundo lá fora vem das palavras de Met Bong. Sentada no escuro, começo a acreditar no que ela tinha dito sobre os inimigos.

Minutos depois, as garotas voltam e dizem que não há nada lá fora, mas viram, na luz do luar, grandes pegadas ao redor da base.

— Os *youn* estão atacando — informa Met Bong, segurando o rifle com firmeza. — Quando tomam uma cidade, abrem as portas das prisões e deixam os prisioneiros escaparem. Os *youn* estão à solta, estuprando meninas e saqueando os vilarejos. Os prisioneiros que estão contra Pol Pot se aliaram a eles. Temos que nos proteger — diz freneticamente.

Depois dessa noite, Met Bong cria uma nova política. Agora temos que vigiar o campo à noite, por turnos.

Estou dormindo quando alguém balança meu ombro com força:

— Acorde, é a sua vez de montar guarda — diz uma voz vinda do escuro. Eu me sento e, mal-humorada, esfrego os olhos para afastar o sono. Ela me passa o rifle, que pesa muito, e eu o abraço porque minhas mãos são muito pequenas para segurá-lo da maneira certa. Vou até a porta e me sento.

O céu está escuro, sem nuvens. A lua cheia brilha, deixando tudo com um aspecto prateado e fantasmagórico. A brisa fria sopra sem fazer barulho. Tudo está quieto, só os grilos se manifestam. Vivo com outras quarenta pessoas, mas estou sozinha neste mundo. Não há camaradagem entre as crianças, nenhuma amizade floresce, ninguém cria laços nesta vida difícil. Vivemos em constante

competição, espiamos umas às outras por Pol Pot, na esperança de que Met Bong goste de nós. Ela diz que Pol Pot me ama, mas sei que é mentira. Ele pode amar as outras crianças, as crianças de base, que não foram corrompidas e têm seus pais imaculados. Eu cheguei até aqui com base em mentiras. Eles acham que sou uma delas, uma das puras crianças de base.

Nunca vi Pol Pot, nem por fotografias. Sei bem pouco sobre ele, não sei por que ele matou papai. Não consigo imaginar por que ele me odeia tanto. À noite, quando minha guarda está baixa, minha mente me apresenta, um a um, meus familiares. Penso em mamãe, Keav, Chou e meus irmãos. Sinto um aperto na garganta ao me lembrar do rosto de Geak. “Não”, digo a mim mesma. “Tenho que ser forte. Esta não é a hora de fraqueza.” Mas sinto tanta saudade de papai que dói quando respiro. Faz quase um ano que não toco sua mão, nem vejo seu rosto, nem sinto seu amor.

O céu noturno estende seu manto cada vez mais negro à minha frente.

— Ó papai — sussurro para ninguém. Como se me respondessem, algo se move ruidosamente no matagal. Prendo a respiração e observo a base. Tenho certeza de que ouvi alguma coisa! Meu coração acelera. Tudo lá fora vem em minha direção. O tronco das árvores incha e desincha, como se estivesse respirando. Os galhos tremem e se mexem como braços e mãos. O matagal se move em ondas, que vêm em minha direção. Eles estão vindo nos pegar! Aperto o gatilho e disparo em todas as direções!

— Eu mato vocês! Eu mato vocês! — grito.

Então alguém tira o rifle de minhas mãos e me dá um tapa na cara. Com os olhos arregalados, ergo os braços para me defender de outro ataque.

— Acorde! — grita Met Bong. — Não há nada lá fora! Não podemos gastar munição assim!

Eu me encolho quando ela ergue novamente a mão para me bater mas desiste.

— Mas, Met Bong, a senhora disse... — imploro baixinho.

— Eu disse para atirar quando você *visse* algo real, não fantasmas — interrompe ela. As garotas explodem em gargalhadas.

— Cuidado com as bruxas sem corpo! — grita uma voz lá de dentro, enquanto todas voltam a dormir.

Muita gente diz que é só uma lenda, a bruxa sem corpo, que de dia é uma pessoa normal e à noite uma bruxa. A única maneira de descobrir se alguém é uma bruxa sem corpo é pelas rugas profundas no pescoço. À noite, quando vão dormir, as cabeças se separam do corpo. Com os intestinos pendurados, elas voam até locais onde há morte e sangue. As cabeças voam tão rápido que nunca ninguém viu seus rostos, somente os olhos vermelhos brilhando no escuro ou, às vezes, a sombra da cabeça e das tripas. Quando encontra um cadáver, a bruxa sem corpo faz seu ninho no corpo e fica a noite inteira lambendo o sangue e comendo a carne morta, enquanto as tripas se movem como vermes ao redor.

Passo a noite abraçada ao rifle, com o dedo no gatilho, apontando para o chão, em busca de algum *youn*, e para o céu, procurando as bruxas.

OURO POR FRANGO

Novembro, 1977

Faz sete meses que fui embora de Ro Leap. Meus dedos tremem ao abotoar minha camisa preta nova. Quero impressionar mamãe com minhas roupas novas. Queria ter um espelho, mas não há nenhum por perto. Como não temos pentes nem escovas, penteio os cabelos com os dedos. Nervosa, saio caminhando da base. Em algumas horas, estarei com mamãe.

O pânico de *youn* passou, por ora, e tudo está tranquilo no campo. De meses em meses, Met Bong dá um dia de folga às crianças. Muitas aproveitam a oportunidade para visitar a família. Minha respiração fica mais rápida à medida que me aproximo de Ro Leap. Como Met Bong acha que sou órfã, eu disse que ia visitar Chou, mas na verdade vou ver mamãe. Ela não sabe que estou chegando; talvez nem esteja em casa. Ela me disse para nunca voltar. E se ela não quiser ou não puder me ver?

Seguindo o caminho que fiz com Chou, marcho decidida de volta para Ro Leap. A paisagem mudou pouco desde a última vez que a vi. A estradinha de terra vermelha faz curvas e desce atrás das colinas, sob a sombra das árvores altas. Quando saí, eu era uma criança assustada, que chorou e implorou para ficar com a mamãe.

Eu tentava ser forte, mas era fraca e não sabia como me virar sozinha sem a proteção dela. Agora sou outra pessoa, não mais aquela criança. Agora meu único medo é não ser bem recebida por mamãe. A lembrança do tapa na bunda que ela me deu para eu ir embora ainda me queima por dentro. Hoje as árvores parecem menores e menos assombradas e o caminho tem um fim, um destino.

Finalmente vejo a vila. Parece familiar, mas mudou. A praça central está deserta e quieta. Cruzo-a em direção às cabanas enfileiradas. Meus pulmões se enchem e esvaziam com força quando me lembro de ter descido do caminhão nos braços de papai, no dia em que chegamos aqui. Congelo na mente a expressão de seu rosto, seus olhos carinhosos me chamando, seus braços me protegendo do cuspe de uma pessoa de base. Inspiro bem fundo e caminho forçosamente até a nossa cabana. É como se eu entrasse numa cidade fantasma. Penso em Keav dizendo a papai que ela sobreviveria, no rosto inchado de Kim, em minha mão roubando o arroz da família, na tigela cheia de minhocas. As lembranças me perseguem como sombras, subo a escada da cabana. Mamãe não está. Meus joelhos doem enquanto caminho até o jardim da vila.

Então vejo as duas, de costas para mim. Mamãe está agachada no jardim, retirando ervas daninhas da horta. Suas roupas pretas estão desbotadas, cinzentas. O sol do meio-dia é escaldante, mas ela continua a trabalhar. Ergo a coluna e vejo Geak sentada à sombra de uma árvore, observando mamãe. Ela ainda está tão pequenina, tão magra. Seus cabelos voltaram a crescer, mas ainda bem ralos. Ela tem quase cinco anos e é muito menor do que eu era quando tinha a mesma idade. Mamãe diz algo a ela, que dá uma risada fraca, frágil. Meu coração salta. Elas têm uma à outra, sempre terão companhia.

— Mamãe — chamo, em voz alta. Suas costas ficam tensas. Lentamente ela vira a cabeça, com os olhos semicerrados pelo sol. Leva uns segundos até me reconhecer, mas logo se levanta e vem

correndo até mim. As lágrimas correm enquanto ela toca minha cabeça, meus ombros, meu rosto, como se para se certificar de que sou real.

— O que você está fazendo aqui? E se pegarem você?

— Mamãe, está tudo bem. Tenho permissão.

Ela pega o documento com a permissão e lê rapidamente. É só um pedaço de papel dizendo que posso sair do meu campo, sem mencionar local de destino.

— Tudo bem, fique aqui com Geak. Vou falar com o chefe e pedir uma folga.

Antes que eu possa responder, ela já está longe. Eu fico lá, já com saudade dela. Sinto um puxão fraco no dedo da mão e vejo Geak olhando para mim, com os olhos grandes e marejados. Ela não chega nem ao meu peito, é muito baixinha. Já tem cinco anos de idade, mas para mim ainda é um bebê. Acho que a vejo assim porque ela é fraca e não consegue brigar. Sorrio e lhe dou a mão. Andamos juntas até a sombra de uma árvore e esperamos por mamãe.

Sentadas à sombra, ficamos de mãos dadas. A dela é muito pequena em relação à minha, bronzeada, enrugada pelo sol e pela sujeira, que também está debaixo de suas unhas quebradiças. Examino sua mão, com medo de olhar para seu rosto e ver minha culpa em seus olhos. Não sei o que dizer a ela. Geak nunca foi de falar muito; ela tem um bom temperamento, é doce; eu sou a mal-humorada. Eu me aproximo e a abraço, descansando minha bochecha levemente em sua cabeça. Ela não se move nem recusa meu abraço.

Mamãe volta com uma tigela de arroz e a permissão para deixar o trabalho por algumas horas.

— O almoço já foi, mas consegui um pouco de arroz do chefe.

Pego a tigela e vamos para nossa cabana.

— O chefe lhe deu folga?

— Só algumas horas. Ele não é um homem mau.

— Mamãe, Geak parece estar muito doente — digo a ela quando entramos na cabana.

— Eu sei, estou muito preocupada com ela. Tenho medo de que ela não cresça mais. Ganhamos muito arroz agora, mas todos passamos por aqueles tempos praticamente sem nada para comer.

Sinto a culpa revolvendo meu estômago.

— Ela precisa de carne — continua mamãe. — Na semana passada, tentei trocar um par de brincos de rubi por um frango pequeno... — ela conta a história, com olhos tristes.

Caía a noite, o céu estava vermelho no crepúsculo. Quando ela e Geak terminaram de comer o arroz e peixe, mamãe foi até o seu esconderijo secreto, debaixo da pequena pilha de roupas, em busca de uma das velhas camisas de papai. De um dos bolsos, tirou o par de brincos de rubi. Seu coração se encheu de tristeza ao lembrar os tempos de Phnom Penh, quando ela colecionava joias caras e antigas. Balançou a cabeça para afastar a má lembrança. Agora não era hora disso. Ela precisava ir logo, antes que ficasse escuro demais. Disse a Geak que estaria de volta em alguns minutos e se foi.

Durante os vinte minutos de caminhada até o vilarejo vizinho, seu corpo começou a enfraquecer. Os joelhos doíam a cada passo. Odiava deixar Geak sozinha. Sabia que ela chorava sempre que ficava só, mesmo por poucos minutos. Sua pobre bebezinha. “Seng Im”, sussurrou a papai, “estou tão cansada. Tenho 39 anos e já sou uma velha, estou envelhecendo tão rápido e estou tão solitária. Você lembra? Nós ficaríamos velhinhos juntos. Seng Im, estou velha demais para viver assim”. Lembrar-se de papai trouxe lágrimas a seus olhos. Ela sabe que não adianta nada, mas ainda assim costuma conversar com ele.

Mamãe chegou à vila. À medida que se aproximava, seu coração bate mais forte, injetando sangue em seu corpo e a deixando tonta. “Aja naturalmente”, pensou. “Eles não podem suspeitar de nada.” Se soubesse o que ela tinha ido fazer lá, se descobrissem, estaria em

problemas. Tremeu ao pensar no que fariam com ela. Papai costumava fazer trocas com o pessoal de base dessa vila: ganhava arroz e outros grãos. Mamãe, porém, queria trocar os brincos por carne para Geak. As outras mulheres disseram que era perfeitamente seguro, que tudo era feito discretamente. Ela entrou lentamente na vila e ninguém lhe perguntou nada. Se alguém perguntasse, ela tinha vindo visitar uma amiga. Suspirou de alívio ao avistar a casa onde vive uma mulher que trabalha na granja. As mulheres de sua vila disseram que essa senhora roubara frangos para trocar por joias. Descreveram em detalhes a mulher e sua cabana, então foi fácil encontrá-la. Mamãe foi até a porta e chamou a dona.

— Boa noite, camarada irmã. Sou eu, sua amiga, que venho para uma visita.

A mulher a olhou e, embora não reconhecesse minha mãe, a convidou para entrar. Uma vez dentro da cabana, mamãe sussurrou que viera para pedir sua ajuda.

— Fiquei sabendo que a camarada irmã trabalha em uma granja. Tenho uma filha pequena que está doente. Ela precisa de carne. Por favor, camarada irmã, me ajude — tirou os brincos de dentro do lenço e mostrou-os a ela. — Se você puder me ajudar, eu lhe darei o par de brincos.

— Sim, sim, posso arrumar um frango pequeno para você, mas não agora. Volte amanhã, venha amanhã a esta mesma hora — disse apressadamente e mandou mamãe embora.

Na noite seguinte, mamãe voltou à vila com os brincos. Seus passos eram mais rápidos e leves do que na noite anterior. Ela sorria ao pensar que alimentaria Geak com um frango. Mamãe nem se lembrava da última vez que a filha comera frango. Foi até a casa da mulher, que a convidou para entrar. Ao se sentar na frente dela, percebeu que a mulher estava agitada e nervosa. Então ouviu passos atrás de si, vindos de um canto escuro da cabana. Seu coração sacudiu de pânico e ela se levantou.

— O que está acontecendo? — conseguiu perguntar à mulher, num sussurro.

Um homem surgiu das sombras e a impediu de fugir.

— Por favor, camarada, eu tenho uma filha...

Ele tentou lhe dar um tapa no rosto, mas mamãe conseguiu bloqueá-lo com as mãos, os olhos cheios de lágrimas.

— Passe os brincos — ordenou o homem. Com as mãos trêmulas, mamãe tirou os brincos do bolso e os deu ao homem.

— O que mais você tem? Passe para cá!

— Camarada, me perdoe, por favor, pois não tenho mais nada. Isso é tudo o que... — sua voz tremeu. Ele lhe deu um soco no estômago. Mamãe se dobrou e caiu de joelhos. O homem chutou suas coxas e seguiu dando chutes em seu corpo. Ela ofegava de dor, caída no chão.

— Por favor, camarada — implorou, pensando em Geak. — Tenha misericórdia, eu tenho uma filha pequena muito doente.

Ele pisou em sua barriga. Manchas brancas piscaram em seus olhos. Parecia que haviam arrancado suas tripas. Ela tentava respirar e não conseguia. O homem a puxou para que ficasse em pé, empurrou-a até a porta e a jogou para fora da cabana.

— Não volte mais! — gritou o homem. Mamãe desceu as escadas, e os joelhos cederam. Ela caiu rolando pelos degraus e aterrissou no chão empoeirado. Levantou-se rapidamente e saiu correndo.

De volta a Ro Leap, mamãe levanta a camisa e me mostra os hematomas causados pelos golpes do homem. São feridas horróricas. Pretos e azuis, os hematomas cobrem todo o tórax, na região de suas costelas salientes. Ela ergue a saia e vejo as manchas roxas e vermelhas nas coxas brancas. Ao olhar para seu rosto, sinto a raiva surgir em mim. Só de pensar em um estranho batendo em minha mãe fico com um ódio mortal. E tudo por causa de um frango!

— Mamãe, quero matar esse homem! — digo.

— *Shhh...* Não seja louca. Não diga essas coisas em voz alta ou você vai nos colocar em maus lençóis. Tenho sorte de estar viva. Só fico triste por não poder ter dado carne a Geak.

Ao ouvir seu nome, Geak se aproxima de mamãe e se senta em seu colo. Mamãe acaricia seus cabelos e lhe dá um beijo na cabeça.

— Daqui em diante, tenho que ter mais cuidado — continua mamãe. — Eu me preocupo: quem vai cuidar de Geak se algo acontecer comigo?

Ela olha para Geak e suspira. Sua maior preocupação é que sua filha doente não receba o necessário. Olho para minha irmã, que está calada nos braços de mamãe. Percebo, então, que ela não consegue articular em palavras a fome que sente. Como uma criança de cinco anos de idade conseguiria reclamar de fome, explicar a dor no coração ao sentir saudade de papai, falar de uma lembrança de Keav que pouco a pouco desaparece? Sei que ela sente dor e tristeza. Quase sempre se debate e chora durante o sono. Seus olhos parecem perdidos. “Sinto muito”, digo a ela com os olhos. “Sinto muito por não ser tão boa quanto o restante da família.”

— Chou veio nos visitar há algumas semanas — diz mamãe. — Ela ganhou permissão para vir de meses em meses. Ela disse que a antiga Met Bong foi levada embora pelos soldados e que a nova é bondosa. Ela contou à nova Met Bong que tem uma irmã que vive neste campo com outra família. Como é cozinheira, consegue roubar um pouco de arroz da cozinha e secá-lo ao sol. Da última vez que veio trouxe um banquete.

Faço uma careta de culpa e deixo de escutar a voz de mamãe. É impossível. Eu não trouxe nada para elas. Fico perturbada pelo quanto nossa família está disposta a se sacrificar pelos seus. Se Chou for pega roubando comida, será castigada com severidade, mas ainda assim ela se arrisca. Kim roubou milho para nós e foi brutalmente espancado. Mamãe sofreu ao tentar conseguir um pouco de frango para Geak. E eu? Não fiz nada.

Olho para Geak e engulo minha tristeza. Ela era tão bonita quando morávamos em Phnom Penh, a favorita de todos. Seus olhos castanhos enormes estavam sempre cheios de vida. Ela tinha as bochechas mais rosadas e fofas do mundo, ninguém conseguia se segurar, todos as apertavam. Hoje ela perdeu toda a cor; seu rosto está magro e oco. Há sempre fome e tristeza em seus olhos. Eu roubei comida dela e agora estou deixando ela definhar de fome.

— Muita coisa aconteceu desde que você foi embora — a voz de mamãe me traz de volta. Meus olhos estão fixos em Geak. Ela já não diz nada. Está tão magra, seu corpo parece estar se alimentando de si próprio. Sua pele está pálida e amarelenta, os dentes podres ou faltando. Ainda assim, ela é bela, pois é boa e pura. Olhar para ela me faz querer morrer por dentro.

Quando o sol se põe atrás da cabana, é a minha hora de ir embora. Meu campo fica a algumas horas de caminhada e eu tenho que estar lá antes que anoiteça. Mamãe e Geak me acompanham até a estrada, para se despedir. Com Geak agarrada em suas pernas, mamãe me dá um abraço. Ela cheira a suor rançoso e sujeira. Meus braços estão caídos ao lado do corpo, sem saber o que fazer, quando afasto o rosto de seu peito.

— Não sou um bebê — balbucio e tento sorrir.

Mamãe assente com a cabeça; os olhos vermelhos cheios de lágrimas brilhantes. Eu me curvo para tocar a cabeça de Geak. Seus cabelos são finos e macios. Penteio gentilmente os fios soltos. Então me viro rapidamente e vou embora. As duas estão chorando. Não sei quando as verei novamente. Embora tenha vontade de estar com elas, sua presença me traz memórias de mais de toda a família, de Keav, de papai.

A ÚLTIMA REUNIÃO

Maio, 1978

O período de comida abundante não durou muito. Novamente nossa comida voltou à escassez e muita gente está adoecendo. Meus pés e minha barriga incham, ao passo que os ossos começam a aparecer no resto do corpo. De manhã, fico sem ar só de caminhar até os campos de arroz. Perdi tanto peso que parece que minhas juntas estão raspando umas nas outras, causando dor por todos os lados. Na plantação alagada, minha cabeça lateja e não consigo me concentrar nas tarefas. Ao meio-dia, hora do almoço, remover as sanguessugas dos dedos dos pés exige muito mais energia do que tenho. Cansada, deixo que se alimentem de meu sangue e só as retiro no fim do dia.

Meu rosto está mais inchado a cada manhã, minhas bochechas estão mais redondas e as pálpebras, mais intumescidas. Acordo mais e mais fraca, com os braços, dedos, barriga e pés cada vez mais pesados, até não poder mais treinar ou trabalhar.

— Met Bong — digo, quase sem ar. — A senhora pode me autorizar a ir até a enfermaria? Meu estômago está doendo muito.

Ela suspira impaciente.

— Você é fraca! Tem que aprender a ser forte — grita e se vai, deixando-me sozinha no sol, de cabeça baixa. Eu me condeno mentalmente por ser fraca e pequena. Quando me viro na direção da cabana, ela me chama.

— Aonde você pensa que vai, sua burra?

Met Bong me dá um pedaço de papel.

— Vá para a enfermaria e se recupere, depois volte. Vou levar você para o grupo de dança.

Suspiro aliviada e agradeço.

A enfermaria fica a algumas horas de caminhada do campo. Com a permissão em mão, ando até lá. O sol sobe cada vez mais sobre as árvores, esquentando tudo ao meu redor. Vou até um lago raso na beira da estrada e me agacho. A lama penetra macia e morna entre meus dedos, aliviando as dores nas juntas. Vou até o fundo, onde a água é mais limpa, mas, à medida que caminho, meus pés remexem a lama, deixando a água barrenta. Espero a lama baixar e faço uma concha com as mãos para beber. A água é morna e alivia minha garganta, mas tem gosto de alga podre.

Caminho mais até que a água fique na altura do meu peito. Afundo o rosto no lago, com os braços boiando ao meu lado. Meu torso flutua sem dificuldade, puxando meus pés do chão. A água amplifica o som de meu coração batendo. O ritmo parece normal, mas sinto-o como se estivesse oco. Ao som das batidas, vou pensando em mamãe e Geak. Abril já se foi, com ele o Ano-Novo, então somos todos um ano mais velhos. Geak tem seis anos de idade agora, um ano mais velha do que eu era quando o Khmer Vermelho tomou o poder, há três anos. Faz seis meses que visitei Ro Leap e mamãe me mostrou os hematomas em seu corpo. Nove meses desde que puxei minha mão do aperto das mãos de Chou, 12 meses desde que me despedi de Kim, 17 desde que os soldados levaram papai, 21 desde que Keav... eu me forço a parar de contar.

Não vale a pena lembrar o tempo que passou desde que os vi. Não vai trazê-los para perto de mim. Mas no meu mundo há tantas coisas que não entendo que contar os meses é a única coisa sã que sei fazer.

Quando me sinto mais refrescada, levanto a cabeça da água e vejo um campo de algodão à distância. Saio do lago e vou até ele. Os pés de algodão são tão altos que chegam à altura de meu peito, fofos e brancos como as nuvens, mas eu consigo tocar no algodão. Pego uma bolinha e abro. No centro da nuvem fofa há um grupo de sementes redondas e pretas como pimenta. Ouvi dizer que se podem comer, mas mesmo assim hesito um pouco antes de pôr uma na boca. Movo as sementes na língua, são duras e não têm gosto. Mordo com cuidado para quebrar as cascas e chegar à carne, oleosa e macia. São quase doces e acalmam meu estômago. Pego as demais sementes. Vasculho ao redor em busca de guardas e jogo as sementes na boca o mais rápido que posso. Depois coeto mais algumas e as guardo no bolso.

Na metade da manhã, chego à enfermaria. É um galpão de concreto abandonado, com as paredes cheias de limo, caindo aos pedaços, com espaço para quartos. Não há energia elétrica, então está tudo escuro, a não ser a área com janelas sem vidro, por onde entra a luz do sol. No ar, sinto o cheiro inconfundível de carne humana e álcool. Há cerca de duzentos pacientes enfileirados em esteiras de palha ou catres no chão, e seus gemidos ecoam nas paredes frias como pedra. Os corpos não se movem. Alguns estão inchados; outros, esqueléticos; todos à beira da morte. Alguns estão tão doentes que não conseguem se levantar para ir ao banheiro. Não há enfermeiros suficientes, então os doentes ficam deitados em sua própria sujeira.

O rosto de Keav surge na minha imaginação e eu tento respirar, mas o fedor da morte invade minhas narinas e eu tusso. Keav dormiu em catres como estes, ensopados de urina e excremento. Algumas pessoas vêm a este hospital na esperança de serem

curadas, mas muitas são jogadas aqui porque estão fracas demais para trabalhar e, portanto, são inúteis para Pol Pot. Aqueles que não podem mais trabalhar vêm aqui para morrer. Um vento frio me atinge e me espeta com mil agulhas ao pensar em Keav abandonada aqui para morrer em meio a milhares de estranhos. Neste hospital improvisado, nestas camas manchadas e amareladas, muitos destes pacientes vão morrer antes que o sol nasça amanhã.

Tento me concentrar em outra coisa, para afastar a pena que estou sentindo por estes pacientes. Olho atentamente para minha própria mão na luz amarelada. Está inchada, com aspecto de cera; meus dedos parecem cinco vermes gordos presos à palma. Quando mexo os dedos, eles se contorcem e parecem que vão se soltar da carne e rastejar para longe. Os dedos dos pés estão na mesma situação. O gemido dos doentes me traz de volta. Keav deve ter morrido desse jeito, sozinha e com medo. Será que eu vou morrer no meio de um mar de doentes que não conheço?

Em meu estado de quase sonho, ouço a voz de mamãe me chamar. “Loung! Aonde você está indo? Volte para nós!” Acordo, respirando forte. Estou ouvindo vozes? Estou ficando louca?

— Mamãe? — sussurro. Meu coração dança de esperança, mas eu o controlo.

— Mamãe? — grito em agonia.

“Aqui!”, ouço as vozes de Chou, Geak e Kim! Abro as pálpebras inchadas com força e procuro por eles no meio do povo.

No canto do salão, vejo mãos acenando felizes no ar. Vejo o rosto de mamãe, Geak e Meng. Chou e Kim vêm correndo até mim com um sorriso de orelha a orelha. A família inteira está aqui, menos Khouy! Não posso acreditar no que estou vendo. Olho suas faces radiantes: Chou mal consegue segurar uma risada, Geak me olha confusa e mamãe está chorando.

— Bobinha! — diz mamãe. — Você quase passou direto por nós.

— Que bom que vocês estão aqui! Eu estava com medo de ficar sozinha!

— Esta é a única enfermaria da região! — responde mamãe, batendo no chão ao seu lado em convite para eu me sentar. Meus joelhos enfraquecem e eu caio em seu colo. Com os olhos bem abertos, eu me agarro às mangas de sua camisa enquanto meus irmãos olham sem jeito.

— Estamos juntos agora. *Todos* juntos — diz ela com a voz abafada por meus cabelos. Ao ver o rosto de meus irmãos, já não tenho medo de morrer sozinha.

Mamãe me solta e Geak vem se sentar entre nós duas. Mamãe me diz que ela e Geak vieram para cá há cinco dias, por causa de dores no estômago. Como eu, todos os irmãos viajaram separadamente e, por sorte, se encontraram. Mamãe diz que Chou foi a segunda a chegar, depois Kim e Meng, que chegaram ontem. Todos estão aqui, menos Khouy!

Passamos os dias na enfermaria, conversando preguiçosamente sobre muitas coisas, mas nunca sobre papai e Keav. Ninguém da família disse em voz alta que não podíamos falar sobre eles, mas todos sabemos que não é para falar nada. Cada um de nós guarda suas memórias bem no fundo do coração, trancadas a chave. Em vez disso, contamos sobre a nossa vida para mamãe. Chou está feliz por ser uma das duas únicas cozinheiras de seu campo. Diz que a outra menina é boazinha. Como é responsável pela comida, consegue roubar um pouco de tudo e levar para mamãe. Quando as outras meninas implicam com ela, cospe na comida delas para se vingar. Em seu campo para meninos, Kim trabalha noite e dia nas plantações de arroz, semeando e colhendo. A estrutura do seu campo é a mesma que a dos nossos, todas as crianças dormem juntas em uma grande cabana. Toda noite, ele também vai a reuniões para ouvir propaganda, igual a mim e Chou. Meng nos diz que, antes de ficar doente, Khouy e ele ainda estavam trabalhando nos carregamentos de arroz que supostamente vão para a China. Ele conta que ainda mora com Khouy e a mulher dele, Laine. Embora tenhamos curiosidade, Chou e eu nunca perguntamos a Meng como

ela é. Três anos vivendo sob o regime do Khmer Vermelho nos ensinaram que há certas coisas que é melhor não dizer.

Não temos que trabalhar, mas ainda assim nos dão comida: arroz, sal e, às vezes, peixe. A quantidade é quase a mesma que me davam quando eu estava trabalhando. Porém, por nossa cara reluzente e nosso corpo inchado, entendemos que estamos com os mesmos sintomas: dor de estômago, exaustão extrema, diarreia e articulações doloridas. Depois de muita discussão, chegamos à conclusão de que não estamos propriamente doentes, mas enfraquecidos pela fome. Pela manhã e depois do jantar, a primeira coisa que as enfermeiras fazem é despejar água em uma tigela de coco polido, logo me dão um cubo branco granulado e me dizem para comê-lo. Um sorriso toma minha face quando me dou conta de que é açúcar! Açúcar como remédio. Quero ficar na enfermaria o tempo que for possível.

Mesmo com a porção diária de "remédio", estou sempre faminta. Mal consigo andar, mas preciso buscar comida. Procuro por sapos, grilos e gafanhotos, qualquer coisa comestível, nos arbustos. Mas sou uma predadora desajeitada, eu me movo lentamente, pois estou doente. Certa tarde, voltando para a enfermaria, vejo uma bola de arroz deixada ao lado de uma velha. Rapidamente a pego e guardo no bolso. Meu coração bate forte e eu vou embora o mais rápido possível, antes que alguém perceba.

Quando me vejo sozinha lá fora, a culpa me arrebatava. Não acredito no que fiz. O bolo de arroz, do tamanho de um punho, pesa no meu bolso e eu vejo o rosto da velhinha na imaginação. Seus cabelos grisalhos e oleosos colados à cabeça, o peito inchando com seu fôlego curto sob a roupa preta. As pálpebras estão semicerradas, deixando ver o branco dos olhos. Seus cuidadores logo retornarão e descobrirão que o arroz foi roubado, não terão nada mais para lhe dar de comer. Como sabem que ela vai morrer de qualquer jeito, podem acabar desistindo dela. Ao roubar sua comida, estou ajudando a matá-la, mas não posso devolver o arroz. Levo-o aos

lábios enquanto lágrimas salgadas caem em minha garganta. O arroz duro desce arranhando pela garganta, eu estou ajudando a cavar a cova da velhinha.

Com os passos pesados, volto para a companhia de minha família. Estão sentados quietos, felizes por estarem juntos. Soturna, eu me sento perto de mamãe e coço a cabeça com as duas mãos. Meus cabelos estão oleosos e embaraçados e minha cabeça coça. Nossas roupas estão em farrapos, não foram lavadas há semanas. A água do poço é reservada às enfermeiras e o riacho para o banho fica muito longe.

— Venha — mamãe alcança minha cabeça e divide meus cabelos —, vamos arrumar isto. — Ela tira um pente especial para piolhos da bolsa, senta à minha frente e estende o lenço vermelho e branco no chão. Ela baixa gentilmente minha cabeça, de modo que eu agora estou olhando na direção do lenço, e passa o pente fino, com seus dentes minúsculos, em meus cabelos. O couro cabeludo dói com os puxões, mas vale a pena. Vejo os insetos, com suas seis perninhas, caindo de meu cabelo. Eles aterrissam no lenço e tentam fugir, mas nós os matamos com os polegares. Os bichos aplastados fazem um som de estouro e esguicham sangue. Chou e Geak riem do barulho e vêm nos ajudar na matança. Uma por uma, mamãe penteia nossos cabelos para nos livrar dos piolhos. Passamos os dias assim, sentados, conversando e trocando carinhos amorosos novamente.

Uma noite, sonho com Keav. Ela está linda, jovem e exuberante. Meu sonho começa tranquilo. Estou em algum lugar sozinha com ela. Conversamos, conversamos. Vou abraçá-la, mas me contenho, porque de repente sua aparência começa a mudar. Ela continua a falar, mas a vejo definhando cada vez mais: fica magra, a pele começa a amarelar e a envelhecer, criando rugas e pelancas. Então a pele de seu rosto começa a derreter e a ficar transparente, mostrando os ossos ao redor dos olhos, sua caveira. Quero sair correndo, mas também quero ficar. Seus lábios ainda se movem e ela diz: “Estou bem, não sou como você está me vendo.” Eu a amo e quero tanto

ficar com ela, descobrir onde ela está e como chegar até lá. Não entendo o que ela diz e dou um grito que me acorda. Determinada a viver, na manhã seguinte me forço a sair do hospital e procurar comida para roubar e assim encher meu estômago.

Fico na enfermaria o máximo que posso e, com os cubos de açúcar e o descanso do trabalho, meu corpo aos poucos fica mais forte. Depois de uma semana, a enfermaria fica lotada e os enfermeiros nos expulsam de lá. Ao ir embora, desrespeito minha regra de nunca olhar para trás ao me despedir e vejo mamãe, Chou e Geak chorando à porta. Foi um erro olhar para trás, meu corpo quer com todas as forças voltar correndo para junto delas e nunca mais abandoná-las. Respiro fundo, ergo a coluna e vou embora com passos firmes, me perguntando quando voltarei a vê-las.

AS PAREDES CAEM

Novembro, 1978

Outros seis meses se passaram desde que nossa família se encontrou na enfermaria. De volta ao campo, minha vida segue como era antes e, com um novo incremento no racionamento de comida, fico ainda mais forte. Já não trabalhamos nas plantações, mas ficamos horas aprendendo a lutar na guerra; os rumores de uma invasão *youn* são muitos. Durante o dia, treinamos com as poucas facas, foices, enxadas e armas que temos no campo. O treinamento é repetitivo, em grande parte, mas Met Bong insiste em que os movimentos precisam ser automáticos, só assim seremos boas soldadas. À noite, depois do jantar, coletamos paus e galhos para construir uma cerca ao redor da base.

Certa manhã, bem cedo, acordo em pânico. Meu estômago está cheio de nós, e eu estou ensopada de suor. Digo a mim mesma que não é nada, só estou nervosa; e me convengo de que sou fraca dos nervos. Depois de lavar o rosto, eu me junto às outras crianças no treinamento. Met Bong pegou roupas velhas e encheu de palha para fazer bonecos. Fez as cabeças enrolando palha com os lenços quadriculados, em vermelho e branco. Ela os chama de bonecos *youn* e os pendurou nas árvores do campo. Depois de um longo

discurso sobre os males dos *youn*, ela nos coloca enfileiradas diante dos bonecos.

Com uma faca de 15 centímetros na mão, estou parada, em posição de sentido, na frente da fileira. Ofegante como um bicho, com as pernas trêmulas e a mão firme no cabo da faca, ataco quando Met Bong grita para que ataquemos. Corro na direção do boneco gritando "Morra! Morra!" Miro na cabeça, mas só sou alta o suficiente para enfiar a faca em seu estômago.

Na manhã seguinte, acordo com uma agonia tremenda. Minha cabeça lateja, meu estômago dói e sinto um peso no peito, como se alguém estivesse sentado sobre minhas costelas. Ponho as mãos na barriga, com vontade de gritar para o mundo. Algo dói dentro de mim. A raiva explode em meu corpo, me faz pular e sair correndo da cabana. Não entendo essa eletricidade em meu corpo, este pânico, esta tristeza, este ódio, emoções que se manifestam em dor física.

Tenho que ver mamãe. É perigoso viajar sem permissão, mas não importa. Tenho que ir até ela. Sei que não posso sair pelo portão da frente; se as meninas me virem, vão me denunciar. Dou a volta na cabana e procuro um lugar na cerca pelo qual possa fugir. Vejo uma seção malconstruída, com as estacas bem separadas e o mato esparsos. Com cuidado, para que ninguém me veja, fico de joelhos. Rapidamente afasto as folhas e me arrasto através da cerca.

Caminho sob o sol quente sem comida nem água. Minha garganta implora por água, e meus pés por descanso, mas eu continuo. Meu coração acelera, vejo mamãe e Geak na imaginação. Seus olhos estão tristes, cheios de lágrimas, e o rosto delas parece derrotado. Estão sentadas na cabana em Ro Leap e me chamam como se quisessem me contar alguma coisa. Sei que estão me chamando. Mas não posso aceitar. Eu sei.

Penso em papai e lembro que ele um dia me disse que eu tinha poderes extrassensoriais. Mesmo tão jovem, sempre achei que vivo 80% da minha vida em estado de *déjà vu*. Em Phnom Penh, eu sabia muitas vezes quem estava ligando antes mesmo de papai

atender ao telefone. Quando estávamos andando na rua com papai e mamãe, eu sentia que encontraríamos tal pessoa e de fato a encontrávamos. Em Ro Leap, sonhei que uma casa pegaria fogo e ela realmente se incendiou. Papai diz que é um dom e, embora eu nunca tenha tido medo antes, agora eu sinto pavor.

Os minutos viram horas até eu chegar a Ro Leap. É o meio da manhã. A vila está quieta. Vou correndo à cabana de mamãe e grito por elas freneticamente.

— Mamãe! Geak! Mamãe! Mamãe!

Ninguém responde. Corro o mais rápido que posso até o jardim, as duas não estão lá. Lágrimas embaçam minha vista e eu corro de volta à sua cabana. Tudo ainda está lá: as tigelas de arroz e as colheres de madeira. A pequena pilha de roupas.

— Mamãe! — grito roucamente.

— Elas não estão aqui — responde uma voz. Uma jovem está parada na porta da cabana vizinha. Ela é nova, não a reconheço. — Foram embora ontem. Meu bebê está tão doente que não pude ir trabalhar. Eu as vi partir.

— Aonde elas foram?

— Não sei, foram com uns soldados — diz a mulher, baixinho, e se vira. Fica olhando a distância, sem coragem de me encarar.

Ambas sabemos o que isso quer dizer, quando os soldados vêm à vila e levam alguém com eles. Parte de mim não consegue acreditar na mulher, mas no fundo sei que é verdade. Ontem eu não conseguia explicar a ansiedade e as dores que estava sentindo quando acordei. Hoje eu sei: era mamãe e Geak me avisando dos soldados.

— Mamãe, onde você está? Você não pode fazer isto comigo! — grito dentro da cabana vazia. Elas não podem ter sobrevivido três anos de fome, a morte de Keav e de papai para serem levadas agora! Da última vez que a vi, ela estava se virando bem sem papai. Eu acreditava que ela conseguiria sobreviver. Ela lutou tanto para

isso! Não pode ser, ela não pode ter me deixado. Pobrezinha da Geak, ela nunca teve nada de bom nesta vida.

Ao ouvir seu bebê chorando, a mulher volta para sua cabana. Lá dentro, murmura para fazer o filho dormir. Uma lembrança de mamãe me botando para dormir invade minha cabeça. Não consigo mais ser forte. Minhas paredes estão caindo, colapsam em cima de mim. As lágrimas rolam incontrolláveis por meu rosto. Meu peito está apertado, tudo dentro de mim dói, minha sanidade começa a ruir. Preciso sair correndo, preciso fugir. De algum modo, minhas pernas ganham vida própria e me levam para longe do vilarejo. "Mamãe! Geak!", murmuro para elas, seu rosto enche minha mente. Minha irmã nunca soube como era não se sentir faminta. Minha mente não me deixa em paz. Meu corpo enfraquece quando me pergunto qual das duas os soldados mataram primeiro. Na minha imaginação, vejo a cena das duas juntas.

Vejo as duas marchando lentamente em uma fila de vinte pessoas tiradas de outras vilas da província. Um grupo de cinco ou seis soldados do Khmer Vermelho caminha em cada lado da fileira, os rifles apontados para os prisioneiros. A chuva de três dias atrás deixou o chão úmido e enlameado, fazendo com que os camponeses não consigam se equilibrar direito. Tirando os gemidos, murmúrios e suspiros dos prisioneiros, tudo está em silêncio. Tanto os soldados quanto os prisioneiros estão vestidos de preto, com enlameados lenços quadriculados, de cor vermelha e branca, enrolados na cintura e nos joelhos. Os homens andam com os dedos entrelaçados na nuca. O suor escorre da testa e cai ardendo nos olhos, mas eles não ousam tirar as mãos da nuca. As mulheres, as crianças e os velhos podem usar os braços para se equilibrar no terreno irregular. Não importa a história que tenham para contar nem o seu passado, estão em marcha agora porque o Angkar os marcou como traidores do governo.

Caminhando ao final da fila, mamãe carrega Geak nas costas. Mamãe chora baixinho, seu corpo está tenso de medo e as mãos

seguram firmemente a filha. Sente Geak balançando levemente atrás de si quando ela tenta recobrar o equilíbrio para não cair na lama. Mordendo o lábio, pensa em papai e imagina se ele sentiu tanto medo como ela quando o levaram. Balança a cabeça, tentando não pensar nele como um morto. Parte dela sempre vai acreditar que ele está vivo em algum lugar. Faz quase dois anos e ela ainda sente saudade dele o tempo inteiro. Em seus sonhos, ele é tão real que ela acorda sentindo mais dor que no dia anterior. Às vezes, trabalhando no jardim, ela se lembra da primeira vez que se viram, perto do rio, quando trocaram o primeiro olhar. Achou ele tão bonito, mas sabia que os pais nunca o aceitariam. Ela o amava e, embora os pais não aprovassem a união, eles fugiram juntos. Ela só queria estar com ele. Talvez encontre com ele em breve.

Os soldados os levam para além da plantação de arroz, além das palmeiras meneantes, para um campo nas fronteiras da vila. Lá, longe da vista de todos, fazem mamãe ajoelhar com os outros prisioneiros. Afundando na lama fria, mamãe e Geak se abraçam. Mamãe aperta a filhinha contra o peito, como se tentasse empurrá-la de volta ao útero, para poupá-la da dor. Põe a mão na nuca de Geak e aninha o rosto dela em seu corpo, para que ela não veja o massacre que virá. Em seus braços, o corpo de Geak treme e seus dentes batem perto dos ouvidos de mamãe. As mãozinhas da filha agarram seu pescoço, mas ela está quieta.

Os soldados se põem à frente, com os rifles apontados para o grupo, dedos no gatilho. As nuvens negras rolam acima deles, atirando sombras escuras sobre os soldados. O vento sopra morno, mas mamãe está tremendo. Ela sabe que não pode mudar seu destino. Sabe que não há como implorar misericórdia, nada fará com que ela escape. Ela aperta Geak ainda mais em seu abraço e fecha os olhos com força. Enquanto os outros imploram, ela reza. Pensa no rosto de papai e espera. Esse segundo parece uma eternidade. Ela quer gritar, mas não o faz, para provocar os soldados a simplesmente acabarem logo com aquilo. Não sabe por quanto

tempo ainda conseguirá ser corajosa. A espera a faz acreditar na esperança. Será que os soldados mudaram de ideia e vão deixá-las partir? Ela começa a respirar mais forte ao pensar nisso. "Não, preciso ser forte por Geak. Ela não pode deixar este mundo sentindo terror."

Então mamãe ouve o esguicho da lama, um soldado se move. Seu coração bate tão forte que parece que vai arrebentar suas costelas. Um soldado põe o rifle às costas e caminha na direção do grupo. Mamãe cai de costas no chão, que fica molhado e quente. Ao olhar para o lado, vê que um homem molhou as calças. Um soldado se aproxima do grupo e vem em sua direção. Os olhos de mamãe se enchem de esperança. Seu coração palpita de pavor. O soldado se curva e pega Geak pelos ombros. As duas soltam um grito horrível que ecoa no ar. Mas os soldados não param e puxam a menina, agora só as pontas dos dedos de mãe e filha se tocam, até que esse elo também é quebrado. Todos os prisioneiros choram e imploram, começam a se levantar. De repente, o som dos disparos, as balas furam os corpos, os gritos cessam.

Geak corre até o corpo caído de mamãe, com o rosto na lama. Geak tem somente seis anos de idade, é nova demais para entender o que acaba de acontecer. Ela chama por mamãe, balança seus ombros. Toca a orelha e a bochecha da mãe, puxa seus cabelos para tirar seu rosto da lama, mas não tem força suficiente. Esfregando os olhos, limpa o sangue de mamãe do próprio rosto. Bate com os punhos nas costas dela, tentando acordá-la, mas mamãe se foi. Com a cabeça da mãe nas mãos, Geak grita e grita, sem parar para respirar. O rosto de um soldado se enche de sombra e ele ergue o rifle. Segundos depois, Geak também é silenciada.

Ao sair de Ro Leap, o ruído agudo de minhas próprias orelhas me ensurdece. Todas as histórias que conheço sobre como o Khmer Vermelho mata suas vítimas voltam a mim. Como eles amarram as pessoas em sacos de batata e os atiram nos rios. As salas de tortura. Todos falam sobre isso nas vilas. Dizem que os soldados

matam os filhos na frente dos pais, para que estes confessem sua traição e deem os nomes dos outros traidores. O ruído em minhas orelhas aumenta de volume, fico desorientada. Vejo o rosto de mamãe. Engasgo quando imagino sua dor ao ver os soldados machucando Geak. Minha mente está obcecada com as cenas de sua morte, imagino cada detalhe, não consigo parar. Então sinto a cabeça cheia e pesada.

As lágrimas escorrem sem parar enquanto me afasto da vila. Alguém me disse uma vez que, se você bater a cabeça com força, perde a memória. Quero bater com força minha cabeça. Quero perder a memória. A dor em minha cabeça é tão grande que se espalha para os ombros, as costas, os braços e o pescoço, como se mil agulhas quentes me perfurassem. Só a morte me aliviaria. Então uma sensação esquisita toma conta de mim, como se eu estivesse flutuando para um outro lugar, para os recônditos da minha mente, escondida da dor. De repente, o mundo se torna embaçado e cheio de névoa. Tudo à minha volta é negro, leve e vazio. Minha dor e minha tristeza já não parecem minhas, não parecem reais, quando o breu me engole.

Quando volto minimamente à consciência, estou de volta ao campo, diante de Met Bong. Minha mão massageia minha bochecha, que arde; sinto gosto de sangue. Met Bong me estapeou e eu acordei.

— Onde você estava? — pergunta ela, e o mundo volta a ter foco. As meninas estão ao meu redor, observando.

— Não sei — consigo dizer. — Eu fui ver...

— E ficou durante três dias? Você não sabe que os *youn* estão por toda parte?

Arregalo os olhos sem acreditar. Digo a ela que não sei mesmo onde estava, honestamente. Ela me dá outro tapa. A dor me deixa tonta, quase perco o equilíbrio.

— Você não vai me dizer? Então você não vai comer nada hoje e vou reduzir sua porção de comida até você me contar! — grita bem

em minha cara e vai embora. Depois que ela se vai, caminho até o poço e puxo o balde com água. Bebo um pouco e despejo o restante sobre os pés. Esfrego um pé no outro para tirar a terra, até que vejo meus dedinhos tortos. "Mamãe está morta", repito para mim mesma sem sentir nada. "Mamãe morreu." Não lembro nada dos três dias que passei fora.

No treinamento do dia seguinte, ataco os bonecos *youn* antes mesmo de Met Bong mandar. Minha pele vibra de ódio e raiva. Odeio os deuses por me fazerem sofrer. Odeio Pol Pot por ter assassinado papai, mamãe, Keav e Geak. Enfio a lança de madeira direto no coração do boneco, sinto-a penetrar na palha até o tronco da árvore. Com força, rapidamente, dou estocadas no boneco, imaginando não o corpo de um *youn*, mas o de Pol Pot. Agora é tudo real. Agora não preciso mais fingir que sou órfã.

A INVASÃO DOS YOUN

Janeiro, 1979

Abraçada ao rifle, Met Bong caminha de um lado para outro nervosa em nossa sessão noturna.

— Os *youn* invadiram nosso país! Eles estão tomando nossas cidades! Esses monstros estão estuprando mulheres khmers e matando os homens. Eles matarão vocês se as encontrarem. Vocês devem se proteger a qualquer custo. Pol Pot é todo-poderoso e nós podemos derrotar os *youn*!

— Angkar! Angkar! Angkar! — gritamos em uníssono, embora suas palavras não façam sentido algum. Enquanto finjo que ouço, eu me pergunto por que o Khmer Vermelho tem medo dos *youn* se podemos derrotá-los. Se podemos vencê-los, por que eles conseguiram tomar nosso país?

Esta noite, não conseguimos dormir com o som de morteiros e foguetes à distância. Temos medo, mas Met Bong diz que os soldados khmers vão mantê-los longe de nós. Depois de algumas horas de explosões, tudo volta ao silêncio. Então, sem aviso, um morteiro explode bem perto da nossa base, iluminando o céu como um relâmpago. O pânico me sobe a espinha e invade meu coração. Grito e cubro as orelhas com as mãos quando outro morteiro vem

assobiando e acerta nossa cabana. As paredes e o teto de palha se incendeiam na hora. Com gritos de pavor, as meninas tentam fugir antes que o fogo consuma a cabana. Elas correm e se arrastam em direção à porta, com o rosto preto de fumaça e os olhos brancos de terror. Muitas estão sangrando, os estilhaços acertaram seus braços e pernas.

Pulo e corro para a porta enquanto o fogo se espalha por todo lado.

— Não me abandonem, estou ferida! — grita alguém. Ela está deitada numa poça de sangue. Apoiando-se em um cotovelo, ela implora por ajuda. Está tremendo. As outras meninas não param. Ao me ver, estende uma mão ensanguentada na minha direção.

— Socorro!

Ela tenta se arrastar com os cotovelos até a porta, mas desiste, frustrada, depois de uns centímetros. Suas lágrimas caem na boca. O fogo se alastra veloz pelo campo, escombros caem por todo lado.

— Fumaça! Fogo... socorro! — diz, com as mãos contra o peito. Ela tosse sangue. Quero ajudá-la, quero *mesmo*, mas sou muito menor do que ela. Grito e cubro as orelhas quando outro morteiro explode nas proximidades. Em pânico, dou-lhe as costas e saio da cabana. Quando o teto colapsa, a garota continua a gritar, enquanto as chamas engolem a cabana.

As meninas correm em todas as direções na tentativa desesperada de fugir do campo. No escuro, as paredes e os tetos de palha são tomados por chamas amarelas e laranja, iluminando o rosto vermelho das garotas em fuga. Na estrada, eu me vejo no meio de milhares de pessoas, caminhando por entre cidades e vilarejos desertos. Tenho que encontrar Chou. Estou sozinha com ela. Involuntariamente meu corpo toma vida própria e me faz seguir na direção de seu campo. Não é hora de sentir medo.

O campo de Chou está às escuras quando chego. Grito seu nome várias vezes e dou voltas no lugar, mas não a encontro. Volto para a estrada, sem saber o que fazer. Não sei onde encontrar meus irmãos

mais velhos. As pessoas à minha volta caminham como num estouro de boiada, gritando os nomes de familiares. “Por favor, que estejam vivos”, digo a mim mesma enquanto as pessoas esbarram em mim e me empurram para passar. Como não sei o que fazer, saio do meio do povo e escalo uma pedra na beira da estrada. Abraço os joelhos e começo a chorar, enquanto passam à minha frente e me deixam para trás. Parece a massa humana que deixou Phnom Penh, está acontecendo tudo de novo, mas agora estou sozinha. Não conto com a proteção dos braços de Keav, com papai, mamãe e Geak ao meu lado, com Khouy e Meng nos mostrando o caminho.

Fico sentada ali, abraçada a mim mesma, quando alguém me agarra pelo ombro. É Kim. Ele está vivo! Chou está com ele, segurando firme em sua mão.

— Chou! — exclamo, feliz. Nunca estive tão feliz!

— Vamos, temos que ir. Rápido — grita Kim, tomando minha mão e caminhando de volta para a estrada lotada.

Não sabemos para onde devemos ir, mas o objetivo é encontrar nossos irmãos de alguma forma. De novo, Kim está responsável pela família. Enquanto caminhamos, Kim explica que, assim que ouviu as explosões perto dos nossos campos, fugiu e veio ao encontro de Chou. Estavam procurando por mim. Chou e eu seguimos nosso irmão e obedecemos às suas ordens. Ele parece estar em tal controle da situação que esqueço que ele nem tem 14 anos.

Enquanto outras pessoas carregam panelas, roupas, comida e outros pertences nas costas ou em carroças, Kim carrega uma mochila com algumas roupas. Chou e eu andamos de mãos dadas, sem nada além da roupa do corpo. Acompanhamos o mar de gente durante a noite, seguindo sua rota. Kim diz que é mais seguro ficar com a multidão. Meu corpo, sobretudo meus pés, deseja descansar, mas, com os olhos quase fechando, me apoio em Kim e sigo a marcha. Logo o sol nasce. Em vermelho-carmesim, amarelo-ouro e laranja chamejante, abre o mundo diante de nós. No campo, o alto capim-elefante brilha com o orvalho da manhã e, ao longe, colunas

de fumaça cinzenta flutuam no céu, vindas dos vilarejos. As estradinhas de terra vermelha estão lotadas de gente vestida de preto. Ninguém para, todos arrastam seus pés cada vez mais lentamente. Aqueles que já não conseguem se mover sentam à beira do caminho. Alguns deitam em posição fetal e adormecem; outros vão procurar frutas no matagal, mantendo-se a pouca distância da multidão que caminha. O tráfego é como uma serpente: os homens mais fortes são como a cabeça, e os velhos, jovens, fracos e famintos seguem atrás, como a cauda. Assim que uma cobra desaparece de vista, outra vem tomar o seu lugar para que os que ficaram para trás possam seguir.

O sol sobe no céu e meu estômago começa a roncar. Kim encontra uma trilha no mato, logo atrás de uns arbustos, e nos leva na direção dela enquanto as pessoas seguem caminhando. Em silêncio, Chou e eu vamos atrás dele. Depois de cinco minutos, nós nos entreolhamos nervosas, com medo de nos afastarmos demais das outras pessoas, mas não ousamos questionar Kim. Outros dez minutos se passam. Andamos 1 quilômetro para longe da multidão e chegamos a uma vila deserta. Sozinhos, nada faz ruído no lugar, a não ser os porcos e as galinhas. Os moradores fugiram com tanta pressa que deixaram roupas, sandálias e lenços jogados por todo lado. Na cozinha comunitária, ainda se vê fumaça saindo das cinzas. Chou entra em uma cabana e volta com panelas, tigelas de alumínio e alguns poucos sacos de arroz e sal que restaram. Pego três lenços, algumas roupas extras e três cobertores leves. Ponho tudo no centro de outro cobertor e os amarro em uma trouxa para levar sobre a cabeça.

Em uma casa, há um porco e duas galinhas. Depois de perseguir o porco por uns minutos, cansamos e desistimos. Mesmo que conseguíssemos pegá-lo, não saberíamos como matá-lo, já que não temos uma faca. Kim pega as duas galinhas e amarra suas asas. Procuramos um objeto cortante qualquer para as degolar. Como não encontramos nada, Kim vai até o poço com as duas aves nas mãos.

Segurando-a pelas patas, golpeia a cabeça de uma galinha contra a parede de pedra do poço. De longe, ouço o crânio do bicho se quebrar e vejo o sangue manchar a pedra e espirrar nos pés de Kim. O corpo da galinha se debate inteiro, recusa-se a morrer, e Kim dá outro golpe, desta vez arrebatando completamente a cabeça. Depois faz o mesmo com a outra galinha.

Chou vai buscar água no poço e lava os pés do irmão, esfregando para limpar o sangue. Despeja o restante da água na panela enquanto Kim reacende o fogo colocando folhas secas e galhos sobre as cinzas. Chou põe as galinhas na panela, submergindo-as na água para que cozinhem por inteiro. Depois de uma hora, ela retira as galinhas e nós as depenamos. Cozinhamos por mais uma hora, mais ou menos. Quando estão cozidas, ela joga sal sobre a carne, para que não estrague. Enquanto Chou prepara as galinhas, meu estômago ronca e minha boca saliva. Não como carne há muito tempo.

Finalmente Chou anuncia que estão prontas para comermos. Kim arranca uma coxa, põe numa tigela cheia de arroz e me dá. Chou recebe uma outra coxa, ele fica com o peito e guarda o restante para a viagem. Comemos em silêncio, com os pratos à nossa frente. Aos poucos, retiro a pele, que tem um gosto forte e borrachudo. Como o restante do frango com alegria e tristeza porque lembro que mamãe apanhou muito quando tentou conseguir um frango para Geak.

Depois da refeição, pegamos nossas trouxas e voltamos para junto da multidão. Como não sabemos aonde vamos, seguimos o fluxo. Caminhamos o dia inteiro e paramos à noite para descansar com o restante das pessoas. Enquanto alguns acendem fogueiras, cozinham e conversam, nós comemos em silêncio. Ao nosso redor, os homens falam com veemência sobre a invasão dos *youn* e a derrota do exército de Pol Pot. Eles cospem ao dizer o nome de Pol Pot e juram que o perseguirão, ele e seus oficiais, para vingar todo

este sofrimento. As vozes se alçam quando falam dos corpos que viram nos campos ao redor de suas vilas.

Suas palavras me lembram de Met Bong. Por um ano, quando eu estava no campo, Met Bong dizia que os *youn* estavam invadindo o Camboja e que o poderoso exército do Khmer Vermelho os derrotaria. Ela tinha tanto medo de que os *youn* tomassem o país que estava paranoica, achava que os *youn* se instalariam aqui e o Camboja em pouco tempo se tornaria uma colônia deles. Imagino o pavor que deve estar sentindo agora — se estiver viva — que os *youn*, nossos inimigos, invadiram o Kampuchea e, conseqüentemente, impediram que o exército do Khmer Vermelho continuasse a matar mais cambojanos. Ela nos dizia toda noite que um soldado khmer podia matar vinte soldados *youn* porque os nossos são mais corajosos e fortes. Eu me pergunto o que aconteceu com os poderosos guerreiros do Khmer Vermelho. Talvez o poder do deles não passe de mais uma das mentiras de Pol Pot.

Minhas pernas doem e meu corpo está cansado da caminhada, mas a dor física já não importa. Minha mente viaja até papai, mamãe e Geak, fico surda para as conversas ao meu redor. Papai se importava com política. Sou nova demais para entender as estratégias de Pol Pot para criar uma sociedade agrária pura e sem classes sociais. Não sei por que Pol Pot nos fez sair de Phnom Penh, nos deu pouca comida e tirou papai de mim. Tudo o que sei é que, se a invasão dos *youn* era capaz de salvar papai, mamãe, Geak e Keav, queria que eles tivessem chegado antes.

Depois de comer um pouco mais de frango, Chou estende um cobertor no mato e eu enrolo os lenços para usar como travesseiro. Nós nos instalamos no meio de um campo aberto, perto de uma floresta.

— O campo aberto — diz um homem — é mais seguro contra o monstro esmagador dos *youn*.

— Met Pou — pergunto a um camarada tio, curiosa. — O que é esse monstro esmagador?

— Você não sabe? — pergunta ele, incrédulo. E, ao me ver negar com a cabeça: — Nunca ninguém o viu, mas dizem que é uma besta sanguinária e nada pode destruí-lo. É metade máquina, metade homem, mas muito má. É maior do que uma cabana e atira bombas e chamas. Tem muitas rodas como pernas e passa rolando pela terra como um trovão, destruindo tudo no caminho. Derruba árvores, tira pedras do caminho, entorta metal, tudo. Nada consegue derrotá-lo!

Arregalo os olhos ao descobrir a existência dessa máquina e me pergunto se está escondida na floresta, esperando.

— Então é mais seguro ficar em campo aberto porque assim conseguimos ver se ela estiver chegando e sair da frente? — pergunto, com os joelhos fracos de medo ao imaginar esse monstro esmagador atrás de nós.

— Chou, vamos para o meio da multidão — peço, tomando sua mão. Kim faz uma careta para nós enquanto guardamos nossas coisas para sair dali.

— Não é um monstro. Aquele homem não sabe o que está falando. Ele é um camponês que nunca saiu de sua vila até hoje e provavelmente nunca viu um carro, então nunca saberia o que é um tanque de guerra. É uma máquina enorme, guiada por um homem, igual a um carro — diz Kim, para nos acalmar, mas não funciona.

— Mas o tanque não passa por cima das árvores, das casas e derruba metal? Não destrói tudo no caminho? — pergunto.

— Sim, mas...

— Atira bombas e fogo?

— Sim, mas... Tudo bem, vamos sair daqui — suspira Kim, pegando suas bolsas. Entramos no labirinto da multidão e escolhemos um lugar lá no meio para passar a noite.

— Agora não seremos os primeiros a serem esmagados pelo monstro — digo, e Chou assente com a cabeça. Kim sorri e balança a cabeça, soltando suas bolsas no chão. Chou estende novamente o cobertor no chão e deita no centro. Kim e eu nos aconchegamos, um de cada lado de nossa irmã. Kim enrola as alças de suas bolsas

no braço e eu faço o mesmo com minha trouxa, então nos cobrimos com outro cobertor.

O chão está frio, mas o calor do corpo de Chou me esquenta. Ao nosso redor, as pessoas estão dormindo, jantando ou conversando sentadas. Ao nosso lado, uma família está reunida, comendo. É uma família de cinco: o pai, a mãe e três meninos, que têm entre cinco e dez anos de idade, ao que parece. O pai pega uma tigela de arroz e dá ao filho mais novo, depois faz o mesmo com os demais. A mãe limpa o nariz de um deles com os dedos e rapidamente limpa a mão na saia. Enquanto comem, o pai observa os filhos e seus pertences, com olhar protetor.

Eu me viro e olho para o céu, enquanto lágrimas começam a correr dos olhos. “Ó papai, sinto tanto a sua falta”, digo em pensamento. O céu está escuro e prateado; há algumas nuvens finas e cinzentas, além de incontáveis estrelas brilhantes. Observo as nuvens, imaginando o rosto de papai lá em cima, olhando por mim. “Onde estão os anjos, papai?”, pergunto a ele. De repente, as nuvens se aproximam umas das outras, formando grandes esferas, que começam a se parecer com caveiras e flutuam acima de mim, com seus olhos invisíveis. Minha respiração acelera e sinto um aperto no peito, não quero olhar mais, viro o rosto e me concentro em meu próprio braço, as folhas de capim perfuram minha pele com facilidade, como agulhas no papel, e crescem cada vez mais. Então minha carne se derrete e minha pele afunda no chão. Em câmera lenta, meu corpo se decompõe e se mistura à terra, vira adubo para o Khmer Vermelho. Prendo a respiração e fecho os olhos com força, belisco meu braço podre. Como sinto o beliscão, abro os olhos e vejo que tudo está normal. Cruzo os braços acima do peito e tento dormir.

Acordamos na manhã seguinte e voltamos à nossa jornada. Como Kim e Chou não disseram nada sobre procurar mamãe e Geak, suponho que eles sabem o que aconteceu. Não sei como descobriram o que aconteceu com elas, mas não ousou perguntar

nem falar sobre elas. Kim nos diz que tentaremos chegar à cidade de Pursat e esperar por nossos irmãos. Não diz por quanto tempo esperaremos por Khouy e Meng, nem quanto durará nossa estada. Não sei por que ele presume que os dois estão vivos. Desde que deixamos mamãe e nos separamos, não tivemos notícias de nossos irmãos mais velhos. Faz mais de um ano que não os vemos. É uma regra tácita: nós não falamos sobre a família. Tenho medo de perguntar e deixar Kim e Chou ainda mais tristes. Tenho só oito anos de idade, é a única maneira que tenho de protegê-los.

Andamos com a multidão todos os dias, ocasionalmente procurando comida nos vilarejos abandonados. Levamos dias até encontrar sinal de um possível destino. Meu coração bate tão forte que tenho certeza de que os outros conseguem ouvi-lo. Paro. À nossa frente, três homens vestidos de verde com chapeuzinhos engraçados, em forma de cone. Eles caminham tranquilos, com os rifles pendurados às costas. “*Youn*”, o sussurro percorre a multidão. Fico ofegante, meus pulmões não conseguem respirar fundo. Cenas de *youn* matando e torturando suas vítimas invadem minha mente. Nunca vi um *youn*; esses homens parecem seres humanos, são do mesmo tamanho dos homens khmers e até se parecem. Não são como os *barang*, os estrangeiros, com sua pele branca e seus narizes finos, igual àquele que vi em Phnom Penh. Os *youn* se parecem mais com mamãe do que muitos khmers. Não são os demônios que Met Bong dizia que eram.

Os *youn* vêm até nós e nos cumprimentam com as mãos. Vasculho o chão em busca de armas — um pedaço de pau, pedras pontiagudas, qualquer coisa que possa usar contra eles. Todos olham quando eles se aproximam. As pessoas quase engasgam ao ouvir um deles dizer, em khmer improvisado, “*Chump reap suor*”, que quer dizer “olá”.

— Há um campo de refugiados logo adiante, em Pursat — diz ele, e segue seu caminho. A multidão agradece sorridente.

Não acredito. Os *youn* não atiraram em nós. Não pegaram as crianças, não esfaquearam a barriga delas. Até nos disseram onde fica Pursat. Enfim, depois de três dias na estrada, sabemos para onde ir!

O campo à minha frente parece uma vila pequena, brilhando na névoa como uma miragem. De longe, as inúmeras barracas verdes, pretas e azuis, feitas de plástico, estão recortadas contra o céu como formigueiros. Gente com cabelos pretos se move em todas as direções. Muita gente dorme ao ar livre; outras pessoas armam barracas improvisadas e constroem cabanas. Perto das tendas, mulheres preparam comida, atizam o fogo, sopram as brasas e tosse com a fumaça. Em meio às mulheres, há homens e crianças que estendem roupas em varais amarrados aos troncos e às barracas, criando algo como teias de aranha gigantes. Perto dos grupos de barracas, há pequenos montes de lixo, que apodrecem ao sol. As crianças brincam ao redor, de vez em quando pegam uma manga meio comida, uma laranja ou uma cabeça de peixe e põem na boca.

Há *youn* por toda parte. Com seus rifles nas costas, caminham por entre o labirinto de casas e patrulham a área. Em seus cintos há granadas. São muitos, sorriem e conversam com as crianças, às vezes bagunçam seus cabelos amistosamente. Acompanho um dos soldados *youn* com os olhos, ele está vestido com um uniforme verde, camuflado. Eu o vejo se aproximar de uma mulher khmer, vestida com o uniforme preto, e flertar com ela. "É um bárbaro", penso. Ele tira uma caixa do bolso e oferece à mulher. Ela sorri timidamente e estende a mão para pegar a caixa. Ele segura a mão dela, que a puxa abruptamente. Depois desse contato breve e furtivo, ele continua a conversar com ela. Fico fascinada com os *youn* paquerando abertamente as garotas; na cultura khmer, essas coisas são feitas em segredo.

No meio da multidão, ouço dois homens khmers dizendo que os *youn* estão aqui para nos proteger. Dizem que invadiram o Camboja

e tomaram o país há três semanas, no dia 25 de janeiro. Seu Exército e sua poderosa artilharia derrotaram o Khmer Vermelho; Pol Pot e seus homens fugiram, agora estão escondidos nas selvas. Enquanto esteve no poder, Pol Pot provocou os *youn*; enviava soldados para as fronteiras entre os dois países e massacrava as vilas vietnamitas. Pol Pot os considerava o maior inimigo do povo khmer, temia uma invasão e achava que os vietnamitas anexariam nossa terra. Por isso, era preciso atacar primeiro. Mas o exército de Pol Pot era menor e tinha equipamentos piores, não era páreo para as tropas *youn*, mais bem treinadas e com armamentos mais avançados. Os homens dizem que os *youn* libertaram o Camboja e nos salvaram do assassino Pol Pot.

Kim puxa meu braço e faz um gesto para eu me apressar, quando fico para trás. Avançamos pela multidão, procurando um lugar para baixar acampamento. Olho para os adultos ao redor, desejando que houvesse um adulto entre nós para se responsabilizar por tudo, construir casas, montar barracas e procurar comida. Lembro que papai, Khouy e Meng sempre encontravam comida e cuidavam de nós quando deixamos Phnom Penh. Observo os adultos e rezo para que um deles faça o convite para nos juntarmos a sua família. Mas somos invisíveis para eles. Os adultos olham para nós como se fôssemos transparentes. Têm a própria família, não vão se preocupar conosco.

Como não encontramos um lugar no meio da multidão, e sem barraca para dormirmos, vamos para debaixo de uma árvore nas redondezas do campo, onde outros órfãos se reúnem. Temos pouco arroz. Kim é tão competente quanto papai em dividir a comida que temos entre todos. Toda manhã, ele vai a um riacho próximo para pescar, enquanto Chou e eu ficamos cuidando das nossas coisas. Às vezes, vemos Kim voltar feliz, com um sorriso de orelha a orelha, e sabemos que vamos comer bem essa noite. Mas há dias em que ele volta chateado, com os ombros caídos. O influxo de refugiados que chegam ao campo faz com que o rio fique poluído, e isto afasta os

peixes. Fica cada vez mais difícil pescar na parte rasa. Esta noite, Chou e eu cozinhamos cogumelos e vegetais que encontramos no mato, fizemos sopa de arroz para o jantar. Mas, em geral, não temos nada para comer à noite e dormimos com fome. Depois da refeição, Chou estende um pequeno cobertor no chão para si e nos cobre com os outros dois.

Eu me aconchego perto de Chou e choro pensando em minha família, na minha solidão, na minha fome constante. Mas, sobretudo, choro por Kim. Choro por saber que ele volta todas as noites e tem que dizer que não trouxe nada para comermos. Depois de uma semana vivendo sob a árvore, as noites ficam frias demais e nossos estômagos, vazios demais. Então Kim pede a uma família que acampa por perto para ficarmos com eles. Estamos parados na frente dessas pessoas com nossas trouxas, nossos rostos lavados, cabelos molhados; somos educados e respeitosos.

— Desculpe, não podemos — diz o pai. — Mal podemos cuidar de nossa própria família.

Viro o rosto, estou vermelha de vergonha e completamente desesperançosa. Não entendo por que não querem nos ajudar. São adultos, supostamente conseguem cuidar de crianças. Mas não nos querem. Não me querem. Ninguém me quer. Com a cabeça baixa e os ombros caídos, voltamos para o nosso lugar embaixo da árvore. Juro para mim mesma que tentarei fazer com que as pessoas gostem mais de mim.

O homem não pode nos acolher, mas sente pena e procura uma família que possa nos ajudar. Volta e nos diz que há algumas famílias dispostas, mas ninguém quer tomar conta dos três de uma vez. Preferimos enfrentar o frio a nos separar.

A PRIMEIRA FAMÍLIA ADOTIVA

Janeiro, 1979

Encontramos uma família para vocês! — exclama o homem, uma semana mais tarde. — Eles têm filhos pequenos em casa e aceitam acolher vocês três juntos.

Esta tarde, espero ansiosamente para conhecer minha nova família. Imagino como serão e me pergunto se voltarei a me sentir parte de uma família outra vez. Uma nova família! Um lar seguro, comida para comer, alguém para me proteger.

Quando finalmente os vejo, não consigo acreditar! Entrecerro os olhos para enxergar melhor e ter certeza de que são mesmo eles. Abro os olhos e agarro a mão de Chou, sussurrando:

— São eles. O menino da palmeira e seu pai. Os mesmos que vinham ao meu campo de treinamento para coletar frutas e seiva.

Chou assente com a cabeça e me avisa para ficar calada.

Embora pareça calma por fora, por dentro estou girando cada vez mais rápido. “Como pode ser?”, penso. “No meio desta multidão, encontro pessoas que já conheço?” O menino da palmeira e seu pai sorriem ao me reconhecer. Parecem felizes em me ver. “Só pode ser

o destino, um bom presságio! Talvez agora tudo fique bem, afinal de contas!” Mal posso conter minha felicidade.

— Não é uma coincidência — exclama o homem. — Conheço esta menininha.

Ele ri e bagunça meu cabelo. Meu rosto se enche de alegria ao sentir o toque de sua mão.

— Sou Kim, esta é Chou e esta é Loung — diz Kim.

— Vocês querem vir morar com a gente? — pergunta o pai do menino.

Respondemos que sim com a cabeça.

— Então tudo bem, vamos para casa — olho para ele e vejo seu sorriso.

— Aqui, me deixe carregar sua trouxa — diz, pegando minha bagagem. Meus olhos brilham por ele e meu coração flutua nas nuvens. “Papai”, minha mente murmura feliz. Chou e Kim agradecem aos nossos vizinhos e partimos com nossa nova família.

— Nós já temos uma família bem grande — diz o pai. — Tenho três meninas de um, três e quatro anos de idade. Meu mais velho, Paof, tem 14. Minha mulher precisa de ajuda para tomar conta dos pequenos. Vocês, meninas, podem ajudá-la a cuidar das crianças, a cozinhar, coletar lenha e manter o jardim, enquanto Kim e eu saímos para pescar e caçar.

Agora ele fala com praticidade e firmeza, muito diferente da voz acolhedora e alegre de quando nos viu. Ao ouvir nossas tarefas, sinto um frio na espinha. Ele não é papai. Tenho que parar de sonhar com nossa família e me contentar com uma família de conveniência.

Quando chegamos a casa, o restante da família vem nos dar as boas-vindas não com sorrisos, mas com caras sérias.

— São pequenos, mas acho que são fortes o suficiente para nos ajudar em casa — a mãe diz ao pai. Meu rosto fica vermelho de raiva, mas me contenho. Ela faz um gesto para que a sigamos para dentro da cabana, que é maior do que a maioria, mas construída do

mesmo jeito. — Minha família vive deste lado, então vocês três podem dormir naquele canto ali — diz ela, apontando para um canto afastado do cômodo. — Deixem suas coisas aqui.

Certa tarde, depois de um dia na floresta coletando lenha, Chou e eu voltamos para casa e vemos Kim no canto da cabana, observando enquanto a mãe mexe em nossas coisas. Subo a escada e sento ao seu lado, segurando a raiva.

— Não acredito nisso! — exclama a mãe, ao pegar uma blusa de mamãe. Era a favorita dela, de seda. Usava muitas vezes em Phnom Penh. Quando os soldados queimaram nossas roupas, mamãe estava vestindo essa blusa por debaixo da camisa preta e conseguiu poupá-la. Ela arriscou tudo só para ficar com essa blusa. Como se pressentisse seu destino, da última vez que se viram mamãe deu a Kim sua bolsa com as joias escondidas e a blusa de seda preferida.

— É tão macia! — diz a mãe, cheia de alegria, e veste a blusa, que lhe cobre suavemente o corpo, a seda azul brilhando lindamente ao sol. Kim cerra os dentes, vejo em sua mandíbula. Chou olha para outro lado. A raiva toma conta de nós, mas nada dizemos. Finalmente, ao sentir nossos olhares, ela tira a camisa e a coloca de volta na bolsa.

— Não gosto dela mesmo. Agora que olho com calma, é até bem feiosa. Como alguém poderia usar uma blusa dessa cor? — pergunta, e se vai. Kim pega e dobra a blusa com carinho antes de guardá-la de volta.

O único raio de luz na família é Paof, o menino de 14 anos, que é muito gentil comigo. Ele costuma me levar para pescar e nadar com ele e me apresenta às pessoas como sua nova irmã. Gosto dele; é bom ser tratada com carinho. Sei que ele gosta de mim; ele me diz isso. Mas às vezes percebo nele algo que me incomoda. O jeito esquisito como ele me olha, fica muito tempo observando meu rosto e meu corpo, me dá uma certa náusea.

Um dia, enquanto eu procurava lenha na floresta, alguém vem por trás de mim e agarra minha cintura. Eu me viro, pronta para atacar,

mas paro quando percebo que é Paof. As nuvens escurecem no céu e flutuam acima de nós. Ele vem até mim, põe a mão em meu peito ainda sem seios e me abraça, puxando-me para perto com força. Ele respira com rapidez e me beija com a boca molhada. Em um acesso de raiva, dou um tapa nele e o empurro para longe.

— Saia daqui, me deixe em paz! — grito.

— Qual é o problema? Eu não sou bonzinho com você? Você gosta de mim, que eu sei — ele dá um sorrisinho e volta a se aproximar. Quero arrancar os lábios dele com as unhas.

— Fique longe ou eu vou contar para seu pai.

— Está bem — diz ele, olhando firme para mim. — Quem acreditaria em você? A culpa é sua, de qualquer forma, sempre me seguindo por todos os lados.

Cuspo no chão perto de seus pés e saio correndo. Paof tem razão: não posso brigar com ele. Não posso contar para ninguém, nem mesmo para Kim e Chou. Não posso fazer nada além de ficar longe dele. Não quero causar problemas com nossa nova família. Não quero viver nas ruas de novo.

Depois disso, passo a evitar Paof. Fico longe de onde ele estiver. Se ele for para um lado, vou para outro, e a cada dia que passa meu coração enegrece mais de ódio; no entanto, guardo o segredo. Finjo que nada aconteceu, enquanto vejo Paof rindo com Kim quando vão pescar.

Consigo me virar bem com a nova família porque estou acostumada a longas jornadas de trabalho. Mas não importa o quanto nos esforçamos, sempre dizem que não é o suficiente. Para piorar, a mãe vive dizendo em voz alta que talvez não valha a pena nos manter em casa. Sabemos bem pouco sobre eles e não ousamos fazer perguntas. Moramos na zona livre, recém-libertada pelos *youn*; mas quatro anos vivendo em segredo são difíceis de superar. Não sabemos se eles apoiam o Khmer Vermelho ou se fazem parte do pessoal de base. Ainda que não nos amem, eles nos dão comida — arroz, peixe que os meninos pegam no rio e vegetais da horta. O

suficiente para sobrevivermos. A família guarda muitos sacos de arroz, cada um com vinte quilos, num canto da cabana. Não sei como os conseguiram.

Toda manhã, saímos sempre juntas: eu, Chou e nossa amiga Pithy, que é da idade de Chou e, como ela, é tímida e não fala muito. Os soldados também levaram seu pai e agora ela vive com a mãe e o irmão mais velho. Nós a conhecemos pegando água no rio. Ela estava dobrando e amarrando um lenço na cabeça. Era do nosso tamanho, com olhos bonitos, castanhos, assim como sua pele. Ainda usava o uniforme preto dado pelo Khmer Vermelho, mas seus cabelos já estavam crescidos, o que desfez o corte quadrado que nos impunham. Levantava o balde de argila cheio de água com dificuldade, tentando apoiá-lo no ombro. Chou foi até ela para ajudar. Daí em diante, viramos amigas. Ela mora do outro lado da cidade, mas sempre nos encontra para buscarmos lenha juntas.

Não me importo em sair para buscar lenha, mas não gosto de andar descalça pela floresta. Tenho medo das cobras. O solo é coberto de folhas e galhos, então não consigo ver o que rasteja ali embaixo. Um dia, pisei em algo que de início me pareceu um galho marrom, mas o galho de repente se moveu e saiu rastejando. Senti cócegas na sola do pé e me tremi toda.

Ao nascer do sol, Chou e eu nos juntamos a Pithy em nosso ponto de encontro na estrada. Hoje a névoa da aurora está rosada. Esfrego os olhos para afastar o sono, bocejo e jogo nos ombros as cordas que usamos para amarrar a lenha. Chou, com o machado nos braços, me repreende por ter esquecido o cantil. Caminhamos lado a lado na floresta, longe do campo de refugiados. Coletamos galhos da grossura de um punho e Chou arranca as folhas com a lâmina do machado. O sol sobe no céu sem nuvens e decidimos parar para descansar um pouco sob a sombra de uma árvore. Mas é fevereiro, o ar está quente e úmido, até na sombra. Só refresca à noite.

— Preciso beber água, minha garganta está seca — reclamo com as meninas.

— Eu também — concorda Pithy —, mas não podemos ir embora agora. Precisamos levar lenha suficiente ou teremos problemas em casa.

— *Shhh...* — interrompo, ouvindo um ruído nas folhas próximas. — Tem alguém vindo.

Olhamos para cima e nos assustamos ao ver um soldado *youn* andando em nossa direção. Ele é magro e alto, quase um metro mais alto que nós, e está vestido com o uniforme padrão do Exército, mas não está com o rifle nem as granadas no cinto. O *youn* leva o cantil à boca e bebe um gole.

— Talvez ele nos dê um pouco de água — digo às meninas. — Vamos pedir.

As meninas concordam com a cabeça e, quando ele se aproxima, nós o abordamos. Ele para e nos olha com um sorriso esquisito.

— Água, sede, beber — digo em voz alta, lentamente. Ele semicerra os olhos e faz que não com a cabeça. Aponto para seu cantil e, com as mãos, faço o gesto de beber. Enfim ele entende e sorri, assentindo. Abre seu cantil e o vira de ponta-cabeça para mostrar que não tem mais água. Ele aponta para o cantil, depois para mim e gesticula para que o sigamos.

— Ele quer que o acompanhem para buscar água — declaro, orgulhosa, às meninas. Damos um passo à frente simultaneamente. O *youn* se vira de súbito para mim e nos manda parar com a mão. Ele aponta para mim e faz um gesto para que eu vá com ele.

— Não se preocupem, vou trazer água o bastante para todas nós — digo e vou atrás dele, entramos na floresta, deixando Chou e Pithy para trás.

O soldado me leva para longe da base, onde presumo que haja água. À medida que nos embrenhamos na selva, meu coração acelera mais. Olho para trás, tentando enxergar Chou e Pithy, mas não as vejo por entre a mata densa. O *youn* aponta para uma área

onde há muito capim alto e gesticula para que o acompanhe. A alguns centímetros de distância dele, pergunto onde está a água. As palmas de minhas mãos estão encharcadas de suor, tenho medo. Ele aponta para o matagal e me chama com um gesto.

— Não! — digo com firmeza, em recusa. Ofegante, eu me viro para sair correndo, mas ele me agarra pelo braço e me joga no chão com força. Caio, ralando os joelhos e as mãos nas pedras e galhos. Paralisada e tremendo de pavor, tento me levantar, mas ele me empurra para o chão. Caio sentada e uma dor sobe pela espinha. Arregalo os olhos, alarmada.

— *Nam soong! Nam soong!* — ele ordena que eu me deite, em vietnamita. Não entendo o que ele quer dizer com isso e o encaro. Em nossa cultura, a noiva descobre tudo o que há para descobrir sobre a relação entre um homem e uma mulher na noite de núpcias. Não compreendo exatamente o que ele quer fazer, mas sei que é maldade. Luto para me desvencilhar e, de novo, ele me empurra para o chão. — *Nam soong! Nam soong!* — repete, aos gritos. Seu rosto branco agora sombrio e maldoso como o dos soldados do Khmer Vermelho. Fico ali, paralisada, sem dizer absolutamente nada. Não consigo soltar o grito preso na garganta, meu coração bate forte, meus olhos imploram para ele me soltar.

O tempo passa mais devagar enquanto ele desabotoa as calças e elas caem até o tornozelo. Ofegante, eu me encolho de terror. Sua cueca, muito vermelha, contrasta com a pele branca, apertando sua cintura, logo embaixo da pança. Ele põe os polegares na cinta da cueca e a abaixa. Um grito sobe a minha garganta, com suas garras poderosas, mas o que sai da boca é uma choradeira. Ele se agacha rapidamente na minha frente, com uma mão em minha nuca, a outra sobre minha boca, tapando quase todo o meu rosto. Sinto suas unhas em minhas bochechas. Olho para sua barriga e vejo seu pênis. É grande e treme como se estivesse vivo. Fico tonta ao respirar muito rápido. Fecho os olhos. Nunca tinha visto o pênis de um homem antes. Já vi o de bebês, sim, mas nunca imaginei que

seriam tão diferentes em adultos. As rugas e as bolsas caídas me dão nojo e me encham de terror.

Ele empurra minha cabeça no chão e, com a mão ainda cobrindo minha boca, vejo meu reflexo em seus olhos.

— *Shhh, shhh...* — sussurra, com o corpo a centímetros do meu. Ele tira a mão de minha boca e abaixa minhas calças. Um grito me sobe à garganta e explode muito alto. Em choque, ele para. Olha ao redor rapidamente. Puxo as calças de volta e me contorço toda para me levantar. Seus dedos longos me agarram pelo tornozelo e me puxam para perto, cada vez mais perto; agora ele põe a mão em minha coxa. Tento deslizar por baixo, mas não consigo fugir. Dou um grito agudo, me debato e tento chutá-lo.

— Socorro! Monstro! Alguém me ajude! Monstro! — grito, com lágrimas no rosto. O catarro escorre do nariz e entra na boca. Um ódio profundo e negro como trovoadas me invade enquanto grito e xingo. Num acesso de raiva, eu me contorço e consigo puxar minha perna esquerda. — Eu odeio você! — grito bem perto de seu rosto, que parece confuso. Chuto com força seu peito, e ele faz uma careta de dor. Ele tenta respirar e solta minha outra perna. — Morra! Morra! — grito a plenos pulmões e dou um chute bem em sua virilha, com toda a força do meu ódio. Ele se curva e cai no chão, uivando como um animal ferido. Minhas pernas começam a agir e eu saio correndo o mais rápido que posso, sem parar.

Fujo para onde deixei Chou e Pithy. Vejo que elas estão correndo em minha direção, com os machados nos ombros e os rostos cheios de preocupação e temor.

— Loung! Você está bem? Ouvimos seus gritos! — pergunta Chou, gritando.

Faço que sim com a cabeça, ainda trêmula.

— Ficamos com tanto medo! Achamos estranho ele ter levado você para longe da base, no meio da floresta. Nós a acompanhamos com os olhos, mas você sumiu de repente! — agora Chou está chorando. Ela deixa cair o machado no chão.

— Nunca mais vou ser burra assim. Vou denunciá-lo às autoridades — digo a ela.

— Não, vamos embora, vamos para um lugar onde haja muita gente — argumenta Pithy, puxando-me pelo braço.

Relutante, deixo que me levem para longe. Pithy ajuda Chou a amarrar a lenha, dando três voltas com a corda em torno do feixe de galhos. As duas se sentam, uma diante da outra, com a lenha ao centro. Então empurram os feixes com os pés, cada qual puxando uma ponta da corda. Quando está bem esticada, Chou dá um nó duplo, descansa o machado no feixe de lenha e amarra seu lenço na corda, de modo a fazer uma alça. Quando termina, ajuda Pithy a fazer o mesmo com os outros dois feixes. Levantamos a lenha pelas alças de tecido e levamos os feixes nas costas, horizontalmente. Têm o nosso tamanho. Quando chegamos à base, olho para os soldados, procurando o monstro. Quero denunciá-lo, mas não sei com quem falar. Com seus chapeuzinhos cônicos engraçados e de uniforme, todos parecem iguais para mim. Não sei a quem posso contar o que aconteceu. Pensei que eles estivessem aqui para nos salvar dos abusos de Pol Pot, não para nos machucar.

— Vamos, temos que ir — diz Pithy, depois de uns minutos.

Então, no canto do olho, vejo um homem que pode ser ele, parado a certa distância. Minha mente se agita com raiva e pensamentos vingativos. Meu coração sobe à garganta e eu corro até ele.

— Monstro! — grito.

Chou e Pithy me chamam, gritam para que eu pare e volte, mas eu as ignoro. Estou tão cheia de ódio que nem presto atenção aonde estou indo. De repente, sinto algo quebrar sob meus pés e a dor perfura a sola. Começo a suar, mas não paro. Eu me concentro nele e vou mancando, apoiada nos dedos, em sua direção. Meu pé lateja de dor e deixa um rastro de sangue no chão. Olho rapidamente para baixo e vejo um pedaço de vidro espetado em meu pé. Puxo o caco com força e o sangue esguicha. Quando volto a olhar adiante, ele já desapareceu.

— Ele sumiu! — grito, quando Chou e Pithy me alcançam. A dor é tanta agora que preciso me sentar. Sem dizer palavra, Chou envolve meu pé em seu lenço, para estancar o sangramento.

— Vamos, temos que ir — diz ela, cheia de empatia na voz.

— Ele sumiu...

— Deixe ele. Temos que ir.

Eu me levanto e, mancando, procuro um pouco mais pelo *youn*, mas não o encontro.

As duas caminham à minha frente, vou cambaleante atrás. No caminho, não falamos sobre o incidente. Elas não me perguntam sobre o pênis do homem. Eu me pergunto se Chou vai contar algo a Kim, ou Pithy a sua família. A minha humilhação é tão grande, o terror, tão real, que não quero falar a respeito e sentir tudo de novo. Estou decidida a guardar meu segredo até morrer.

Quando chegamos ao nosso ponto de encontro, nos separamos de Pithy, que vai para casa. Chou e eu seguimos caminhando em silêncio.

— Vocês ficaram fora a manhã inteira e só trouxeram essas pilhas pequenas? — pergunta a mãe, em tom de repreensão, quando chegamos a casa. Chou e eu respondemos que sim com a cabeça. — E o que aconteceu com você? — pergunta ela, apontando para meu pé.

— Pisei em um caco de vidro — explico.

— Menina descuidada, preguiçosa! Você é tão burra que não vai ser ninguém na vida.

— Não, você está errada. Quando eu crescer, serei uma pessoa importante — respondo baixinho.

— O quê? Você ousa me responder? — ela vem até mim, empurra minha testa com o dedo indicador e cospe no chão perto de meus pés.

— Você nunca vai ser ninguém. De onde tirou a ideia de que vai ser alguém importante? Você só vai ser alguém se virar prostituta!

Suas palavras ressoam em minha cabeça e o ódio percorre meu corpo.

— Não vou virar prostituta — respondo indignada, dou-lhe as costas e me afasto mancando. Mais tarde, agachada perto de um arbusto, abraçando meus próprios joelhos, as palavras dela ecoam na minha mente e me enchem o coração de desespero. Ela tem razão, sou uma órfã sem futuro. O que vai ser de mim? Então, sentada no mato, em um recôndito do mundo, escondida de uma guerra que não entendo, ouço a voz de papai.

“Ninguém sabe o quanto você é preciosa. Você é um diamante bruto. Com um pouco de polimento, você vai brilhar”, murmura papai, suavemente. Suas palavras gentis me fazem sorrir de leve. A mãe pode não me dar o amor de que preciso e que desejo, mas eu sei como é ser amada. Papai me amava e acreditava em mim. Com essa lembrança dele, sei que minha mãe adotiva está errada. Eu possuo a única coisa de que necessito para me tornar alguém um dia: tenho tudo o que papai me deu.

AS BALAS VOAM

Fevereiro, 1979

Faz um mês desde que viemos morar com a nova família e, quanto mais tempo passo com eles, mais cresce meu ódio. Porém sei que não importa o que sinto por eles, porque sua casa é mais segura do que termos que nos virar sozinhos. Embora a cidade de Pursat esteja sob a proteção dos *youn*, as pessoas ainda vivem com medo. Correm boatos entre os moradores de que o Khmer Vermelho está se aproximando. Os homens dizem que os soldados do Khmer Vermelho já nos cercaram, alguns até se infiltraram na vila ou na selva ao redor. É difícil distinguir um soldado de um civil quando ambos são do mesmo povo, falam a mesma língua e usam as mesmas roupas pretas. Com as armas escondidas, os soldados conseguem entrar facilmente no campo de refugiados para nos espionar. De tempos em tempos, um grupo de soldados do Khmer Vermelho ataca um vilarejo qualquer, vasculha as casas, mata alguns moradores e volta para seu esconderijo na floresta. Eles atacam sem aviso, e, como ninguém sabe quando ou onde vão agir, nós temos que estar sempre em alerta. O campo de refugiados é tão grande que, em um desses ataques-surpresa, os *youn* não teriam tempo de vir ao nosso auxílio. Muita gente morreria antes de eles chegarem.

Um dia à tarde, enquanto a avó da família e eu estamos no quintal, agachadas perto do poço lavando as panelas, ouço o inconfundível zumbido de balas atravessando o ar.

— Tiros! — grito e me jogo no chão, pressionando com força o peito na terra molhada e suja pelos restos de comida que lavamos das panelas. Rapidamente minha calça e a camisa ficam ensopadas. Ouço meu coração batendo forte e vejo uma formiga girando em círculos numa poça perto de meu rosto. Cubro as orelhas com as mãos quando mais projéteis zunem no ar. Eles explodem como fogos de artifício chineses, um após o outro, numa sequência frenética. Segundos depois os disparos cessam. Aperto a bochecha no chão. A mesma formiga se debate na água rasa. Quanto mais se contorce, mais gira. Ainda outros segundos se passam e nenhum som de balas. Levanto a cabeça e engatinho rapidamente para trás de uma árvore.

De repente, a avó solta um grito alto e agudo. Acima de nós, o céu se esconde atrás das nuvens. Ainda protegida pelo tronco da árvore, espio na sua direção. Ela está deitada de lado no chão, em posição fetal, com as duas mãos agarrando a perna, que esguicha fios de sangue. Foi ferida logo acima do tornozelo. Sua saia está manchada de vermelho e o sangue se acumula em uma poça a seus pés, mistura-se à água da lavagem e é bebido pela terra. Ela grita por ajuda, mas eu me encolho no esconderijo. Na cabana, as crianças gritam e choram enquanto a mãe tenta acalmá-las. Segundos depois, o pai salta desembestado da cabana na direção da avó e a carrega nas costas até o hospital do campo, seguido pelo filho.

Permaneço escondida, tenho medo de que me vejam e me repreendam por ter negado ajuda à avó. O pai já a levou há muito tempo e a mãe já acalmou as crianças, mas eu fico lá, sentada, coçando o vão entre os dedos para tirar a lama seca acumulada e olhando para o céu. Eu me pergunto se haverá mais disparos. Meu coração bate muito rápido, mas não sinto nada. Minha mente cria

cenar e pensamentos, mas estou apartada deles. Tenho pena dela, mas ela é má e vive me dando tapas e beliscões nos braços e nas orelhas. Agora não vou ter mais que olhar para sua cara enrugada, nem ouvir suas palavras venenosas por um bom tempo. Fico atrás da árvore, perdida no meu mundo, até que Kim e Chou voltam da floresta com a lenha.

Três dias mais tarde, a mãe me manda ir até o hospital para levar comida à avó. Pego o pacote envolto em folha de bananeira e caminho até lá. O hospital fica a uma hora de distância, mais ou menos 3 quilômetros. A trilha de terra vermelha batida, por onde transita muita gente, passa por dentro da cidade e é bem segura. Neste dia, tudo está quieto e, no entanto, eu ando cheia de nervosismo, um pé atrás do outro, procurando sinais do Khmer Vermelho nas árvores e nos arbustos próximos. Sem olhar para baixo, chuto alguma coisa, que rola no chão. É um objeto verde e enferrujado, com o formato de um ovo e quadradinhos na superfície. Fico paralisada e prendo a respiração. Meus joelhos ficam bambos, meus pés parecem que receberam um choque elétrico. É uma granada.

— Burra! Você precisa ter mais cuidado — me repreendo baixinho.

Quando vejo o hospital, já é meio-dia. Com passos curtos, eu me aproximo lentamente, com medo de entrar. O hospital improvisado, num prédio abandonado, parece mais doente que os pacientes. É um galpão térreo, velho e cinzento, em ruínas por causa da guerra. Um limo verde-escuro se infiltrou nas rachaduras das paredes e as raízes das árvores e trepadeiras ameaçam engolir o edifício. Ao sair do sol e entrar no salão escuro, fico cega por uns momentos. O calor lá dentro é desconfortável e o ar, pesado e imóvel. O choro agudo de bebês, os gemidos repetitivos e as respirações difíceis e ocas bombardeiam o pavilhão. Sinto o fedor de excremento, urina, feridas podres e álcool ao meu redor. O cheiro horroroso se cola às minhas roupas, a meus cabelos, a minha pele. Minha garganta se fecha e contendo o impulso de vomitar. Quero fugir correndo dali. As

pálpebras tremelicam, querem se fechar para que eu não precise ver estes corpos deitados no chão. Quando estávamos sob o jugo do Khmer Vermelho, vi muitos cadáveres. Sem nenhuma esperança de escapar do Angkar, muitos iam à enfermaria para morrer. Não tinham um familiar sequer para segurar suas mãos e afastar as moscas que pousavam em seu rosto quando ficavam fracos demais. Tais qual Keav, definhavam e ficavam jogados na poça de suas próprias fezes e urina, completamente sozinhos. Em um hospital do Khmer Vermelho, as pessoas gemiam e se lamentavam de dor, mas não gritavam. Aqui, no hospital da zona recém-libertada, as pessoas gritam de dor porque estão lutando pela vida.

Caminho com cuidado por entre os corpos deitados nos catres e esteiras de palha, estendidos no chão. De canto de olho, percebo algo correndo no chão. Tomo um susto, mas logo me acalmo: é só um ratinho. Sigo adiante, procurando o rosto da avó entre os doentes. Odeio ter que trazer comida para uma velha que detesto. Se fosse mãe, seria diferente. Meu coração afunda no peito ao me lembrar dela, a tristeza toma conta de mim. Se fosse mãe, cuidar dela me redimiria de todas as coisas erradas que fiz.

Vejo duas enfermeiras diante de mim, ajoelhadas ao redor de um menino. Uma velha está sentada de pernas cruzadas ao lado, com o rosto cheio de tristeza. As enfermeiras estão ocupadas organizando instrumentos médicos, gaze e frascos de álcool em bandejas prateadas. Passo por elas e observo o menino, deitado imóvel em uma esteira de palha. Parece ter cinco ou seis anos, mas eu não saberia dizer com certeza. Seus olhos estão semiabertos, os lábios estão pálidos, quase cinza. Meu corpo vibra de dor quando vejo que há queimaduras horríveis em seu torso. Parece que a pele pode ser retirada inteira da carne. Ele não tem uma das pernas, foi amputada na altura da coxa; a outra está enfaixada. A velha chora baixinho, com a mão do menino aninhada na dela, o polegar acariciando em círculos a pele dele. Com a outra mão, abana o corpo deitado, para

afastar as moscas verdes e pretas que desejam se alimentar da pele carbonizada.

— Bong Srei, o que aconteceu com ele? — pergunto à enfermeira que se prepara para limpar as feridas do menino.

— Ele veio visitar...

O menino interrompe com um grito de dor, fazendo a velha chorar mais alto, em soluços. Sinto um formigamento nos dedos dos pés quando a enfermeira diz que o garoto ou chutou uma granada, ou pisou em uma mina terrestre. Então me afasto rapidamente. O menino grita muito, até desmaiar.

Quando encontro a avó, uma enfermeira está trocando seus curativos. A enfermeira é jovem e bonita, está com um uniforme branco já muito desbotado, quase cinza. Ela se ajoelha ao lado da velha e alcança seu braço. A avó lhe dá um tapa na mão e grita em protesto. Ao ouvir o grito, outra enfermeira se aproxima apressadamente para ajudar, segura os ombros da avó e a mantém deitada no catre, jogando o peso do corpo sobre a paciente.

— Você está com ela? — pergunta a enfermeira ao me notar ali.

— Sim.

— Bom, então venha nos ajudar. Ela é difícil. Segure sua outra perna, para que ela não me chute. Tenho que trocar o curativo.

Obedeço prontamente.

Com uma enfermeira montada sobre seus ombros e com meus braços segurando a perna dela, a outra moça retira as faixas ensanguentadas enquanto a avó se debate, tentando se desvencilhar de nós. As faixas são atiradas no chão e parecem cobras albinas com manchinhas vermelhas. O tornozelo da velha está vermelho, bem machucado, coberto por uma casca de sangue endurecido. Logo acima, há uma ferida circular, preta, do tamanho de uma queimadura de cigarro.

— Ela tem sorte, a bala não ficou alojada. Se a houvesse atingido um pouco mais embaixo, destruiria seu tornozelo.

A avó grita em resposta.

— Parece estar sarando, mas ainda temos que limpar.

A enfermeira busca a bandeja prateada e despeja álcool em um pequeno recipiente de plástico branco. Com uma pinça, submerge um chumaço de algodão no álcool.

— OK, agora precisamos segurá-la.

Agarro sua perna com força, afundando as unhas em sua pele quando a enfermeira passa o algodão com álcool na ferida. A avó grita e nos xinga, mas a enfermeira continua a tocar a ferida com o algodão, limpando a crosta marrom de sangue que se formara. Quando se sente satisfeita com a limpeza, envolve novamente o tornozelo em novas faixas brancas.

— Por favor — implora a vó ao limpar o catarro do nariz com os dedos ossudos, deixando uma trilha de gosma na bochecha. — Por favor, preciso de algum remédio, me deem um remédio, dói demais.

Por aquele breve momento, a avó parece vulnerável, desesperada, humana. Eu me compadeço dela. A enfermeira balança a cabeça para ela.

— Sinto muito, vovó. Se tivéssemos remédio, daríamos a você, mas não temos.

A avó chora, massageando a perna, perto de onde foi atingida. Ela parece tão fragilizada e triste que até eu tenho pena.

Quando as enfermeiras se vão, o rosto da avó ensombrece ao me notar.

— Está esperando o quê? Passe para cá a comida! — grita para mim e desembrulha as folhas de bananeira. Há arroz e carne de porco.

— Garotinha burra! Eu sei que você comeu um pouco no caminho! Eu sou mais velha do que você, preciso mais dessa comida.

Não respondo nada, fico parada ao seu lado.

— Você é uma ladrazinha, eu sei que é. Ingrata! Nem pensa que nós a acolhemos. Burra, ladrazinha ordinária!

Ao ouvir suas palavras, já não posso sentir pena dela. Simplesmente me viro e vou embora, deixando-a com seus gemidos

e lamúrias, imersa no fedor da morte, que se aproxima.

No dia seguinte, o pai a traz de volta para casa. Na cabana, ela ri e brinca com os netos, sem dar atenção nem a mim, nem a Chou, que estamos no quintal. Horas depois, enquanto Chou e eu damos de comer às crianças, vemos o pai se aproximar de Kim, que está regando a horta. O pai diz algo a meu irmão, algo que faz seus lábios se comprimirem. Ele põe o regador no chão e vem até nós.

— Temos que sair daqui em algumas horas; eles já não podem cuidar de nós. Ele disse que há outras pessoas dispostas a nos acolher e, em breve, nos levará até elas — diz Kim, com a voz firme e forte, mas os ombros caídos. Kim e Chou estão surpresos com o anúncio repentino. Eu, por outro lado, acho que estava até demorando e me pergunto qual é meu quinhão de culpa nisso. Vivemos com eles por quase dois meses e nos acostumamos. Eu me sinto grata por ele ter procurado outra família para nós três e fico aliviada em saber que não ficaremos sozinhos.

Chou e eu continuamos a dar de comer às crianças, Kim volta a trabalhar na horta. Depois da refeição, limpo as mãos e o rosto das meninas, sujo de terra e baba. Na cabana, Chou dobra nossas mudas extras de roupa preta, já desbotadas e esfarrapadas, e guarda na mochila de Kim.

À tarde, o pai volta e pergunta a Kim se estamos prontos. Ele confirma com a cabeça. Pega a mochila, que contém todos os nossos pertences. Chou e eu o seguimos, de mãos dadas e olhos à frente. Vamos embora sem nos despedir da mãe e das crianças. O pai nos leva até uma casa a 1 quilômetro de distância e nos apresenta à nova família. Ele diz que somos bons trabalhadores. Kim agradece a nosso pai anterior pelas palavras gentis e por ter encontrado uma nova família para nós. A exemplo de nosso irmão, Chou e eu nos curvamos em agradecimento. Ele se vira abruptamente e, sem uma palavra de conforto nem votos de boa-sorte, vai embora.

A família nova é composta pela mãe, o pai e três crianças pequenas, que têm entre um e cinco anos de idade. Vivem numa cabana maior do que a da família anterior, mas de novo somos relegados a um canto do cômodo. Atrás da cabana, há uma horta enorme e deliciosa. À frente, uma mangueira alta, carregada de mangas. Chou e eu devemos ajudá-los com as crianças, a horta e outras tarefas; Kim vai pescar e cortar lenha com o pai da família. Deixamos nossas coisas no chão e a mãe me passa o bebê, dizendo para tomar conta das crianças. Com o bebê apoiado na cintura, vejo a mãe levar Chou até a horta e se agachar para arrancar os tufo de mato que cresceram no meio da plantação. Minha irmã prontamente faz o mesmo. Seu uniforme preto do Khmer Vermelho, já desbotado, está folgado em seu corpo magro e pende quando ela se curva para alcançar o chão da horta. Chou tem 11 anos de idade, só três anos a mais que eu, porém às vezes me sinto mais velha do que ela. Ainda me espanta como ela consegue sobreviver se sujeitando, sem lutar.

Vivemos como ajudantes, mas a família nos trata bem. Não é raro que eles façam guloseimas para a sobremesa, como bolo de coco ou arroz doce. Independentemente da nossa vontade de comer essas coisas, não é apropriado para nenhum de nós três pegar a sobremesa. A família pode comer o quanto quiser, mas nós temos que esperar até que nos seja oferecida. Mesmo que as crianças esperneiem por mais um pedaço, o pai sempre coloca um pouco de doce em nossos pratos. Às vezes, falam grosso com a gente, mas nunca xingam ou ameaçam bater. Embora o Khmer Vermelho tenha proibido a religião, eles praticam o budismo em segredo. Um dos mantras mais importantes do budismo prega a amabilidade para com o outro, sob pena de o indivíduo reencarnar no corpo de uma lesma para que todos pisem em você. Como são camponeses, a família é muito supersticiosa, sobretudo a mãe. Sempre que acontece algo que ela não consegue explicar, põe a culpa em poderes sobrenaturais. Ela reza todos os dias para a deusa da terra

pedindo uma colheita farta de vegetais; para o deus do rio, para abençoar a pesca; para o deus do vento, para trazer chuva; e para o deus do sol, para trazer vida.

Uma das minhas tarefas diárias é lavar a roupa da família. Muita gente voltou a usar roupas coloridas, inclusive os membros de minha nova família. Olho cheia de vontade para o sarongue cor de abóbora da mãe, fico maravilhada com sua blusa azul-celeste. Eles me lembram dos vestidos vermelhos que mamãe costurou para Chou, para Geak e para mim. Nossos primeiros vestidos vermelhos.

Lembro-me de Keav numa manhã de Ano-Novo cheia de bobes enormes no cabelo: azuis, rosa, amarelos e verdes, de plástico, com prendedores espetados por toda a cabeça. Ela parecia um porco-espinho! Enquanto firmava o penteado, alisava meu cabelo e fazia rabos de cavalo. Ao lado dela, na cama, Chou vestia Geak. Depois de ajeitar meu cabelo, Keav aplicou um pouco de *rouge* nas bochechas e nos lábios de Geak. Chou e eu colocamos nosso vestido e nos maravilhamos com a beleza uma da outra. Pulamos felizes na cama, ouvindo os colchões rangerem, e Keav brigou conosco. Do outro lado do corredor, mamãe escolheu braceletes e colares de ouro para nós, direto de sua coleção. Separou um par de brincos de rubi para Keav, porque ela era a única das filhas que já tinha furado as orelhas. Na cozinha, os empregados fatiavam os patos assados e organizavam bolinhos brancos em forma de lua numa grande travessa azul. Na sala, papai, Khouy, Meng e Kim, vestidos com as melhores roupas, acendiam incensos de laranja. Depois de saudar três vezes o altar decorado com símbolos chineses de ouro e prata, representando paz e felicidade, fincaram os incensos em uma tigela de argila amarela cheia de arroz.

O bebê em meu colo puxa meu cabelo e me traz de volta à realidade. Olho para a mãe e imagino que esteja feliz com suas roupas coloridas. Eu me pergunto se um dia poderei tirar este uniforme do Khmer Vermelho e vestir minhas próprias roupas

coloridas. Sonho com o dia em que terei um vestido vermelho para substituir aquele que foi queimado pelos soldados.

A mãe interrompe meus pensamentos ao tomar o bebê do meu colo e pedir que eu lave a roupa. Depois de comer muitas mangas verdes, as três crianças ficaram com diarreia e sujaram as fraldas. Junto as roupas sujas em um cesto de vime e me dirijo para o rio. Com a cesta apoiada na cintura, avanço na água, até que ela chega à altura dos joelhos. Tiro as roupas do cesto e as estendo na superfície do rio, deixando que afundem lentamente, fazendo com que a diarreia flutue na água. Pequenos peixes se aproximam para comer as fezes. Alguns beliscam suavemente minhas pernas. Sem detergente nem sabão, preciso bater as roupas nas pedras para tentar limpá-las. É um trabalho nojento, mas faço sem reclamar. Tenho medo de que a nova família nos mande embora.

De vez em quando, a mãe me manda ir para a floresta pegar lenha. Encontro Pithy no caminho e vamos, por uma estrada bem longe da base dos *youn*. Certo dia, sinto um fedor terrível no caminho e começo a tossir. Parece o cheiro de fígado de frango apodrecendo ao sol. Antes mesmo de chegar a uma clareira e ver o corpo, descubro do que se trata. O cadáver está jogado, decompondo-se ao sol. Prendo a respiração e me aproximo para ver.

— Vamos, vamos embora — pede Pithy, empalidecendo. Aceno para que fique onde está e chego mais perto. Aperto o nariz. O rosto do cadáver parece derretido, o que deixa os ossos da face à mostra, assim como a cartilagem do nariz e os dentes na boca já sem lábios. Debaixo das pálpebras decompostas, os olhos afundaram na caveira. Os olhos e a boca estão cobertos de pequenos ovos brancos, alguns já semiabertos, dos quais saem vermes que rastejam para dentro da pele. Há muitos vermes ao redor dos olhos e saindo da boca aberta. Os fios longos de cabelo preto afundam no mato, se confundem com a terra. O peito está esvaziado sob a camisa preta, e milhares de moscas verdes e pretas fazem um banquete na carne. Cubro a boca e engulo o vômito, sem ousar olhar nem por mais um segundo.

Rapidamente me viro e caminho de volta, mas o cheiro da morte ainda está nas minhas roupas.

— Era um soldado do Khmer Vermelho. Merecia morrer. Que pena que não estejam todos mortos — digo com veemência a Pithy. Ela não responde. Na verdade, não sei se é o cadáver de um soldado ou não. Pensar que era um civil me faz lembrar muito de papai. É mais fácil não sentir pena dos mortos se pensar em todos eles como soldados do Khmer Vermelho. Odeio todos eles.

Agarrar-me ao ódio que sinto pelo Khmer Vermelho também me ajuda a enfrentar a vida cotidiana, com seus detalhes. Outra das minhas tarefas é buscar água para a família no rio. A cada manhã, com dois baldes equilibrados nos ombros por um cabo de madeira, saio em direção ao rio. É uma caminhada de dez minutos somente, mas sob o sol de fevereiro, parece demorar muito mais. Com os olhos entrecerrados mirando a água, vejo o reflexo de uma menina parada na margem do rio. Não é muito maior do que eu e, com uma das mãos na cintura, observa o rio com uma cara frustrada. Ela tira os baldes do seu cabo de madeira e cutuca alguma coisa no mato.

— O que você está fazendo? — pergunto a ela.

— Estou tentando soltar o corpo, para que seja levado pela correnteza — diz, entre suspiros. A alguns passos de onde estamos, um corpo passa flutuando, vestindo camisa e calça de pijamas pretos. É um homem adulto, maior que grande parte dos homens do vilarejo, e bem mais gordo. Ele é arrastado para cima e para baixo na água, as mãos e os pés brilhantes e inchados como se fossem feitos de borracha branca. A parte superior do corpo balança com a correnteza, mas a perna da calça é presa em alguns ramos da ribanceira. Sua cabeça bate na água cada vez que a menina o empurra com sua madeira.

— Eu quero soltá-lo para que ele siga correnteza abaixo. Ele vai sujar a água, talvez seus sucos entrem nos meus baldes.

O raciocínio dela faz todo sentido para mim. Pego meu cabo de madeira e tento ajudá-la a empurrar o cadáver. Com a força das

duas, o corpo se move e balança ainda mais. Finalmente a perna se desprende da margem e o cadáver flutua para longe, só para ficar preso um pouco adiante na margem. Agora ele está bem perto de nós.

— A água é rasa demais. Vou contar até três, aí você empurra o corpo, e eu a cabeça — digo. Depois do esforço em conjunto, o cadáver enfim é levado pelo rio, com seus longos cabelos espalhados na superfície da água. A cena alfineta meu coração e sinto nós no estômago. Por uns segundos, penso em Geak e torço para que os soldados não a tenham colocado em um saco e jogado no rio. Imaginar alguém cutucando seu cadáver com pedaços de pau quase me faz chorar, mas me contenho.

— Outro maldito homem do Khmer Vermelho — digo a mim mesma baixinho. — Odeio todos eles. Espero que morram todos.

Esperamos alguns minutos até ter certeza de que a água não está mais poluída pelo cadáver e enchemos nossos baldes.

Na cabana, o recipiente de argila onde guardamos a água é alto, bate em meu peito. Preciso fazer muitas viagens até o rio para enchê-lo, quase a manhã inteira. Ainda assim, no fim do dia já está quase no fim. À noite, Chou, Kim e eu vamos ao rio buscar mais água antes de dormir. Mantemos o recipiente cheio porque temos medo de cair lá dentro se tentarmos pegar água do fundo.

Kim, Chou e eu estamos há duas semanas com os olhos vermelhos de doença. Tenho medo de ter passado isso para eles porque ousei olhar para os cadáveres. De algum modo, a doença deve ter saído dos corpos mortos e entrado em meus olhos, que ficaram vermelhos como o sangue que esguicha dos cadáveres quando os cutuco com o cabo de madeira. Todo dia acordo sem conseguir abrir os olhos porque as pálpebras estão coladas. Tenho que mexer, pinçar e puxar a crosta das pálpebras. Dói muito e não adianta nada, porque há muito pus.

— Kim, você está aí? — pergunto. No escuro, sinto uma mão procurando por mim, até encontrar meu braço.

— Sou eu — sussurra Chou. — Estou de mãos dadas com Kim. Está pronta?

— Estou.

Agarro a mão de Chou, e Kim vai se arrastando de bunda até a porta da cabana. Logo pula para fora e ajuda as duas irmãs. De mãos dadas, nós três vamos Tateando até o pote de água. Kim pega um pouco e despeja no chão. Agachados ao redor, pegamos a água com as mãos e molhamos os olhos.

A esta altura, a mãe já está acordada, olhando com suspeita para nós.

— Vocês devem ter olhado para os cães enquanto estavam acasalando — diz ela. — É pecado olhar para coisas sujas. Os deuses castigaram e deixaram vocês cegos.

O ATAQUE DO KHMER VERMELHO

Fevereiro, 1979

O céu está num breu absoluto, o ar não se move. Tudo está quieto, a não ser os grilos e seu trilo rítmico na conversa noturna deles. Subitamente uma explosão imensa nos acorda. Desperto e me sento bruscamente, com os ouvidos apitando depois do estrondo. Meu coração e meu estômago vibram com a onda de choque. Então ouvimos um assobio muito agudo e outro foguete explode por perto. As paredes e o teto de palha farfalham e tremem. As crianças gritam a plenos pulmões, agarrando-se à mãe. O pai salta para fora da cabana e corre para ver o que está acontecendo. Chou, Kim e eu vamos atrás dele. Lá fora, a terra treme violentamente. Chamas amarelas e vermelhas crepitam, devorando a cabana vizinha. Fumaça cinzenta sobe ao céu e cinzas chovem sobre nossas cabeças.

— Chou! Kim! — grito.

— Sigam-me, fiquem juntos — o pai grita para sua família. Ele pega duas crianças e sai novamente da cabana. A mãe segura o bebê firme em seus braços e vai atrás do marido. Kim busca rapidamente sua bolsa dentro da casa enquanto Chou e eu

esperamos. Ao redor, as pessoas choram e gritam por ajuda, a chuva de foguetes continua a cair sobre a vila. A noite escura se ilumina com a luz das muitas casas incendiadas, os moradores fogem correndo.

Com as pernas bambas de medo, seguimos o pai, nos abaixamos quando ele se abaixa, andamos agachados quando ele o faz. Chegamos à margem do rio e o cruzamos de mãos dadas. A água espirra para todo lado e as ondas se expandem com o impacto de milhares de pessoas tentando chegar ao outro lado. Com pequenas trouxas nas cabeças ou amarradas nos ombros, seus bebês pendurados às costas, os aldeões cruzam o leito do rio, submersos até o peito, desesperados em busca de um lugar seguro. No outro lado, encontramos abrigo em um galpão abandonado de concreto com o teto baixo, que se equilibra somente em três paredes.

— Vamos passar a noite aqui — diz o pai. — Os *youn* estão protegendo o galpão, é seguro.

Uma pequena multidão começa a lotar o abrigo. Entre as pessoas que entram apressadas reconheço Pithy.

— Pithy! Aqui! — grito para ela, cortando os lamentos e gemidos dos demais. Ela acena e vem correndo até nós, acompanhada da mãe e do irmão, que se juntam a nós.

Passamos a noite no escuro, pois qualquer foco de luz poderia chamar a atenção dos soldados do Khmer Vermelho e revelar nosso esconderijo. Todos estão calados, respirando sem fazer ruído; alguns até tentam dormir. Meu coração bate forte, eu me assusto com qualquer barulho. Estou agachada entre Pithy e Chou, rezando para que papai nos proteja. Chou, ao meu lado, segura com força a mão de Kim. Cerro os dentes para tentar me acalmar. Ao longe, lá fora, os morteiros e foguetes explodem a noite inteira.

As horas passam devagar. Bato os pés ao ritmo veloz de uma música imaginária, para tentar fazer o tempo correr mais rápido. Chou agora está sentada com as pernas cruzadas, apertando as próprias mãos repetidas vezes. Ao seu lado, Kim está deitado,

usando sua bolsa como travesseiro. O pai e a mãe esticam as pernas ao nosso lado, as crianças dormem no colo dos dois. Ao nosso redor, as famílias estão deitadas no chão de terra, sem colchões nem cobertores, com os joelhos levantados perto do peito e as mãos entrelaçadas debaixo da cabeça como almofadas.

Pela manhã, tudo se cala. Quase posso sentir o ar no abrigo se expandir ao som dos suspiros aliviados das pessoas. Então, sem nenhum aviso, um foguete assobia próximo e explode na parede do galpão! O choque quase expulsa todo o ar de meus pulmões. Estendo a mão para alcançar o braço de Pithy, mas a puxo de volta quando toco em algo úmido e gosmento. Sinto meu estômago se embrulhar. Pithy está deitada de bruços no chão, calada e imóvel, com o crânio afundado. Uma poça de sangue se forma lentamente sob sua cabeça e se mistura à terra. Seus cabelos estão encharcados de sangue e cobertos de pedacinhos brancos parecidos com tofu, que contrastam com os cabelos negros. Seu sangue e seus miolos ainda estão em minha mão. A mãe de Pithy grita de pavor, eu me levanto e corro atrás de Kim e Chou, para fora do abrigo, para longe de Pithy e dos gritos da mãe. Para longe da dor que ameaça se instalar em meu peito.

Lá fora, as pessoas estão dispersas, gritam e choram enquanto correm em todas as direções, esbarrando e derrubando os demais. Kim e Chou, de mãos dadas, correm à minha frente e gritam para que eu os alcance. Não sabemos para onde correr, só corremos. Kim para e olha para trás, na direção do abrigo.

— Esqueci a mochila — grita ele.

— Continuem correndo... Eu vou lá buscar e alcanço vocês! — grito de volta e, antes que ele possa responder, já estou a caminho. Sei que ele tem que tomar conta de Chou. Entro no galpão destruído e sinto o odor forte de carne queimada, que acelera minha pulsação. Não consigo enxergar direito por causa da fumaça, meus olhos ardem. Saltando sobre pedaços de concreto e partes das paredes desabadas, corro em direção ao lugar onde estávamos. Meu coração

afunda de dor ao ver a mãe de Pithy com o cadáver da filha nos braços, apertando-o contra o peito, chorando copiosamente. Pithy está caída em seu colo, seu sangue empapando a camisa da mãe. Há sangue por toda parte. Então vejo que a mãe de Pithy também está ferida, vertendo sangue dos braços e da barriga. Seu filho, o irmão de Pithy, está agachado ao seu lado, implorando para que saiam dali. Com a voz falhando, ele diz que os soldados do Khmer Vermelho estão cruzando o rio e chegarão a qualquer momento.

Pego a mochila e, ignorando os pedidos de ajuda, salto por cima dos mortos, sem olhar para eles. Corro e encontro meus irmãos esperando por mim. Grito para que corram. Os foguetes pararam de cair, mas os soldados do Khmer Vermelho estão chegando. Ouço as balas zunindo. Não ousa me virar para olhar, mas sei que eles estão atrás de mim. Corro pela minha vida. Um homem à minha frente é atingido por um tiro e cai no chão, seu corpo trava no meio da corrida e o peito se contorce todo antes de se chocar contra a terra. Muitos são atingidos, os corpos vão caindo um a um ao meu redor. Alguns caem imóveis; outros tentam se arrastar, apoiados nos cotovelos, para um lugar seguro.

Depois de alcançar Chou e Kim, corremos sem olhar para trás. Encontramos uma parede de cimento semidestruída, de 1 metro de altura por 1,20 metro de largura. Agachamos atrás dela. Chou cobre as orelhas com as mãos e fecha os olhos com força. Kim está pálido, encostado na parede para se equilibrar. Ficamos escondidos ali pelo que parece um período de horas, até que tudo se acalma. Sem o ruído ensurdecedor das bombas, finalmente percebo o zumbido circulando acima de minha cabeça. Sinto como se minha pele estivesse sendo perfurada por minúsculos alfinetes.

— Vespas! — grito.

Nós nos levantamos e percebemos que perturbamos uma colmeia. Nossos braços e pernas estavam cobertos de picadas vermelhas. Estávamos tão apavorados que nem sentimos a dor dos ferrões.

Quando acreditamos estar seguros, saímos em busca de nossa família adotiva. Finalmente a encontramos perto da base *youn*.

— Vocês todos fiquem aqui com as mulheres e crianças — diz o pai. — Fiquem aqui até nós voltarmos. Os homens precisam retirar os cadáveres da vila.

À tarde, ele vai para a vila. Ficamos sabendo por ele que os *youn* reconquistaram a vila e expulsaram os soldados do Khmer Vermelho há algumas horas.

— É pior do que qualquer um poderia imaginar — diz ele, conversando com a mãe depois de voltar. — Um casal estava escondido em um abrigo escavado na terra, nada mais do que um buraco no chão. Os soldados jogaram uma granada lá dentro, matando os dois. Encontramos também só a cabeça de alguns, pendurada pelos cabelos nas portas das cabanas ou atirada nas ruas. Os soldados do Khmer Vermelho certamente acham que aquelas pessoas eram traidoras por terem aceitado a proteção dos *youn*.

Após o ataque, muitas histórias sobre as vítimas do Khmer Vermelho se espalham como fogo pelo campo. Conta-se que jogaram um bebê para o alto e o mataram com uma baioneta; que empilharam os corpos nus e mutilados dos homens; que o torso de um homem foi encontrado na frente de sua cabana e o resto do corpo, na porta de outra. Há cadáveres de homens com cortes profundos no peito e os fígados ausentes. Os soldados do Khmer Vermelho acreditam que comer o fígado dos inimigos lhes dá poder e força. As cenas do massacre assombram minha mente enquanto caminho tateante de volta à vila esta noite. Não duvido de que essas histórias sejam verdadeiras. Sei que os homens de Pol Pot são capazes de fazer esse tipo de coisa. Caminho atrás do pai e sua família. Chou e Kim caminham cansados à minha frente, com os olhos no chão. Há restos de fogueiras por toda parte, de onde sobe o cheiro de carne humana queimada. Manchas e poças de sangue sujam os degraus e estacas das cabanas. Mantenho o olhar fixo no

chão, desviando de qualquer coisa que pareça uma granada. Também tenho medo de pisar em uma mina terrestre; as pessoas dizem que os soldados do Khmer Vermelho plantam muitas minas depois de um ataque, para mutilar e matar mesmo após sua retirada.

Alguns dias depois do ataque, buscando lenha, encontro por acaso o irmão de Pithy. Ele tem mais ou menos a idade de Kim e seus olhos são tão tristes quanto os de meu irmão. Seu corpo é muito magro e ágil, então ele consegue escalar tranquilamente as palmeiras para pegar frutas. Fico parada observando seus movimentos, admirada com a facilidade e rapidez com que ele sobe e desce pelo tronco da árvore.

— *Chum reap suor* — cumprimento-o de longe.

Ele responde ao meu olá com a cabeça.

— Aonde você vai?

Não pergunto nada sobre Pithy.

— Todo dia, eu vou pescar e colher frutas para a mamãe. Ela está no hospital. Eu levo comida e lhe faço companhia à noite. Está se curando.

Acho surpreendente que ele esteja me dizendo tudo isto. Ele descasca uma fruta e me dá um pedaço.

— *Aw koon* — digo, em agradecimento, mas ele não me ouve. Está muito longe. Ele junta suas frutas e parte para o hospital.

No dia seguinte, encontro-o novamente, no mesmo lugar, descascando frutas. Vou até ele e pergunto:

— Como vai sua mãe hoje?

Ele levanta o rosto e vejo seus olhos avermelhados, cheios de raiva.

— Não me incomode, me deixe em paz! — grita e avança em minha direção com o facão enferrujado. Com os joelhos bambos, saio correndo dele.

— Vá embora! Odeio todos vocês! — grita o menino. Eu me escondo em um arbusto. De repente, ele para de me perseguir e fica

paralisado, como que hipnotizado, e deixa cair o facão. Com os ombros caídos, ele se dobra e lentamente senta no chão. Descansa os cotovelos nos joelhos, afunda o rosto nas mãos e estoura em um choro pontuado por soluços longos e vazios. Seus ombros tremem incontrolavelmente. Sinto muita pena dele, tenho vontade de consolá-lo, mas em vez disso dou as costas e vou embora. Agora ele também está sozinho.

Estamos em abril de 1979. A cada dia que passa nosso futuro parece menos promissor. Não gosto da ideia de viver com outra família, mas sei que isso vai acontecer em breve. Kim ainda tem esperança de que nossos irmãos mais velhos, Khouy e Meng, estejam vivos em algum lugar e que logo virão nos buscar. Não sabemos como nem onde procurá-los, ou se devemos tentar achar nossos tios em Bat Deng.

Depois de cumprir suas tarefas, todas as noites Kim vai até a base *youn*. Há uma área onde se reúnem os refugiados que acabaram de chegar, na esperança de reencontrar seus familiares e conhecidos. Kim pergunta a todos os recém-chegados se conhecem ou já ouviram falar de nossos irmãos. Todos lhe respondem o mesmo, infelizmente. Toda noite, ele volta e nos dá a notícia, mas meu coração afunda no peito antes mesmo de ele abrir a boca. Meu mundo se enche de sombras ao pensar que podem estar mortos. Afasto essa ideia. Khouy e Meng têm que estar vivos, em algum lugar lá fora.

Estou dando de comer ao bebê quando uma das crianças vem correndo dizer que Kim está chegando com um homem. Não ousei ter esperança. Chou e eu nos entreolhamos, cheias de medo, rezando para que esse homem seja nosso irmão. Vejo Kim se aproximar. Meng caminha ao seu lado. Não sei se começo a chorar ou saio correndo para abraçá-lo. Sou invadida por uma felicidade enorme. Ele está vivo. Somos uma família. De repente, fico tímida e

parada, toda dura, sem graça. Meng sorri e bagunça meus cabelos. Meu coração flutua no peito ao sentir o toque de sua mão. Ele é real, não é fruto da minha imaginação!

— Você vem conosco — diz Meng, e vai conversar com o pai de nossa família adotiva. Quando volta, Chou, Kim e eu o seguimos. No caminho, enquanto Kim e Meng conversam entre si, Chou e eu ficamos caladas. Ao observar meu irmão mais velho, o peso da memória de mamãe me perturba. Ele tem os olhos dela, em formato de amêndoas, o rosto alongado, os ossos da face altos e os lábios finos. Em Phnom Penh, ele sempre usava calças boca de sino, jaquetas jeans e costeletas ralas, que eram moda na época. Ele era gentil com todos, e as meninas o achavam bonito. Agora ele tem 22 anos de idade e já é um velho. No entanto, mesmo com o uniforme preto esfarrapado, o rosto cansado e os olhos tristes dele, ainda consigo reconhecer o irmão que conhecia em Phnom Penh.

Meng nos leva até o lugar onde vivem os recém-chegados. Suas barracas verde-escuras foram montadas entre um grupo de árvores. À frente, há duas redes de pano preto presas aos troncos, que pendem bem perto do chão. As barracas e as redes parecem sujas, mas têm um ar caseiro, são um lar melhor do que a maior cabana das redondezas. Ele nos conta que está morando com Khouy e três amigas em duas barracas. Diz que a esposa de Khouy conseguiu fugir do campo de trabalho, não se sabe como, quando os *youn* invadiram. Ele acha que ela voltou para sua vila para procurar os familiares. As mulheres com quem estão vivendo são amigas. O perigo é grande para mulheres sozinhas, então elas pediram para viver com meus irmãos.

Logo depois que chegamos às barracas, Khouy aparece. Vejo ele caminhar tranquilo e calmo até nós. Ele se move com graça, em passadas firmes. Khouy sempre me lembrou um tigre — forte, rápido, ágil e assustador quando mostra os dentes. As mangas de sua camisa desbotada estão enroladas, assim como as barras das calças, deixando à mostra seus antebraços e panturrilhas

musculosos. Os olhos são escuros; a cara é ossuda; a mandíbula, quadrada; e as orelhas, rijas. Com apenas vinte anos de idade, tudo em Khouy dá a impressão de dureza. Quando nos vê, seu rosto se suaviza e ele sorri abertamente. Ele se aproxima e nos cumprimenta. Enquanto fala com Meng, deixa a mão sobre minha cabeça, tal qual papai costumava fazer.

Nossa família está sentada ao redor do fogo, ouvindo a história de Meng. Khouy e ele estavam no campo de trabalho quando os *youn* invadiram o Kampuchea, no final de dezembro. Uma noite, os arredores do campo foram bombardeados por foguetes e, na confusão, muita gente conseguiu escapar, incluindo a esposa de Khouy. Meng e Khouy deram azar, toparam com soldados do Khmer Vermelho na porta de sua cabana. Os soldados não os mataram porque precisavam de alguém para carregar suprimentos e munição. À medida que os *youn* se aproximavam, os soldados do Khmer Vermelho recuavam para dentro da selva, levando-os com eles. Quando os soldados iam dormir, Khouy tinha que cortar lenha, e Meng cozinhava para todos. Certa noite, Khouy disse a Meng que era a hora de fugir. Os soldados estavam levando-os para o topo da montanha, onde estariam sob o controle absoluto do Khmer Vermelho, isolados do mundo e distantes de todas as rotas de fuga. Se não escapassem naquele momento, talvez não tivessem outra chance.

Khouy e Meng fingiram ir ao banheiro enquanto os soldados dormiam. Cada um roubou um saco de 20 quilos de arroz, e os dois se encontraram mais tarde na floresta. De início, desceram pela trilha, mas, temendo a perseguição dos soldados, entraram na selva e foram seguindo o som de água corrente até um riacho. Lá improvisaram uma jangada com troncos e desceram o rio, com seu saco de arroz. A água era gelada e a correnteza, forte, ameaçando muitas vezes destruir a jangada. Porém, batendo os queixos e tremendo de frio, conseguiram navegar a noite inteira. De manhã, chegaram ao campo de Pursat, onde estamos agora.

Estamos juntos de novo. Ao ver que estou quase dormindo, Meng me leva à sua rede de pano, onde me deito, sentindo-me subitamente exausta. Chou vem e também sobe na rede. Coladas uma à outra, o pano da rede se fecha sobre nós, criando um casulo protetor, como a vagem guardando as sementes. Ao cair no sono, eu me lembro de mamãe e papai; sinto tanta saudade deles. Ouço a voz de Kim ao pé do fogo, contando o que aconteceu com papai, mamãe e Geak. Eles sussurram entre si, como se quisessem nos proteger daquilo que tanto eu quanto Chou já sabemos. Fecho os olhos, para não ver o rosto de Khouy e Meng quando recebem a notícia. O que restou de nossa família está unido de novo. Com meus irmãos por perto, eu me sinto segura e tranquila. Quase dormindo, ouço Meng anunciar que nosso próximo passo é voltar a Bat Deng e procurar nossos tios e tias. Bat Deng é a cidade natal de mamãe, onde deixamos o tio Leang e seu irmão mais velho, tio Heang. Vamos para lá e esperar que os outros familiares sobreviventes apareçam. Como Bat Deng está a muitos quilômetros daqui, precisamos ficar um pouco mais para reunir suprimentos. Embora seja perigoso, pois algumas áreas ainda podem estar sob o controle do Khmer Vermelho, vamos caminhando novamente, na esperança de reencontrar nossos parentes.

A EXECUÇÃO

Março, 1979

Alguns dias mais tarde, Meng aparece no acampamento em profunda agitação, com a respiração ofegante. Ele conta que acaba de voltar da prisão *youn*. Eles capturaram um soldado do Khmer Vermelho, que está sendo mantido prisioneiro. Ao ouvir a notícia, as pessoas cercaram a prisão e exigiram que o soldado fosse entregue ao povo. Homens, mulheres e crianças bloquearam a entrada da prisão, ameaçaram um motim caso não lhe dessem o prisioneiro. Empunhavam barras de ferro, machados, facas, pedaços de pau e martelos — armas dos soldados do Khmer Vermelho para matar suas vítimas.

Meng diz que essas pessoas só têm um desejo: vingança, sangue por sangue, vida por vida. Querem executar o prisioneiro em praça pública. Gritaram ameaças aos soldados *youn* e perguntaram por que prisioneiros mereciam proteção. Estavam todos preparados para derrubar as paredes da prisão para pegar o homem lá dentro. Enfim os soldados *youn* abriram a porta e entregaram o prisioneiro à multidão, que ergueu as armas e comemorou com gritos de satisfação. Finalmente podem se vingar depois de todo o sofrimento.

Ele conta que dois homens khmers, de cerca de trinta anos de idade, saíram da multidão e tiraram o prisioneiro das mãos dos *youn*. Gritos e vivas ecoaram novamente. Os homens arrastaram o prisioneiro no meio da multidão, que se acotovelava ao redor. Levaram-no para o meio de um campo na fronteira da cidade. Alguém trouxe uma cadeira e a pôs no meio das pessoas. Os dois homens empurraram o prisioneiro para a cadeira, a fim de que se sentasse, e amarraram suas mãos às costas, e as pernas juntas.

Ao ouvir isso, meu coração bate animado. Finalmente uma chance de matar em nome de papai, mamãe, Keav e Geak.

— Vamos, Chou! Vamos assistir! — digo a ela.

— Não, por favor, não vá — implora ela.

— Tenho que ir. Finalmente nós é que vamos matar um deles.

— Meng e Khouy não vão gostar nada de saber disso.

— Não conte nada para eles, então. Você não quer ver a execução?

— Não.

Quando Chou coloca algo na cabeça, ninguém tira. Como não consigo convencê-la, vou sozinha. Para chegar ao campo, tenho que cruzar o rio, subir uma colina íngreme, atravessar uma ponte caindo aos pedaços e ainda caminhar trinta minutos sob um sol escaldante. Quando chego, centenas de pessoas já estão lá, rodeando o prisioneiro. Elas estão na minha frente, não consigo enxergar nada. Tento encontrar um lugar de onde consiga ver alguma coisa, é impossível. Frustrada, começo a me esgueirar por entre elas, dizendo em voz alta:

— Com licença, não consigo enxergar.

Os corpos altos bufam e reclamam, mas me deixam passar mesmo assim. Estou no meio da multidão, completamente cercada. Não consigo ver nada. Olho para o rosto dos adultos e vejo que estão observando o mesmo ponto. Suspiro aliviada e sigo na direção de seus olhares.

— Com licença, não consigo enxergar — repito, enquanto avanço com meu corpo pequeno, pisando nos pés das pessoas, tentando chegar ao centro.

Finalmente vejo uma abertura por entre as pernas. Tento empurrar e passar por ali, mas todos estão tão absortos no que está acontecendo que nem se mexem. Determinada, fico de quatro e vou engatinhando pela selva marrom de pernas até a frente.

Lá está ele. Eu me levanto e vejo que estou quase de cara com o prisioneiro, a uns 4 metros de distância. Automaticamente cubro o rosto e a cabeça com meu lenço. Meu coração está fora de controle. O medo me invade. Ele está olhando para mim. Ele consegue me ver. E se ele escapar e me matar? Dou um passo para trás e me encosto na multidão em busca de proteção. As pessoas vibram de expectativa e energia, cercam o prisioneiro e se inclinam para vê-lo de perto. Observam o homem sentado. Eu nunca presenciei uma execução antes. Meu corpo se agita de raiva, sinto calor: ver um só sendo morto não é o suficiente!

Seu rosto não revela nada. Os lábios não imploram por misericórdia. Ele está amarrado em uma cadeira de encosto alto, colocada sobre um montículo de cascalho, que funciona como palco. Ele tem a pele escura e está vestido com o uniforme preto do Khmer Vermelho, as mesmas roupas que ainda estou usando. Seus cabelos despenteados estão molhados de suor. Ele está de cabeça baixa, olhando para os próprios pés. A corda tosca de cânhamo está tão apertada que tira sangue dos tornozelos. Suas mãos estão amarradas atrás da cadeira e seu torso, no espaldar. As cordas o envolvem do peito ao estômago.

— Assassino! Você merece uma morte lenta e dolorosa! — grita alguém da multidão.

Esse é justamente o plano. Espero que ele saiba que sua vida está chegando ao fim. Espero que saiba que estamos aqui porque queremos seu sangue e logo cortaremos seu corpo em pedacinhos. As pessoas discutem alto sobre o melhor método de execução.

Como estender sua dor por mais tempo, como fazê-lo sofrer mais. Debatem sobre qual tipo de instrumento é melhor para quebrar seu crânio e cortar sua garganta. Alguém sugere deixá-lo ao sol, ir cortando aos poucos sua pele e esfregar sal nas feridas. Outra pessoa quer enforcá-lo com as próprias mãos. A discussão se estende por um longo tempo, mas ninguém chega a um consenso.

Finalmente dois homens de meia-idade se põem à frente da multidão, que se cala. O prisioneiro olha. Agora ele parece apavorado. Seus olhos estão semicerrados e os lábios se movem como se ele fosse dizer alguma coisa, mas então decide ficar calado. O suor lhe escorre pela testa, desce até o pomo de adão e encharca sua camisa. Ele baixa a cabeça novamente e fica olhando para os pés, sabe que não tem saída. Seu governo deu origem a um povo sedento de vingança e sangue. Pol Pot me transformou em alguém que deseja matar.

— Irmãos, irmãs, tios, tias — grita um dos homens. — Decidimos que este soldado do Khmer Vermelho será executado para pagar por seus crimes. Seu sangue vingará os inocentes que ele massacrou. Procuramos voluntários para executarem-no.

A multidão ruge. Todos olham em volta, esperando pelo primeiro voluntário. De início, ninguém ergue a mão. Falaram tanto, mas agora estão calados. Então algumas mãos se alçam no ar e a multidão volta a se animar.

Uma mulher, chorando ruidosamente, abre caminho pela multidão. É jovem, provavelmente tem vinte e poucos anos. Seus cabelos lisos e pretos estão presos na nuca, deixando à mostra seu rosto angular e magro. Como eu, ela está vestida com o uniforme do Khmer Vermelho. As lágrimas correm por seu rosto, mas sua expressão é sinistra e raivosa.

— Eu conheço este soldado! — grita ela, empunhando uma faca de 20 centímetros, da cor do cobre. A lâmina está cega e enferrujada. — Este soldado do Khmer Vermelho estava na minha vila. Ele matou meu marido e meu bebê. Quero vingança!

Então outra mulher surge do meio do povo:

— Também o conheço. Ele matou meus filhos e meus netos. Agora estou sozinha no mundo.

A segunda mulher é mais velha, tem algo em torno de sessenta ou setenta anos. É magra e está vestida de preto. Empunha um martelo com o cabo de madeira gasto pelo uso, cheio de farpas. Um homem leva as mulheres a um canto e os demais continuam a falar com o público. Já não ouço nada. Estou concentrada no prisioneiro. Quando as mulheres se apresentaram, ele lhes lançou um olhar breve mas voltou à posição inicial, com a cabeça baixa e os olhos no chão.

Observo sem emoção a velha se aproximar dele com o martelo em mão. No céu, nuvens escuras se movem com ela, lançando sombras no seu caminho. Ela se posta diante do homem, olhando para o topo de sua cabeça. Quero cobrir os olhos para não ver, mas não consigo. As mãos da velha tremem quando ela ergue o martelo acima da cabeça e golpeia com força o crânio do prisioneiro. Ele solta um grito agudo, que penetra meu coração como uma lança, e eu imagino que talvez papai tenha morrido desse jeito. A cabeça do prisioneiro balança para cima e para baixo, pendurada como a de uma galinha. A ferida esguicha sangue, que lhe escorre pela testa, pelas orelhas e pinga do queixo. A mulher ergue novamente o martelo. Quase sinto pena do homem, mas é tarde demais para deixá-lo ir. Tarde demais para desistir. Tarde demais para meus pais e para o meu país.

O sangue espirra nas roupas da mulher, em seu corpo e em seu rosto. Ela grita e ergue de novo o martelo. O sangue respinga em mim também, nas calças e na face. Eu o limpo, mas ainda há manchas vermelhas nas palmas de minhas mãos. Ouve-se a velha gritar novamente, e desta vez ela dá um golpe na perna do soldado. O membro se contrai, mas está preso pelas cordas. O martelo atinge o prisioneiro diversas vezes, nos braços, ombros e joelhos, até que a mulher mais jovem se aproxima. Com a faca em punho, enterra a lâmina na barriga do prisioneiro, causando um sangramento ainda

maior. O sangue escorre pela cadeira. Ela dá outra estocada, desta vez no peito. O corpo do Khmer Vermelho se debate e treme, convulsivo, como se uma corrente elétrica estivesse percorrendo seus membros até os dedos. Gradualmente ele vai parando de se mexer e fica jogado na cadeira, preso pelas cordas.

Por fim, as mulheres param e se vão, com suas armas pingando sangue. Quando se viram para mim, vejo que parecem a própria morte. Suor e sangue gotejam de seus cabelos, as roupas estão pingando e seus rostos estão rígidos e vermelhos. Só os olhos parecem vivos, fervilhando de raiva e ódio. As mulheres não dizem nada, a multidão se abre para que elas passem. A multidão assistiu à execução sem demonstrar nenhuma emoção, sem gritar nem dar vivas; ficaram todos calados. Parecia que estavam vendo um animal ser abatido para o almoço. Depois que as mulheres se vão, murmúrios começam a circular.

— Viu como o sangue era grosso e escuro? Era da cor do sangue do Diabo!

— Era grosso porque ele estava se banquetando com a comida que nós cultivávamos. E minha família morrendo de fome!

— O sangue é escuro porque ele não era humano. Humanos não têm sangue preto!

— Por que não o mataram mais lentamente?

Um por um, voltam todos para suas casas, deixando-me sozinha ali, encarando o cadáver. Minha mente projeta cenas em que meus pais e minhas irmãs são assassinados. Meu coração se rasga de novo. Estou ali, em pé, imaginando como eles morreram. Faço um esforço para afastar a tristeza. O corpo pendendo sem vida lembra Pithy nos braços da mãe. A cabeça dela sangrava mais ou menos do mesmo jeito. A morte desse homem não vai trazer nenhum deles de volta.

A multidão se dispersou. Só restaram umas dez crianças esperando para ver o que os adultos vão fazer com o corpo. Uma hora, três homens aparecem e cortam as cordas que o amarram. À

medida que afrouxam a corda ao redor do torso, o cadáver vai caindo para frente até se chocar contra o chão de terra. Um dos homens dá três voltas com a corda ao redor do peito do morto e os três o arrastam para longe, deixando um rastro de sangue na poeira da estrada. Eu e as demais crianças vamos atrás. Os homens levam o corpo até um poço e param. As paredes de concreto, com pouco mais de 1 metro de diâmetro, têm meio metro de altura. Um dia, as paredes foram brancas, mas agora estão cobertas de mofo cinza e ao redor cresce um mato marrom e murcho. Os homens olham em nossa direção e gritam:

— Ei, crianças, por que vocês estão nos seguindo? Vão para casa! Saiam daqui. Não há nada para ver!

Não me convenço e, com as outras crianças, nem me movo. Eles nos dão as costas, empurram o corpo sobre a beira do poço e o deixam cair lá dentro. Ouço o ruído da água e um baque surdo quando o cadáver atinge o fundo. Então os homens passam as mãos ensanguentadas no capim, pegam um punhado de terra e esfregam as palmas para limpar o sangue. Depois vão embora juntos. Eu e as crianças nos entreolhamos.

O cheiro que vem do poço é horrível. Aperto o nariz e cubro a boca ao me aproximar para ver lá dentro. O fedor de podre é tanto que enche meus olhos de água. Depois de uns segundos, eu me acostumo à escuridão do poço e, aos poucos, começo a distinguir as figuras humanas boiando na água. O que não consigo enxergar posso imaginar, vejo os rostos mortos me encarando lá debaixo. Sinto um calafrio e os pelos de meus braços e pernas se eriçam. Fujo correndo.

— Não caiam aí dentro, ou nunca vão conseguir tirar o cheiro — grito para as crianças.

DE VOLTA A BAT DENG

Abril, 1979

Enquanto estamos no campo de refugiados, Meng, Khouy e Kim vão pescar todo dia de manhã. Meu trabalho consiste em buscar vegetais silvestres na floresta vizinha enquanto Chou fica no acampamento, cuidando das nossas coisas. Em geral, comemos metade do que os meninos trazem todo dia. O restante é salgado, grelhado ou desidratado, para conservar. Sempre vamos dormir com o estômago cheio. Temos peixes, legumes e o arroz que Meng e Khouy roubaram do Khmer Vermelho. Temos sorte. Muitos dos velhos e crianças no campo de refugiados ou nos arredores morrem doentes ou definham de fome.

No final de abril, Meng e Khouy decidem que é hora de ir embora de Pursat. Segundo eles, já temos suprimentos o bastante para a longa viagem até Bat Deng. Abandonamos as barracas e empacotamos as poucas panelas e roupas que temos, além da comida. Duas das amigas de Khouy e Meng vão conosco. A terceira fica no campo, para tentar encontrar possíveis parentes que sobreviveram. Khouy e Meng carregam, cada um, um saco de seis quilos de arroz nos ombros. Nós os ajudamos a levar as trouxas de roupa, os cobertores e o restante da comida.

Com a panela de arroz equilibrada na cabeça, eu me viro e olho pela última vez a cidade de Pursat. Meus olhos se demoram nas montanhas, penso em papai, mamãe, Keav e Geak. Os picos das montanhas se erguem majestosos no céu, sombreados pelas enormes nuvens acima. Tudo parece tão tranquilo e normal, como se o inferno pelo qual passamos nos últimos quatro anos nunca tivesse existido. Há quatro anos, no dia 17 de abril de 1975, o Khmer Vermelho tomou Phnom Penh, dando início a uma sequência de acontecimentos que nos trouxe até aqui, a Pursat. Lá no alto, em algum lugar nas montanhas, papai, mamãe, Keav e Geak ainda estão presos, incapazes de voltar para casa conosco. “Papai, mamãe, Keav, Geak”, digo a eles. “Vou levar vocês para casa agora. Não vou me despedir. Nunca vou dizer adeus a vocês”.

Caminhamos dia após dia, parando à noite para dormir. Nossas roupas pretas absorvem os raios do sol seco de abril e o calor pesa na pele. Nossos ossos estão cansados, as costas doem, nossos pés estão cheios de bolhas, mas seguimos a marcha. Há quase exatos quatro anos estávamos evacuando Phnom Penh. Lembro como chorei e reclamei do sol quente. Lembro como o toque calmante da mão de papai me apaziguava. Eu não estava acostumada com o calor, com o sol e com o chão duro, porque a vida de classe média que papai nos proporcionava me protegia. Agora meu corpo se adaptou ao clima e ao ambiente extremo, mas meu coração nunca aceitou a ausência daqueles que perdemos. Agora estamos deixando eles para trás. Espero que, onde quer que estejam, seus espíritos nos acompanhem até Bat Deng.

Certa noite, nós nos abrigamos em uma cabana abandonada. Estamos no meio do nada, expostos a qualquer ataque do Khmer Vermelho. O refúgio improvisado deve acolher nosso grupo, além de uma família que já estava lá quando chegamos — pai, mãe e bebê. O pai está doente, com o rosto e os pés inchados, assim como o filho e a esposa. Quando vejo a mulher, acho que é mamãe. Ela é muito parecida! Tenho vontade de correr para abraçá-la, conversar

com ela, mas então vejo o marido deitado ao seu lado. Deve ter a idade de papai, mas as similaridades acabam aí. Então me dou conta de que é impossível ela ser minha mãe, porque mamãe jamais estaria com outro homem que não papai. Não ousou perguntar a meus irmãos se não acham a mulher parecida com mamãe. Observando seus olhares, percebo que não se demoram na figura da mãe como eu. Será que veem como ela é parecida?

A família ocupa o primeiro andar da cabana. Nós vamos para o segundo andar. Antes de dormir nesta noite, meus irmãos treinam como pular lá de cima e fugir, caso o Khmer Vermelho ataque. Saltam de maneiras diferentes e tiram do chão qualquer coisa que possa nos machucar na queda. Depois testam a estabilidade da escada sob pressão e ensaiam correndo para cima e para baixo. Chou e eu ficamos sentadas, cheias de preocupação, achando que, se pularmos, vamos quebrar as pernas. Agora que estamos juntos, meu maior medo é que algo nos separe novamente. Temo ficar para trás se nos atacarem. Se não pudermos todos escapar, pelo menos alguns de nós têm que ficar vivos. Sei que papai acharia o mesmo. Ainda assim, pensar nisso me deixa ansiosa. Depois de me certificar que meus irmãos estão dormindo, pego meu lenço e vou dormir lá embaixo, no último degrau da escada.

Antes de partir na manhã seguinte, sem que meus irmãos vejam, pego um pouco de arroz cozido e envolvo em folhas de bananeira. No térreo, a mulher está acordada, dando o peito ao filho. Não tenho coragem de olhar para ela, muito menos de falar coisa alguma. Então deixo o arroz perto dela e vou embora antes que ela possa abrir a boca. Olhando para trás, na direção da cabana, penso no que acontecerá com eles. Não parece que poderão sair hoje, já que o marido e o bebê estão doentes. Provavelmente passarão outra noite sozinhos.

Seguimos em frente. Perco a conta dos dias, não sei há quanto tempo estamos na estrada. Andamos o dia inteiro, paramos à noite para descansar. Papai, mamãe, Keav e Geak me acompanham

durante todo o caminho, penso neles constantemente. Converso com eles na minha mente. Reclamo com papai das minhas articulações doloridas e das bolhas nos pés. Para mamãe, descrevo todas as flores bonitas que encontro na beira da estrada. Conto a Keav sobre a paquera entre Meng, Khouy e suas duas amigas. E a Geak... nunca sei o que lhe dizer. A ela não digo nada.

— Estamos bem perto de Bat Deng — diz Meng, dissipando meus pensamentos. — Se nossos tios e tias estiverem vivos, logo estaremos com eles.

Estamos na estrada há 18 dias, nosso estoque de comida fica menor a cada dia que passa.

Nas últimas horas de caminhada até Bat Deng, Meng e Khouy perguntam a muitas pessoas em bicicletas e carroças se estão indo para o mesmo lugar que nós. Quando elas dizem que sim, meus irmãos pedem para que avisem a nossos tios que estamos chegando. Menos de uma hora depois, vemos um rosto conhecido vindo em nossa direção. É tio Leang, de bicicleta! Ele ainda parece com o bonequinho de palitos que desenhei em Phnom Penh, só que agora suas costas estão mais encurvadas. Meus irmãos correm até ele e logo estão se abraçando, com lágrimas nos olhos. Tio Leang tira alguns bolinhos de arroz doce da bolsa. Arregalo os olhos e sinto a boca salivar ao ver as sementes de gergelim tostadas em cima dos bolinhos.

— Um para você, Chou, e outro para Kim.

Timidamente me aproximo e estendo a mão.

— Desculpe, mocinha. Tenho só o suficiente para minha família.

Meu rosto queima de vergonha. Meu próprio tio não me reconhece, acha que sou uma menina de rua pedindo comida.

— Tio — ri Meng. — É a Loung.

— OK, então tome um também — sorri tio Leang, surpreso.

Chou, Kim e eu vamos apertados na traseira da bicicleta, segurando em tio Leang. Estamos retornando à casa de infância de mamãe, sem ela. Em Bat Deng, todos se alegram em nos ver. Tio

Leang e sua família ainda vivem na mesma cabana onde ficamos da outra vez. A primeira coisa que ele e sua esposa, tia Keang, fazem é tirar nossas roupas pretas sujas e nos dar peças novas. Ela me veste com uma camiseta e calças coloridas como o azul do céu. As roupas reluzem ao tocar minha pele, suavemente, e me sinto bem, muito leve — transformada! Nos fundos da cabana, vejo tia Keang jogar nossas roupas em uma bacia de alumínio e enchê-la de água. Logo salpica a água com um detergente em pó, branco, e começa a esfregar minhas roupas. Olho fascinada a água aos poucos ficar cinza e depois preta quando o detergente faz efeito.

Quando Khouy e Meng chegam, duas horas mais tarde, pois vieram a pé, contam nossa história e tia Keang chora ao saber o que nos aconteceu. Querem ouvir várias vezes a história e saber dos detalhes. Em Krang Truop, a família de tio Leang é considerada parte do pessoal de base, porque viveram sempre na mesma vila, desde antes da revolução. Enquanto minha família conversa sobre a guerra, finjo não me lembrar de nada. Não me perguntam sobre as minhas experiências. Na nossa cultura, o mais velho relata a história da família, e ponto. Ninguém pede a opinião das crianças nem quer saber de seus sentimentos ou sofrimentos individuais. Não falo nada sobre meu treinamento militar, sobre a doutrinação, sobre as tentativas de estupro ou sobre como perdi três dias da minha vida depois que mamãe morreu. Tive que guardar as lembranças para mim durante muito tempo, porque me davam raiva. A raiva me concedia forças para suportar a vida. Hoje, porém, trancar estas memórias no coração é insuportável.

Eu me afasto muitas vezes da conversa, mas às vezes simplesmente me sento calada e escuto. Ao ouvir o que dizem, descubro que Bat Deng, a vila de meus tios na província de Kampong Speu, foi libertada pelos *youn* semanas antes da província de Pursat. Além disso, fico sabendo que o Khmer Vermelho atuava de maneiras diferentes em cada região. Nas províncias orientais, eram mais moderados e humanos: as horas de trabalho eram

menores, a comida era mais abundante e os soldados não executavam as pessoas indiscriminadamente. Em Bat Deng, as famílias de tio Leang e tio Heang puderam ficar juntas. Embora muitos recém-chegados tivessem desaparecido nas mãos dos soldados, minha família era considerada parte do pessoal de base e foi poupada. Na província de Pursat, onde vivíamos, os membros do Khmer Vermelho eram dos mais insanamente brutais.

— E sua mãe — diz tio Leang, balançando a cabeça. — Dois meses. Só dois meses e ela teria conseguido.

Ao ouvir isso, levanto e me afasto. Saio de casa em direção ao novo mercado da cidade, que surgiu com a chegada dos *youn*. Não há sistema monetário oficial, então usa-se arroz como moeda. As pessoas levam um saco de arroz com elas para fazer compras e negociam com os grãos. Não tenho arroz, então não posso comprar nada. Ainda assim, perambulo pelo mercado, lembrando-me de Phnom Penh. Aqui o mercado é diferente, não passa de gente reunida num descampado. Não há barracas vendendo toca-fitas, calças de vinil importadas nem tinta de cabelo. Tampouco há bancas sofisticadas oferecendo braceletes e colares brilhantes, de ouro e prata. Aqui no mercado de Bat Deng, dispostos sobre tábuas toscas de madeira, há peixe seco, peças de carne suína, frangos amarelos depenados, feijões verdes, milho branco, tomates vermelhos, mangas, goiabas e mamões maduros, além de alguns pratos prontos. Aqueles que têm mais “dinheiro” podem sair da seção de alimentos para a de livros, onde se vendem dicionários e romances em khmer, chinês, inglês ou francês. Cada volume custa muitos quilos de arroz.

O mercado floresce aqui porque muitos não tiveram que sair de suas casas e, portanto, já estão instalados. Nossa família é pobre e sobrevive plantando um quinhão de terra. Com um peso no peito, passeio no mercado, sentindo o aroma delicioso das comidas. Paro diante de uma banca de bolinhos de carne de porco. Esses bolinhos sempre me lembram de mamãe. Era sua comida favorita. “Dois

meses, e ela teria conseguido!”, grito em pensamento. “Por que ela não aguentou por mais dois meses? Será que ela fez uma burrice qualquer e foi pega? Reclamou do trabalho? Será que Geak chorava muito e muito alto com saudade de papai? Elas devem ter demonstrado fraqueza. O que elas fizeram?” Meus olhos perfuram os bolinhos. A raiva toma meu corpo, estou cheia de ressentimento, culpo minha mãe por não ter aguentado mais dois meses. Oito semanas, sessenta dias, 1400 horas a mais, e ela estaria viva.

Semanas mais tarde, meu tio arranja uma noiva para Meng. Ela se chama Eang e tem vinte e poucos anos. Eang estava estudando quando evacuaram Phnom Penh e acabou separada da família. Não sabe onde seus parentes foram parar, ou mesmo se ainda estão vivos. Tia Keang diz que não só Eang é chinesa, como também é muito inteligente e esperta, tem certeza de que é a esposa ideal para Meng. Tia Keang diz a Meng que agora ele é o chefe da família e, portanto, precisa de uma esposa para cuidar de nós enquanto ele trabalha. Uma semana depois de se conhecerem, estão casados. Não há festa grande, só uma cerimônia íntima. Tudo acontece em um dia e, no dia seguinte, a vida volta ao normal.

Diariamente, pela manhã, Meng, Kim e os primos meninos trabalham na pequena fazenda atrás da cabana. Cultivam batatas, cebolas, alho-poró, feijões e tomates. Mas a terra é seca, ficou abandonada durante o regime do Khmer Vermelho e quase não produz. Khouy trabalha como carregador às vezes, ajudando as pessoas a levar pesados sacos de tecido, frutas e arroz de suas carroças até o mercado, em troca de algum “dinheiro”. Eang e as primas ficam em casa, fazem crepes, bolinhos doces e biscoitos de milho e trigo, que trocamos por arroz.

Chou, as primas mais novas e eu vendemos o que elas fazem no mercado. Não temos uma banca, nem cadeiras, carrinhos, mesas. Levamos as cestas de vime junto à cintura, andamos descalças pelo mercado, com nossas roupas azuis, pregoando nossos produtos. Vendemos sobretudo aos outros vendedores, trocando cinco

bolinhos doces ou dez biscoitos por 350 gramas de arroz. Quando vejo uma mulher bem-vestida entrar no mercado, corro até ela. Abro um grande sorriso, ergo o cesto na altura do peito, tentando chamar sua atenção. Olho fixamente para os brincos de rubi em suas orelhas e, por uns momentos, fico sem ar. “Mamãe”, minha mente sussurra, e me aproximo da mulher. Ela faz um gesto com a mão, para que eu saia do caminho. Sem me dar atenção, passa por mim. Meus olhos ficam marejados e meu sorriso desaparece.

Vivemos assim em Bat Deng por três meses. Então, um dia, uma senhora chega à cidade procurando por Eang. Ela é chinesa e tem cerca de trinta anos. Diz que veio do Vietnã em busca de Eang. Esta, quando a vê, faz uma careta e começa a chorar. É uma de suas irmãs! Elas se abraçam por muito tempo. Ficam ali, em pé, chorando, sem falar muito.

— Mamãe e papai estão vivos e bem no Vietnã — diz a mulher. — Sua irmã mais velha também. Nosso irmão está desaparecido, provavelmente morto. Durante a evacuação, cruzamos a fronteira para o Vietnã e estamos lá desde então. Pensávamos que você tinha morrido!

No dia seguinte, Meng e Eang partem para o Vietnã. A economia do Camboja vai muito mal e Meng acredita que haverá trabalho no Vietnã. Com ou sem Eang, diz, ele voltará em alguns dias.

O tempo passa lentamente enquanto esperamos o retorno de Meng. Nossa família continua a viver como antes, os homens trabalhando na fazenda e as meninas vendendo comida no mercado. À noite, Chou e eu ficamos sentadas na frente da cabana, observando a estrada até escurecer e nossa tia nos mandar dormir. A cada dia que passa e Meng não volta, minha ansiedade aumenta e me pergunto se o verei de novo. Notando meu medo, Kim me diz que o trajeto que ele fez para chegar ao Vietnã é bem seguro, não passa por nenhuma área controlada pelo Khmer Vermelho. Ainda assim, eu me preocupo. Mas, cumprindo a promessa, ele retorna quatro dias mais tarde, sozinho. Sentado com a família no interior da

cabana, fala animadamente sobre o Vietnã, Saigon e a família de Eang. Sobretudo, fala sobre ir embora do Camboja e mudar para os Estados Unidos.

Meng conta a nossos tios que muitos cambojanos estão deixando o país rumo à Tailândia, para escapar da guerra e recomeçar a vida. Além disso, eles temem que o Khmer Vermelho volte ao poder e mate todo o mundo. Muitos cambojanos estão indo a pé para o norte, cruzando perigosos campos minados e áreas controladas pelo Khmer Vermelho, quase sem comida ou água, em direção à Tailândia. Muitos pisam em minas e morrem ou são capturados pelo Khmer Vermelho.

Ele diz que o caminho mais seguro até a Tailândia é pelo Vietnã. Lá, conta, o tráfico de refugiados é ilegal, assim como tentar deixar o país sem documentos. Se formos pegos numa dessas operações clandestinas, como facilitadores ou refugiados, o governo vietnamita pode pegar todo o nosso ouro e nos atirar na prisão por cinco anos.

— Vai custar muito — informa. — Não temos dinheiro para irmos todos. O lugar num barco pequeno que faz a travessia entre o Vietnã e o campo de refugiados tailandês custa 300 gramas de ouro.

Ele diz que a família de Eang conhece alguém que pode nos ajudar. Com o dinheiro do restante da família e depois de vender as joias de mamãe que sobraram, teremos dinheiro suficiente só para duas pessoas. Tio Leang põe a mão no ombro de Meng.

— Seu pai se foi, Meng, então agora você é o chefe da família. Sua vida já não lhe pertence. Agora você precisa cuidar da família — diz em voz baixa.

— Tio, eu estou fazendo isto *pela família*. Levarei Loung comigo. Ela ainda é jovem, pode estudar para se tornar alguém no mundo.

Embora as crianças estudassem francês em Phnom Penh, papai achou melhor que Meng e Khouy aprendessem inglês. Por isso, Meng fala inglês fluentemente. Quando estivermos nos Estados Unidos, o plano de Meng é trabalhar duro e mandar dinheiro para a família. Ele vai economizar para comprar uma casa e, em cinco anos,

mandará buscar o restante da família. Tio Leang ainda tem suas dúvidas, mas fica decidido que eu e Meng partiremos no fim da semana.

Assim que os galos começam a cantar, nossa família se reúne na frente da cabana para se despedir de nós. Enquanto Meng dá adeus a nossos parentes, fico de mãos dadas com Chou. Um por um, meus tios e primos vêm até mim e tocam meus cabelos, meus braços e minhas costas. Meng amarra nossas malas na traseira da bicicleta e me põe em cima da bagagem. Finalmente da altura dos adultos, olho para baixo e vejo o rosto de Chou. Ela devolve o olhar e começa a chorar, com lábios trêmulos e uma careta. Nós nos damos as mãos por mais uns segundos. Não sei como dizer adeus, então não digo nada. Não importa o que aconteça, estou decidida a não chorar. Nunca vou entender como Chou conseguiu sobreviver à guerra.

Meng monta a bicicleta e começa a pedalar lentamente. Minha mão se afasta da de Chou. Todos estão chorando e acenam para nós. Não viro para olhar. Sei que ficarão ali até que estejamos bem longe. Cerro os dentes com força e tento segurar as lágrimas. "Cinco anos", penso ao me afastar. "Em cinco anos, eu os verei novamente."

DO CAMBOJA AO VIETNÃ

Outubro, 1979

Volto a Phnom Penh na garupa da bicicleta de Meng, meu coração bate forte ao absorver os sons e visões da cidade. Nada é igual às imagens que tenho na memória. Os prédios estão chamuscados pelos incêndios e há marcas de bala nas paredes. O lixo e a sujeira tomam as ruas, há buracos gigantescos no asfalto. Vejo muitos ciclos e bicicletas, mas poucos caminhões. As árvores altas e frondosas, cheias de flores, que margeavam as avenidas desapareceram. Em vez delas, há algumas palmeiras e coqueiros altos, que dão alguma sombra. A cidade está seca e em ruínas. As palmeiras estão carregadas, mas não vejo ninguém escalá-las para colher as frutas. As pessoas dizem que os soldados do Khmer Vermelho enterraram cadáveres perto das árvores e, agora, o sumo branco das frutas se tornou rosado como sangue ralo, e as frutas em si têm gosto de carne humana. Barracas improvisadas, antes relegadas aos bairros pobres, estão por todo lado. Há gente vivendo em becos, nas ruas, em prédios abandonados e barracas. Muitos são fazendeiros e camponeses que se mudaram para a cidade em busca de trabalho porque seus campos estão cheios de minas terrestres. Vieram a Phnom Penh para fugir do Khmer Vermelho, que ainda

controla algumas áreas no interior do país. Eles chegam e ocupam casas abandonadas. As lembranças de nossa vida aqui me invadem como uma torrente.

— Irmão mais velho — chamo Meng. Na cultura chinesa, as crianças nunca chamam seus irmãos mais velhos pelo nome, pois é considerado desrespeitoso e impróprio. — Irmão mais velho, você pode me levar à nossa antiga casa?

— A casa não é a mesma. Está em ruínas, com marcas de bala nas paredes, mas vamos lá — responde ele, e segue pedalando. Meng me diz que foi vê-la quando passou pela cidade, com Eang e sua irmã, a caminho do Vietnã. Segundo ele, alguém está morando lá. Desde que o Khmer Vermelho tomou o poder, em 1975, os documentos de propriedade desapareceram. Então quem ocupou casas e apartamentos agora pode reclamar a posse dos imóveis. Nossa antiga casa já não nos pertence. Mesmo assim, quero ver o lugar onde vivi, que está cheio de memórias felizes. Quero perguntar mais sobre nosso antigo apartamento, mas Meng está quieto, perdido em seus próprios pensamentos. O fedor da cidade e do lixo invade minhas narinas. Quero apertar o nariz, mas não o faço. Em vez disso, eu me seguro em Meng enquanto ele desvia bruscamente dos buracos no asfalto.

Chegamos ao porto no fim da tarde, mas o sol ainda queima e o calor é forte. Meng firma a bicicleta, para que eu salte, e me diz para esperar. Depois desaparece na multidão levando a bicicleta. Vendedores gritam oferecendo seus produtos aos passantes. As balanças nos balcões das peixarias brilham sob o sol. Enfileirados nas mesas, peixes grandes e pequenos se debatem, ainda vivos sobre os blocos de gelo. Estamos em outubro: o fim da estação das chuvas; logo virá a estação da seca. Meng diz que, quando está muito quente, o nível da água no oceano diminui, então os peixes vão para águas mais profundas e longínquas, dificultando a pesca. Por isso, os peixes oferecidos aqui estão mais caros do que o usual.

Meu irmão retorna depois de uns minutos, acompanhado de um pescador *youn*, e os dois me levam sem demora até um barco pequeno. Quando embarcamos, Meng dá algumas pepitas de ouro ao pescador, as quais conseguiu ao vender a bicicleta. O barquinho parece ter uns 4 metros de comprimento, com 1,50 metro de largura. O velho casco de madeira, já bem gasto, avança lentamente sobre as águas do rio Mekong empurrado por um motorzinho barulhento. Até onde consigo enxergar, a terra está alagada. O sol brilha, transformando a suntuosa paisagem verde numa terra mágica coberta de lagos prateados. Longas canoas pretas deslizam como crocodilos, navegando graciosamente na água. Do outro lado do Mekong, vejo templos com telhados pontudos, em tons de laranja e ouro, e torres fincadas no enlameado solo vermelho. O pescador vai guiando o barco. Ao seu lado, alguns peixes amontoados no convés. Estou sentada no centro, meus cabelos chicoteando confusamente o vento, que refresca minha pele. Olho para o porto em sua plena cacofonia. Estou deixando o Camboja a bordo de um barco *youn*, levada por um pescador *youn*, rumo ao Vietnã. Meng se esqueceu de me mostrar nossa antiga casa. De repente, imagino Met Bong avançando na garganta do pescador com a foice. Balanço a cabeça para me livrar da cena. Estou deixando tudo isso para trás.

Após horas de viagem, ao nos aproximarmos do Vietnã, o pescador nos manda deitar no convés e manter a cabeça baixa. Desenrola um plástico azul e nos cobre com ele, deixando uma pequena abertura para respirarmos. Depois espalha os peixes sobre o plástico e gesticula para ficarmos abaixados. Chego ao Vietnã sob um lençol de plástico azul, coberta de peixes. Luto para não engasgar com o fedor dos peixes. Quando chegamos perto do cais de Chou Doc, o pescador nos descobre e enfim conseguimos respirar o ar fresco do mar. Ao desembarcarmos, Meng procura uma rodoviária e compra passagens para nós com o dinheiro vietnamita que tinha guardado. Estamos a caminho de Saigon!

Da janela do ônibus, Saigon parece ser uma cidade próspera e animada. Milhares de homens e mulheres de chapéus cônicos, de palha, passeiam nas ruas. As mulheres usam batom vermelho e vestidos longos, bem justinhos, abertos nas laterais, com calças folgadas. Conversam entre si abertamente nas ruas e riem sem cobrir a boca. Não desviam o olhar nem ficam olhando de um lado para outro. Não têm a postura caída, os ombros curvados e os braços pendendo sem vida. Dão passos longos, tranquilos; caminham sem o medo, como nós caminhávamos antes de o Khmer Vermelho tomar o poder. Há várias lojas vendendo relógios com pulseiras floridas, rádios pretos tocando canções vietnamitas, aparelhos de TV sintonizados em programas infantis com crianças felizes e marionetes, além de vestidos vermelhos típicos, dispostos em manequins sem cabeça. Bicicletas, motos e carros compactos percorrem as ruas, em maior número do que em Phnom Penh. As barracas e os carrinhos de comida parecem maiores, mais limpos e de cores mais vivas do que os que tínhamos no Camboja. Como em Phnom Penh, as pessoas daqui sentam nos becos e esquinas para tomar sopa de macarrão, dando dentadas em rolinhos-primavera fritos e rolinhos de ovo envoltos em alface. Só posso torcer para que Phnom Penh um dia seja tão rica e feliz como Saigon.

Ficamos morando em Saigon por dois meses, com a mãe e o pai de Eang, em seu pequeno apartamento de um quarto. Meng, Eang e eu dormimos no sótão. As irmãs de Eang têm sua própria casa na cidade. Como Meng não tem emprego, contamos com a generosidade da família de Eang. Tanto ela quanto sua família falam a língua local fluentemente porque moravam em uma comunidade vietnamita em Phnom Penh. Portanto podem socializar e ir às compras sem se sentir isolados. São todos muito gentis conosco. Diferentemente de mim e de meu irmão, são agitados e riem ruidosamente, falam muito à mesa, sobretudo quando bebem álcool. Nós dois não falamos vietnamita, então passamos os dias observando as pessoas e tentando aprender o idioma.

Na semana seguinte à nossa chegada, Eang me diz que vamos ao salão de beleza fazer permanentes. Faz muitos meses que tia Keang cortou meus cabelos, em Krang Truop. Cruzamos a cidade de ciclo, ela e eu, com o motorista serpenteando entre os automóveis. Rindo, aponto para os letreiros de neon e cartazes de filme. Estou ansiosa e alegre, há anos não corto meus cabelos com um profissional.

Finalmente o ciclo para diante de um salão. Enquanto Eang paga, observo os pôsteres com fotos de mulheres e homens lindos, com seus cabelos castanhos encaracolados ou lisos e muito pretos, até com tranças altas, amarradas em coque no topo da cabeça. As paredes do interior do salão estão cobertas de espelhos e mais fotos de gente bonita. O rádio toca continuamente canções vietnamitas enquanto as cabelereiras cortam e picotam os fios de cabelo das clientes. Uma mulher me põe sentada numa cadeira e coloca bobes em meus cabelos. Depois passa um creme com um perfume ácido nos fios. Após vinte minutos, retira os rolos e eu vejo no espelho que meus cabelos estão cheios de cachinhos, não mais lisos, como sempre foram. Rio e brinco com os cachos, acho-os lindos. Naquela noite, durmo de bruços, com medo de amassar os cachos, e sonho com Keav.

Toda noite, sento no colo de Meng e ele lê histórias sobre os Estados Unidos para mim, traduzindo-as de um livro em inglês que comprou numa loja da vizinhança. Descreve os flocos de neve, que caem do céu e cobrem a terra com uma camada fofa e branca. Não consigo imaginar a neve porque os únicos tipos de gelo que conheço são os cubos que usamos para conservar a carne, ou as raspas que comemos nos cones. Ele diz que a neve é mais parecida com as raspas de gelo, porém mais macia. Eu me imagino fazendo raspadinhas para vender às crianças dos Estados Unidos; vou ficar rica e, então, também poderei mandar dinheiro para a família. Meng diz que tenho que chamar os *youn* pelo nome mais apropriado: vietnamitas. Explica que *youn* é um termo pejorativo e, como estamos morando no Vietnã, não podemos usá-lo. Em Saigon, seu

rosto engorda, dia após dia, de tanto Meng comer os rolinhos-primavera e as sopas que Eang faz. Meu corpo também está voltando a preencher as roupas, mas minha barriga ainda é maior do que a cintura.

Em dezembro, Meng diz que vamos nos mudar para Long Dong e morar numa casa flutuante com uma das irmãs de Eang e sua família, na parte baixa do delta do rio Mekong. A irmã de Eang vem nos buscar em um pequeno barco, quando aportamos, e nos leva para nosso novo lar. Vejo o que parece ser uma cidade de barcos-casas, centenas deles ancorados bem próximos uns dos outros. Alguns têm 12 metros de comprimento e dois andares, paredes de madeira grossa, tetos pintados de cores vivas e contas coloridas penduradas nas portas. Outros parecem tendas de tecido improvisadas ou pequenas cabanas de palha boiando na água. No cais, mulheres cozinham em fornos de argila e conversam ruidosamente com os vizinhos. Crianças pequenas sentadas na beira do píer balançam as pernas na água enquanto os barcos meneiam suavemente, para lá e para cá. Uma menininha, rindo muito, espirra água no rosto dos irmãos, que estão brincando dentro da água ao lado de seu barco.

Olho com inveja para as meninas e penso que só voltarei a ver Chou daqui a cinco anos. O barquinho em que estamos se aproxima lentamente do nosso destino. Os dois barcos em que viveremos têm seis metros de comprimento por três de largura e estão ancorados lado a lado. As paredes e o teto são de madeira velha, desbotada pela chuva e pelo sol, mas são fortes. A irmã de Eang e seus cinco filhos vivem em um dos barcos; Meng, Eang e eu ficamos no outro, em companhia de um vietnamita que faz parte do esquema. Ele vai tomar conta de nós e zelar pela nossa segurança. Tem vinte e poucos anos e está encarregado de lidar com qualquer um que venha perguntar de onde viemos, por que estamos aqui ou se já moramos em outras partes do rio. É nosso porta-voz e até parece legal, mas não confio totalmente nele.

Vivendo aqui, não levantamos suspeitas, porque os barcos-casas mudam de ancoradouro com frequência. Ninguém vai achar estranho se desaparecermos da noite para o dia e formos para a Tailândia. Não devemos falar khmer nem chinês fora do barco, só vietnamita. E não podemos travar amizade ou criar qualquer laço com ninguém além dos membros da família.

Os dias passam e, como não tenho nada para fazer, aprendo a fazer origami e falar vietnamita. No pequeno cais, os meninos e eu fazemos pipas de papel e as soltamos no céu. Quando fica muito quente, mergulho do convés na água barrenta, tomando cuidado para não engoli-la. A água é meio amarelada e frequentemente tenho que desviar de bichos mortos, montes de lixo e fezes boiando.

Vivemos três meses nessa calmaria, sem que nada importante acontecesse, com o barco ancorado no mesmo lugar. Então, em fevereiro de 1980, outro homem vietnamita se junta a nós no barco. Certo dia, a equipe vietnamita nos manda entrar. Ficamos sentados no escuro enquanto o barco levanta âncora e lentamente se afasta do cais. De repente, ouvimos gritos. As vozes nos mandam parar. Meu coração sobe à garganta.

— Somos só pescadores — diz nosso porta-voz.

— Queremos ver quais peixes vocês estão levando — respondem. Depois de uns minutos de diálogo, nosso guia consegue subornar o intruso com seu relógio de ouro e tudo se acalma novamente. Nosso barco vai deslizando calmo e eu pego no sono. Devo ter dormido por horas, porque quando acordo estamos no meio do oceano. Ao redor, só vejo água, quilômetros e quilômetros de água. Logo muitas mãos me agarram e me levam até uma escada de cordas pendurada na lateral de um barco maior, encostado ao nosso. Subo rapidamente até o convés do outro barco, que tem 10 metros de comprimento. Vejo sete homens da tripulação puxando as pessoas para o convés e guiando-as para o porão. Durante toda a manhã, os barquinhos chegam com novos passageiros e, no fim da tarde, há 98 pessoas a bordo. Todas pagaram entre 150 gramas e 300 gramas de ouro para

escapar. Agacham debaixo do convés, prontas para fugir rumo à liberdade.

Navegamos as ondas do golfo da Tailândia por três dias e duas noites, balançando para lá e para cá, como se estivéssemos num caixão de madeira. Um dos tripulantes guarda a escotilha, para que ninguém suba.

— O peso deve ficar no fundo do barco — explica ele —, ou vai virar.

Abaixo do convés, os que têm mais sorte ficam no centro, agachados com a cabeça entre os joelhos. O ar está parado e fede a suor e vômito. Encaixada entre Meng e Eang, prendo a respiração enquanto por todo lado as pessoas vomitam. Logo anoitece e, pela escotilha, consigo ver pedaços do céu estrelado. As estrelas brilham alegres para mim. Engatinho até a abertura e sinto a luz do luar na minha pele.

— Senhor, posso subir, por favor? — sussurro para o guarda. Ele olha para baixo, me vê e assente com a cabeça. Escalo lentamente os degraus e me sento ao seu lado. A brisa fresca me acaricia. O guarda sorri para mim e aponta para o céu. É tão lindo: negro, infinito e iluminado por bilhões de estrelas. É de tirar o fôlego. Queria que o tempo parasse de correr para eu ficar vivendo eternamente nesse mundo de sonho. Em todas as direções, vejo o encontro do céu e da água criar uma divisão nítida entre céu e terra. Em algum lugar lá em cima, espero que papai, mamãe, Keav e Geak estejam olhando por mim.

De manhã, acordo com os gritos da tripulação.

— Tubarões! — exclamam. — Se baterem no nosso barco e abrirem um buraco, estamos mortos!

Deslizo para a amurada e vejo o dorso cinza dos tubarões. São do meu tamanho e vêm nadando velozes em nossa direção, mas submergem a poucos centímetros do casco do barco. Rezo em silêncio para que papai os mande embora. Depois de uns minutos, os tubarões se cansam e desistem de nos seguir. Quando as águas

ficam seguras de novo, a tripulação permite que um pequeno grupo de pessoas suba ao convés para tomar ar. Depois de um tempo, são mandadas de volta e outras pessoas sobem, assim todos têm sua vez. Como o guarda gosta de mim, posso ficar no convés o dia inteiro.

No dia seguinte, o céu se enfurece e é tomado por nuvens pretas e carregadas. Pancadas de chuva e trovoadas atingem o oceano e agitam as ondas, que crescem, ameaçando engolir nosso barco. O capitão manda todo mundo, menos a tripulação, para o porão e nos tranca lá dentro. Os passageiros se juntam e rezam, mas o oceano fica cada vez mais agitado, atirando o navio de um lado para outro, como um pêndulo. A cada movimento, as ondas arrebatam com força na lateral do casco. As pessoas vomitam e gemem alto, temendo a morte iminente. Os gritos ecoam no escuro e me ensurdecem. Encostada na parede, enfio os dedos indicadores bem fundo nos ouvidos, para tentar abafar o barulho. Com os ouvidos tapados, ouço somente o sibilar macio da minha respiração.

Após o que me pareceu serem muitas horas de balanço violento, o barco gradualmente se estabiliza e tudo se aquieta. Depois da tempestade, a tripulação abre a escotilha e o ar fresco invade o porão. Salto por cima das pessoas deitadas, passando mal, e subo para o convés antes que alguém possa me deter. O sol desponta entre as nuvens, que se abrem e volta a brilhar forte. O convés está molhado e encharca minhas calças quando sento para tomar ar fresco. Enquanto a tripulação passa distribuindo nossas refeições — duas bolas de arroz e 150 mililitros de água —, fico sentada observando o pôr do sol. O céu azul é o fundo perfeito para a paleta de cores com laranja, vermelho e dourado dos deuses. As cores se iluminam majestosamente antes de desaparecer quando o sol mergulha na água. Fecho os olhos, sem entender por que toda essa beleza me atormenta, por que me causa dor e tristeza.

No terceiro dia, o capitão detecta outro barco ao longe. Como já fez esta viagem muitas vezes, sabe que são piratas. Das outras

vezes, eles roubaram tudo o que havia de valor, mataram pessoas, estupraram e sequestraram garotas. Conhecem os trajetos dos barcos e vagam pelos mares buscando o que roubar. Nós, por outro lado, sabemos das intenções dos piratas e traçamos nossos próprios planos. A irmã de Eang fez doces e escondeu as pepitas de ouro dentro deles. Algumas famílias costuraram ouro e joias nos sutiãs, nas cinturas das calças, nas mangas, atrás de botões ou nas roupas de baixo. Outros usam o ouro como dentes ou até engolem diamantes e outras joias, sabendo que depois podem forçar o vômito ou procurá-los na diarreia induzida.

O capitão acelera e tenta fugir do barco pirata, mas não consegue. A embarcação deles é bem maior e mais rápida que a nossa. Estão em nosso encalço. As mulheres tentam ficar mais feias, esfregam pasta de carvão nos rostos e corpos e passam vômito nas roupas e nos cabelos, sobretudo as mais jovens e bonitas. Seguindo o exemplo de Eang, passo pasta de carvão no corpo e na cara. Os piratas estão se aproximando e o capitão nos tranca no porão. Só a tripulação permanece no convés.

Agachada entre Meng e Eang, sinto o estômago embrulhado de medo e nojo, por causa do fedor. Não sei o que me espera, tudo o que conheço sobre piratas vem das figuras que vi nos livros. Minha mente começa a me mostrar imagens de bandeiras horríveis com caveiras e ossos, espadas cortando gargantas e adagas perfurando corações. Aos poucos, nosso barco para e meu coração acelera ao ouvir o som de pés pulando no convés acima de nós. Segundos depois, a escotilha se abre de um só golpe.

— Podem sair. Está tudo bem — grita o capitão. — São só pescadores tailandeses, são amigos.

Sua voz não me parece a de alguém com a garganta cortada. Os passageiros se recusam a sair e se encolhem no porão.

— Eles só querem ajudar: nos convidaram para comer e descansar em seu barco por uns minutos.

O capitão nos assegura de que não há perigo. Suspiro aliviada e subo para o convés com Meng e Eang. Para minha surpresa, os piratas não são nada assustadores. Não têm espadas nem usam tapa-olhos, e não vejo nenhuma bandeira de caveira em seu barco. Têm a pele escura e traços muito parecidos com os nossos, cambojanos.

O barco deles parece ser dez vezes maior do que o nosso, com espaço suficiente para 98 pessoas. Cumprindo a promessa, eles nos dão arroz com peixe seco para comer e água à vontade. Depois dou uma volta para procurar o banheiro, que é um banheiro de verdade, com descarga e privadas como as que tínhamos em Phnom Penh. No barco em que morávamos, fazíamos nossas necessidades sentados num cesto de vime furado que ficava pendurado na beirada, sobre a água. Eu tinha que me segurar numa estaca para não cair no mar. Assim que começo a relaxar, o capitão anuncia que temos que voltar para nosso barco. Antes de reembarcarmos, porém, temos que fazer uma fila indiana para “conhecer” nossos novos amigos.

De repente, muitos piratas surgem do nada e nos rodeiam, outros vão chegando e logo estão em maior número. Eang rapidamente me entrega uma caixa de fósforo contendo um pequeno pingente de Buda, feito de jade e emoldurado a ouro, que pertencia a papai. Sinto meu corpo tremer inteiro quando um pirata se aproxima de mim e se agacha para olhar em meus olhos. Minha garganta se fecha. O que ele procura está no meu bolso.

— Você tem algo para me dar? — pergunta ele, em um khmer improvisado, sorrindo. Baixo a cabeça e faço que não, sem ousar olhar para seu rosto. Meu coração bate tão forte que acho que parece querer sair do peito. Ele não acredita no que digo e mete a mão no meu bolso. Encontra a caixa de fósforo e a balança para ver se tem algo dentro. Quando retira o pingente de Buda, pergunta para mim:

— Posso ficar com isto?

Timidamente faço que sim com a cabeça.

— Você pode voltar para seu barco — diz ele, guardando o Buda de papai no bolso.

Segurando o choro, caminho na direção do barco.

Enquanto os piratas revistam os passageiros, seus comparsas saqueiam nosso pequeno barco, roubam diamantes, colares de safira e pepitas de ouro escondidas nas roupas. No convés, as pessoas entregam seus pertences sem protestar. Nossa família não tem ouro para lhes dar. Meng previu que seríamos atacados por piratas tailandeses e deixou todas as joias de mamãe com Khouy, no Camboja. Eles levaram a coisa mais preciosa que eu tinha, mas o capitão diz que podemos nos considerar sortudos. Quando estamos todos de volta ao barco, os piratas explicam o caminho para o campo de refugiados tailandês. Nosso capitão agradece educadamente, parece não guardar rancor nem raiva. Os piratas nos desejam boa-sorte e acenam em despedida.

— Terra! Terra firme! — grita alguém, muitas horas mais tarde. Levanto de um pulo. Depois de três dias no oceano, finalmente deparo com uma visão gloriosa. Terra de verdade, com árvores verdes e capim. Ouvimos dizer que muitos barcos de refugiados se perdem no caminho para a Tailândia e acabam nas Filipinas ou em Singapura, com os passageiros quase mortos de fome, e são interceptados pela guarda costeira.

— Não é qualquer terra firme, é o campo de refugiados de Lam Sing — nos assegura o capitão. Uma multidão está no porto esperando para ver se seus parentes ou amigos estão a bordo. O capitão grita para que fiquemos calmos ou o barco vai virar, mas eu não obedeco.

— Conseguimos! — grito, mexendo os braços como se fossem asas.

O CAMPO DE REFUGIADOS DE LAM SING

Fevereiro, 1980

Cercados por centenas de refugiados, formamos uma fila no píer para que nos registrassem. Ao meu redor, os recém-chegados conversam animadamente com seus familiares e amigos e dão notícias daqueles que estão no Vietnã. A alegria do reencontro é enorme. “Cinco anos”, digo a mim mesma.

Ficamos muitas horas na fila até chegar à mesa de registro, onde os funcionários nos pedem as informações necessárias. Enquanto Meng responde às perguntas, eu me dou conta de que ainda estou com o rosto coberto de carvão, com os cabelos embaraçados e a pele escamosa. Os funcionários do campo dão muitos papéis para Meng assinar antes de nos mandarem para a igreja do lugar, onde nos entregam roupas novas, lençóis limpos e comida. Os que chegam e não encontram amigos ou parentes passam sua primeira noite na Tailândia ali, na nave oca da igreja de madeira.

Nesta noite, nossa família e a irmã de Eang, com a ajuda de uma amiga, descosturam os sutiãs, as bainhas das calças e camisas onde escondemos as pepitas de ouro. Com o que temos, conseguimos comprar a cabana de bambu de um refugiado que vai para os

Estados Unidos na semana seguinte. Usamos o pouco dinheiro que restou para adquirir panelas, tigelas e alguns utensílios. Estamos preparados para passar um bom tempo aqui. Os funcionários disseram que pode demorar até encontrarmos um padrinho. Padrinhos são pessoas, grupos de pessoas e organizações, religiosas ou não, que ajudam os refugiados a se instalarem nos Estados Unidos, cuidando para que se adaptem à nova vida. São eles que auxiliam na busca de um lugar para morar e de escolas de inglês. Também nos mostram onde comprar comida e roupa, consultar médicos e dentistas, como lidar com os bancos, tirar carteira de motorista e encontrar emprego. Os funcionários nos alertaram para o fato de que muita gente se casa e tem filhos durante a espera. Quando isso acontece, é necessário refazer os documentos, o que acaba prolongando a estada no campo. Segundo eles, não há nada que possamos fazer para chegar mais rápido aos Estados Unidos, a não ser esperar. Meng diz que há 3 ou 4 mil refugiados em Lam Sing, então nossa espera não será muito longa. Em outros campos, conta ele, há mais de 100 mil pessoas aguardando.

A cada manhã, caminhões trazendo sacos de arroz, peixe e tanques de água fresca entram ruidosamente em Lam Sing. Os encarregados do campo dividem os carregamentos e distribuem nossa porção de sal, água, arroz, peixe e, às vezes, frango. Todo o restante — incluindo sabonetes, xampu, detergente e roupas — fica por nossa conta. Quando não recebemos comida suficiente, fazemos compras no mercado tailandês vizinho ao campo. De resto, nossa vida cotidiana se resume a ficar em filas e mais filas para receber água e comida.

Certo dia, vejo uma longa fila de pessoas a caminho do mar. O escaldante sol de fevereiro faz brotar gotículas de suor no lábio superior delas. Sob a sombra de uma árvore, acho engraçadíssimo vê-las entrar na água, uma por uma, para encontrar o Padre. Observo fascinada o Padre e me pergunto como ele consegue ser branco assim pegando tanto sol. Seus olhos são azuis como o céu, o

nariz é longo, os cabelos são castanhos e encaracolados. Alto e corpulento, está postado diante dos homens e mulheres, fazendo gestos em cruz com uma das mãos. Com a outra, mergulha gentilmente a cabeça dos fiéis, que se deixam afundar de costas na água. Arregalo os olhos ao ver que Meng está entre eles, em pé junto a um grupo de pessoas completamente molhadas.

— Irmão mais velho! — chamo por ele, correndo em sua direção.

— O Padre também mergulhou você no mar?

— Sim, ele me converteu; agora sou cristão — diz, rindo com os amigos.

— Por quê? Achei que nós fôssemos budistas.

— Nós somos, mas se converter ao cristianismo ajuda a encontrar padrinhos mais rápido. Muitos refugiados recebem ajuda de grupos religiosos. Cristãos gostam de ajudar outros cristãos.

Não entendo direito, mas, de qualquer forma, Meng já me deu as costas.

Como não temos muito o que fazer, eu e os primos vamos todos os dias à praia. De shorts e camiseta, corro para o mar frio e fico nadando. Um dia, de dentro da água, vislumbro algo vermelho no canto do olho. Engasgo horrorizada, não acredito no que estou vendo. Uma jovem entra na água usando nada mais do que um maiô minúsculo e vermelho! O tecido elástico está colado em seu corpo, todo o mundo consegue ver suas curvas voluptuosas. O maiô não tem pernas nem saia, deixando as coxas brancas à mostra. A gola em V revela o espaço entre seus seios, que saltitam enquanto ela corre para o mar. Eu sei, ouço as fofocas: ela deve ser uma *daquelas* garotas vietnamitas, porque nenhuma mulher chinesa ou khmer usaria um traje desses. As garotas khmers tomam banho de mar envoltas em longos sarongues ou completamente vestidas.

Algumas semanas mais tarde, acordo no meio da noite ao ouvir um grito. Da cabana vizinha, ouvem-se muitos ruídos raivosos. Depois de uma hora, tudo se aquieta e eu volto a dormir. No dia seguinte, o campo inteiro está falando a respeito. Contam que,

enquanto dormíamos, uma das garotas vietnamitas acordou com um homem sentado em cima dela, com uma faca na mão. Ele a mandou ficar calada, mas ela começou a gritar e ele fugiu. Na fila da comida, as mulheres conversam cheias de afetação, dizem que ela estava pedindo, a culpa era dela.

— Afinal de contas, é vietnamita — dizem. — Essas vietnamitas estão sempre rindo alto, falam o tempo todo e flertam com os homens. Usam roupas sensuais, com as coxas à mostra até quando vão nadar. Atraem esse tipo de coisa.

Sinto a raiva esquentar meu rosto e me afasto das fofocas. Será que elas estão certas? Esta gente não hesita em botar a culpa nas meninas.

Os dias viram semanas; e as semanas, meses. Já é quase maio e ainda não encontramos um padrinho. Barcos e mais barcos cheios de gente aportam no campo e outros partem rumo ao exterior. Saímos do Camboja há oito meses. Não temos como contatar Chou e nossa família para dizer que estamos bem. Eles não sabem se estamos vivos ou mortos. Sinto um peso no coração ao imaginar a preocupação que devem sentir. Embora muitos refugiados sejam pobres, nós estamos de longe entre os mais pobres. Meng e Eang frequentemente são obrigados a pedir dinheiro emprestado à irmã dela e aos amigos para comprar comida, pois não nos dão o suficiente no campo. Enquanto as outras meninas usam vestidos bonitos e comem coisas deliciosas compradas no mercado tailandês, eu tenho que me contentar com mingau de arroz e, às vezes, peixe. Como resultado da desnutrição, minha barriga continua estufada e o restante do corpo, magro e pequeno.

Então, no dia 5 de junho de 1980, Meng volta do escritório do campo com uma expressão animada no rosto e anuncia que encontramos um padrinho.

— Vamos para os Estados Unidos!

Eang e eu gritamos e choramos de alegria.

— Temos que ficar aqui por mais uma semana, mas depois vamos!
— diz Meng.

— Nós vamos para os Estados Unidos! Não temos mais que economizar! — Eang para de gritar e olha para mim. — Temos que comprar tecido para fazer um vestido lindo para você usar na América!

Ela me leva ao mercado tailandês no dia seguinte, para comprar os materiais. Ando pela loja olhando os tecidos lindos, coloridos como o arco-íris, dispostos sobre as mesas. Passo os dedos nas calças antes de tocar delicadamente os panos, para não os sujar. A seda reluz em minhas mãos, é macia e fria. É tão linda, mas sei que não temos dinheiro para comprá-la.

— Venha só ver isto — diz Eang, me chamando. Em suas mãos, um tecido quadriculado, laranja, vermelho e azul. — Não é lindo? Acho que vai ficar bem em você.

Concordo com a cabeça, olhando fixamente para os quadrados vermelhos.

No dia seguinte, cheios de bom-humor, Meng, eu e Eang nos dirigimos a um campo aberto para assistir a um filme no cinema que os funcionários improvisaram. O filme serve para dar aos refugiados uma ideia de como são os Estados Unidos, seu futuro lar. Há um imenso pano branco pendurado no meio do campo, que faz as vezes de tela. Ao cair da noite, os refugiados trazem cobertores, painéis de arroz, travessas com peixes, garrafas térmicas com chá e comem ruidosamente. O filme vai começar. Deitada de bruços em nosso cobertor, ao lado de Meng e Eang, prendo a respiração ao ver as cenas da América projetadas no lençol. Os prédios são feitos de mármore verde, granito branco ou tijolos vermelhos e têm grandes janelas de vidro. Nas paredes espelhadas, cor de prata, vejo pessoas de várias alturas caminhando pelas ruas, usando salto alto e botas de couro preto. Seus cabelos são de muitas cores diferentes: pretos e crespos, cacheados cor de abóbora, lisos e vermelhos, ondulados e loiros, lisos e pretos... Entram e saem de carros, assobiam para os

amigos e caminham pelas calçadas com seus sapatos altos enquanto toca uma música alta.

— América — sussurro. Meng sorri e bagunça meu cabelo.

— Califórnia — diz ele.

— É para lá que nós vamos?

— Não, nós vamos para um estado chamado Vermont — explica, e volta a assistir ao filme.

— Parece com a Califórnia? — pergunto.

Meng responde que não sabe. Pelo visto, não há muita gente indo para Vermont, e a maioria nunca ouviu falar desse estado. Mas ele me assegura de que fica nos Estados Unidos e, portanto, deve ser um pouco parecido com a Califórnia.

De volta a casa, Eang e sua amiga tiram todas as minhas medidas para fazer o vestido. Passam a semana costurando freneticamente, botando e tirando alfinetes nas barras, nas mangas, na gola. Fazem até babadinhos no decote. Na noite anterior ao dia da partida, faço a mala bem devagar. Separo o vestido recém-concluído e as sandálias novas. Guardo na mochila o caderninho que Meng comprou para mim, dois lápis e algumas folhas soltas de papel para desenhar. Então ergo mais uma vez meu vestido novo, aliso-o com a mão e o coloco em cima da cama com muito cuidado, para que amanhã não esteja amarrotado. Sinto uma tristeza ao pensar que finalmente substituí o outro vestido vermelho que os soldados queimaram. Este é meu primeiro vestido em cinco anos e amanhã poderei usar e mostrá-lo a todo o mundo. Antes que as risadinhas venham à tona, a tristeza as empurra de volta. Ao olhar para o vestido, eu me dou conta de que nunca será aquele que mamãe costurou para mim. Ele se foi, ela também.

A noite é quente e úmida, como são todas as noites de junho na Tailândia. Relâmpagos e trovões cortam o ar pesado. Sinto um calafrio ao ouvir os estrondos das nuvens ao longe. Odeio tempestades com raios; é tanto barulho que parece que o céu está em guerra. Os estouros me dão a sensação de que a morte está me

perseguindo novamente. Fecho os olhos com força e tento não sentir medo. Meng e Eang dormem tranquilos ao meu lado, de costas um para o outro. Sinto inveja porque são adultos e não têm medo das noites escuras de tempestade. Depois do que me parece uma eternidade, os trovões vão embora e a chuva toma seu lugar. O barulho suave das gotas caindo no teto de palha deixa minhas pálpebras pesadas. Enquanto pego no sono, penso em papai. Sei que seu espírito é capaz de viajar pela terra até mim, mas não sei se consegue cruzar o oceano até a América. Então sonho com ele. Ele está sentado ao meu lado e faz carinho em minhas bochechas. O toque delicado de seus dedos faz coceguinhas e me arranca sorrisos.

— Papai, sinto saudade de você — sussurro. Papai sorri para mim com seu rosto redondo. Rugas se formam ao redor de sua boca e de seus olhos. — Papai, vou embora para os Estados Unidos amanhã. O irmão mais velho disse que a América fica muito longe do Camboja, muito longe de você...

As palavras ficam suspensas no ar. Tenho tanto medo de sua resposta que nem no sonho consigo falar com ele sobre o meu medo.

— Não se preocupe. Eu a encontrarei onde você estiver — ele me diz, ajeitando ternamente os fios de cabelo que me cobriam o rosto. Quando abro os olhos pela manhã, a chuva parou e o sol assoma por trás das nuvens. A brisa fresca bagunça meus cabelos, que fazem cócegas em minhas bochechas.

Horas depois, Meng, Eang e eu entramos no Aeroporto Internacional de Bangkok de mãos dadas. Nossa aeronave, um enorme projétil prateado com asas, nos espera no portão. Ouço meu coração bater forte, sinto um suor frio nas palmas das mãos. Cheia de alegria após sonhar com papai, embarco no avião.

EPÍLOGO

Estou quase em casa. Depois de uma viagem de 31 horas cruzando o Pacífico, estou a uma hora de distância de Phnom Penh, num voo vindo de Bangkok. Lá embaixo está o Camboja — minha terra, minha história. Com a testa apoiada no vidro da janela, vejo que a estação chuvosa deixou a maior parte do Camboja sob uma camada prateada e reluzente de água. Penso em papai, mamãe, Keav e Geak. Engolindo as lágrimas que pingam em minha garganta, reflito sobre como deixei minha família para trás.

Quando Meng e eu viemos para os Estados Unidos, fiz de tudo para não pensar neles. Em meu novo país, estava imersa na cultura americana durante o dia, mas à noite a guerra assombrava meus pesadelos. Ocasionalmente a guerra cruzava a fronteira dos meus sonhos e invadia a realidade, como em 1984, quando a seca na Etiópia trouxe imagens diárias de crianças morrendo de fome. Na tela da TV, crianças com barrigas grandes demais para seu corpo e a pele murcha sobre os ossos salientes imploravam por comida. Seu rosto esquelético, com lábios secos e olhos fundos, tinha uma pátina de fome. Em seus olhos, eu via Geak e lembrava que tudo o que ela queria era comer.

A crise na Etiópia foi desaparecendo das telas e das mentes dos americanos e eu decidi que me tornaria uma garota americana

normal a qualquer custo. Jogava futebol. Fazia parte da equipe de líderes de torcida. Saía com os amigos e comia bastante pizza. Cortei o cabelo e fiz cachinhos. Usava maquiagem escura nos olhos, para que parecessem mais redondos e ocidentais. Tinha esperanças de que, ao me americanizar, as lembranças da guerra desapareceriam. Em suas cartas a Meng, Chou sempre perguntava por mim — nunca lhe escrevi de volta.

Khouy, Kim e Chou continuaram na cidade natal de mamãe, Bat Deng, com nossos tios e tias. Logo depois que Meng e eu fomos embora, nossa avó materna também chegou à vila, acompanhada pela esposa de nosso tio mais novo e suas duas filhas. A tia mais nova nos escreveu contando que o Khmer Vermelho havia assassinado seu marido. A avó tem seus oitenta anos de idade, está enfraquecida pela velhice e mal fala khmer. Quando lhe perguntam o que viu, seus olhos enrugados se enchem de lágrimas, que lhe escorrem pela face. Balançando a cabeça, passa as mãozinhas nos olhos e esfrega o peito, na altura do coração.

Quando fez 18 anos de idade, Chou se casou com um homem do vilarejo e teve cinco filhos. Abriram uma lojinha em frente a casa para vender caixas de bambu e açúcar mascavo. Khouy sustenta a esposa e seus seis filhos com o salário de chefe de polícia da vila. Em Bat Deng, uma comunidade de quase cem Ung brotou das cinzas da guerra.

Em 1988, na esperança de se juntar a nós nos Estados Unidos, Kim foi para um campo de refugiados na Tailândia. Ficou escondido lá por algumas semanas, sobrevivendo com o dinheiro que Meng lhe enviara. Do outro lado do mundo, em Vermont, Meng preencheu apressadamente os documentos para trazê-lo aos Estados Unidos. Meses depois, ficamos sabendo que o país não acolheria mais tantos refugiados quanto antes. Então os funcionários do campo reuniram os refugiados e os deportaram de volta para o Camboja. Em Vermont, Meng conseguiu juntar os 10 mil dólares necessários para tirá-lo de lá, pagos a um grupo clandestino que o levou até a França.

Após muitos anos preenchendo documentos migratórios, Meng aguarda ansiosamente a chegada de Kim e sua família a Vermont.

Meng e sua esposa, Eang, vivem em Vermont desde que chegaram como refugiados, em 1980, e hoje têm duas filhas. Graças aos seus esforços e à sua determinação, nossa família prosperou tanto no Camboja quanto nos Estados Unidos. Vivendo em terra estrangeira, sem muito conhecimento da cultura, dos costumes, da comida ou do idioma, os dois trabalham duro na IBM para sustentar toda a nossa família. Embora tenha cuidado bem da família nos dois países, a grande tristeza de Meng foi não ter conseguido trazer todos para cá. Com o clima político e as leis migratórias atuais, a probabilidade de reunirmos a família inteira é mínima.

Quanto a mim, vivi 15 anos longe e protegida da guerra no Camboja, que não deu trégua. Enquanto Meng e Eang trabalhavam não só para se sustentar, como também para enviar dinheiro à família, aprendi a falar inglês, ia à escola e cuidava de seus dois filhos. Acabei me formando em ciências políticas e fui trabalhar em um abrigo para vítimas de violência doméstica em Maine. Após três anos, em 1997, me mudei para Washington e hoje trabalho para a Campaign for a Landmine-Free World (CLFW).[1]

Atualmente, como porta-voz da CLFW, viajo pelos Estados Unidos e pelo mundo conscientizando o público sobre o problema das minas terrestres e contando como isso afeta o Camboja. Ao falar sobre genocídio com as pessoas, tenho a chance de me redimir. Tive a oportunidade de fazer algo pelo qual vale a pena estar viva. É empoderador; é a coisa certa a fazer. Quanto mais falo com as pessoas, menos pesadelos tenho. Quanto mais ouvem minha história, menos ódio eu sinto. Depois de um tempo, de tanto falar a respeito, eu me esqueci do medo. Isto é, até decidir voltar ao Camboja.

À medida que a data da viagem se aproximava, os pesadelos terríveis retornaram. Em um deles, eu embarcava no avião para os Estados Unidos já adulta e desembarcava no Camboja criança. A

criança estava perdida no meio de uma multidão, procurando desesperadamente pelos parentes. Gritava o nome dos irmãos e dos pais. Eu acordava a cada dia mais apavorada com esse retorno a casa.

No dia da viagem, a ansiedade virou empolgação. Embarquei no avião, em Los Angeles, imaginando como seria voltar ao lugar a que pertenco, onde todos falam minha língua, se parecem comigo e compartilham a mesma história. Eu me vi desembarcando e correndo para abraçar meus parentes. Pensava no calor de seus muitos braços e em minhas tias, primos e Chou, todos me abraçando e me envolvendo em um casulo protetor.

Finalmente os pneus do avião tocaram a pequena pista de pouso e eu me preparei para encontrar minha família depois de muito tempo longe. Sentia meu coração bater forte dentro da cabeça, fazendo meu couro cabeludo suar. O alto-falante nos pediu para ficarmos sentados até a aeronave parar completamente. Quando saí da alfândega rumo ao saguão do aeroporto, parecia que horas tinham se passado.

Localizei minha família imediatamente. Estavam todos lá. Vinte ou trinta pessoas lado a lado, se empurrando para me ver pela primeira vez em muitos anos; Chou e Khouy à frente de todos. Os termômetros marcavam amenos 23°C, mas minhas mãos suavam muito. Vi minhas tias e tios franzindo as sobrancelhas, com os olhos fixos em mim. Chou e Khouy olharam confusos para minhas calças pretas folgadas, bem confortáveis, práticas e à prova de manchas; minha camiseta marrom e minhas sandálias Teva pretas. Só então percebi o meu erro. Minhas roupas lembravam o uniforme do Khmer Vermelho. Todas as minhas fantasias de confraternização instantânea caíram por terra. Foi um encontro embaraçoso, todos ficamos sem jeito. Meus parentes mantiveram seus braços calorosos longe de mim.

Parada ali, sozinha, olhei para Chou e senti um aperto na garganta. Ela tinha crescido, entretanto eu ainda era alguns

centímetros mais alta. Seus lisos e longos cabelos pretos, sua pele sedosa, os lábios e as faces coloridas de *rouge*, ela me lembrava mamãe. Estava linda. Quando seu olhar se encontrou com o meu, vi que seus olhos não tinham mudado: ainda eram gentis, delicados e generosos. Na hora, ela cobriu a boca com a mão, começou a chorar e veio correndo ao meu encontro. A família ficou sem palavras. Ela pegou minha mão, senti suas lágrimas frias em minha palma. Nossos dedos se entrelaçaram naturalmente, como se a corrente nunca tivesse sido quebrada, e deixei que Chou me guiasse até o carro enquanto os primos nos seguiam com a minha bagagem.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer a Bobby Muller, que me contratou e a quem considero meu mentor. Muito obrigado pelo trabalho que fez no Camboja e por ter inaugurado o Centro de Reabilitação de Kien Khleang. Quando eu estava nos Estados Unidos tentando apagar da memória o genocídio, Bobby estava no Camboja dando voz e ajuda aos sobreviventes das minas terrestres e às vítimas da destruição causada pelo regime de Pol Pot. Sem o seu apoio e encorajamento, este livro talvez não existisse. Bobby me mostrou como uma única pessoa é capaz de mudar o mundo. Gostaria também de agradecer ao senador Patrick Leahy, de Vermont, que muito me inspirou. É um político que transcende a importância de seu posto; seu trabalho dedicado é de um valor inestimável na luta pela abolição do uso de minas terrestres.

Minha gratidão ao meu extraordinário agente, George Greenfield, que acreditou neste livro. Muito obrigado à minha amiga, leitora e incrível professora de escrita Rachel Snyder. Também devo muito ao fabuloso talento de Trena Keating, minha editora na HarperCollins, pelo apoio e entusiasmo por este livro. Sem a edição maravilhosa de Trena, vocês teriam lido um livro muito mais longo. Obrigado também a Bronson Elliott por suas palavras de alento.

Um obrigado especial a Mark Priemer, meu melhor amigo, que sempre me apoiou em tudo o que fiz. Sem seu amor e amparo, eu não seria quem sou hoje. Às minhas amigas e novas irmãs na América: Ly Carboneau, Heidi Randall, Beth Poole, Kia Dorman, Britta Stromeyer, Joan Mones, Nicole Devarenne e Jeannie Boone. Obrigada por terem lido as muitas versões do manuscrito.

À minha segunda família em Vermont, Linda, George e Kim Costello, obrigado por terem trazido minha família para os Estados Unidos. A Ellis Severance, minha professora de inglês na Essex Junction High School, obrigado pela minha primeira nota máxima que recebi por um texto. Toda vez que penso ser impossível escrever sobre isto, eu me lembro de você. A todos os grandes professores que tive na Albert D. Lawton Junior High School e na Essex Junction High School, bem como na Saint Michael's College, obrigado por me prepararem para a vida nos Estados Unidos. Muito obrigado também à comunidade de Essex Junction, em Vermont, onde a gentileza é abundante. Não haveria lugar melhor para me reestabelecer e me curar.

Finalmente, às minhas sobrinhas nascidas nos Estados Unidos, Maria e Victoria, espero que este livro as aproxime dos avós e tios que não puderam conhecer.

PARA SABER MAIS

[em inglês]:

Veterans International Cambodia

Road 6A, Kien Khleang Village, Sangkat Chroy Changvar, Khan
Russeï Keo, Phnom Penh
(855) 11 72 87 02
(855) 023 430 942
www.vic.org.kh

The Cambodian Genocide Program

Yale Center for International and Area Studies
Yale Universities
P.O. Box 2008206
New Haven, CT 06520-8206
Web: www.yale.edu/cgp/.

Sobre a autora

LOUNG UNG é escritora, palestrante e ativista. Ela passou a maior parte da vida promovendo a igualdade e os direitos humanos no Camboja e no restante do mundo. Em reconhecimento ao seu trabalho, o Fórum Econômico Mundial elegeu Loung um dos cem jovens líderes globais do futuro. A autora assina o roteiro da adaptação do seu livro com Angelina Jolie. Atualmente, Loung mora nos Estados Unidos com o marido.

Publisher
Omar de Souza

Gerente editorial
Mariana Rolier

Editora
Clarissa Melo

Copidesque
Hugo Reis

Revisão
Gisele Múfalo
Dênis Rubra

Diagramação
Abreu's System

Adaptação de capa
Lúcio Nöthlich Pimentel

Produção de ebook
S2 Books

[1] *Campanha por um mundo livre de minas terrestres.* [N.T.]

Table of contents

[Folha de rosto](#)

[Ficha catalográfica](#)

[Nota da autora](#)

[Sumário](#)

[Mapa](#)

[Árvore genealógica da família UNG, 1975](#)

[Phnom Penh](#)

[A família UNG](#)

[A tomada de poder](#)

[Evacuação](#)

[A caminhada de sete dias](#)

[Krang Truop](#)

[Estação de espera](#)

[Anlungthmor](#)

[Ro Leap](#)

[Campos de trabalho](#)

[Ano-novo](#)

[Keav](#)

[Papai](#)

[O macaquinho da mamãe](#)

[Saindo de casa](#)

[Crianças-soldados](#)

[Ouro por frango](#)

[A última reunião](#)

[As paredes caem](#)

[A invasão dos Youn](#)

[A primeira família adotiva](#)

[As balas voam](#)

[O ataque do Khmer vermelho](#)

[A execução](#)

[De volta a Bat Deng](#)

[Do Camboja ao Vietnã](#)
[O campo de refugiados de Lam Sing](#)
[Epílogo](#)
[Agradecimentos](#)
[Para saber mais](#)
[Sobre a autora](#)
[Créditos](#)